RAE
Revista de Administração de Empresas®
PESQUISA E CONHECIMENTO
V. 61, N. 3, Maio–Junho 2021
RAE 60 ANOS
FGV EAESP

EDIÇÃO ESPECIAL | 60 ANOS

ARTIGOS

Especial 60 anos da *RAE*: De estrela solitária no passado aos desafios futuros
Maria José Tonelli | Felipe Zambaldi

Sessenta anos de *RAE*: Um itinerário de críticas, resistências e reinvenções
Carlos Osmar Bertero

Depois do capitalismo, o gerencialismo democrático
Luiz Carlos Bresser-Pereira

Influência do pensamento de língua francesa na academia brasileira de Administração: Um olhar Franco-quebequense
Jean-François Chanlat

l'influence de la pensée de langue française dans le champ des sciences administratives brésiliennes: Un regard franco-québécois
Jean-François Chanlat

Revistas acadêmicas como agentes do campo científico de Administração
Alketa Peci | Lilian Alfaia Monteiro

Trintena: Uma trajetória de vida, leitura e escrita com a *RAE*
Ana Paula Paes de Paula

Inclusão e diversidade na Administração: Manifesta para o futuro-presente
Juliana Cristina Teixeira | Josiane Silva de Oliveira | Ana Diniz | Mariana Mazzini Marcondes

ISSN 0034-7590
00613
9 770034 759007

SUMÁRIO

EDITORIAL

E0000-0009 **DESPEDIDAS: UM OLHAR SOBRE O PASSADO E AÇÕES PARA O FUTURO**
Farewells: A look at the past, and actions for the future
Despedidas: Una mirada sobre el pasado y acciones para el futuro
Maria José Tonelli | Felipe Zambaldi

ARTIGOS / *ARTICLES* / *ARTICULOS*

E0000-0010 **ESPECIAL 60 ANOS DA RAE: DE ESTRELA SOLITÁRIA NO PASSADO AOS DESAFIOS FUTUROS**
Special issue 60 years of RAE: From a solitary star in the past to future challenges
Especial 60 años de RAE: De estrella solitaria en el pasado a los desafíos futuros
Maria José Tonelli | Felipe Zambaldi

E0000-0011 **SESSENTA ANOS DE *RAE*: UM ITINERÁRIO DE CRÍTICAS, RESISTÊNCIAS E REINVENÇÕES**
Sixty years of RAE: A journey of criticism, resistance and reinvention
Sesenta años de RAE: Una trayectoria de críticas, resistencias y reinvenciones
Carlos Osmar Bertero

E0000-0012 **DEPOIS DO CAPITALISMO, O GERENCIALISMO DEMOCRÁTICO**
After capitalism, democratic managerialism
Después del capitalismo, el gerencialismo democrático
Luiz Carlos Bresser-Pereira

E0000-0013 **INFLUÊNCIA DO PENSAMENTO DE LÍNGUA FRANCESA NA ACADEMIA BRASILEIRA DE ADMINISTRAÇÃO: UM OLHAR FRANCO-QUEBEQUENSE**
L'influence de la pensée de langue française dans le champ des sciences administratives brésiliennes: Un regard Franco-québécois
The influence of French language thought on the Brazilian administrative sciences: A Quebec French look
Jean-François Chanlat

E0000-0013 **L'INFLUENCE DE LA PENSÉE DE LANGUE FRANÇAISE DANS LE CHAMP DES SCIENCES ADMINISTRATIVES BRÉSILIENNES: UN REGARD FRANCO-QUÉBÉCOIS**
Influência do pensamento de língua francesa na academia brasileira de Administração: Um olhar Franco-quebequense
The influence of french language thought on the Brazilian administrative sciences: A Quebec French look
Jean-François Chanlat

E0000-0014 **REVISTAS ACADÊMICAS COMO AGENTES DO CAMPO CIENTÍFICO DE ADMINISTRAÇÃO**
Academic journals as agents of the scientific field of Administration
Revistas académicas como agentes del campo científico de la Administración
Alketa Peci | Lilian Alfaia Monteiro

E0000-0015 **TRINTENA: UMA TRAJETÓRIA DE VIDA, LEITURA E ESCRITA COM A *RAE***
Thirty years: Life, reading and the written word with RAE
Trintena: Una trayectoria de vida, lectura y escritura con la RAE
Ana Paula Paes de Paula

E0000-0016 **INCLUSÃO E DIVERSIDADE NA ADMINISTRAÇÃO: MANIFESTA PARA O FUTURO-PRESENTE**
Inclusion and diversity in Management: A manifesta for the future-now
Inclusión y diversidad en la Administración: Manifiesta para el futuro-presente
Juliana Cristina Teixeira | Josiane Silva de Oliveira | Ana Diniz | Mariana Mazzini Marcondes

 CC BY eISSN 2178-938X

EDITORIAL

Versão original
DOI: http://dx.doi.org/10.1590/S0034-759020210301



Maria José Tonelli
Editora-chefe



Felipe Zambaldi
Co-Editor

DESPEDIDAS: UM OLHAR SOBRE O PASSADO E AÇÕES PARA O FUTURO

Nesta edição especial, comemoramos o aniversário de 60 anos da *RAE-Revista de Administração de Empresas* e nos despedimos, respectivamente, como Editora-chefe e Co-Editor da Revista. É o momento para fazermos agradecimentos e um breve balanço de nosso período à frente da Revista.

Em primeiro lugar, um agradecimento à Fundação Getulio Vargas (FGV) e à Escola de Administração de Empresas de São Paulo (EAESP), que deram suporte financeiro para a produção da *RAE* e dos demais periódicos que compõem a RAE-publicações: *GV-executivo*, *Cadernos Gestão Pública e Cidadania* e *GVcaso*s. Mas, para além desse apoio fundamental, somos gratos pela confiança depositada, pela FGV, e pela atual diretoria da EAESP, professor Luiz Arthur Ledur Brito e professor Tales Andreassi, nos editores dessas publicações, bem como pela total liberdade de expressão que pudemos ter para conduzir os periódicos. Produção de ciência e disseminação de conhecimento científico só podem ocorrer dentro de espaços democráticos e inclusivos. Somos profundamente gratos por essa atmosfera acolhedora na qual foi possível agradavelmente trabalhar. O artigo do professor Carlos Osmar Bertero, nesta edição especial, destaca o papel da EAESP e da *RAE* nesse acolhimento nos períodos mais turbulentos do País.

Nossos profundos agradecimentos a todas e todos os Editores-chefes que nos antecederam, desde a criação da *RAE*, ao longo de seis frutíferas décadas. E, com maior proximidade temporal, os professores Eduardo Diniz, Carlos Osmar Bertero, Flavio Carvalho de Vasconcelos, Francisco Aranha e Thomaz Wood Jr., que reforçaram os padrões científicos da Revista e a colocaram no cenário internacional. Em momentos de amnésia social, como o que vivemos atualmente, torna-se ainda mais relevante referenciar o passado e os passos dados por todos esses editores para a Revista alcançar seu papel pioneiro e inovador na academia brasileira em Administração. Agradecemos também aos editores atuais da RAE-publicações: Andrea Leite Rodrigues, Editora-chefe dos *Cadernos Gestão Pública e Cidadania*, Martin Jayo, Co-Editor da *GVcasos*, e Adriana Wilner, Co-Editora da *GV-executivo*. Um prazer trabalhar com todos vocês, profissionais admiráveis.

No período em que estivemos à frente da RAE-publicações, a *RAE,* publicada apenas em português, passou a ser uma revista bilíngue durante a nossa gestão, com o objetivo de continuar com seu impacto na academia brasileira de Administração e, ao mesmo tempo, buscar sua inserção no cenário internacional. Outra inovação relevante foi a descontinuidade da publicação impressa, acompanhando as transformações digitais em editoria científica. Com a criação da seção Perspectivas, pudemos convidar e trazer autoras e autores consagrados em seus campos de pesquisa e contar com artigos que fomentam as discussões mais emergentes e tendências na academia.

 CC BY

Em 2016, a *RAE* foi aprovada pela criteriosa avaliação do Committee on Publication Ethics (COPE), com contínua renovação anual desde então, o que ressalta o elevado padrão de rigor, integridade e transparência no processo de certificação científica e publicação da Revista.

Ademais, apesar de já ter sido aprovada pelos principais indexadores internacionais de periódicos científicos, a *RAE* foi aprovada por nove bases de dados nestes últimos cinco anos. Vale a pena destacar que, desde 2016, a *RAE* alcançou a pontuação máxima de 11.0 ICDS (Secondary Composite Index Broadcasting) no MIAR (Information Matrix for the Analysis of Journals, Universitat de Barcelona), o que é um reconhecimento por sua aprovação nos indexadores internacionais de referência. Essa é uma pontuação conquistada pelas revistas de primeira linha em âmbito mundial.

Nesse sentido, vale também sinalizar que a *RAE* continua apresentando altos índices no total de citações no Journal Citation Reports da Web of Science/Clarivate, tendo alcançado, no último *ranking* (2019), um total de 611 citações – o que corresponde a um crescimento de mais de 600% comparativamente às primeiras citações recebidas, em 2011 (98). Além disso, a *RAE* é a primeira revista de Administração de Empresas no *ranking top* 100 de periódicos de língua portuguesa do Google Acadêmico, com h5-index 23 e h5-median 33. Acrescentando um indicador de uma base de dados nacional, a *RAE* tem mantido altos índices de acessos a seu conteúdo na base de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO), ultrapassando três milhões de acessos em 2020, além de despontar com os índices mais altos de citações entre as revistas de Administração.

Revistas científicas só existem graças ao trabalho dedicado de uma comunidade democrática, quase anônima, que envolve editores associados e revisores. Registramos nossos agradecimentos especiais a todas e todos, bem como aos professores que compõem o **Conselho Consultivo**, o **Comitê de Política Editorial**, o **Corpo Editorial Científico**, e aos **Editores de Livros**.

Agradecemos imensamente à equipe de produção: Aline Lilian dos Santos, Andréa Cerqueira, Denise Francisco Cândido, Eldi Soares e Ilda Fontes. Sem exagerar, é possível dizer que todas as revistas da RAE-publicações dependem do trabalho diário, incansável e atento de todas. Expressamos aqui nossa profunda gratidão pela dedicação: as revistas não existiriam sem o esforço de todas vocês.

Esta edição especial inclui um texto de abertura, escrito por Maria José Tonelli e Felipe Zambaldi, para apresentar as autoras e os autores convidados a compor esta edição comemorativa dos 60 anos da *RAE* e refletir sobre os desafios futuros das revistas científicas em Administração. Destacamos os artigos convidados: de Carlos Osmar Bertero, "Sessenta anos de *RAE*: Um itinerário de críticas, resistências e reinvenções"; de Luiz Carlos Bresser-Pereira, "Depois do capitalismo, o gerencialismo democrático"; de Jean-François Chanlat, "Influência de pensamento de língua francesa na academia brasileira de Administração: Um olhar franco-quebequense"; de Alketa Peci e Lilian Alfaia Monteiro, "Revistas acadêmicas como agentes do campo científico de Administração"; de Ana Paula Paes de Paula, "Trintena: Uma trajetória de vida, leitura e escrita com a *RAE*", e, de Juliana Cristina Teixeira, Josiane Silva de Oliveira, Ana Diniz e Mariana Mazzini Marcondes, "Inclusão e diversidade na Administração: Manifesta para o futuro-presente".

Para concluir este editorial de despedida, desejamos boas-vindas para o novo Editor-chefe da *RAE*, professor Jorge Carneiro, que se destaca por sua inserção na comunidade acadêmica em Administração, nacional e internacionalmente, a quem saudamos com os nossos melhores votos para que ele conduza a *RAE* a um futuro promissor.

Boa leitura!

Maria José Tonelli[1] | ORCID: 0000-0002-6585-1493

Felipe Zambaldi[1] | ORCID: 0000-0002-5378-6444

[1] Fundação Getulio Vargas, Escola de Administração de Empresas de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil

 CC BY

ARTIGOS

Artigo convidado
Versão original | DOI: http://dx.doi.org/10.1590/S0034-759020210302

ESPECIAL 60 ANOS DA *RAE*: DE ESTRELA SOLITÁRIA NO PASSADO AOS DESAFIOS FUTUROS

Special issue 60 years of RAE: From a solitary star in the past to future challenges

Especial 60 años de RAE: De estrella solitaria en el pasado a los desafíos futuros

Maria José Tonelli[1] | maria.jose.tonelli@fgv.br | ORCID: 0000-0002-6585-1493

Felipe Zambaldi[1] | felipe.zambaldi@fgv.br | ORCID: 0000-0002-5378-6444

[1] Fundação Getulio Vargas, Escola de Administração de Empresas de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil

RESUMO

Este texto apresenta os artigos convidados para esta edição especial de comemoração dos 60 anos da Revista, com o objetivo de refletir sobre o passado, o presente e o futuro da *RAE-Revista de Administração de Empresas* e das revistas científicas brasileiras em Administração. Apresenta-se, em primeiro lugar, o papel histórico da Revista na construção da academia brasileira em Administração, bem como seu impacto em várias gerações de pesquisadoras e pesquisadores no País. Num segundo momento, são abordados os principais problemas enfrentados na *RAE* e seus desafios futuros que podem, eventualmente, ser úteis para os demais periódicos brasileiros no campo da Administração. Conclui-se que a redução das desigualdades entre os periódicos nacionais e internacionais pode ser encampada como uma bandeira da *RAE* e de periódicos brasileiros, valendo-se de ventos favoráveis como os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Organização das Nações Unidas (ONU), o movimento *Declaration on Research Assessment* (DORA) e a potencialidade de avaliação do impacto social das instituições e seus programas por parte de entidades acreditadoras. Mas contar com que esses ventos favoráveis façam o trabalho sozinhos seria uma ilusão, portanto há um longo trabalho de protagonismo pela frente.

PALAVRAS-CHAVE | *RAE*, história da Administração no Brasil, periódicos brasileiros em Administração, indexadores, desafios.

ABSTRACT

The text presents the guest articles that were written for this special edition of RAE to commemorate its 60th anniversary, the aim being to reflect on the past, the present and the future of this and of other Brazilian scientific journals in Administration. It starts by presenting the historical role of the journal in constructing Brazilian academia in Administration, and its impact on several generations of researchers in the country. The main problems being faced by RAE are then addressed, as are its future challenges, which may, possibly, be useful for other Brazilian journals in the field of Administration. The conclusion reached is that the reduction in inequality between Brazilian and international journals can be seen as a banner for RAE and other Brazilian journals that can now take advantage of favorable winds, such as the United Nations's (UN) Sustainable Development Goals, the Declaration on Research Assessment (DORA) movement, and the potential that accrediting bodies have for evaluating the social impact of institutions and their programs. But relying on these favorable winds to do the job alone would be an illusion; there is a lot of long-term work of leadership ahead.

KEYWORDS */ RAE, the history of Administration in Brazil, Brazilian Administration journals, indexers, challenges.*

RESUMEN

Este texto presenta los artículos invitados a esta edición especial de conmemoración del 60 aniversario de la revista, con el objetivo de reflexionar sobre el pasado, presente y futuro de la RAE y de las revistas científicas brasileñas de Administración. En primer lugar, se presenta el papel histórico de la revista en la construcción de la academia brasileña de Administración, así como su impacto en varias generaciones de investigadores del país. En un segundo momento, se abordan los principales problemas que enfrenta la RAE y sus desafíos futuros que, eventualmente, pueden ser de utilidad para los demás periódicos brasileños del campo de la Administración. Se concluye que la reducción de las desigualdades entre las revistas nacionales e internacionales puede verse como una bandera de la RAE y de las revistas brasileñas, aprovechando vientos favorables como los Objetivos de Desarrollo Sostenible de la Naciones Unidas (ONU), el movimiento Declaration on Research Assessment (DORA) y el potencial de evaluación del impacto social de las instituciones y sus programas por las entidades acreditadoras. Pero contar con que estos vientos favorables hagan el trabajo solos sería una ilusión; por lo tanto, queda un largo trabajo de protagonismo por delante.

PALABRAS CLAVE */ RAE, historia de la Administración en Brasil, periódicos brasileños en Administración, indexadores, desafíos.*

 CC BY

INTRODUÇÃO

Neste ano de 2021, período pandêmico que provoca reflexões de toda sorte, a *RAE-Revista de Administração de Empresas* comemora 60 anos de existência. Um ano difícil para o País*, mas também um campo fértil para memórias e reflexões sobre o passado e o futuro das revistas científicas brasileiras em Administração. Parte do Sul Global, a *RAE* antecipou tendências, criou campos científicos na área de Administração no País como o *Marketing* (Tonelli, 2018) e colocou-se como um espaço para resistência, diálogos e interações. A trajetória da *RAE* está marcada, desde sua origem, por pioneirismo, abordagens críticas e reflexões sobre as questões sociais do País (Bertero, 2011, 2021) além de ser protagonista no ensino e na pesquisa em diversas áreas na Administração e fazer parte do "DNA" de muitos pesquisadores relevantes no campo (Paula, 2021). Mas, assim como a sociedade brasileira envelheceu, a *RAE* chegou aos 60, com os desafios de se reinventar.

Este texto apresenta os artigos convidados para esta edição especial de comemoração dos 60 anos da Revista, com o objetivo de refletir sobre o passado, o presente e o futuro da *RAE* e das revistas científicas brasileiras em Administração. A *RAE* é o periódico acadêmico mais longevo em Administração de Empresas no Brasil, se considerarmos que sua publicação é ininterrupta desde seu lançamento. As autoras e autores convidados para esta edição fazem parte dessa história e tratam, cada um a seu modo, criativamente, da importância da Revista no campo acadêmico em Administração no Brasil.

Ao introduzir as autoras, os autores e os artigos convidados, reflete-se, em primeiro lugar, sobre o papel histórico da Revista na construção da academia brasileira em Administração, bem como seu impacto em várias gerações de pesquisadoras e pesquisadores no País. Num segundo momento, são abordados os principais problemas enfrentados na *RAE* e seus desafios futuros que podem, eventualmente, ser úteis para os demais periódicos brasileiros no campo da Administração. Nessa segunda seção, discute-se a questão da internacionalização das revistas, um tópico, apesar de tudo, atual. Destaca-se que as revistas nacionais sofrem com os objetivos de internacionalização dos programas de pós-graduação que incentivam seus pesquisadores a publicarem em periódicos internacionais de alto fator de impacto. Se, de um lado, a internacionalização da produção científica permite a inserção dos pesquisadores brasileiros no Norte Global, de outro, leva ao desinteresse desses mesmos pesquisadores pelas publicações em revistas nacionais. O futuro das revistas nacionais está em perigo, dadas as demandas contraditórias que pesquisadores e programas de pós-graduação precisam enfrentar: de um lado, contribuírem com soluções para problemas locais urgentes e, de outro, estarem inseridos na comunidade internacional. Nesse sentido, é necessário que as revistas se posicionem diante das demandas crescentes por pesquisas que atendam aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU (2021), de novas demandas de órgãos regulatórios nacionais e de acreditadoras estrangeiras que agora buscam avaliar as Escolas de Negócios por seu impacto social local (EFMD Global services/ Business School Impact System, 2020).

SOBRE OS ARTIGOS CONVIDADOS

A história da *RAE* reflete a história do ensino e da pesquisa em Administração de Empresas no Brasil, registrada em diversos textos de Carlos Osmar Bertero, comentados a seguir. Editor-chefe da *RAE* em duas ocasiões, autor profícuo com mais de três dezenas de artigos publicados na Revista, Carlos Osmar Bertero também esteve pre-

sente em várias edições comemorativas da *RAE*. No editorial por ocasião dos 45 anos da Revista, Bertero (2006a, p.5) trata da falta de cidadania no País, "fruto historicamente construído de uma sociedade civil débil e cujo ônus se estende aos mais diversos espaços da vida nacional", que se contrapõe à democracia acadêmica, em que todos são igualmente considerados. Bertero (2006a, p.5) continua: "O sistema de revisão por pares é uma demonstração de humildade pela qual todo autor submete sua produção ao julgamento de colegas, estando obrigado a acatá-lo". Nada mais atual no cenário contemporâneo: a necessidade de cidadania, consideração com o esforço de uma comunidade para produzir conhecimento, apoiado na democracia da pesquisa científica, e a necessidade premente de humildade em todos os aspectos da vida social. Nessa mesma edição, Bertero (2006b, p.2) trata do papel da Revista, no cenário nacional, como uma "ousadia": "Pretendia-se ter um periódico que divulgasse um novo campo de ensino, cujos cursos de graduação haviam acabado de abrir [...]". Foi nesse contexto que a *RAE* criou e acompanhou o desenvolvimento de todas as áreas da Administração no País, como Operações, *Marketing*, Organizações e Comportamento Organizacional (Tonelli, 2018).

A ênfase em periódicos científicos começou na década de 1970, e a criação da Associação Nacional de Pós-Graduação em Administração (ANPAD), em 1976, teve um papel relevante nessa mudança de direção (Fachin, 2006). Nesse período, o País enfrentava repressão por parte do governo militar, quando as revistas da área de Ciências Sociais foram especialmente vítimas de censura. Nesse período, a *RAE* acolheu contribuições dessa área, ainda que tenha recebido inúmeras advertências para a não publicação de tópicos que criticassem a política econômica do governo, em especial a questão da distribuição de renda. Mas, apesar dessas restrições, vários artigos críticos foram publicados. Pode-se considerar que foram ações de resistência e a "reafirmação da crença na liberdade de expressão, indispensável à produção científica . . .", afirma Bertero (2006b, p. 3). A *RAUSP-Management Journal* sofreu também as consequências desse período, e sua publicação foi interrompida (Tonelli, 2017). O acolhimento e a publicação de artigos críticos na *RAE* (assim como o da própria Escola de Administração de Empresas de São Paulo) deveriam, sem dúvida, ser mais pesquisados.

No final dos anos 1970, com a expansão da produção científica, a revista incorporou o sistema de avaliação duplo-cego e, aos poucos, firmou-se como uma revista acadêmica. Mas as revistas científicas eram reduzidas e, por ocasião do aniversário de 50 anos da Revista, um novo artigo de Bertero (2011) mostra que a *RAE* brilhou como estrela solitária durante décadas no cenário nacional das publicações acadêmicas em Administração. Nesse artigo, Bertero (2011) trata da origem generalista da Revista e propõe que a *RAE* seja uma revista de Gestão, identidade essa que a revista não assumiu até hoje. E esse tema é retomado por Bertero (2021), nesta edição especial, no artigo: "Sessenta anos de *RAE*: Um itinerário de críticas, resistências e reinvenções", quando o autor enfatiza que, embora a *RAE* seja uma revista generalista desde sua origem, por ter sido composta por um corpo editorial diverso (Valente & Serafim, 2006), se destaca por publicar artigos nas áreas de "Organização e Estudos Organizacionais, Estratégia e Gestão de Recursos Humanos ou Pessoas". Com o passar dos anos, ela também apresenta uma ". . . crescente sofisticação metodológica . . . . distantes dos primeiros anos, em que era uma revista que poderíamos considerar provinciana", afirma Bertero (2021, p. 1) nesta edição, e é otimista: "Não há dúvida de que avançamos".

Carlos Osmar Bertero figura como um dos autores mais acessados na *RAE*, em especial, com o artigo "A evolução da análise organizacional no Brasil (1961-1993)", em parceria com Tania Margarete Mezzomo Keinert (1994), um clássico sobre a Administração à brasileira; "Algumas observações sobre a obra de G. Elton Mayo" (1968); e "A produção científica brasileira em administração na década de 2000" (2013), em parceria com Flávio Carvalho de Vasconcelos, Marcelo Pereira Binder e Thomaz Wood Jr. Mas seu artigo mais acessado, em parceria

com Rafael Alcadipani, trata da "Guerra Fria e o ensino do *management* no Brasil: o caso da FGV-EAESP" (Alcadipani & Bertero, 2012). Nesse artigo, os autores fazem uma análise da difusão do pensamento norte-americano no pós-guerra e do modelo de gestão norte-americano no País. Mas aqui cabe uma ressalva: se, de um lado, a *RAE*, como parte da Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getulio Vargas (FGV EAESP), teve um papel na difusão das ideias do pensamento norte-americano em Administração (Alcadipani & Bertero, 2012; Tonelli, 2018), de outro, os artigos de Carlos Osmar Bertero aqui retomados mostram que a Revista difundiu, com pioneirismo, democraticamente, o pensamento brasileiro crítico em Ciências Sociais e Econômicas, bem como o pensamento europeu, como veremos nos artigos convidados de Luiz Carlos Bresser-Pereira e Jean-François Chanlat desta edição.

Luiz Carlos Bresser-Pereira é um autor presente na Revista desde o início, com mais de 30 artigos publicados ao longo destas décadas. Como Bresser-Pereira confessa, no artigo apresentado nesta edição especial, seu primeiro artigo submetido à Revista foi recusado pelo então editor da *RAE*, quando do lançamento da Revista, em 1961. Para aqueles que não o conhecem, vale a leitura do artigo recusado: "The rise of the middle-class and middle management in Brazil", publicado no *Journal of Inter-American Studies* (1962a), essencial para a compreensão do papel dos administradores profissionais no desenvolvimento econômico do País.

Seu primeiro artigo publicado na *RAE* data de 1962 e trata do "Desenvolvimento econômico e o empresário", onde o autor define o que é desenvolvimento e discute o papel dos empresários na expansão da economia, diferencia o empresário, o administrador e o capitalista, e trata da relação entre o empresário e o Estado, como "dois agentes estratégicos do desenvolvimento" (Bresser-Pereira, 1962b, p. 90). Destaca-se também a importância dos textos de Bresser-Pereira sobre a necessidade da profissionalização da Administração no País. Já em 1966, e antes de sua regularização, Bresser-Pereira afirmava a importância da profissão, em "O administrador profissional e as perspectivas da sociedade brasileira", e a definia:

> A Administração é sem dúvida uma profissão, desde que é uma atividade especializada, remunerada, com objeto próprio e constitui a fonte de receita, por excelência, daqueles que a exercem. E um administrador de empresas profissional é aquele indivíduo que, sem possuir a propriedade de uma empresa, toma decisões sobre seus recursos humanos e materiais, planejando, organizando e controlando suas operações. É o homem (sic) que realiza essas funções especializadas em razão de sua competência profissional, e não por ser o proprietário da empresa ou por manter com estas relações de parentesco ou amizade. (Bresser-Pereira, 1966, p. 89)

Não é possível recuperar neste espaço todas as contribuições dessa trintena de artigos de Bresser-Pereira, tarefa que a pesquisa historiográfica em Administração no Brasil deveria revisitar. No artigo desta edição, "Depois do capitalismo, o gerencialismo democrático", Bresser-Pereira (2021, p.1) trata da decadência do modelo neoliberal nos Estados Unidos, apresenta sua classificação para as fases do capitalismo e sua tese de que o "capitalismo deixou de produzir desenvolvimento econômico e progresso humano". O autor propõe que, neste novo momento, ". . . a classe dos gerentes ou tecnoburocratas voltou a se fortalecer e a constituir o núcleo da nova coalisão de classes dominantes", e traz uma visão otimista para o futuro, que ele chama de "gerencialismo burocrático", num mundo pós-capitalista. O autor questiona: Qual a função da riqueza sem função social? Pergunta fundamental para o mundo hoje, em que novos ares nas pesquisas em Administração, com foco nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU e no impacto social das Escolas de Negócios, contribuem com alguma esperança.

 CC BY

Como mencionado, a *RAE* apresenta, desde sua origem, artigos com abordagens críticas, na vertente hoje estabelecida como *Critical Management Studies*. Ainda que não só, a perspectiva crítica teve sua base ancorada em autores franceses, e a história do pensamento francês na construção da academia brasileira em Administração é contada por Jean-François Chanlat no artigo convidado para esta edição especial. Chanlat é um autor presente na *RAE*, assíduo palestrante em congressos acadêmicos no Brasil, em especial, no Encontro Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração (EnANPAD), promovido pela ANPAD, e presença frequente em diversas Escolas de Administração em todo o País. Conforme o autor recupera no seu artigo, "Influência do pensamento de língua francesa na academia brasileira de Administração: um olhar Franco-quebequense" (Chanlat, 2021), sua relação com os pesquisadores brasileiros data dos anos 1980, na figura do professor Roberto Fachin, um dos criadores da ANPAD em 1976 (Fachin, 2006). Nos anos 1990, também em Montreal, Chanlat entra em contato com dois professores da FGV EAESP, Ofélia de Lana Torres e Fernando Prestes Motta, e com a professora Tania Fisher, da UFBA. A partir dos anos 1990, o contato de Chanlat é intenso com vários professores e pesquisadores no campo da Administração no País, com suas vindas ao Brasil e recebendo professores e alunos na Paris-Dauphine, com vários artigos e obras traduzidos para o português.

Além das memórias afetivas que o autor manteve e mantém com o País, Chanlat apresenta, nesse artigo, a história do pensamento francês no Brasil, que, no entanto, não se trata de uma via de mão única: de um lado, os autores franceses foram bem aceitos no País, mas a academia francesa também esteve aberta aos pensadores brasileiros. A visão antropofágica mostra que esse intercâmbio é intenso e, como destaca o autor, "uma alternativa à hegemonia anglo-saxã" no campo das Ciências Administrativas, que já vinha sendo criticada pelos autores brasileiros em Administração, como Motta e Caldas (1997), Caldas e Wood (1997), Motta, Alcadipani e Bresler (2001), entre outros. A busca de um pensamento original nas Ciências Administrativas no Brasil, destaca Chanlat, está presente desde Guerreiro Ramos, Mauricio Tragtenberg e Fernando Prestes Motta, autores que se destacam pelo pensamento crítico na academia brasileira de Administração (Paula, 2015). Chanlat (2021) destaca também autores contemporâneos críticos, como Alcadipani (2010), Alcadipani e Caldas (2012), Alcadipani e Rosa (2010) e Alcadipani e Faria (2014), entre outros. Seu artigo explora, ainda, diversos autores franceses que influenciaram fortemente as pesquisas brasileiras em Ergonomia e Psicodinâmica do Trabalho, em especial, o livro clássico de C. Dejours, "A loucura do trabalho", publicado em português em 1987. Ler esse artigo de Chanlat é mergulhar, com afeto e alegria, na história mais recente da academia brasileira de Administração.

Na sequência dos artigos convidados, está o artigo da Editora-chefe da *Revista de Administração Pública* (*RAP*) e atualmente Presidente da ANPAD, Alketa Peci, e sua coautora, Lilian Alfaia Monteiro, sobre o papel e o impacto dos periódicos acadêmicos em Administração no País. Cabe aqui um parêntese: Alketa Peci é a terceira mulher que ocupa a presidência dessa importante instituição no País, precedida apenas por Susana Braga Rodrigues, no biênio 1989-1990, e por Tânia Maria Diederichs Fischer, no biênio 1991-1992, ambas destacadas pesquisadoras no campo. Pode-se dizer que foram praticamente três décadas em que as mulheres, pesquisadoras ativas, fundantes do campo, estiveram ausentes da presidência da Associação, a mais importante em Administração no País. O artigo de Paludi, Helms-Mills e Mills (2014) é bastante informativo sobre o desaparecimento da contribuição das mulheres não só nas corporações como também na academia em Administração, por suas práticas "genderizadas" que silenciam as vozes das mulheres na história do pensamento administrativo.

No artigo convidado "Revistas acadêmicas como agentes do campo científico de Administração", Peci e Monteiro (2021) mostram que a *RAE*, a *RAP* e *RAUSP*, antes praticamente hegemônicas no campo, passaram a

 CC BY

conviver, nestas últimas décadas, com mais de 300 periódicos no campo da Administração. Um crescimento vertiginoso que as autoras destacam, mas sobre o qual não se conhece ainda "como esses atores se posicionam no campo científico da Administração e como, ainda, se diferenciam entre eles" (Peci & Monteiro, 2021). As autoras mostram que o jogo do campo científico inclui lógicas, atores e regras de funcionamento. Com esse referencial, as autoras fazem uma análise longitudinal do campo dos Estudos Organizacionais no Brasil, a partir de artigos coletados desde os anos 1960 até 2014, na *RAE*, *RAP* e *RAUSP*. Apoiadas nesse levantamento, as autoras constroem diversas categorias para as estratégias de legitimidade da contribuição científica: o discurso científico interno, o discurso científico externo, o discurso da prática e o discurso da diferenciação, e destacam que o discurso científico interno e o discurso da prática "são as principais estratégias de legitimação historicamente utilizadas no campo" (Peci & Monteiro, 2021, p. 8). No jogo do campo científico, a competição atinge também as revistas que precisam destacar-se nos *rankings*, dentro de uma lógica competitiva imposta por agentes como Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e programas de pós-graduação. Mas a lógica produtivista, ressaltam as autoras, nem sempre contribui para o fortalecimento do campo "em periódicos que são irrelevantes do ponto de vista científico" (Peci & Monteiro, 2021, p. 13). Trata-se de uma questão fundamental, que será retomada na próxima seção, sobre os desafios futuros dos periódicos nacionais.

Num artigo autoral, profundo e delicado, Ana Paula Paes de Paula (2021) trata de sua relação pessoal com a revista: "Trintena: uma trajetória de vida, leitura e escrita com a *RAE*". Tal como exposto no artigo de Chanlat, o trabalho de Ana Paula mostra como os afetos se entremeiam com a construção da ciência. Nesse artigo, a autora descreve seu primeiro contato com a Revista, enquanto aluna do curso de Graduação no começo dos anos 1990, na Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Atuária da Universidade de São Paulo (FEA-USP), depois como aluna do Mestrado em Administração Pública na FGV EAESP e, ainda, durante seu Doutoramento em Ciências Sociais, no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Campinas (IFCH-Unicamp). Ana Paula destaca os autores publicados na *RAE*, além de professores da FGV EAESP, que a influenciaram ao longo de sua trajetória acadêmica. Os artigos selecionados por Ana Paula são clássicos publicados na Revista: Maurício Tragtenberg (1971), em "A teoria geral da Administração é uma ideologia? "; Thomaz Wood Jr. (1992) em "Fordismo, toyotismo e volvismo: os caminhos da indústria em busca do tempo perdido"; Fernando Prestes Motta (1971, 1981, 1992) em: "Controle social nas organizações", "O poder disciplinar nas organizações formais" e "As empresas e a transmissão da ideologia". A autora menciona também Wood e Caldas (1998) em "Antropofagia organizacional" e Wood (2000) em "Organizações de simbolismo intensivo". A partir dos anos 2000, Paula passa a integrar a lista de autores da *RAE*, com o artigo "Tragtenberg e a resistência da crítica: Pesquisa e ensino na Administração hoje" (Paula, 2001), quando se torna também avaliadora e editora associada da *RAE*. Nos anos 2000, Ana Paula fez seu Pós-Doutorado na FGV EAESP com orientação do professor Fernando Prestes Motta (e, quando do falecimento do saudoso professor, com o professor Peter Spink). Nesse período, em conjunto com o professor Thomaz Wood Jr., coordenou pesquisas sobre "*pop-management*" que resultaram em várias publicações. A trajetória da autora está marcada, como é possível observar, por diversos artigos publicados na *RAE*, por inúmeros projetos de pesquisa com os professores da FGV EAESP, além, claro, de sua própria e fecunda produção. Desde 2005 como professora na Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais (FACE-UFMG), Ana Paula destaca que a *RAE* esteve presente no seu aprender a ler e escrever numa perspectiva crítica, que marca a Revista desde sua origem.

 CC BY

O artigo que fecha esta edição especial traz um coletivo de mulheres, jovens integrantes da academia brasileira de Administração, com um texto que aponta para um futuro necessário. Juliana Cristina Teixeira, Josiane Silva de Oliveira, Ana Diniz e Mariana Mazzini Marcondes, pesquisadoras jovens, mas já reconhecidas, tratam de "Inclusão e diversidade na Administração: Manifesta para o futuro-presente". Conforme aponta Bresser-Pereira (2021), de que vale a riqueza sem função social? O artigo das quatro autoras traz uma "manifesta" para que a pesquisa brasileira em Administração seja plural, inclusiva, representativa da diversidade geográfica e demográfica do País, em suas múltiplas dimensões, étnica, racial, etária e classe social, e que inclua processos de reparação para as desigualdades extremas do País. A perspectiva das autoras – duas mulheres negras e duas mulheres brancas – inclui, além das experiências pessoais, o aporte teórico da intersecionalidade, da decolonialidade e da transversalidade, com o objetivo claro de transformação social. O texto apresenta um breve histórico da "gestão" da diversidade que, embora disseminada, foi rapidamente transformada em consumo e discursos vazios. Cabe um parêntese nesse momento: no cenário brasileiro, o artigo seminal nesse campo foi escrito por Maria Tereza Leme Fleury e publicado na *RAE* em 2000, o que indica, mais uma vez, a abertura da Revista para tópicos emergentes e inovadores no campo da pesquisa em Administração.

Teixeira, Oliveira, Diniz e Marcondes (2021, p.5) destacam a necessidade de "repolitizar" o debate sobre diversidade e inclusão, para "a construção de um campo comprometido com o enfrentamento às desigualdades", estruturais na sociedade brasileira. Para isso, as autoras propõem uma "agenda de transformação", que inclui, necessariamente, uma mudança nas lógicas que operam as desigualdades, nos temas pesquisados e nos mecanismos que permitam a disseminação desses conhecimentos. Além disso, propõem as autoras, é preciso avançar na desconstrução das lógicas que organizam a "branquitude" e, consequentemente, naquilo que se considera como produtos científicos. A palavra diversidade, enquanto se pretenda inclusiva, é por demais generalizante para abarcar o diverso. Dar nomes aos bois pode ser perturbador, mas faz parte da mudança, já que a linguagem constrói a realidade.

Como é possível observar nos artigos apresentados, a criação e as contribuições pioneiras, críticas e sempre inovadoras da *RAE* são fundantes da história da Administração no Brasil, mas seus desafios futuros são imensos, como debatido a seguir.

DESAFIOS FUTUROS DA *RAE* (E DOS PERIÓDICOS BRASILEIROS)

A *RAE*, em seu papel de destaque no cenário nacional de produção e disseminação do conhecimento, enfrenta o desafio de se internacionalizar, não apenas para expandir sua capacidade de dialogar com o mundo, mas também por conta do que representa em termos de pioneirismo e relevância. O desafio é particularmente complexo para um periódico que contribuiu para a construção do conhecimento no País no campo aplicado e acadêmico, e para a construção da profissão em Administração e, consequentemente, para o desenvolvimento do País e sua visão de mundo no contexto sociopolítico (Tonelli & Zambaldi, 2017). A revista foi publicada predominantemente em português ao longo de quase cinco décadas, período em que certamente se beneficiou da liberdade de privilegiar uma agenda de pesquisa com objetos relevantes no contexto nacional. A possibilidade de construir uma história e um legado em português conferiu autonomia ao periódico, tendo em vista que a hegemonia da produção em inglês pode seguir uma lógica colonial controladora dos critérios de publicação e circulação e da definição do que é qualidade (Rosa & Alves, 2011).

 CC BY

A intensificação por parte da CAPES de critérios de avaliação de periódicos com enfoque no impacto calculado por indexadores internacionais levou a *RAE* a buscar sua indexação em tais bases no final dos anos 2000, tendo como resultado sua inserção em coleções como *Journal Citation Reports* (JCR) e Scopus. Soma-se a esse movimento a orientação dos principais programas de pós-graduação na área e de escolas de negócios no Brasil a intensificarem sua inserção no contexto internacional sob as mesmas premissas. Concomitantemente, outros periódicos brasileiros também se movimentaram rumo à internacionalização, e outros nasceram já com a prerrogativa de publicar todos os seus artigos em inglês na primeira metade dos anos 2000. Embora tal movimento tenha permitido atingir públicos mais amplos, a barreira da língua é uma dificuldade para uma comunidade que não foi educada em inglês em sua formação de pesquisa, como explica Farias (2017). Em uma abordagem mais crítica, Alcadipani (2017) alerta para os riscos dos esforços de internacionalização de nossos periódicos em termos de submissão ao *publish or perish* anglo-saxão, com restrições aos padrões de inglês adotados na comunicação dos eixos dominantes, assim como seus temas e abordagens, caracterizando o que classifica como provincianismo global e colonialismo epistêmico.

Os produtos dos esforços da academia brasileira em Administração para se internacionalizar levaram ao aumento da produção de pesquisadores brasileiros e da presença de nossos periódicos no cenário global, mas também forjaram de alguma forma a padronização de temas e métodos em nossas escolhas de pesquisa, com maior grau de mimetização do que é publicado no que costumamos classificar como *top journals*, porém agravada por algum atraso que enfrentamos para tomar contato com o que se pesquisa nos centros com mais fácil acesso a esses periódicos qualificados como de ponta. Como caracterizado por Peci e Monteiro (2021), a internacionalização da produção e dos periódicos brasileiros em Administração é um novo capital simbólico de diferenciação de revistas e artigos, em um jogo concentrado em referências preexistentes dentro dos campos de estudo como estratégia de legitimação – o chamado Discurso Científico Interno (DCI), com pouco espaço para a assimilação crítica ou adaptação de teorias estrangeiras à realidade nacional como alternativas a aplicações diretas de modelos estrangeiros.

De toda forma, Diniz (2017), que atuou como Editor-chefe da *RAE* por sete anos, considera o processo de internacionalização da produção e dos periódicos brasileiros inexorável, alertando para a necessidade de não permanecermos como expectadores das transformações no mundo da pesquisa e de desenvolvermos estratégias e políticas institucionais próprias de posicionamento dos periódicos nacionais na internacionalização, de modo a não serem diminuídos em relação a periódicos estrangeiros por conta de serem nacionais. A indexação da *RAE* em bases internacionalmente reconhecidas e o aumento das publicações de seus artigos em outros idiomas geraram notórios avanços na exposição da revista à academia em Administração para além do Brasil, e certamente em sua atratividade para submissões de autores de outros países. Uma evidência é o fato de termos atualmente um contingente superior a 20% do total de submissões que contam com autores afiliados a instituições no exterior, com boa distribuição entre os continentes. Entre as iniciativas realizadas e resultados obtidos pela revista, destacam-se a disponibilização trilíngue do *website*, a adoção de uma plataforma mundial de submissão de artigos, chamadas internacionais de trabalhos, publicação de artigos em três idiomas, a ampliação da participação de membros de instituições estrangeiras no corpo editorial, o aumento de citações em bases indexadas e o crescimento da proporção de artigos em língua estrangeira (Tonelli & Zambaldi, 2017). Todavia, fatores como o histórico de publicações predominantemente em português e a escassez de periódicos brasileiros indexados em bases internacionais – periódicos esses que ainda são a maior fonte de citações da revista – inibem

 CC BY

o incremento dos indicadores do impacto da *RAE* nas bases tidas como principais em comparação a outros periódicos também nelas indexados. Tais fatores dificultam sua inclusão em listas de periódicos valorizados como publicações de excelência nos eixos dominantes na academia mundial, tais como as listas *Australian Business Deans Council* (ABDC) e *Academic Journal Guide, Association of Business School* (AGJ/ABS) e, consequentemente, são obstáculos para a atratividade de periódicos em situação comparável em receber submissões e citações.

O modelo de contratação e evolução na carreira de pesquisadores adotado pelas escolas de negócios mais proeminentes no mundo os incentiva – sobretudo aqueles em início de carreira – a mirar muito mais os periódicos com maiores indicadores de impacto dentro dos critérios dominantes, ou os que foram incluídos em listas de acesso restrito, reforçando e perpetuando seus processos de avaliação já excludentes. Os pesquisadores estão cientes das consequências, mas reagem, muitas vezes, com resignação e demonstram pouca disposição a promover mudanças, limitando-se a culpar o sistema e entidades externas, conforme relatado por Machado e Bianchetti (2011). Os autores alertam para a restrição de temas estudados e a consequente limitação da autonomia universitária e alienação dos pesquisadores em relação ao processo que os restringe e conduz.

A manutenção das dinâmicas aqui descritas resulta no alijamento ainda maior de periódicos que construíram relevância local e desenvolveram capacidades de diálogo com *stakeholders* regionais. Assim, publicações, muitas vezes, abrem mão de suas capacidades distintivas em níveis locais para aproximarem suas práticas do que é feito nas chamadas publicações de referência, mesmo longe de estarem em condições de igualdade de competição. Consequentemente, o processo de internacionalização de periódicos, mesmo que traga vantagens de visibilidade e diálogo com um universo mais amplo, além de oportunidades de *benchmarking*, é também desigual e, de certa forma, inibe os potenciais de construção e manutenção da identidade dos periódicos considerados periféricos. Um estudo de Favaretto e Francisco (2017) com o acervo da *RAE* até sua data de publicação mostra a predominância de autores individuais no início de sua existência até a inflexão para os estudos com múltiplos autores (mais comumente três) nas publicações mais recentes, contemplando os benefícios e aprendizados provenientes das colaborações entre pares. Mas a longa fase caracterizada pelos trabalhos com apenas um autor foi também marcada pela vasta quantidade de textos de autores que, de alguma forma, se tornaram os expoentes do pensamento brasileiro em Administração e áreas correlatas, e, à medida que se tornaram menos frequentes, deram brecha a uma espécie de abdicação da identidade nacional da revista ao diminuir o espaço desses expoentes, mesmo que de modo não intencional, e mesmo que a vasta maioria da produção publicada na revista continue sendo realizada por autores brasileiros. É como ter um canal de divulgação de pesquisa realizada predominantemente por autores nacionais, visível e acessível ao exterior, mas perdendo parte da distinção de ser um canal de divulgação de um pensamento nacional.

As tendências de padronização das práticas adotadas em periódicos para atrair submissões, avaliar trabalhos e distribuir conteúdos são acompanhadas pela implementação em larga escala de sistemas únicos de informação e comunicação pela academia mundo afora, tais como o *Digital Object Indentifier* (DOI) para artigos e textos em geral, o *Open Researcher and Contributor ID* (ORCID) para pesquisadores e o *Research Organization Registry* (ROR) para instituições. Tais sistemas têm o potencial de armazenar e disponibilizar informações ampla e rapidamente, conectar as comunidades de pesquisa, viabilizar buscas e prover registros íntegros em diversas plataformas no meio acadêmico, configurando benefícios claros. Seu potencial, entretanto, pode ser cooptado pelas regras vigentes responsáveis pelo desequilíbrio entre periódicos ou mesmo entre centros de pesquisa no que se refere à valorização da pesquisa produzida e disseminada. A discussão passa pela definição de quais são

CC BY

os periódicos merecedores de reconhecimento global até a definição dos meios de distribuição que são desejáveis e merecem eventualmente mais reconhecimento por parte da comunidade acadêmica.

Para além das ameaças às questões identitárias e à relevância regional de periódicos em contextos periféricos no sistema de avaliação predominante, há um contingente de pesquisadores espalhados pelo globo que demonstra desconforto e requer ampliações dos critérios pelos quais os resultados da pesquisa acadêmica e os próprios pesquisadores são avaliados. Tal demanda pode ser exemplificada pela *Declaration on Research Assessment* (DORA), que se caracteriza como um movimento abrangente de todos os campos do conhecimento com participação de diversos *stakeholders* entre patrocinadores, editoras e instituições de ensino e pesquisa, além de pesquisadores em si. O movimento não se opõe aos sistemas integrados de armazenamento e disseminação do conhecimento e sua consequente padronização, mas anseia por maior abrangência de meios reconhecidos como meritórios da disseminação da pesquisa, tanto em quantidade como em forma. A demanda permite vislumbrar que, uma vez que pesquisadores possam ser reconhecidos e recompensados por suas instituições por divulgarem seus resultados de pesquisa em canais complementares ou alternativos aos periódicos conhecidos como de ponta, podem ter mais liberdade para acessarem temas relevantes e um público mais extenso, com maior propriedade sobre a disseminação de suas pesquisas. O resultante potencial para o incremento do impacto social da pesquisa por conta da capacidade e qualidade aprimorada de diálogo com diversos interlocutores na sociedade é promissor.

A *RAE* paticipou do terceiro *Webinar on Management Research Publications* da *International Federation of Scholarly Associations of Management* (IFSAM)**, realizado recentemente com a presença *on-line* de pesquisadores, editores e instituições de ensino e pesquisa de diversos países. O encontro reforçou o anseio da comunidade de pesquisa em Gestão para que formatos para além do artigo acadêmico, tais como livros, casos de ensino e até produtos audiovisuais e apresentações, sejam valorizados e incentivados como produtos de pesquisa, de modo a dar mais liberdade para pesquisadores nas escolhas dos meios de publicação que possam gerar maior alcance e diversidade de público. Embora seja essa uma reivindicação crescente entre pesquisadores, tomadores de decisão nas instituições de ensino acerca das balizas determinantes do que é bom desempenho em pesquisa concentram seus critérios no modelo baseado em impactos dos *top journals*, o que retarda o crescimento de periódicos com menor impacto nos indexadores do *mainstream*, considerando-se o tempo que leva para uma publicação obter um índice de impacto avaliado como alto em tais bases. Uma potencial mudança de rumo pode ser fomentada, no entanto, por eventuais iniciativas de acreditadores relevantes para escolas de negócios de avaliar a produção de conhecimento também por seu impacto social, como a EFMD tem sinalizado (EFMD/BSIS, 2020).

O requerimento por mais amplitude de canais de disseminação da pesquisa em Gestão não exclui os periódicos científicos, evidentemente, mas defende menor concentração em periódicos entre os classificados como de ponta pelos critérios dominantes e maior valorização dos periódicos de nicho, importantes para grupos específicos que produzem e consomem pesquisa com algum grau de especificidade, porém dotada de relevância para diversos *stakeholders*. Nesse grupo, periódicos com histórico impacto regional, como a *RAE*, embora generalistas, também se enquadram e teriam mais reconhecimento ao se concentrarem em questões aderentes ao ambiente em que estão inseridos, como desafios presentes em nações emergentes e aspectos culturais específicos da Administração concernentes a objetos de interesse global por conta de particularidades e riquezas de seus contextos. O resultado poderia ser a redução da mimetização das práticas adotadas pelos periódicos

líderes no que se refere a seleção de temas e priorização de métodos específicos nos processos de avaliação, conferindo-lhes uma relevância mais genuína no cenário internacional, menos a reboque das tendências trazidas pelas publicações de referência global mais hegemônicas.

O *webinar* da IFSAM também revelou que a quantidade de submissões de artigos ao redor do mundo aumentou nos periódicos em geral, assim como ocorreu com a *RAE*, e que temas envolvendo questões como igualdade de gênero e responsabilidade social têm sido recorrentes e crescentes nas submissões aos periódicos da área. Essas podem ser evidências de que pesquisadores, em toda parte, estão comprometidos com o impacto social de suas pesquisas, como os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU (2021), por exemplo, algo que pode ter sido intensificado com o momento delicado que vivemos mundialmente nas esferas econômica e social, impactadas fortemente pela pandemia. Nesse sentido, a questão da divulgação de resultados de pesquisa para uma sociedade interessada e afetada pelos objetos de estudo da Administração é premente, especialmente no que tange a alcançar aqueles que podem ser os agentes de implantação de resultados de pesquisa relevantes, os chamados praticantes da Gestão em diversos tipos de organizações.

O formato superespecializado da produção e redação da pesquisa publicada em periódicos é um desafio antigo na academia, intensificado pela ênfase no rigor teórico e metodológico e suas formas de comunicação. O problema é mundial e cresceu no Brasil com a adoção de regras e práticas instituídas e incentivadas por entidades de regulação e incentivo à pesquisa, muito fortemente desde o final da década de 1990 (Bertero, 2006c), pois a forma de fazer e comunicar pesquisa ficou circunscrita aos pesquisadores acadêmicos, e, consequentemente, a leitura de seus resultados também. A própria trajetória da *RAE* como revista e sua transição para um periódico mais alinhado às práticas globalmente reconhecidas da publicação acadêmica até o final dos anos 2000 evidencia isso (Mascarenhas, Zambaldi, & Moraes, 2011). Como ilustração, uma análise de mineração de texto do acervo completo da *RAE-eletrônica* de 2002 a 2010 realizado por Francisco (2011) evidencia que, nessa década de transição e aceleração da adoção de práticas mais populares entre publicações internacionais, as principais referências citadas nos artigos foram provenientes, além da própria *RAE* e dos encontros da ANPAD, de periódicos internacionais. Adicionalmente, os autores que mais publicaram no período eram afiliados aos programas de pós-graduação com melhor avaliação por parte da CAPES.

Uma questão pertinente e recorrente é se os periódicos devem se consolidar como meio de comunicação superespecializado e restrito a um grupo de acadêmicos pesquisadores, se é que já não se consolidaram como tal, e se as pesquisas tenham que ter formatos de entrega adicionais em outros meios, como livros, textos em mídias de circulação em massa e materiais audiovisuais e digitais sumarizados. Cada pesquisa teria de ter uma versão de divulgação orientada aos periódicos científicos, selando seu rigor e qualidade, e ao menos uma outra versão orientada ao praticante e à sociedade em geral. Essa alternativa é discutível em termos de volume e viabilidade, e mesmo de potenciais resultados, mas certamente interessa aos periódicos científicos que pretendam ter reconhecimento para além da academia. Um exemplo é o fato de *publishers* permitirem que seus autores também divulguem em suas bases de comunicação apresentações sucintas e mais palatáveis aos praticantes ou mesmo representações gráficas de seus artigos. Não é impossível que tais versões no futuro possam até ser obrigatórias para acompanhar a publicação em periódicos. Seus resultados em termos de impacto no ambiente da prática, no entanto, ainda são subavaliados e desconhecidos.

É um fato, contudo, que pesquisadores em Administração lidam com problemas reais das organizações e trabalham com rigor, mas desovam seus achados em meios pouco frequentados pelos praticantes. Um caminho

 CC BY

pode ser a inclusão dos praticantes nas iniciativas de pesquisa e sua execução, em processos de cocriação, de modo que não sejam tratados apenas como provedores de acesso ao campo ou fontes de informação, e possam trazer contribuições em relação ao que se pesquisa e como se pesquisa por estarem inseridos no processo (Mascarenhas et al., 2011). Talvez assim possam reconhecer o valor da pesquisa mais naturalmente e fazer uso mais intenso e efetivo de seus produtos. Tal alternativa pode ser um caminho natural de alinhamento a iniciativas de escolas de negócios em oferecer programas de formação em pesquisa com ênfase profissional, realizada por praticantes da Gestão, crescentes em centros reconhecidos em ensino e pesquisa, inclusive no Brasil, observados com a proliferação de programas de mestrado e até de doutoramento profissionais.

Como se observa, os desafios não são poucos nem simples para o futuro de uma revista como a *RAE* e a comunidade ao seu entorno, com um histórico de relevância local, porém com desvantagens competitivas na inserção internacional sob os parâmetros globais predominantes de avaliação da pesquisa e seus incentivos consequentes aos pesquisadores. Lidar com tais desafios requer investimento e trabalho colaborativo diante das oportunidades que também se abrem. Nesse contexto, é difícil para um periódico mantido por uma escola de negócios ser competitivo em um mercado em que *publishers* profissionais são predominantes. É necessário reforçar aqui que essa situação se estende à maior parte dos periódicos da área no Brasil, pois costumam ser vinculados e sustentados por programas de pós-graduação (Alencar, 2017). As editoras contam com equipes profissionais, ganhos de escala e economia, prestígio e competências únicas. Mais do que isso, beneficiam-se de um modelo de negócio em que autores produzem conteúdo com rigor e servem como avaliadores para garantir a qualidade do que seus pares produzem, mas não se beneficiam monetariamente do sistema por não serem remunerados nem poderem acessar os conteúdos sem que tenham que pagar por isso (ou suas instituições tenham que pagar). Esse é um ponto de desconforto para muitos pesquisadores, embora as editoras estejam cientes e já participem de discussões e inciativas que visam a proporcionar uma relação de maior equidade em termos de contribuição e recompensa. Uma dessas iniciativas é o crescimento livre e aberto dos conteúdos de pesquisa (Diniz, 2017), que, no entanto, muitas vezes esbarra em aspectos de qualidade e onera autores ou instituições proprietárias para que viabilizem os custos de publicação (Alencar, 2017). Nesse cenário, periódicos que não contem com estrutura ampla profissional de um grupo editorial enfrentarão cada vez mais dificuldades de se sustentarem no médio e longo prazos, assim como pesquisadores inseridos em instituições e contextos com limitadas disponibilidades de recursos monetários.

PARA FINALIZAR

Na sua trajetória, a *RAE* foi uma estrela solitária, e a alta meia-vida de seus artigos tem duas faces: de um lado, mostra a importância de artigos e autores clássicos que têm sido reiteradamente citados, mas, de outro, essas citações não são contempladas no cálculo de fator de impacto pelos indexadores internacionais. É o preço a pagar por essa trajetória de décadas. Além disso, como mostramos nas seções anteriores, a *RAE*, como alguns outros periódicos nacionais, sofre por falta de identidade e pela dificuldade de inserção no debate científico internacional. Outro aspecto que cabe destacar é que se a *RAE*, na sua trajetória, teve autores solitários, o futuro da pesquisa pede, cada vez mais, a participação de uma coletividade representada, nesta edição, por um grupo de mulheres negras e mulheres brancas, para destacar, várias vezes esquecida, a representatividade demográfica e racial do País. Ao longo de sua trajetória, podemos comemorar que a *RAE* se tornou mais colaborativa.

 CC BY

Ao se abrir mais para o mundo, dada a aceleração de seu processo de internacionalização, a *RAE*, junto com a produção brasileira na área como um todo, passou a ser vista por um universo maior, o que certamente é facilitado pelo modelo adotado de acesso aberto a todo seu acervo em conjunto com os processos de indexação e comunicação e publicação em outros idiomas. Mesmo que com isso tenha cedido parte de sua identidade como um espaço de construção e disseminação de um pensamento nacional em Administração, poderá seguir seu caminho sem abrir mão de uma vocação orientada ao impacto social e à contribuição em demandas como redução de desigualdades diversas, sustentabilidade ambiental e social, inclusão social e desenvolvimento socioeconômico. Tais temas são crescentemente abordados por pesquisadores e editores diversos na academia mundial, sejam de eixos hegemônicos ou não, e, com isso, há oportunidade para a *RAE* e outras publicações ao seu entorno assumirem a responsabilidade de capitanear, em parte, essas transformações no contexto da publicação acadêmica. As consequências do período pandêmico que vivemos, muitas delas ainda desconhecidas, legitimam e fomentam esse caminho e são oportunidades para a revista fortalecer seu posicionamento rumo à pavimentação de um mundo mais inclusivo e consciente no campo da Gestão.

O caminho não é solitário, e nem deve ser, pois requer interlocução com outros agentes como editoras, patrocinadores, instituições de ensino e pesquisa, a comunidade de pesquisadores, indexadores, órgãos reguladores, acreditadores e outros periódicos. Entre pesquisadores, a inclusão dos praticantes da Gestão como cocriadores e legitimadores do processo de pesquisa e publicação é importante para garantir e expandir a relevância dos artigos e sua integração com os crescentes programas profissionais de formação em pesquisa. Em relação ao suporte das instituições de ensino, só será possível vislumbrar um caminho de maior impacto social na publicação em Administração se tais instituições e seus programas de pós-graduação abraçarem uma diversidade maior de periódicos e meios de comunicação que se comprometam com tal impacto. E isso também depende do suporte de órgãos reguladores da pesquisa em âmbito nacional. Caso contrário, os esforços de unificação e padronização da informação acerca de pesquisas, instituições e autores será enviesado e correrá o risco de recrudescer a perpetuar as desigualdades de condições entre as publicações que são líderes globais daquelas que as seguem. A redução dessas desigualdades pode ser encampada como uma bandeira da *RAE* e de periódicos brasileiros, valendo-se de ventos favoráveis como os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU, o movimento DORA e a potencialidade de avaliação do impacto social das instituições e seus programas por parte de entidades acreditadoras. Mas contar com que esses ventos favoráveis façam o trabalho sozinhos seria uma ilusão, portanto há um longo trabalho de protagonismo pela frente.

Ao longo de suas décadas, a *RAE* foi pioneira, capaz de se reinventar, de propor inovações. Os artigos convidados deste especial mostram sua força e seu papel inestimável na construção da Academia Brasileira em Administração de Empresas. Vida longa à Revista e que ela possa celebrar, num futuro nem tão distante, 120 anos.

NOTAS DOS AUTORES

* Manifestamos nossos profundos sentimentos por tantas perdas e danos experimentados não só na comunidade acadêmica em Administração como no País.

** Agradecemos a Xavier Castañer, do IFSAM, e Alketa Peci, da ANPAD, a oportunidade.

 CC BY

REFERÊNCIAS

Alcadipani, R. (2010). Critical international management and international critical management: Perspectives from Latin America. *Critical Perspectives on International Business, 6*(2/3). doi: 10.1108/cpoib.2010.29006baa.001

Alcadipani, R. (2017). Periódicos brasileiros em inglês: A mímica do publish or perish "global". *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *57*(4), 405-411. doi: 10.1590/s0034-759020170410

Alcadipani, R., & Bertero, C. O. (2012). Guerra Fria e ensino do management no Brasil: O caso da FGV-EAESP. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *52*(3), 284-299. doi: 10.1590/S0034-75902012000300002

Alcadipani, R., & Caldas, M. P. (2012). Americanizing Brazilian management. *Critical Perspectives On International Business, 8*(1), 37-55. doi: 10.1108/17422041211197558

Alcadipani, R., & Faria, A. (2014). Fighting Latin American marginality in "international" business". *Critical Perspectives on International Business, 10*(1/2), 107-117. doi: 10.1108/cpoib-11-2013-0047

Alcadipani, R., & Rosa, A. R. (2010). The researcher as the other: A postcolonial reading of the Brazilian "Borat". *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *50*(4), 371-382. 10.1590/S0034-75902010000400003

Bertero, C. O. (1968). Algumas observações sobre a obra de G. Elton Mayo. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *8*(27), 73-95. doi: 10.1590/S0034-75901968000200003

Bertero, C. O. (2006a). Editorial. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *46*(2), 5. doi: 10.1590/S0034-75902006000200001

Bertero, C. O. (2006b). A RAE nos seus 45 anos. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *46*(2), 114-117. doi: 10.1590/S0034-75902006000200008

Bertero, C. O. (2006c). *Ensino e pesquisa em administração*. São Paulo, SP: Thomson Learning.

Bertero, C. O. (2011). Meio século de *RAE*. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *51*(3), 224-226. doi: 10.1590/S0034-75902011000300002

Bertero, C. O. (2021). Sessenta anos de *RAE*: Um itinerário de críticas, resistências e reinvenções. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *61*(3), e0000-0011. doi: 10.1590/S0034-759020210303

Bertero, C. O., & Keinert, T. M. M. (1994). A evolução da análise organizacional no Brasil (1961-93). *RAE-Revista de Administração de Empresas, 34*(3), 81-90. doi: 10.1590/S0034-75901994000300007

Bertero, C. O., Vasconcelos, F. C. D., Binder, M. P., & Wood, T., Jr. (2013). Produção científica brasileira em administração na década de 2000. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *53*(1), 12-20. doi: 10.1590/S0034-75902013000100002

Bresser-Pereira, L. C. (1962a). The rise of middle-class and middle management in Brazil. *Journal of Inter-American Studies, 4*(3), 313-326. doi: 10.2307/164949

Bresser-Pereira, L. C. (1962b). Desenvolvimento econômico e o empresário. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *2*(4), 79-91. Recuperado de http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rae/article/view/38445

Bresser-Pereira, L. C. (1966). O administrador profissional e as perspectivas da sociedade brasileira. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *6*(20), 89-110. doi: 10.1590/S0034-75901966000300004

Bresser-Pereira, L. C. (2021). Depois do capitalismo, o gerencialismo democrático. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *61*(3), e0000-0012. doi: 10.1590/S0034-759020210304

Caldas, M. P., & Wood, T., Jr. (1997). Identidade organizacional. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *37*(1), 6-17. doi: 10.1590/S0034-75901997000100002

Caldas, M. P., & Wood, T., Jr. (2000). Fads and fashions in management: The case of ERP. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *40*(3), 8-17. doi: 10.1590/S0034-75902000000300002

Chanlat, J.-F. (2021). Influência de pensamento de língua francesa na academia brasileira de administração: Um olhar franco-quebequense. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *61*(3), e0000-0013. doi: 10.1590/S0034-759020210305

Diniz, E. H. (2017). Periódicos brasileiros da área de administração no contexto de internacionalização da produção científica. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *57*(4), 357-364. doi: 10.1590/s0034-759020170406

EFMD Global services/ Business School Impact System (2020). *Business School Impact System/Assessment criteria guide*. Recuperado de efmdglobal.org/bsis - fnege.org/nos-programmes/bsis

Fachin, R. C. (2006). *Construindo uma associação científica: Trinta anos de ANPAD – memórias, registros, desafios*. Porto Alegre, RS: ANPAD.

Farias, S. A. D. (2017). Internacionalização dos periódicos brasileiros. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *57*(4), 401-404. doi: 10.1590/s0034-759020170409

Favaretto, J. E. R., & Francisco, E. D. R. (2017). Exploração do acervo da *RAE-Revista de Administração de Empresas* (de 1961 a 2016) à luz da bibliometria, text mining, rede social e geoanálise. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *57*(4), 365-390. doi: 10.1590/s0034-759020170407

Francisco, E. D. R. (2011). RAE-eletrônica: Exploração do acervo à luz da bibliometria, geoanálise e redes sociais. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *51*(3), 280-306. doi: 10.1590/S0034-75902011000300008

Machado, A. M. N., & Bianchetti, L. (2011). (Des)fetichização do produtivismo acadêmico: Desafios para o trabalhador-pesquisador. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *51*(3), 244-254. doi: 10.1590/S0034-75902011000300005

Mascarenhas, A. O., Zambaldi, F., & Moraes, E. A. D. (2011). Rigor, relevância e desafios da academia em administração: Tensões entre pesquisa e formação profissional. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *51*(3), 265-279. doi: 10.1590/S0034-75902011000300007

Motta, F. C. P. (1971). A teoria geral dos sistemas na teoria das organizações. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *11*(1), 17-33. doi: 10.1590/S0034-75901971000100003

Motta, F. C. P. (1981). O poder disciplinar nas organizações formais. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *21*(4), 33-41. doi: 10.1590/S0034-75901981000400003

Motta, F. C. P. (1992). As empresas e a transmissão da ideologia. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *32*(5), 38-47. doi: /10.1590/S0034-75901984000300004

MOTTA, F. P. (1979). Controle social nas organizações. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *19*(3), 11-25. doi: 10.1590/S0034-75901979000300002

MOTTA, F. P., & CALDAS, M. (1997). Cultura organizacional e cultura brasileira. São Paulo: Atlas, 1997.

Motta, F. C. P., Alcadipani, R., & Bresler, R. B. (2001). A valorização do estrangeiro como segregação nas organizações. *Revista de Administração Contemporânea, 5*(SPE), 59-79. doi: 10.1590/S1415-65552001000500004

Organização das Nações Unidas Brasil. (2021, março). *Sobre o nosso trabalho para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil*. Recuperado de https://brasil.un.org/pt-br/sdgs

Paludi, M., Helms-Mills, J., & Mills, A. J. (2014). Disturbing thoughts and gendered practices: A discursive review of feminist organizational analysis. In S. Kumra, R. Simpson, & R. J. Burke, *The Oxford handbook of gender in organizations*. Oxford: Oxford Press.

Paula, A. P. P. de. (2001). Tratenberg e a resistência crítica: Pesquisa e ensino em administração hoje. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *41*(3), 77-81. doi: 10.1590/S0034-75902001000300010

Paula, A. P. P. de. (2015). Estudos organizacionais críticos e pensadores nacionais. *Cadernos EBAPE.BR*, *13*(3), 410-413. Recuperado de http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/cadernosebape/article/view/49070

Paula, A. P. P. de. (2021). Trintena: Uma trajetória de vida, leitura e escrita com a RAE. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *61*(3), e0000-0015. doi: 10.1590/S0034-759020210307

Peci, A., & Monteiro, L. A. (2021). Revistas acadêmicas como agentes do campo científico de administração. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *61*(3), e0000-0014. doi: 10.1590/S0034-759020210307

Rosa, A. R., & Alves, M. A. (2011). Pode o conhecimento em gestão e organização falar português? *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *51*(3), 255-264. doi: 10.1590/S0034-75902011000300006

Teixeira, J. C., Oliveira, J. S, Diniz, A., & Marcondes, M. M. (2021). Inclusão e diversidade na administração: Manifesta para o futuro-presente. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *61*(3), e0000-0016. doi: 10.1590/S0034-759020210308

Tonelli, M. J. (2017) The foundation of the academic field in business and administration in Brazil: The case of RAUSP. *RAUSP-Management Journal*, *52*(4), 359-362. doi: 10.1016/j.rausp.2017.08.001

Tonelli, M. J. (2018). Revistas científicas sobre administración: El papel histórico de la RAE-Revista de Administração de Empresas (RAE) en la construcción del campo académico de la administración en Brasil. *Cadernos EBAPE. BR*, *16*(spe), 509-515. doi: 10.1590/1679-395173941

Tonelli, M. J. & Zambaldi, F. (2017). Editorial. *RAE-Revista de Administração de Empresas, 57*(4), 1-2. doi: 10.1590/s0034-759020170401

Tragtenberg, M. (1971). A teoria geral da administração é uma ideologia? *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *11*(4), 7-21. doi: 10.1590/S0034-75901971000400001

Valente, R., & Serafim, M. C. (2006). RAE 45 anos: recortes de sua história. *RAE-Revista de Administração de Empresas, 46*(2), 104-111. doi: 10.1590/S0034-75902006000200007

Wood, T., Jr. (1992). Fordismo, toyotismo e volvismo: Os caminhos da indústria em busca do tempo perdido. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *32*(4), 6-18. doi: 10.1590/S0034-75901992000400002

Wood, T., Jr. (2000). Organizações de simbolismo intensivo. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *40*(1), 20-28. doi: 10.1590/S0034-75902000000100003

Wood, T., Jr., & Caldas, M. P. (1998). Antropofagia organizacional. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *38*(4), 6-17. doi: 10.1590/S0034-75901998000400002

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Os autores declaram que tiveram contribuição de forma conjunta no desenvolvimento do texto. Desde a conceitualização e abordagem teórica-metodológica, revisão teórica (levantamento de literatura), redação e revisão final do manuscrito.

CC BY

ARTIGOS

Artigo convidado

Versão original | DOI: http://dx.doi.org/10.1590/S0034-759020210303

SESSENTA ANOS DE *RAE*: UM ITINERÁRIO DE CRÍTICAS, RESISTÊNCIAS E REINVENÇÕES

Sixty years of RAE: A journey of criticism, resistance and reinvention

Sesenta años de RAE: Una trayectoria de críticas, resistencias y reinvenciones

Carlos Osmar Bertero[1] | carlos.bertero@fgv.br | ORCID: 0000-0001-9813-088X

[1] Fundação Getulio Vargas, Escola de Administração de Empresas de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil

RESUMO

O artigo trata, de maneira reflexiva, do itinerário da revista ao longo dos seus 60 anos de existência, a partir da experiência do autor, que foi ligado à *RAE*-Revista de Administração de Empresas ao longo dessas décadas. Abordamos seu início como periódico pioneiro de Administração de Empresas ou Negócios, divulgando conceitos, teorias e práticas de origem predominantemente americana, até os dias atuais, em que emerge como revista que deixou para trás a sua origem generalista e passou a enfatizar áreas como Organização e Estudos Organizacionais, Estratégia e Gestão de Recursos Humanos ou Pessoas. No início, um periódico identificado com uma escola de Administração, a FGV EAESP, passou a uma revista nacional, abrigando autores, consultores e editores associados de outras instituições para, atualmente, laborar para fixar-se como periódico internacional, sendo publicado em português e inglês e atendo-se a tópicos contemporâneos majoritariamente de uma vertente crítica. A crescente sofisticação metodológica da revista e os temas publicados colocam-nos muito distantes dos primeiros anos, em que era uma revista que poderíamos considerar provinciana. Não há dúvida de que avançamos. Parabéns e felizes 60 anos à *RAE*.

PALAVRAS-CHAVE | Internacionalização, management, crítica, Periódico *RAE*, Gestão-teoria e prática.

ABSTRACT

This article reflectively deals with the course taken by the journal over the 60 years it has been in existence, based on the author's experience as someone who was been associated with RAE-Revista de Administração de Empresas for all these years. We deal with its beginning as a pioneering periodical of business administration that divulged concepts, theories and practices that are predominantly American in origin, until we reach today when it emerges as a journal that has left behind its generalist origin and has begun to emphasize areas such as Organization and Organizational Studies, Strategy and Human Resources or People Management. Initially as a journal that was identified with a business school, FGV EAESP, it became a Brazilian journal with its own authors, consultants and associate editors from other institutions, and today it is working to establish itself as an international journal that is published in Portuguese and English, and that deals with contemporary topics mostly from a critical perspective. The growing methodological sophistication of the journal and the topics it publishes are a far cry from the early years, when it was a journal we could consider to be provincial. There is no doubt that we have made progress. Congratulations and a happy 60 years to RAE.

KEYWORDS */ Internationalization, critical, management, RAE journal, management theory and practice.*

RESUMEN

El artículo trata, de manera reflexiva, la trayectoria de la revista a lo largo de sus 60 años de existencia, a partir de la experiencia del autor, que estuvo vinculado a la RAE-Revista de Administração de Empresas durante estas décadas. Abordamos su inicio como una revista pionera de Administración de Empresas o Negocios, difundiendo conceptos, teorías y prácticas de origen predominantemente estadounidense, hasta la actualidad, en la que surge como una revista que dejó atrás su origen generalista y comenzó a enfatizar áreas como Organización y Estudios Organizacionales, Estrategia y Gestión de Recursos Humanos o Personas. Lo que al principio era una revista identificada con una escuela de Administración, la FGV EAESP, se convirtió en una revista nacional, albergando a autores, consultores y editores asociados de otras instituciones y, actualmente, aúna esfuerzos para consolidarse como una revista internacional, publicada en portugués e inglés y que se atiene a temas contemporáneos, en su mayoría de aspecto crítico. La creciente sofisticación metodológica de la revista y los temas publicados nos alejan mucho de los primeros años, en los que era una revista que podríamos considerar provinciana. No cabe duda de que hemos avanzado. ¡Felices 60 años a la RAE!

PALABRAS CLAVE */ Internacionalización, management, crítica, Revista RAE, Gestión teoría y práctica.*

 CC BY

INTRODUÇÃO: UM POUCO DE CONTEXTO

A *RAE-Revista de Administração de Empresas* foi uma das primeiras revistas a tratar de Administração em nosso país. Foi precedida pela *RAUSP-Revista de Administração da Universidade de São Paulo* e pela *RSP-Revista do Serviço Público*, fundadas em 1947 e 1937, respectivamente. A *RAE*, iniciada em 1961, celebra, neste ano, o seu sexagésimo aniversário. Como tive a oportunidade e a honra de exercer por duas vezes o cargo de diretor responsável e editor da revista, fui gentilmente convidado pela atual diretora, Maria José Tonelli, a escrever este artigo neste número especial.

A revista foi a primeira dedicada a tratar especificamente de Administração de Empresas. Sua criação deu-se logo após a iniciativa da Fundação Getulio Vargas (FGV) de criar uma escola destinada à gestão empresarial na cidade de São Paulo, o que ocorreu em 1954. Ao lançar uma revista, a Escola de Administração de Empresas de São Paulo (EAESP) procurava criar um periódico que consolidasse sua presença no meio empresarial e acadêmico de São Paulo.

Com o passar dos anos e décadas, a revista consolidou-se, chegou à respeitável condição de sexagenária e sofreu diversas mudanças. Parodiando a biologia, onde os organismos vivos se transformam ao longo do tempo e em interação com seus ambientes, a *RAE* foi se transformando em interação não mais apenas com o ambiente empresarial e acadêmico paulista, mas tornou-se um periódico de alcance e repercussão nacional e, no momento, caminha para fixar-se no cenário internacional num mundo onde a academia e as empresas também se tornaram multilaterais.

O momento é de todo oportuno para que, sobrepondo-nos ao natural triunfalismo, se aproveite para lançar sobre a revista um olhar reflexivo e ver até que ponto o itinerário do periódico pode nos permitir ver o que se passou com a Administração, especificamente a empresarial, ao longo de seis décadas. Isso não é pouco, pelo fato de que o período contemplado foi um daqueles em que mais transformações ocorreram na história humana. Já foi apontado que os que viveram desde a Segunda Revolução Industrial, iniciada nos Estados Unidos e na Inglaterra ao redor de1880, até os dias de hoje testemunharam transformações em número e natureza que não tiveram precedente na história humana.

Nosso país passou, ao longo do século passado, por transformações que foram as maiores e mais importantes até agora registradas em nossa história. Da América portuguesa, passou-se a uma Monarquia Constitucional Parlamentarista, seguida de uma República Presidencialista. Essas transformações políticas não foram marcadas por substanciais transformações econômicas. O País, ao iniciar-se a Primeira República, ainda exibia uma economia pouco diferente do que havia sido o período colonial. Mas o século XX trouxe substanciais transformações, não só na economia, mas especialmente na sociedade e também na política. Não sendo um iluminista compulsivo, creio que as transformações não são necessariamente sempre melhores.

Sabidamente, emergimos economicamente ao longo do século passado a uma das maiores economias do mundo. Hoje, integramos o G20 e nosso Produto Industrial situa-se entre os maiores, infelizmente hoje em declínio. A *RAE* nasceu durante esse momento de grande pujança e transformações da economia brasileira, num crescimento capitaneado pelo desenvolvimento industrial, e a Escola da FGV, que a abrigava, criada para educar os novos profissionais de Administração, que deveriam dedicar-se a gerir a Administração privada ou empresarial, e especificamente as empresas industriais.

Este artigo seguirá uma linha livremente reflexiva. Outros textos já trataram da *RAE* usando metodologias diversas. Registro aqui o trabalho de Favaretto e Francisco (2017), em que uma metodologia de *data mining* é utilizada, revelando fatos e relações até inesperadas entre autores, e Tonelli (2018), em que a análise de conteúdo de material publicado pela revista e selecionado pela autora é realizada. Servi-me dos dois trabalhos, que me auxiliaram bastante a amadurecer o que a seguir escreverei. E não poderia deixar sem registro meus dois textos por ocasião do 45º e do 50º aniversários da *RAE* (Bertero, 2006, 2011).

 CC BY

A *RAE* refletiu e participou de mudanças importantes num campo de conhecimento e ação, caso da Administração, ainda em formação e sabidamente de patrimônio teórico exíguo e volátil. Isso pode ser encontrado ao longo das páginas da revista. Ela começou com um propósito do ponto de vista acadêmico bastante modesto, ou seja, divulgar no País conhecimento sobre uma área ainda emergente, que era a Administração de Empresas ou de Negócios. Não havia preocupação nem expectativa de originalidade ou discussões sobre rigor e relevância. Pressupunha-se que seria relevante publicar em português coisas que, mesmo sem acarretarem novidade para o campo da Administração, nunca tivessem sido publicadas no Brasil. Isso concretiza-se no elevado número de artigos traduzidos, quase sempre da língua inglesa e de publicações americanas, ao longo de muitos anos.

Não havia preocupação em equilibrar conteúdos práticos, que pudessem ser úteis aos profissionais de Administração com textos teóricos, mais de interesse dos escassos acadêmicos que então encontrávamos no País. Não devemos esquecer que o tempo integral para professores no magistério universitário público federal só avançou, alcançando um percentual expressivo de professores, nos anos 1970/80. Em instituições privadas, era praticamente inexistente, salvo raras exceções. Os professores de Administração entre nós, por muito tempo, ainda eram profissionais que dedicavam algumas horas ao ensino ou, posteriormente, professores que viviam exclusivamente do magistério, mas que, para sobreviver, tinham que atuar com frequência até mais de 40 horas semanais em sala de aula. Nada disso poderia caracterizar vida acadêmica como hoje a entendemos.

ALGUNS PONTOS NO ITINERÁRIO DA REVISTA

A revista nasceu, como a maioria das revistas estrangeiras dedicadas à Administração de Negócios ou Empresas, com um propósito generalista. Várias dessas revistas, ainda hoje, se mantêm como generalistas, caso da *Harvard Business Review*, da *California Management Review* e da *MIT Sloan Management Review*, mas a tendência é que se caminhe para periódicos especializados. Como revista generalista, os primeiros anos da *RAE* publicaram exclusivamente material referente a Administração de Empresas, e os artigos podiam ser classificados como encaixando-se nas diversas áreas funcionais da Administração. Com a devida liberdade, podemos dizer que tais áreas eram, então, as definidas por Fayol no seu clássico de 1925 (Fayol, 1990).

Mas, ao longo dos anos, a *RAE* não abandonou uma política editorial generalista, porém tendeu a privilegiar algumas áreas ou funções administrativas mais do que outras. É evidente a tendência de que encontremos um número maior de artigos voltados a Recursos Humanos, Organizações e Estratégia, e menor inserção de artigos dedicados às áreas de Finanças, Contabilidade Gerencial, Operações, Produção e *Marketing* e Informática. Nas duas ou três décadas iniciais da revista, poder-se-ia dizer que os professores dessas áreas eram mais voltados ao mercado profissional de consultoria, mas isso não é mais verdade para o que acontece após a década de 1990, quando os programas de pós-graduação, especialmente os *stricto sensu*, incluem professores com dedicação prioritária à docência e à pesquisa para as áreas referidas.

A Escola de Administração da FGV em São Paulo acabou por abrir um programa de graduação em Administração Pública em 1968. Temos, então, um experimento que foi bem-sucedido de manter sob o mesmo teto Administração de Empresas e Administração Pública. Isso levou a que a *RAE* passasse também a publicar, ao longo das décadas de 1970/80, material de Administração Pública. Mas cabe aqui uma observação. As publicações, bem como a própria natureza dos cursos de Administração Pública na Escola, eram mais voltadas à formulação de políticas públicas do que à gestão pública propriamente. Esses materiais declinam e praticamente desaparecem da *RAE* à medida que

 CC BY

surgem periódicos especificamente voltados à área pública, como a *RAP-Revista de Administração Publica*, ligada à Escola de Administração Pública e de Empresas (EBAPE) da FGV, iniciada em 1967, e *Organizações & Sociedade*, ligada ao programa de Administração da Universidade Federal da Bahia, iniciada em 1993.

A Administração não foi a única área a ser publicada pela revista. Administração, em nosso país, é classificada, desde longa data, como uma ciência social aplicada. De que ela seja aplicada, não há dúvida, mas de que seja uma ciência social há muitas dúvidas e reservas entre acadêmicos de Administração e, especialmente, entre os cientistas sociais. Não me parece que economistas, sociólogos, psicólogos sociais, antropólogos, cientistas políticos e historiadores vejam na Administração uma irmã. Talvez uma prima, até em segundo grau para alguns. Mas, como é inegável a proximidade e a mescla e uso de várias ciências sociais para certas áreas que, entre nós, constituem assuntos administrativos, fez com que muitas matérias publicadas possam ser vistas como tipicamente de ciências sociais, portanto poderiam encontrar publicação em periódicos especificamente devotados às ciências sociais respectivas.

Mas essas razões propriamente acadêmicas e até epistemológicas de tentar estabelecer limites e fronteiras entre as diversas ciências e áreas de conhecimento não explicam a razão política para que a *RAE* abrigasse matérias de ciências sociais durante um certo período. Refiro-me aqui ao período mais sombrio do Regime de Exceção que aqui se estabeleceu, que foi após a edição do Ato Institucional n. 5. O período foi classificado como o da Ditadura Escancarada (Gaspari, 2014) e, entre todas as repressões e desrespeitos para com os direitos humanos, cabe registrar uma clara perseguição às ciências sociais, que fez com que até a comunidade acadêmica internacional temesse pelo futuro das ciências sociais no País. Isso levou à censura e ao temor que passou a circundar autores e editores de periódicos acadêmicos de ciências sociais.

Devido à postura "tecnocrática" da FGV, suas escolas e periódicos foram relativamente preservados durante o sombrio momento. E isso fez com que a *RAE* pudesse abrigar material relativo a ciências sociais, especificamente economia, que continha críticas à política econômica do governo militar.

O momento nacional registrou simultaneidade entre o período mais sombrio da ditadura e o que os governantes autoproclamaram como o "milagre econômico", quando a economia brasileira registrou taxas sem precedentes de crescimento do Produto Interno Bruto, superiores a 10%. Mas, em tal cenário, a oposição ao regime não dispunha de veículos para expressar-se, uma vez que toda a imprensa, falada e escrita, encontrava-se censurada. E é conveniente lembrar aos mais jovens que ainda não tínhamos, nos anos 1960/70, a *web* e os onipresentes telefones celulares. Periódicos acadêmicos também estavam sujeitos a ser incomodados por censores do regime.

A revista publicou matéria econômica, tratando do tópico distribuição de renda, que era a crítica mais contundente e, na época, percebida como a única a ser feita contra a política econômica vigente, que era o aumento relativo da pobreza, por haver inegável concentração de renda.

O assunto da concentração de renda é atualmente matéria corriqueira em literatura econômica e de outras ciências sociais, e ocupa, inclusive, os economistas liberais ou neoliberais. Mas o tema era considerado, no período mais sombrio da ditadura, claramente subversivo, com todas as conotações e ameaças que tal adjetivação significava naquele momento.

Passado aquele momento e, em seguida, o encerramento do período ditatorial, a *RAE* não deixou de ocupar-se com ciências sociais. Seus conteúdos passaram a acolher materiais que poderiam igualmente encontrar publicação em periódicos dedicados às diversas ciências sociais.

A Administração de Empresas ou de Negócios tem sido apresentada como chegando ao Brasil a partir de uma influência decisiva americana. Muito se tem escrito e refletido, entre autores brasileiros, sobre a palavra *Management* e seu significado. Chegamos a ter até acaloradas críticas em que se prega o abandono definitivo

 CC BY

do *Management* americano e suas repercussões para encontrarmos, também, defensores que o enxergam como realmente bem-vindo e significando racionalidade, eficiência, eficácia e a promessa de uma Administração de melhor qualidade a serviço da sociedade.

Sem adentrarmos esse debate, seria equivocado tomar o *Management* como a única influência sobre a formação de um campo acadêmico e profissional da Administração no Brasil. Cabe se registrarem outras influências e, entre elas, cabe ressaltar as que vieram da Europa. Em ordem decrescente de importância, mencionaríamos o Reino Unido e a França. A importância da França é revista em artigo que está sendo publicado simultaneamente na *RAE*, de autoria de Jean-François Chanlat, sobre a influência francesa em nosso país. Ela é inegável e foi a maior entre as influências vindas da Europa até a década de 1950. A influência avassaladora dos Estados Unidos só se fez sentir a partir dos anos 1950/60 e ligada ao poderio daquele país como superpotência mundial. Esse movimento acarretou igualmente um triunfo da língua inglesa, que passou a ser praticamente uma língua franca para a academia e para o uso profissional. No Brasil, o francês desapareceu rapidamente, e hoje não é mais adotada como a principal língua estrangeira, ainda que os pensadores franceses tenham inegável impacto na Academia Brasileira de Administração.

No caso da *RAE*, é importante lembrar que as áreas de Organizações/Estudos Organizacionais e as disciplinas propedêuticas Sociologia, Economia, Psicologia, Ciência Política e, mais recentemente, Filosofia foram lecionadas na Escola de Administração da FGV em São Paulo por professores brasileiros que tiveram sua formação integralmente no Brasil nas áreas respectivas. Essas áreas, no Brasil e particularmente em São Paulo, foram implantadas no ensino superior a partir de missões universitárias francesas, baseadas na Universidade de São Paulo a partir da década de 1930/40, ou seja, desde os primeiros momentos da criação daquela universidade. Portanto, a marca de uma formação francesa está presente nas ciências sociais brasileiras, e isso se manifesta nos artigos predominantemente de orientação crítica das publicações da *RAE*.

A EAESP foi analisada como o resultado de um processo iniciado pela missão universitária americana da Michigan State University, que para cá trouxe uma concepção da gestão de empresas inteiramente identificada com o *Managment* americano, mas que, posteriormente, hibridizou-se com influências francesas e inglesas (Alcadipani & Bertero, 2014).

A governança da *RAE* também merece atenção. Iniciou-se como um periódico da FGV EAESP e publicando material quase exclusivamente de professores da escola. Gradualmente, foi ampliando o universo de autores abrangendo docentes de outras instituições nacionais. Apenas a partir do final dos anos 1990 é que, claramente, se ergue a questão de expansão do horizonte da revista e fazê-la parte de um projeto de internacionalização. Isso levou a que se debatesse e, finalmente, se passasse a publicar textos eventualmente em inglês, e atualmente estamos diante de uma revista bilíngue, onde todo o material publicado aparece em português e inglês.

Ainda com relação à governança, a revista criou, ainda no final do século passado, um Conselho Editorial, que passou também a ser integrado por membros de outras instituições, tanto brasileiras como de outros países. Por longo período, a revista tinha apenas um diretor, que era também o editor e responsável pela gestão da revista. Era apoiado por professores que atuavam como consultores, dando pareceres e sugerindo publicação ou rejeição. Foram os antecessores dos atuais *referees*, que têm um papel mais complexo e, frequentemente, podem chegar quase à condição de coautores anônimos de muito do que é publicado. Nessa linha, a revista aderiu à prática internacional, que chegou ao Brasil no final do século passado, de submeter todo o material a ser publicado a pelo menos uma *double blind review*. Entre os *referees*, incluíram-se professores de outras instituições nacionais e também de outros países.

EM CONCLUSÃO: A *RAE* HOJE

O que é a *RAE* hoje? Uma importante revista de Administração, não necessariamente ligada apenas a Administração de Empresas, mas incluindo, também, organizações sociais ou do terceiro setor e, eventualmente, matérias provenientes de ciências sociais que fazem fronteira com a Administração ou que são utilizadas pela Administração como instrumentos de análise e fontes de inspiração. Ocupa, na classificação de periódicos realizada pela CAPES, a qualificação A2, o que a reconhece como periódico de nível internacional. Embora não possua informação sobre a seletividade e a quantidade de submissões *versus* publicações, infiro que deva ser elevada, chegando a mais de uma dezena de submissões para cada artigo publicado. Isso indica o prestígio da revista e a busca por publicação em suas páginas de parte dos membros da comunidade acadêmica.

Editorialmente, também, atualizou-se, adicionando ao editor-chefe um conjunto de editores associados que não só o auxiliam com o elevado número de submissões, mas também se tornaram necessários devido à especialização da área e à impossibilidade de que uma única pessoa domine o amplo espectro que hoje constitui a área de Administração/Gestão.

Certamente, a *RAE* pode ser vista como refletindo e, simultaneamente, participando da criação de um campo acadêmico de Administração e, na sua origem, também influindo na prática da Administração, dirigindo-se à comunidade de profissionais de Administração (Tonelli, 2018). É truísmo, mas de afirmação necessária, reconhecer que a área de Administração sofreu muitas transformações e, consequentemente, a *RAE*, no seu conteúdo, acabou por fazer opções diante de todas as mudanças ocorridas.

Uma importante mudança na área foi o aumento da distância entre a academia e o mundo de profissionais de Administração. Isso levou a dicotomia não necessária entre rigor e relevância. Mas devemos reconhecer que é um problema difícil e sério que uma área que se pretende de prática e academicamente considerada uma ciência social aplicada enfrente tal situação. Nas áreas aplicadas, tomemos Engenharia, Medicina, Odontologia, entre outras, não se pode conceber um brilhante acadêmico que não seja igualmente um competente praticante daquilo que ensina e pesquisa. Ninguém imaginaria um cirurgião de tórax que nunca tivesse realizado cirurgias ou um ginecologista que nunca tivesse tocado uma mulher. Nessa encruzilhada e diante da inevitável dicotomia, a *RAE* é hoje menos envolvida com prática e aplicações do que foi nas décadas iniciais de sua existência. Deve-se reconhecer que isso ocorreu por causa das orientações dos autores e também pelas pressões que surgiram na área, em que os critérios de avaliação de periódicos científicos acabaram por ser fator importante na construção do fosso entre a teoria e a prática.

A revista, nos primeiros momentos de sua publicação, buscava compor números que fossem equilibrados, com artigos e resenhas cobrindo as várias áreas funcionais da Administração. Isso foi tendendo ao desaparecimento com a concentração de artigos mais nalgumas áreas (Organizações e Estudos Organizacionais, Estratégia e Recursos Humanos) do que noutras. Igualmente, verificou-se uma preocupação com a edição de números tópicos que acabaram por gerar o Fórum. Todavia, não existe uma regularidade na publicação de um Fórum. Isso depende de decisão do diretor responsável, de editores associados ou de iniciativas de acadêmicos que se voluntariam para coordenar um tópico específico. Mas, ao fim e ao cabo, a *RAE* é atualmente uma revista menos voltada à prática ou à gestão e mais à publicação do material que se encaixe no que é exigido para ser ranqueada como periódico científico segundo padrões internacionais. Claramente, o que é prático, aplicado ou gerencial perdeu espaço relativo na revista.

Acredito que poucos discordariam de que o Brasil é um país anacrônico. E a *RAE*, durante as duas primeiras décadas de existência, poderia, talvez, ser vista como periódico que não publicava necessariamente a vanguarda.

 CC BY

Mimetizava o que vinha de fora, majoritariamente dos Estados Unidos. A partir do final do século passado, a *RAE* deixou de ser um periódico divulgador e passível de anacronismo para se tornar uma publicação divulgadora de temas, problemas e questões de fato contemporâneas para a Administração. Isso se reflete igualmente no cuidado com as metodologias utilizadas para a geração dos artigos que se publicam e na própria temática. De fato, acho que não seria exagero afirmar que os primeiros números são documentos e testemunhos históricos, mas podem ser também entendidos como frestas para que se vislumbre um museu da Administração.

A revista internacionalizou-se. A inserção internacional passou a ser parte da política educacional brasileira. Programas governamentais e os critérios de avaliação gerados pela CAPES e pelo CNPq e outras organizações estaduais e locais que fomentam a pesquisa pressionaram e ainda pressionam pela internacionalização. Isso inclui, como linha de frente desse processo, os periódicos. A *RAE* passou a publicar material de autores estrangeiros, incluiu professores de outros países como *referees*, designou estrangeiros para o seu Conselho Editorial e tem organizado Fóruns com a participação de organizadores e autores estrangeiros. Todavia, internacionalizar não é tarefa fácil para um periódico de um país que ainda é visto como mais periférico do que central na atual estratificação internacional. E o português é uma barreira no processo de internacionalização O português é uma das línguas mais faladas do mundo em número de parlantes, mas majoritariamente analfabetos funcionais. O português não é claramente uma língua de cultura. Entenda-se por isso uma língua que se apreende independentemente do interesse que se possa ter pela história, literatura e cultura dos que falam a língua. Mas a *RAE* superou essa barreira, tendo se tornado uma revista bilíngue.

Uma característica importante na *RAE*, hoje, é que ela tem como traço distintivo publicar matérias que são de natureza crítica. A hibridização da Escola que a abriga acabou por marcar a revista. Antes de influências diretas vindas da Europa em oposição ou complementação, dependendo do caso, da influência americana, a revista já teve colaboradores que se fixaram como claramente de um conteúdo crítico. Autores como Henrique Rattner, Mauricio Tragtenberg, Fernando Claudio Prestes Motta e Luiz Carlos Bresser-Pereira publicaram nas duas primeiras décadas de existência da revista. Essa tendência acentuou-se com o passar dos anos, e hoje podemos afirmar que um traço distintivo do periódico é a adoção de uma postura crítica, publicando conteúdos que se enquadram na apresentação que encontramos no *site* da Divisão CMS-Critical Management Studies da Academy of Management.

Desde sua origem até recentemente, a Academy of Management era indiscutivelmente americana e portadora do *mainstream* do *Management* americano. Mas, gradualmente, a Academy mudou, iniciando um processo de internacionalização, e hoje ainda carrega traços de sua origem, mas já engloba pessoas do mundo inteiro. E foi dessa maneira, receptiva a autores de outros países e culturas, que também passou a abrigar, em seus diversos comitês e eventos, pessoas que se distanciavam e mesmo se opunham ao chamado *mainstream*. Nesse contexto, acabou-se caminhando para a criação de uma divisão que abrigasse participantes da Academy representando as diversas tendências críticas. Outro desdobramento foi a criação de um espaço crítico nas diversas revistas publicadas pela Academy of Managment. Mas, pode-se dizer, a *RAE* foi pioneira ao debater criticamente os princípios e práticas da Administração de Empresas.

A lista de tópicos que pertencem a uma abordagem crítica em Administração e Gestão inclui questões de gênero, com ênfase em tópicos próprios do feminismo, que busca igualdade de condições efetivamente entre os gêneros. Igualmente, questões de homossexualidade e transexualidade. Esses tópicos envolvem a participação de mulheres e a questão LGBTQ+ no mundo da Administração. Sabidamente, ainda que hajam avanços, existe um forte preconceito para aceitação desses grupos em posições de comando, tanto na linha executiva como em assessorias nas organizações.

 CC BY

A Revista apresenta artigos com críticas ao mundo empresarial, especialmente à maneira como são geridas atualmente as grandes sociedades anônimas ou corporações, voltadas prioritariamente aos acionistas e considerando, por vezes, marginalmente outros *stakeholders* como empregados, consumidores, fornecedores e a comunidade.

Como coluna mestra de suas estratégias, privilegiar acionistas pode resultar e tem resultado em práticas que não contribuem necessariamente ao bem-estar social e à sustentabilidade, seja da sociedade, do ambiente ecológico ou das próprias empresas e do sistema econômico em médio e longo prazos.

A postura crítica tem adotado atitude de reservas e contestação com teorias organizacionais e estratégias de negócios que se apoiam majoritariamente em sociologias do tipo funcionalista e doutrinas econômicas liberalizantes. A abordagem crítica não tem poupado o projeto globalizador, levando a que se adotem abordagens mais recentes, como o pós-colonialismo.

Também caberia observar a abordagem crítica da área de Recursos Humanos ou Gestão de Pessoas, que tem norteado muitas das publicações da *RAE* nos últimos anos. Há uma grande reserva com relação ao tratamento de seres humanos como recursos produtivos, e apela-se em oposição ao conceito de gestão não de recursos, mas de pessoas. Isso leva a que se revejam as relações entre superiores/subordinados e também entre pares no local de trabalho e, claramente, à questão das minorias étnicas e também culturais. Nessa área de gestão de pessoas, vista criticamente, pode ser observado o cruzamento de vários preconceitos como obstáculo a carreiras e promoções, discriminação salarial, discriminação nos processos de seleção e avaliação de desempenho contra minorias étnicas, culturais e devido a gênero.

O que me resta dizer, para finalizar, é que só podemos cumprimentar a atual direção da *RAE* e seus editores associados, os que têm colaborado como *referees*, o corpo gerencial da revista e os muitos autores e autoras que escreveram para que a revista vivesse e continuasse a viver ao longo de 60 anos. Que ela continue a expressar e moldar os caminhos da Gestão por um longo futuro.

REFERÊNCIAS

Alcadipani, R., & Bertero C. O. (2014). Uma escola norte-americana no ultramar? Uma historiografia da EAESP. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *54*(2), 154-169. doi: 10.1590/S0034-759020140204

Bertero, C. O. (2006). A *RAE* nos seus quarenta e cinco anos. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *46*(2), 114-117. doi: 10.1590/S0034-75902006000200008

Bertero, C. O. (2011). Meio século de *RAE*. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *51*(3), 224-226. doi: 10.1590/S0034-75902011000300002

Favaretto, J. E. R., & Francisco, E. R. (2017). Exploração do acervo da *RAE-Revista de Administração de Empresas* (de 1961 a 2016) à luz da bibliometria, Text Mining, Rede Social e Geoanálise. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *57*(4), 365-390. doi: 10.1590/s0034-759020170407

Fayol, H. (1990). *Administração industrial e geral: Previsão, organização, comando, coordenação e controle*. São Paulo, SP: Editora Atlas.

Gaspari, E. (2014). *A ditadura escancarada*. Rio de Janeiro, RJ: Editora Intrínseca.

Tonelli, M. J. (2018). Revistas científicas em Administração: O papel histórico da *RAE-Revista de Administração de Empresas* na construção do campo acadêmico em Administração no Brasil. *Cadernos EBAPE*, *16*(Edição Especial). doi: 10.1590/1679-395173941

CONTRIBUIÇÃO DO AUTOR

O autor declara que realizou todas as etapas de desenvolvimento do estudo. Desde a conceitualização, a revisão teórica (levantamento de literatura), e por fim, redação e revisão final do artigo.

ARTIGOS

Artigo convidado
Versão original | DOI: http://dx.doi.org/10.1590/S0034-759020210304

DEPOIS DO CAPITALISMO, O GERENCIALISMO DEMOCRÁTICO

After capitalism, democratic managerialism

Después del capitalismo, el gerencialismo democrático

Luiz Carlos Bresser-Pereira[1] | bresserpereira@gmail.com | ORCID: 0000-0001-8679-0557

[1] Fundação Getulio Vargas, Escola de Administração de Empresas de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil

RESUMO

A partir do final dos anos 1970, o capitalismo experimentou uma fase regressiva – o capitalismo neoliberal financeiro-rentista – e, desde 2008, entrou em crise terminal. Os capitalistas deixaram de controlar o processo de acumulação de capital e inovação que os legitimava, e o capitalismo deixou de produzir desenvolvimento econômico e progresso humano. Em seu lugar, está surgindo uma nova organização social, que o autor denomina "gerencialismo democrático", no qual a classe dos gerentes ou tecnoburocratas voltou a se fortalecer e a constituir o núcleo da nova coalisão de classes dominantes. Ao mesmo tempo, a democracia vem enfrentando bem o desafio autoritário, e é possível prever que ela se aprofundará no gerencialismo democrático.

PALAVRAS-CHAVE | Capitalismo, neoliberalismo, gerencialismo, democracia, progresso humano.

ABSTRACT

Since the end of the 1970s, capitalism experienced a regressive phase – neoliberal rentier-financier capitalism – and, since 2008, has entered a terminal crisis. Capitalists ceased to control the process of capital accumulation and innovation that legitimized them, and capitalism stop to produce economic development and human progress. In its place, a new social organization is emerging that the author calls "democratic managerialism", in which the class of managers or technobureaucrats once again became stronger and constituted the nucleus of the new dominant class coalition. At the same time, democracy has been facing the authoritarian challenges well and it is possible to predict that it will deepen in democratic managerialism.

KEYWORDS */ Capitalism, neoliberalism, gerencialism, democracy, human progress.*

RESUMEN

Desde finales de la década de 1970, el capitalismo experimentó una fase regresiva – capitalismo neoliberal financiero-rentista – e, desde 2008, ha entrado en una crisis terminal. Los capitalistas dejaron de controlar el proceso de acumulación de capital e innovación que los legitimaba, y el capitalismo dejó de producir desarrollo económico y progreso humano. En su lugar, está emergiendo una nueva organización social que el autor denomina "gerencialismo democrático", en la que la clase de gerentes o tecnoburocratas nuevamente se fortaleció y constituyó el núcleo de la nueva coalición de clases dominante. Al mismo tiempo, la democracia ha enfrentado bien los desafíos autoritarios y es posible predecir que se profundizará en el gerencialismo democrático.

PALABRAS CLAVE */ Capitalismo, neoliberalismo, gerencialismo, democracia, progreso humano.*

 CC BY

Há 60 anos, em maio de 1961, foi lançado o primeiro número da *RAE*. Dois anos antes, eu havia sido admitido por concurso na EAESP/FGV e escrevi, então, meu primeiro *paper*. Era uma tarefa que os membros da missão da Michigan State University davam aos novos professores antes que eles fossem para os Estados Unidos para fazerem seu MBA. Meu *paper*, escrito em inglês, "The rise of the middle-class and middle management in Brazil" (Bresser-Pereira, 1962), foi minha primeira incursão na questão do surgimento da nova classe gerencial ou tecnoburocrática, ao mesmo tempo que era uma análise do desvirtuamento das revoluções socialistas em direção ao estatismo. Meu ensaio devia ter sido publicado no primeiro número da *RAE*, mas seu primeiro editor, meu querido amigo e colega já falecido, Raimar Richers, apostou demais no método científico e entendeu que meu trabalho "não tinha base empírica suficiente". Estávamos em março de 1960, eu de partida para os Estados Unidos; chegando lá, submeti-o ao *Journal of Inter-American Studies*, que o publicou sem solicitar qualquer alteração. O tema da emergência de uma terceira classe no capitalismo foi muito discutido naquela época e teve seu grande momento com a publicação do grande livro de James K. Galbraith (1968), *O novo estado industrial*, no qual argumentou sobre o surgimento da "tecnoestrutura".

Os 18 meses que passei nos Estados Unidos foram de estudo intenso. Fiquei, então, impressionado com o desenvolvimento daquele país – não apenas o desenvolvimento econômico, mas também o desenvolvimento político. Naquele momento, os Estados Unidos eram o país mais rico e poderoso do mundo, e o padrão de vida de todas as classes não parava de aumentar; eram uma sociedade branca coesa que estava começando a enfrentar com firmeza o racismo e o sistema *Apartheid*; eram não apenas o exemplo de economia, mas também de democracia para o mundo. Eu e minha mulher, Vera Bresser-Pereira, tivemos oportunidade de assistir na TV aos famosos primeiros debates presidenciais, nos quais se enfrentaram John Kennedy e Richard Nixon; eram dois políticos brilhantes que, em seu debate, concordaram em tudo, mostrando o quão integrada era a sociedade americana naquele tempo.

O quadro, hoje, é muito diferente. Os Estados Unidos ainda são o país mais poderoso no plano econômico e militar, mas está perdendo sua hegemonia para a China. É um país preso a um liberalismo econômico ineficiente que, desde 1980, é a causa principal de taxas de crescimento muito baixas, de um enorme aumento da desigualdade e da estagnação do padrão de vida da metade mais pobre. É uma sociedade que perdeu coesão, que deixou de partilhar crenças e objetivos. Tem um sistema político em que a democracia se deteriorou e já não é mais exemplo para ninguém, em uma plutocracia que elege políticos sem real apoio popular e abriu oportunidade para que políticos populistas de direita pudessem se eleger presidentes – uma coisa inimaginável há 60 anos.

O que aconteceu neste tempo e levou os Estados Unidos a esta decadência? O fato histórico novo que levou o grande país e, com ele, boa parte do capitalismo rico à crise dos últimos 12 anos foi a Virada Neoliberal que ocorreu no Reino Unido e nos Estados Unidos em torno de 1980, com a eleição de Margareth Thatcher e Ronald Reagan para o comando desses dois países. Foi uma escolha errada do ponto de vista econômico; os Estados Unidos, que sempre foram um país desenvolvimentista (embora seus políticos fizessem um discurso liberal), que mantiveram tarifas aduaneiras altas até 1939 (a política industrial definidora de um regime de política econômica desenvolvimentista), de repente mudaram radicalmente de rumo e passaram a adotar um liberalismo econômico incompatível com seu próprio desenvolvimento econômico. Foi uma escolha errada no plano social, porque implicou aumento da desigualdade, e no plano político, porque significou a troca do republicanismo por um liberalismo político individualista.

Enquanto o liberalismo político vê a liberdade apenas como o direito do indivíduo de fazer aquilo que bem entender desde que não seja contra a lei, o republicanismo a vê como o objetivo a ser alcançado pela sociedade e como uma obrigação dos seus líderes políticos de defender o interesse público mesmo que ele contrarie seus

próprios interesses. Essa era a visão da coisa pública que orientou os *founding fathers* no tempo da sua independência. Eles combinavam de maneira dialética duas ideologias opostas, o republicanismo e o e liberalismo. J. G. A. Pocock (1975) demonstrou esse fato em livro definitivo de 1975, *The machiavellian moment*. Esse republicanismo era ainda forte nos Estados Unidos de 1960 e moderava o liberalismo. Dou apenas dois exemplos relacionados com o Presidente John Kennedy: sua célebre frase, "Ask not what your country can do for you – ask what you can do for your country" – e o livro que publicou cinco anos antes de ser eleito presidente, quando era senador, *Profiles on courage*, no qual ele escolheu oito senadores para contar sua história, adotando como único critério de escolha ter cada um deles, em determinado momento de sua vida política, tido a grandeza de adotar a política que entendia consultar os interesses da nação americana, embora as forças políticas que o elegiam fossem contrárias a ela. Com a virada neoliberal, o republicanismo foi esquecido, e a sociedade americana ficou à mercê de um liberalismo econômico ineficiente e de um individualismo político reacionário.

FASES DO CAPITALISMO

Para entender o capitalismo, eu o divido em quatro fases segundo sua classe dirigente: Capitalismo dos Mercadores, Capitalismo dos Empresários, Capitalismo dos Gestores, e Capitalismo dos Rentistas e Financistas. Para fazer essa periodização, considero a Grã-Bretanha e a França, os dois países que passaram por todas essas fases.

A primeira fase, o Capitalismo dos Mercadores, cobre do século XVI a meados do XVIII e marca a transição do feudalismo para o capitalismo. Foi nessa fase que ocorreu a Revolução Capitalista – a formação do estado-nação e a revolução industrial naqueles dois países. A segunda fase, o Capitalismo dos Empresários, ocorreu entre o início do século XIX, quando a Revolução Industrial terminou na Inglaterra e na França, e a crise de 1929, que desmoralizou o liberalismo econômico; foi o capitalismo que Adam Smith e Marx analisaram, o primeiro saudando seu aparecimento e acentuando o papel do mercado na sua coordenação, o segundo o definindo como um modo de produção baseado na acumulação de capital com incorporação de progresso técnico e fazendo sua crítica.

Ainda nessa fase, no final do século XIX, acontece nos Estados Unidos a Segunda Revolução Industrial, que também denomino Revolução Organizacional, e começa a terceira fase – a do Capitalismo dos Gestores. Os gestores privados emergem nas grandes empresas privadas e, somados a uma também crescente burocracia pública, formam uma nova classe dos gestores ou classe tecnoburocrática. Os gestores passam, então, a substituir os empresários na administração das empresas. É a fase em que os Estados Unidos são o poder hegemônico, e o capitalismo deixa de ser liberal para ser desenvolvimentista ou keynesiano – passa a implicar uma intervenção moderada do Estado na economia. E passa também a ser social-democrático, porque nessa fase temos a construção do Estado do bem-estar social, principalmente na Europa. Foi, finalmente, a fase na qual o capitalismo viveu seu grande momento – os Anos Dourados do Capitalismo – um período de forte crescimento, estabilidade financeira e diminuição das desigualdades.

Não obstante esses bons resultados e o fato importante de que a classe gerencial estivesse longe de haver esgotado as contribuições que podia oferecer ao crescimento econômico, uma crise econômica moderada, nos anos 1970, envolvendo a queda da taxa de lucro e o surgimento nos Estados Unidos da estagflação, possibilitou a virada neoliberal. Temos, então, o Capitalismo dos Rentistas e dos Financistas ou Capitalismo Neoliberal, no qual os empresários são substituídos pelos rentistas, agora na *propriedade* das grandes empresas. O capitalismo retorna ao liberalismo econômico, enquanto sobem ao poder os "financistas", que, falando em nome dos

 CC BY

rentistas, montam uma guerra não apenas contra a burocracia pública, mas também contra a classe gerencial privada. Os altos executivos privados não podiam ser expulsos da coalizão de classes porque dirigiam as grandes empresas, mas se tornaram os adversários prediletos dos *stockholders*. E os financistas são também gestores, geralmente com mestrados em Administração de Empresas (MBAs), senão com doutorados em Economia, que assumiram a gestão da riqueza dos rentistas e passaram a desempenhar o papel de intelectuais orgânicos do capitalismo neoliberal financeiro-rentista.

Para legitimar o liberalismo econômico, esses financistas recorrem à teoria econômica neoclássica – uma teoria econômica que voltou, a partir da virada neoliberal, a ser dominante nas universidades e pretende dar fundamento "científico" à ideologia neoliberal. Essa fase, ao excluir o Estado e tentar tornar o mercado a única instituição de coordenação econômica do capitalismo, se caracterizará por baixo crescimento, alta instabilidade financeira e brutal aumento da desigualdade. Por isso, de modo não surpreendente, ela termina cedo, com a grande crise financeira de 2008. Desde então, o liberalismo econômico está mais uma vez desmoralizado; as economias ricas crescem de maneira muito lenta, os bancos centrais emitem moeda para reduzir a taxa de juros que se torna negativa, caracterizando-se uma "estagnação secular", e também para financiar a despesa pública durante a pandemia da Covid-19, sem que a demanda esquente e haja inflação. A partir da eleição de Donald Trump nos Estados Unidos e do referendo do Brexit no Reino Unido, os dois fatos ocorrendo em 2016, um populismo de direita surgiu como uma reação irracional ao fracasso do neoliberalismo, em especial sua incapacidade de enfrentar o problema do desemprego causado pela competição fracassada com a China. Como as três fases anteriores foram sempre "progressistas", no sentido de que levaram o capitalismo a avançar no plano do desenvolvimento econômico, social e político, e como o capitalismo neoliberal dos rentistas e financistas foi um período de grave retrocesso, talvez seja melhor não considerar essa uma verdadeira fase do desenvolvimento capitalista, mas um mero desvio reacionário.

Uma construção humana

No livro que estou escrevendo, *Rentiers-Financiers' capitalism and after,* critico os analistas de esquerda que não distinguem o neoliberalismo do capitalismo e rejeitam qualquer ideia de progresso no capitalismo, o criticam e preveem seu colapso iminente – ver, por exemplo, Dardot e Laval (2009). Um erro semelhante é dizer que o neoliberalismo é "a verdadeira face" do capitalismo e que os Anos Dourados teriam sido uma exceção. Esse é, por exemplo, o argumento adotado por Wolfgang Streeck (2011) quando afirma que "não são *les trente glorieuses*, mas a série de crises que se seguiram que representam o capitalismo democrático normal" (pp. 5-6). Essa visão faria sentido se entendêssemos o capitalismo como um fenômeno "natural", e não como resultado de uma *construção* social; se acreditássemos que os humanos nada mais foram do que joguetes em um processo histórico em que a vontade e a ação humanas estão ausentes. Essa é uma naturalização equivocada da história. Ignora que capitalismo é uma forma de sociedade regulada por duas grandes instituições – o Estado e o mercado – que, como todas as instituições, foram construídas pelos humanos. Pode-se dizer que essa construção é em parte "inconsciente". De fato, Marx e Engels, com o materialismo histórico e o conceito de ideologia, deram uma contribuição importante para a compreensão das sociedades humanas e seu desenvolvimento. Mas, mesmo em sua época, e certamente ainda mais hoje, os humanos tinham objetivos políticos que eles incorporavam nas instituições – particularmente na maior delas, o Estado.

O Estado moderno é o sistema constitucional-legal e a organização dotada de poder coercitivo que o garante; é o principal instrumento de ação coletiva da nação. Pelo menos desde as três revoluções fundadoras

 CC BY

do Estado moderno – a Revolução Gloriosa, a Revolução Americana e a Revolução Francesa – o Estado moderno é a instituição que surge com o capitalismo para definir e fazer cumprir os objetivos políticos finais (segurança, liberdade individual, melhoria dos padrões de vida, justiça social e proteção do meio ambiente), bem como os objetivos instrumentais (um estado-nação autônomo e democrático) que as sociedades modernas definiram para si próprias desde o século XVIII. O capitalismo foi o primeiro modo de produção a experimentar o desenvolvimento econômico e o "progresso humano", que defino como o processo histórico por meio do qual cada nação avança na realização desses objetivos. Assim, o capitalismo, hoje, não é uma forma natural de sociedade, mas uma organização social voltada formalmente para a realização desses objetivos políticos, é o primeiro modo de produção no qual houve desenvolvimento econômico e algum progresso humano. Um progresso limitado e insatisfatório, mas que não pode ser ignorado.

Os estados-nação hoje existentes são, portanto, o resultado da ação coletiva da nação para se criar uma sociedade política melhor. Nesse processo, os indivíduos e as organizações defendem seus próprios interesses como se fossem os interesses de todos, e, em consequência, as nações, muitas vezes, experimentam regressões históricas. Afinal, porém, o vetor dialético não só dos interesses de classe e dos acordos políticos, mas também dos princípios republicanos e solidários, que igualmente orientam a ação humana, resulta em progresso humano.

A seção anterior deste artigo é um resumo do primeiro capítulo do livro que estou escrevendo, *Financiers-Rentiers' capitalism and after*, no qual discuto o retrocesso econômico e político que o capitalismo neoliberal financeiro-rentista representou a partir de 1980, e mostro que, desde 2008, ele enfrenta uma crise terminal. Pergunto-me, então, o que se pode esperar em seguida, e minha resposta, no último capítulo, é otimista. Proponho que está surgindo uma nova forma de organização social que denomino "gerencialismo democrático". Antes de começar a escrever esse livro, eu era crítico dos que afirmavam que o capitalismo estava morrendo; o que está morrendo, eu dizia, é o capitalismo neoliberal. Revi, porém, essa posição quando me convenci de que a classe capitalista e o capitalismo haviam esgotado sua capacidade de promover o desenvolvimento econômico e, mais amplamente, o progresso humano e, afinal, vi surgirem pistas indicando a emergência de uma nova forma de organização social posterior ao capitalismo que denomino "gerencialismo democrático". Essa formação social não é uma fase do capitalismo, mas um novo modo de produção, que se configura quando a burguesia é substituída pela classe profissional no processo de acumulação de capital. A classe dominante será agora a classe gerencial pública e privada. Na nova coalizão de classes, a classe capitalista terá um papel secundário, na medida em que, a cada dia, se acelera a transferência do controle da acumulação de capital dos capitalistas para os gestores das grandes empresas privadas e as decisões de política econômica que estimulam ou desencorajam essa acumulação, para os políticos profissionais e servidores públicos.

A partir daqui, eu resumo o último capítulo desse livro. Argumento que o gerencialismo democrático que está surgindo será gerencialista porque a liderança no processo de investimento passou da classe capitalista para a gerencial; será democrático porque a democracia foi uma conquista histórica da classe trabalhadora e da classe média nos países capitalistas mais avançados na virada do século XIX para o XX e se tornou um regime político consolidado nesses países. Ao ser ameaçada, como vem sendo há 40 anos pelo neoliberalismo, que é autoritário, e mais recentemente pelo populismo de direita, mostra força e resistência, e assim se fortalece*. A democracia não apenas não está morrendo, mas prospera e será definidora da nova organização social. O gerencialismo democrático dificilmente será tão progressista nesta sua primeira fase como foram os Anos Dourados

* Defendi essa tese no ensaio publicado pela *Lua Nova* em 2020, "Não é a democracia que está morrendo. É o neoliberalismo que fracassou" (Bresser-Pereira, 2020).

 CC BY

do Capitalismo, porque o problema da competição dos países em desenvolvimento não foi resolvido e continua a pressionar os salários nos países ricos. Mas, como prevejo que será desenvolvimentista, poderá levar os países mais avançados a voltarem a crescer e a aumentarem os padrões de vida.

Democracia republicana, social e desenvolvimentista

Quando Marx analisou o capitalismo, a nova classe capitalista compartilhava poder e privilégio com a aristocracia decadente. Para ele, essa seria a primeira e a última fase do desenvolvimento capitalista, porque logo a queda da taxa de lucro determinaria o colapso econômico, enquanto uma revolução socialista marcaria o fim do capitalismo. Em vez disso, o que aconteceu na virada do século XIX foram a Revolução Organizacional, que deu origem à nova classe gerencial, e, com o sufrágio universal, a Revolução Democrática, que deu algum poder ao povo para defender os seus interesses. Ele também não previu que, uma vez que a Revolução Industrial e capitalista fosse realizada por cada país, ela desencadearia um desenvolvimento econômico sustentado, o aumento dos padrões de vida e a mudança do fator estratégico de produção do capital para o conhecimento técnico e organizacional.

A lógica do surgimento de uma nova organização social está hoje ligada, por um lado, à demanda das sociedades modernas por progresso humano e, por outro, ao fato de que o avanço da democracia vem tornando o povo mais ouvido. O capitalismo tornou-se a forma dominante de organização de todas as sociedades modernas quando se revelou mais capaz de gerar riqueza e aumentar os padrões de vida do que o feudalismo e o escravismo, e, mais tarde, capaz de se adaptar ao surgimento da democracia. Mas foi sempre um modo de produção marcado pela desigualdade. Agora, após a virada neoliberal de 1980 e a crise de 2008, quando a desigualdade econômica está atingindo novos máximos, o capitalismo não está se revelando capaz de gerar uma taxa de crescimento satisfatória, muito menos de reverter o processo neoliberal de concentração da renda, e mostra pouca capacidade de controlar as mudanças climáticas. Está, assim, se tornando evidente que o capitalismo esgotou sua capacidade de promover o progresso humano. Por outro lado, as elites capitalistas perderam o controle da acumulação de capital. Terceiro, a indignação não só da classe trabalhadora, mas também da classe média, com os maus resultados econômicos aumenta a cada dia os conflitos e a polarização política. Quarto, não está clara para os atores políticos qual será a saída, mas começam a surgir pistas de como será a nova organização social que nascerá dessa crise generalizada.

O capitalismo é um modo de produção dinâmico no qual uma coalizão de classes dominada pela classe capitalista comanda o processo de desenvolvimento econômico. Hoje, porém, os empresários capitalistas que ainda existem perderam força econômica e política. A solução para essa dificuldade, que venho discutindo comigo mesmo há algum tempo, é uma solução pós-capitalista. Tenho argumentado nesse livro que só poderíamos prever o fim do capitalismo se surgisse uma alternativa. O gerencialismo democrático pós-capitalista deverá ser essa alternativa. Deverá ser uma formação social gerencial porque a classe gerencial será a classe dominante; democrática porque um determinado tipo de administrador, o político profissional eleito democraticamente, terá sua legitimidade e poder político ampliados.

A democracia que resultou inicialmente da Revolução Democrática era uma democracia mínima (a garantia do Estado de Direito, dos direitos civis e do sufrágio universal), mas, desde então, a democracia estendeu-se também para os países de renda média, e a qualidade da democracia tendeu a melhorar. Nesse desenvolvimento econômico e político, a democracia transformou-se em um valor universal, não apenas em uma forma de governo, mas também em uma ideologia progressista.

 CC BY

Hoje, a democracia é o único regime político dotado de legitimidade social. É instrumental para a realização dos objetivos políticos que as sociedades modernas definiram para si mesmas. No início do século XX, a primeira forma de democracia foi a democracia de elite ou democracia liberal; após a Segunda Guerra Mundial, principalmente na Europa, a democracia tornou-se republicana, social e desenvolvimentista; tornou-se republicana porque um número razoável de cidadãos e de políticos passou a agir de maneira cívica ao invés de liberal, porque deram prioridade ao interesse público ao invés de a seus interesses particulares, como supõe o individualismo liberal; tornou-se social, porque, além dos direitos civis e dos direitos políticos, os direitos socais passaram a ser considerados, e surgiu o Estado do bem-estar social; tornou-se desenvolvimentista ao invés de liberal, porque viu na intervenção moderada do Estado na economia um instrumento para o desenvolvimento econômico e o progresso humano em vez de ver o Estado como mero garantidor da propriedade e dos contratos. Embora a transição para uma democracia participativa caminhe lentamente nos países democráticos mais avançados, como a Dinamarca e a Suíça, minha previsão é que a democracia continuará a progredir porque a pressão da classe trabalhadora e das classes médias por mais participação política continuará a se aprofundar.

Nos últimos anos, enquanto o capitalismo neoliberal estava chegando ao fim, ele produziu o populismo de direita expresso, em 2016, na eleição de Donald Trump nos Estados Unidos e no referendo do Brexit na Grã-Bretanha. A reação da sociedade e das instituições democráticas a essa ameaça mostrou que a democracia é uma conquista definitiva da humanidade.

Novos fatos históricos por trás do gerencialismo democrático

Quais são os novos fatos históricos por trás do surgimento do gerencialismo democrático? Proponho quatro, dos quais o fracasso do capitalismo neoliberal é o primeiro e o mais óbvio. Os outros três são a incapacidade da classe rentista de controlar o processo de acumulação de capital e, de modo mais geral, sua incapacidade de governar; a ascensão da classe profissional cujas potencialidades não haviam ainda sido exauridas quando, em 1980, a virada neoliberal a desalojou da coalizão governante; e o fortalecimento da democracia, que, sob ameaça do neoliberalismo e, mais recentemente, do populismo de direita, mostra que é a grande conquista política da classe trabalhadora e das classes médias.

A pobreza ou a falta de capacidade de governança da coalizão de classes rentistas-financistas é nosso segundo novo fato histórico. Nas três fases anteriores do desenvolvimento capitalista (as fases mercantilista, industrial e gerencial), foi confirmada a previsão de Marx de que os detentores do capital manteriam o controle da sociedade assim que o país se tornasse totalmente capitalista. Nas três fases, os capitalistas (os comerciantes, os empresários e os administradores) não eram apenas aproveitadores privilegiados; eles desempenharam um papel de liderança no processo de produção. Eles não eram simplesmente pessoas ricas tornando-se cada vez mais ricas. Eram também uma espécie de delegados da sociedade encarregados de conduzir o processo de acumulação de capital e inovação, do qual depende o crescimento econômico. Foi seu papel fundamental no desenvolvimento capitalista que justificou e apoiou seu poder e riqueza. Não é o caso dos rentistas, que ou são recipientes ociosos de rendas associadas passivamente aos financiadores, ou são também especuladores financeiros. Não têm justificação para o seu poder e rendimentos, mas, como são os detentores do capital, continuam a ser a classe dominante. Essa, no entanto, não é uma condição sustentável, e é uma das explicações de por que o capitalismo dos rentistas-financistas neoliberais teve vida curta – prosperou apenas por 28 anos. É um argumento essencial por trás de minha afirmação de que, na nova forma de organização social que está

 CC BY

crescendo, os detentores do capital não serão a classe dominante. Enquanto o capitalismo era o capitalismo dos empresários, os capitalistas eram centrais para o processo de desenvolvimento; perdeu parte de sua funcionalidade quando, no capitalismo dos gerentes, os gerentes substituíram os empreendedores na gestão das empresas privadas; e perdeu todo o apoio quando os capitalistas rentistas ociosos substituíram os empresários na propriedade das grandes empresas. Os rentistas e os financistas não estão comprometidos com o desenvolvimento econômico. Eles são uma classe capitalista ociosa interessada em dividendos de curto prazo, juros e aluguéis de imóveis, não na expansão de longo prazo das grandes empresas. A exceção são os terceiros membros da coalizão de classe neoliberal – os altos executivos que administram as empresas privadas. Mas, na nova organização social, desde sua primeira fase, eles terão o papel central no processo de acumulação de capital: no capitalismo neoliberal, suas ações são permanentemente travadas por rentistas e financistas.

Essa pobreza da coalizão de rentistas-financistas é crucial porque governar as sociedades modernas é uma tarefa extremamente difícil. Se o liberalismo econômico produzisse crescimento, governar os estados-nação seria uma tarefa relativamente simples. Os governos seriam obrigados apenas a garantir a ordem social e manter a conta fiscal equilibrada; o mercado cuidaria do resto. Mas sabemos que essa "mão invisível" não existe. A metáfora de Adam Smith da "mão invisível" só faz sentido quando não estamos nos referindo a todo o sistema econômico, mas apenas aos setores competitivos da economia. Os mercados não conseguem coordenar os setores não competitivos da economia, os cinco preços macroeconômicos, a conta corrente externa, a distribuição de renda, bem como a educação básica e a saúde; esses setores devem ser coordenados pelo estado, apesar das deficiências envolvidas. A afirmação neoliberal de que as falhas do Estado são piores do que as do mercado não se aplica, não porque esses setores envolvam falhas de mercado, mas porque o mercado está relativamente ausente, e faz mais sentido submetê-los à gestão pública. Os neoliberais rejeitam esse argumento porque esperam do mercado muito mais do que ele pode fazer. Eles esperam que o mercado coordene setores nos quais não há concorrência ou a concorrência existente é essencialmente enviesada, como é o caso dos cinco preços macroeconômicos. Governar os estados-nação, contribuir para o progresso humano e a paz mundial são as ações mais nobres que os humanos são chamados a praticar. Governar é uma tarefa muito difícil que requer políticos experientes e competentes, idealmente dotados de virtudes republicanas; políticos que continuamente reafirmam os principais valores e crenças da nação e são capazes de reinterpretá-los sempre que novos fatos históricos o exigirem. Poucos políticos têm essas qualidades. Eles podem ser progressistas ou conservadores, liberais ou desenvolvimentistas, mas devem ser republicanos e competentes politicamente.

Nosso terceiro novo fato histórico por trás da ascensão do gerencialismo democrático é o fato de que a classe gerencial não exauriu todas as suas potencialidades quando a virada neoliberal reduziu seu poder político. A ascensão de uma estreita coalizão de classes liberal financeiro-rentista interrompeu a emergência secular da classe gerencial, mas essa interrupção não foi nem podia ser definitiva. Enquanto, na fase neoliberal, os empresários capitalistas perdiam a centralidade, dois grupos gerenciais permaneceram associados aos rentistas – os financistas e os altos executivos das grandes empresas. Agora, no gerencialismo democrático que está surgindo, a classe profissional terá a oportunidade de liderar todo o sistema. Não apenas a classe gerencial privada, mas também a pública e, dentro dela, os políticos profissionais.

Finalmente, o quarto novo fato histórico que explica o gerencialismo democrático é a resiliência da democracia, à medida que sobreviveu e prosperou nos últimos 40 anos ao ser atacada pelo neoliberalismo, que é intrinsicamente meritocrático e autoritário, e, mais recentemente, pelo populismo autoritário de direita. Enquanto

 CC BY

o liberalismo é uma ideologia capitalista que nasceu com o surgimento dos estados-nação e dos mercados nacionais, a democracia é uma ideologia e uma forma de governo apoiada na classe trabalhadora e na classe média, que a burguesia e o liberalismo rejeitaram por muito tempo com o argumento de que democracia seria a "tirania da maioria". A burguesia e o liberalismo eram a favor do Estado de direito e dos direitos civis, que são uma condição para a democracia, mas uma democracia minimamente definida só é alcançada quando a esses direitos se acrescenta o direito político básico – o sufrágio universal. A democracia foi uma conquista popular que, só depois de uma longa luta política dos partidos socialistas e dos intelectuais de classe média a favor do sufrágio universal, a burguesia aceitou. Foi necessário quase todo o século XIX para que a classe capitalista se sentisse relativamente segura de que a vitória dos partidos socialistas nas eleições gerais não levaria à sua expropriação e à instauração do socialismo. Aceitou a democracia, mas montou um amplo sistema de "salvaguardas" – leis que estabeleceram limites constitucionais rigorosos para a democracia: uma clara divisão de poderes e a exigência de maiorias qualificadas para alterar a Constituição. E limites práticos para o poder do povo: a possibilidade de financiar os políticos nas eleições, ou simplesmente suborná-los, o controle da mídia e a subordinação dos sindicatos a leis rígidas.

Mais adiante, mesmo as classes dominantes no capitalismo moderno – a classe capitalista e a classe gerencial – passaram também a ver a democracia como seu regime preferido, primeiro porque essas duas classes sociais são classes grandes e diversificadas cujos membros precisam de regras para regular suas ambições de alcançar poder político. Segundo, porque os governos autoritários são geralmente subordinados à classe capitalista, mas podem ser simplesmente governos arbitrários que não ignoram apenas os direitos do povo, mas também os direitos das elites.

Sociedade de mercado sem classe dominante capitalista

O gerencialismo democrático supõe uma sociedade de mercado sem classe dominante capitalista; supõe uma formação social em que continuamos a ter a propriedade privada dos meios de produção, os lucros e os salários são as duas receitas principais, e o estado e o mercado coordenam o sistema econômico. Não podemos, porém, chamar de capitalista esse tipo de formação social, porque a classe capitalista perdeu o controle do processo de acumulação de capital e inovação. Alguns dirão que é impossível pensar em uma sociedade onde o capital e o mercado estão presentes, mas a classe capitalista deixou de ser a classe dominante; ou onde a classe dominante anterior perdeu o poder, mas a nova formação social continua a receber o seu nome erroneamente. Existe, porém, um precedente histórico para esse tipo de situação. A aristocracia foi perdendo gradativamente seu papel militar durante o longo período em que a burguesia emergiu. Nesse processo histórico, chegamos ao mercantilismo, que já era uma primeira fase do capitalismo, mas continuava a ser visto como uma fase do *ancien régime* – o regime aristocrático das monarquias absolutas. Agora, após cerca de 100 anos de ascensão da classe gerencial, em que a burguesia perdeu gradativamente o controle do processo de acumulação de capital, temos dificuldade em ver o surgimento de uma nova organização social. Nas sociedades mais desenvolvidas, que são o objeto principal deste estudo, a ascensão da classe gerencial volta a ganhar força, a burguesia continua rica, mas perdeu sua função principal para altos executivos e servidores públicos eleitos e não eleitos.

Ao mesmo tempo, estamos vendo a democracia tornar-se mais forte, pois resistiu ao ataque dos neoliberais autoritários e agora está repelindo o ataque do populismo de direita. Nesse quadro, o povo e os setores mais cultos da classe média e os políticos estão ganhando influência política, e podem aproveitar esta oportu-

 CC BY

nidade para fazer a democracia avançar, por um lado, tornando-a mais representativa das demandas populares, e, por outro lado, tornando o parlamento menos dependente dos interesses dos rentistas e financistas, e seus membros, mais comprometidos com uma política econômica de desenvolvimento responsável.

CONCLUSÃO

O gerencialismo democrático manterá muitas características do capitalismo – lucros e acumulação de capital, trabalho assalariado, coordenação de mercado de setores competitivos. A diferença fundamental é que a coordenação econômica da economia será feita de acordo não com a lógica do liberalismo econômico que fracassou, mas do desenvolvimentismo, que é a alternativa óbvia a esse liberalismo. Assim, assume-se que a classe gerencial dos gestores privados e funcionários públicos terá o papel estratégico de comandar o processo de acumulação e inovação do capital e, portanto, a tarefa de governar. Os políticos profissionais definirão as reformas econômicas e as políticas públicas exigidas como representantes do povo, dotados de maior responsabilidade e autonomia em relação aos ricos. Eles representarão os vários setores da sociedade, incluindo os setores capitalistas, mas não representarão principalmente a classe capitalista. Esses políticos trabalharão em uma série de reformas institucionais que tornarão suas candidaturas mais independentes do financiamento pelos capitalistas e gestores ricos.

Paul Mason (2013) diz que as sementes do pós-capitalismo estão começando a dar frutos. "O capitalismo não será abolido por técnicas de marcha forçada. Será abolido com a criação de algo mais dinâmico, quase invisível no antigo sistema, mas que irrompe, remodelando a economia em torno de novos valores, comportamentos e normas". Podemos ver, nas sociedades modernas, indícios que apontam na direção do novo. Mason acredita que eles apontam para "uma produção mais colaborativa; estão surgindo bens, serviços e organizações que não respondem mais aos ditames do mercado e da hierarquia gerencial". Sim, o novo está surgindo das pistas deixadas pelo presente e pelo passado recente. Mas é preciso não ser tão otimista e acreditar que a revolução da informação esteja produzindo um "novo homem". O comportamento humano continuará sendo simplesmente o vetor dialético dos instintos de sobrevivência e de convivência humana. As sociedades não são apenas fruto do interesse próprio ou do instinto de sobrevivência, mas também da necessidade que cada um de nós tem de partilhar com o outro a vida em sociedade. Após 40 anos de neoliberalismo e individualismo, mudanças no comportamento individual e grupal em direção a um estilo de vida mais colaborativo e simples são necessárias; são uma resposta diante da ameaça da mudança climática e do aumento da desigualdade. A revolução da informação criou uma sociedade em rede, mas não uma sociedade melhor – uma sociedade em que o volume de informações aumentou caoticamente; em que as elites perderam o monopólio da informação organizada que o controle da grande mídia costumava assegurar. Ela abriu espaço para ideias novas e progressistas, mas também para teorias conspiratórias e notícias falsas produzidas na extrema-direita.

Minha aposta é que, no novo contexto produzido pela revolução da informação, o novo que está corporificado no gerencialismo democrático suplantará o antigo presente no neoliberalismo, no populismo de direita e nas teorias conspirativas. A mudança está acontecendo não em direção a uma sociedade ideal, mas a uma sociedade ao nosso alcance, onde o poder passa dos capitalistas rentistas para os gerentes, o poder político, principalmente, para os políticos profissionais. À medida que a democratização avança, o povo comum ganha não muita, mas um pouco mais de voz. Meu principal argumento apontando nessa direção foi o desgaste dos capita-

 CC BY

listas, porque eles perderam seu papel estratégico de controlar o processo de acumulação de capital e inovação. Hoje, o gerente conduz a maior parte da acumulação de capital e das inovações dentro das grandes empresas. Dentro da classe capitalista, apenas os jovens empresários conservam um papel importante: comandar *startups* que, hoje, são a principal fonte de inovação radical. Mas essa é a única coisa que garante alguma legitimidade ao capitalismo e o mantém vivo; as outras coisas são apenas restos, a começar pela riqueza sem função social.

O fracasso do capitalismo financista-rentista neoliberal foi uma nova evidência de quão errado estava o neoliberalismo ao assumir que os mercados são capazes de coordenar exclusivamente o sistema econômico, e abriu espaço para o retorno a um regime de política desenvolvimentista. Essa mudança já está começando a acontecer. Após a crise financeira de 2008, a ameaça representada pelo populismo de direita e a pandemia de Covid-19, estamos vendo os principais países se movendo em direção ao desenvolvimentismo. A Alemanha de Angela Merkel, a União Europeia e, finalmente, os Estados Unidos do presidente Joe Biden estão não apenas adotando grandes pacotes fiscais contracíclicos, mas também começando a definir e implementar políticas que promovam a reindustrialização. A expectativa de um livro publicado em 1985 por Evans, Rueschemeyer e Skocpol (1985) está se tornando realidade, o Estado está voltando a ser chamado para promover o desenvolvimento econômico. Na época em que o livro foi publicado, eles não foram ouvidos, mas a história fez com que a realidade e a necessidade prevalecessem sobre uma ideologia reacionária. A nova organização social não produzirá milagres, o que vem pela frente não é, de maneira alguma uma, utopia. Faço uma previsão otimista, mas que suponho ser realista. Estou apenas prevendo que estamos dando um passo em direção a uma forma mais razoável e equilibrada de coordenar a economia e governar os estados-nação.

NOTA DO AUTOR

Professor emérito da Fundação Getulio Vargas, Escola de Administração de Empresas de São Paulo.

REFERÊNCIAS

Bresser-Pereira, L. C. (1962). The rise of middle class and middle management in Brazil. *Journal of Inter-American Studies*, *4*(3), 313-326. doi: 10.2307/164949.

Bresser-Pereira, L. C. (2020). A democracia não está morrendo. Foi o neoliberalismo que fracassou. *Lua Nova - Revista de Cultura e Política*, 111: 51-79. doi: 10.1590/0102-051079/111

Dardot, P., & Laval, C. (2009). *La nouvelle raison du monde: Essai sur la société néolibérale*, Paris, France: La Découverte/Poche.

Evans, P. B., Rueschemeyer, D., & Skocpcol, T. (Eds.). (1985). *Bringing the state back.* Cambridge: Cambridge University Press.

Galbraith, J. K. (1968). *O novo estado industrial*. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira. Original em inglês, 1967.

Mason, Paul (2013) *PostCapitalism – A Guide to Our Future"*, London: Penguin Books.

Pocock, J. G. A. (1975). *The machiavellian moment*. Princeton: Princeton University Press.

Streeck, W. (2011, Sept./Oct.). The crisis of democratic capitalism. *New Left Review*, *71*, 5-30. Retrieved from https://newleftreview.org/II/71/wolfgang-streeck-the-crises-of-democratic-capitalism

CONTRIBUIÇÃO DO AUTOR

Luiz Carlos Bresser-Pereira foi o único autor da construção teórica, de sua aplicação à realidade do capitalismo contemporâneo, e da redação deste artigo. Não houve levantamento especial de dados. Cecilia Heise se encarregou da revisão.

ARTIGOS

Artigo convidado

Versão traduzida | DOI: http://dx.doi.org/10.1590/S0034-759020210305x

INFLUÊNCIA DO PENSAMENTO DE LÍNGUA FRANCESA NA ACADEMIA BRASILEIRA DE ADMINISTRAÇÃO: UM OLHAR FRANCO-QUEBEQUENSE

L'influence de la pensée de langue française dans le champ des sciences administratives brésiliennes: Un regard Franco-Québécois

The influence of French language thought on the Brazilian Administrative Sciences: A Quebec French look

Jean-François Chanlat [1,2,3] | jean-francois.chanlat@dauphine.psl.eu | ORCID : 0000-0003-1878-4707

[1]Universidade Paris-Dauphine PSL, Dauphine Recherches en Management, Paris, França

[2]Institut Mines-Télécom Business School, Paris, França

[3]HEC-Montréal, Département de Management, Montréal, Canadá

Texto submetido em ocasião do sexagésimo aniversário da *RAE-Revista de Administração de Empresas*, FGV EAESP; dedicado a todos os colegas brasileiros e de língua francesa que contribuíram ao longo deste intercâmbio nas últimas décadas.

RESUMO

O objetivo deste artigo é dar uma olhada na influência que as obras de língua francesa têm exercido sobre a comunidade acadêmica brasileira nas últimas décadas, a partir do conhecimento do autor e sua longa associação do campo das ciências administrativas brasileiras. Para isso, o artigo está dividido em três partes. A primeira lembra a relação que o autor estabeleceu com a comunidade brasileira para localizar quem está falando e onde ele está falando. A segunda discute brevemente o vínculo histórico que o Brasil mantém, de um modo geral, com o pensamento francês. A terceira apresentará as principais correntes intelectuais que parecem, segundo o autor, ter chamado a atenção dos pesquisadores brasileiros em ciências administrativas. Esta reflexão se conclui com algumas considerações sobre o futuro da área e alguns desejos sobre as futuras relações entre pesquisadores brasileiros e pesquisadores francófonos.

PALAVRAS-CHAVE | Ciências administrativas, Brasil, língua francesa, França, Québec.

RESUME

L'objet de cet article est de jeter un regard sur l'influence que les travaux de langue française ont exercé sur la communauté académique brésilienne au cours des dernières décennies à partir de la connaissance que l'auteur en a, suite à une longue fréquentation du champ des sciences administratives brésilien. Pour ce faire, l'article se divise en trois parties. La première procède à un rappel de la relation que l'auteur a établie avec la communauté brésilienne pour situer qui parle et d'où il parle. La deuxième aborde brièvement le lien historique que le Brésil entretient avec la pensée française en général. Et la troisième présente les principaux courants qui semblent, selon l'auteur, avoir retenu l'attention des chercheurs brésiliens en sciences administratives. Il se conclut cette réflexion par quelques considérations sur l'avenir du champ et quelques souhaits sur la relation future entre chercheurs brésiliens et chercheurs de langue française.

MOTS CLÉS */ Sciences administratives, Brésil, langue française, France, Québec.*

ABSTRACT

The object of this article is to take a look at the influence that French-language works have had on the Brazilian academic community over the past decades, based on the author's knowledge of it, and a long attendance of the field of Brazilian administrative sciences. To do this, the article is divided into three parts. The first recalls the relationship that the author has established with the Brazilian community to locate who is speaking and from where he is speaking. The second briefly discusses the historical link that Brazil maintains with French thought in general. And the third presents the French main intellectual currents, which, according to the author, seem to have caught the attention of Brazilian researchers in administrative sciences. This reflection ends with some considerations on the future of the field and some wishes on the future relationship between Brazilian researchers and French-speaking researchers.

KEYWORDS */ Administrative science, Brazil, French language, France, Quebec.*

 CC BY

Esta edição especial celebra o sexagésimo aniversário da *RAE*, para a qual fui cordialmente convidado a contribuir por meio de sua editora-chefe, Maria José Tonelli, algo que para mim não é somente uma honra e um testemunho da longa relação que mantenho há mais de 30 anos com a comunidade brasileira de Ciências Administrativas, mas antes o reconhecimento dos vínculos intelectuais e amistosos que se consolidaram ao longo destes últimos anos com a comunidade de pesquisadores francófonos a que pertenço. Portanto, é em nome desse pertencimento intelectual e linguístico que tecerei, a pedido dos organizadores desta edição, um olhar acerca da influência que os trabalhos de língua francesa exerceram sobre a comunidade acadêmica brasileira ao longo destes últimos anos. Faço isso em um contexto histórico muito particular: a pandemia global que desafia nossas formas de desenvolvimento e se revela como uma verdadeira crise antropológica (Chanlat, 2020).

Este artigo divide-se em três partes. A primeira procederá ao retrospecto de minha relação com a comunidade brasileira a fim de lembrar quem vos fala e de onde fala. A segunda abordará brevemente o vínculo histórico que o Brasil mantém, de um modo geral, com o pensamento francês. Ao passo que a terceira apresentará as principais correntes intelectuais que parecem, a meu ver, ter despertado o interesse de pesquisadores brasileiros nas Ciências Administrativas. Concluiremos esta reflexão fazendo algumas considerações sobre as perspectivas de nossa área e alguns desejos sobre as futuras relações entre pesquisadores brasileiros e francófonos.

MINHA DESCOBERTA DO BRASIL: UMA BREVE RECORDAÇÃO BIOGRÁFICA

Antes de conhecer o País em sua realidade sensível, alimentei, como muitas outras pessoas no mundo todo, uma visão do Brasil parcialmente motivada por aquela imagem amiúde recorrente e estereotipada que se tem do País: a Amazônia, o Carnaval do Rio, a praia de Copacabana, o samba, o futebol etc. Quando criança, eu, de fato, assistira à retransmissão televisiva da Copa do Mundo de 1958 – uma primeira na época –, entre Brasil e França, e o surgimento de Pelé como um dos grandes jogadores da história desse esporte, e, claro, vi, ainda em 1964, o célebre filme francês *O homem do Rio*, com Jean-Paul Belmondo no elenco. Contudo, eu também tinha adquirido uma outra imagem, proveniente de alguns conhecimentos de sua história e de suas peculiaridades sociológicas, durante os anos que vivi na HEC-Montréal, junto a um amigo e colega, Allain Joly (2004), que à época fazia seu doutorado na Fundação Getulio Vargas, Escola de Administração de Empresas de São Paulo (FGV EAESP), no início dos anos 1980, e que desempenharia um papel determinante na minha relação com o Brasil.

A primeira vez que travei contato com um professor brasileiro na área das Ciências Administrativas foi em Montreal, durante o ano letivo de 1984-1985. Naquela época, ainda um jovem docente da HEC-Montréal, conheci Roberto Fachin, professor na Faculdade de Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Roberto, uma autoridade da área no âmbito brasileiro, viera passar um ano sabático ali. Durante todo aquele ano letivo, discutimos longamente, por um lado, sobre a situação brasileira de um modo geral e, por outro, sobre o ensino em gestão, sobretudo à ocasião de um colóquio internacional importante sobre o tema, realizado na primavera de 1985 por meu irmão Alain e Maurice Dufour.

Em setembro de 1990, encontrei novamente, em Montreal, graças à mediação de Allain Joly, dois importantes professores da FGV EAESP, Ofélia Torres e Fernando Prestes Motta, os quais vieram participar do grande colóquio internacional que organizei sobre o trabalho que acabara de coordenar (Chanlat, 1990), após um ano sabático na França, e que rapidamente se tornaria uma obra de referência nos países de língua francesa (Nugent, 1993; Padioleau, 1992; Sciences Humaines, 1998).

Após sua participação no congresso e o interesse manifestado pelos professores Torres e Motta na perspectiva desenvolvida nessa obra, hoje considerada pioneira (Bouville & Yousfi, 2021), e o apoio financeiro fornecido pelo Centre d'étude en Administration Internationale (CETAI) da HEC-Montreal para a tradução, uma edição em português, dividida em três volumes, seria rapidamente organizada no Brasil por Ofélia Torres, com seus capítulos traduzidos por uma série de professores brasileiros, sobretudo da FGV EAESP (Chanlat, 1992, 1994, 1996). Em 1992, fui convidado, por iniciativa de Ofélia Torres, Roberto Fachin e Tânia Fischer, com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), a participar do lançamento do primeiro volume e a realizar, naquele mesmo ano, uma série de palestras no Brasil.

Essa primeira estadia de três semanas no Brasil levou-me sucessivamente à FGV EAESP, às Faculdades de Administração das Universidades Federais de Minas Gerais, do Rio Grande do Sul e da Bahia, bem como à Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), e permitiu-me conhecer o Brasil – este país continental – em toda a sua diversidade humana e geográfica e suas divisões sociais. Tais viagens multiplicaram-se, e, por ocasião delas, reencontrei diversos colegas: Valmiria Carolina Piccinini, Ana Maria Kirschner, Maria Elisabeth Antunes Lima, Suzana Braga, Liliana Segnini, Marlene Catarina de Oliveira Lopes Melo, Alfredo Alves de Oliveira Melo, Juvêncio Braga de Lima, Tânia Fischer, José Antônio Gomes de Pinho, Silvia Vergara, Patricia Tomei, Clovis Machado †, Maria José Tonelli, Fernando Prestes Motta †, Sigmar Malvezzi, Maria Irene Betiol, Thomaz Wood Jr., Miguel Caldas, Bianor Cavalcanti, Eduardo Marques, Yann Duzert, Maria Ester de Freitas, Maria Teresa Fleury, Roberto Lima Ruas, Luiz Bignetti †, Fábio Bittencourt Meira, Isabella de Vasconcelos, Flávio de Vasconcelos, Angelo Soares, Guilherme Azevedo, Marlei Pozzebon, Eduardo Diniz, Rafael Alcadipani, Sidinei Rocha-de-Oliveira, que, em seguida se tornariam amigos; alguns deles viriam a ser meus alunos: Eduardo Davel, Gelson Junquilho, Jair Nascimento Santos, Carolina Andion, o saudoso José Roberto Gomes da Silva †, Maria Elisa Brandao, Marina Nakayama, Marcelo Dantas, Mauricio Serva, com os quais mantive, desde então, uma relação intelectual e amistosa.

Ao longo de todos esses anos passados em Montreal, Estrasburgo, depois Paris, e desde minha instalação final a universidade Paris-Dauphine, em setembro de 2001, eu retornarei regularmente o Brasil como palestrante convidado dos congressos da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Administração (ANPAD), de Estudos Organizacionais da ANPAD (EnEO), da Iberoamerican Academy of Management, dos colóquios internacionais da Universidade Federal da Bahia (UFBA) sobre Poder Local, organizados em Salvador pela professora Tânia Fischer e pelo Núcleo de Estudos sobre Poder e Organizações Locais (NEPOL) atualmente Centro Interdisciplinar de Desenvolvimento e Gestão Social (CIAGS), de um colóquio da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) de Porto Alegre, além de seminários e conferências em diversas instituições públicas e privadas de São Paulo, Belo Horizonte, Campinas, Brasília, São Leopoldo, Florianópolis, Porto Alegre, Salvador, Rio de Janeiro, Vitória etc. Nessas ocasiões, amiúde aproveitava para participar de diversas bancas de doutorado, ou mesmo co-orientar algumas teses, inclusive aquela do saudoso José Roberto Gomes da Silva † (2010), cuja desaparição trágica esteve associada, como todos sabem, a esta relação franco-brasileira (Chanlat, 2010b). A atividade desempenhada como orientador de pesquisadores brasileiros continuaria em Paris, onde tive o prazer de orientar uma pesquisa de mestrado, a dissertação de Simone Cota, orientei a tese de Virginia Drummond, e supervisionei, durante sua estada de pós-doutorado, Rodrigo Bandeira de Mello, que depois se juntaria todo ano a nossa unidade de ensino e pesquisa. Ainda em Paris, pude participar das bancas de doutorado de Teresa Bicalho de Menezes, outra brasileira doutoranda pela Dauphine, orientada pelo meu colega, professor Jacques Richard, das de Bibiana Volker Martins e de Laura Scherer, doutorandas pela UFRGS de Porto Alegre, as quais eu havia previamente recepcionado no âmbito de uma bolsa-sanduíche.

CC BY

Durante todos estes anos, várias outras obras de minha autoria seriam traduzidas (Chanlat, 2000, 2010a), bem como alguns artigos publicados nas revistas: *RAE*, *Organização e Sociedade*, *Gestão e Planejamento*, *Cadernos EBAPE.BR*, *GV executivo* ; alguns capítulos apareceram em diversas outras obras (Bendassolli & Soboll, 2010/2021; Davel & Melo, 2005; Davel & Vergara, 2001). Por fim, pude codirigir, junto a meus colegas e amigos Roberto Fachin e Tânia Fischer, dois importantes trabalhos: *Análise das organizações: Perspectivas latinas, Vols. 1 e 2*, que retomaram uma série de comunicações feitas sobre o tema durante um colóquio memorável, realizado em julho de 2000 em Zacatecas, no México, organizado por nossos colegas e amigos mexicanos dos estudos organizacionais da UAM-Iztapalapa (Ramirez Martinez & Gonzáles-Miranda, 2018; Gonzáles-Miranda e Ramirez Martinez, 2018, 2020) e eu, e que naquela ocasião havia reunido colegas reconhecidos de diversos países francófonos (França, Bélgica, Canadá), hispano-falantes (México, Colômbia, Argentina) e brasileiros (Chanlat, Fachin, & Fischer, 2006, 2007; Fachin, 2014).

Como se pode perceber, foram essas inúmeras estadas em terras brasileiras que me permitiram paulatinamente me familiarizar com o País e adquirir uma muita bom visão do campo das Ciências Administrativas, um olhar franco-quebequense, em virtude de minha própria trajetória intelectual e profissional. A cada nova estada, constatei o quanto o pensamento francês era então levado a sério, e o quanto os trabalhos em língua francesa sobre organizações, trabalho e economia despertavam interesse no País.

A ABERTURA BRASILEIRA AO PENSAMENTO FRANCÊS: UMA HISTÓRIA ANTIGA

Quando estive pela primeira vez no Brasil, constatei de imediato a influência que o pensamento francês historicamente havia exercido e, de fato, ainda exerce na sociedade brasileira. Fiquei particularmente impressionado com a quantidade de colegas das Ciências Administrativas que dominavam a língua francesa ou compreendiam o idioma sem, no entanto, falarem.

De acordo com alguns pesquisadores brasileiros e estrangeiros, essa influência francesa remonta ao século XVIII, devido ao pensamento dos filósofos iluministas franceses, e atravessa o século XIX com a difusão das ideias de Auguste Comte sob a iniciativa de Miguel de Lemos, Benjamin Constant Botelho de Magalhães e de Raimundo Teixeira Mendes (Grange, 2000; Lins, 1967), escola de pensamento da qual pude ver alguns vestígios arquitetônicos em sua primeira igreja positivista do Rio, erigida em 1881, alguns anos antes da proclamação da República. Ainda, podemos encontrar um traço eloquente de Comte no próprio lema do Brasil, "Ordem e Progresso", que, por sua vez, nos remete a uma máxima comtiana (Tyr, 2007). A filosofia de Comte era, então, vista como uma fonte de inspiração para as elites modernistas que aspiravam a fundar uma República e pôr fim à escravidão, tal como sublinhado por Lorelai Kury a esse respeito:

> O projeto político positivista, republicano e autoritário, foi muito influente no Brasil, particularmente poderoso na virada do século XIX para o século XX. Os discípulos de Auguste Comte de fato venceram, em 1889, a batalha simbólica em torno da bandeira nacional republicana: o modelo, proposto por Raimundo Teixeira Mendes, adicionava à antiga bandeira Imperial a divisa "Ordem e Progresso", destinada a estabelecer uma conexão entre o passado e o futuro, graças àqueles que seguiam de perto as ideias do filósofo francês. Muito embora o posi-

> tivismo tenha perdido, ao longo do século vinte, a influência de que gozava outrora, todavia essa corrente de pensamento legou profundas marcas ideológicas às classes médias urbanas do país. (Kury, 2003, p. 126)

Em pleno século XX, essa influência francesa ainda persistiria. Ela esteve relacionada à criação de Universidade de São Paulo (USP), nos anos 1930, à qual se associarão marcantes personalidades francesas, tais como os geógrafos Pierre Monbeig e Pierre Deffontaines, o historiador Fernand Braudel, o etnólogo Claude Lévi-Strauss, o sociólogo e antropólogo Roger Bastide, o filósofo François Châtelet, os historiadores Gérard Lebrun e Jean-Pierre Vernant, o epistemólogo Gilles-Gaston Granger e, de um modo geral, a forte influência que a filosofia francesa exerceria numa disciplina de destaque no País ao longo daquele século.

Como recordou Sérgio Paulo Rouanet (2010), à ocasião do ano do Brasil organizado na França em 2010:

> A influência francesa foi de tal modo predominante que uma história da recepção das ideias filosóficas francesas se confunde, em larga medida, com a própria história da filosofia no Brasil. Para demonstrar essa hegemonia, basta citar um livro recente sobre o ensino de filosofia na Universidade de São Paulo (USP), uma das instituições mais respeitadas no Brasil e fundada sob os auspícios de professores franceses. Seu autor menciona o Departamento de Filosofia da Universidade como "Departamento francês do ultramar": isso já diz tudo. (p. 41)

É assim que o pensamento de Bergson, o humanismo integral de Maritain, o personalismo de Mounier, o estruturalismo de Lévi-Strauss, o existencialismo de Sartre e, mais tarde, os trabalhos de Castoriadis, de Foucault, de Derrida e de Deleuze se sucederão, de acordo com as tendências específicas de cada um dos períodos em questão,, e gozarão de grande prestígio no seio das elites intelectuais brasileiras. A partir dos anos 1970, eles se conjugarão ao entusiasmo com que a comunidade brasileira olhará para as Ciências Sociais francesas, que tiveram grande reconhecimento internacional, e às relações que grandes intelectuais brasileiros – como Fernando Henrique Cardoso – estabeleceram com importantes figuras francesas, sobretudo com Alain Touraine (Kirschner & Gomes, 2014b). Portanto, o pano de fundo da intelectualidade brasileira foi nitidamente marcado pelos sucessivos traços históricos deixados pelo pensamento francês, a despeito de outras correntes de pensamento – sobretudo aquelas de línguas inglesa e alemã – que, posteriormente, adquiriram um maior protagonismo, notadamente nas últimas décadas (Rouanet, 2010).

Devido a essa atração histórica que a cultura francesa imprimira no seio das elites (Fachin & Cavedon, 2003), um fenômeno que se pôde, via de regra, observar em outros países da América Latina (Bonnafous, 1953), esse substrato histórico se revelará de maneira favorável a partir do fim do século XX, com uma abertura maior a produções em língua francesa de obras que versavam sobre trabalho, organizações e economia. Tal fenômeno será favorecido pelo fato de que muitos professores brasileiros viriam a fazer seus estudos de doutorado na França e, mais tarde, também na província de Quebec, num momento em que a comunidade brasileira das Ciências Administrativas buscava, entre outras coisas, algumas alternativas ao pensamento anglo-saxão dominante nessa área do conhecimento (Bertero, Caldas, & Wood, 1999; Cassundé, Barbosa & Mendonça, 2016; Fachin, 2014; Fachin & Cavedon, 2003; Fischer, 1985; Motta, 1990; Paula, Maranhão, Barreto, & Klechen, 2010; Torres & Gonçalves, 1991; Vergara, 2006; Waiandt, 2018).

PESQUISADORES BRASILEIROS DAS CIÊNCIAS ADMINISTRATIVAS EM BUSCA DE UMA ALTERNATIVA À HEGEMONIA ANGLO-SAXÃ

Quando consultamos trabalhos brasileiros, sobretudo aqueles que buscam fazer uma síntese de sua disciplina no âmbito das Ciências Sociais (Bendassolli & Soboll, 2010/2021; Kirschner & Gomes, 2014a, 2014b;) e das Ciências Administrativas (Bertero, 2006; Bertero, Alcadipani, Cabral, Faria, & Rossoni, 2013; Bertero, Caldas, & Wood, 2005), observamos que as publicações em língua francesa são, a despeito da prevalência de trabalhos anglo-saxões, muito presentes em suas reflexões, em especial dos pesquisadores brasileiros que buscam uma alternativa à predominância de referências anglo-estadunidenses (Fachin, 2014; Vergara, 2006; Vergara & Pinto, 2001; Waiandt, 2018).

No campo das Ciências Administrativas, essa hegemonia remonta aos anos 1950, ocasião em que os governos estadunidense e brasileiro firmaram acordos a fim de estabelecer os primeiros programas de ensino e de criar as primeiras instituições de ensino superior em gestão, imersos no contexto da Guerra Fria e com ajuda da Fundação Ford, profundamente inspiradas pelo modelo estadunidense de formação acadêmica (Alcadipani & Bertero, 2012, 2014; Alcadipani & Caldas, 2012; Alcadipani & Cooke, 2013; Barros, Alcadipani & Bertero, 2018; Serva & Andion, 2021).

No Brasil, essa inflexão inscreve-se em um contexto muito mais amplo de uma sociedade historicamente aberta a ideias vindas de fora, conformando esse fenômeno que os brasileiros denominam: "O Estrangeirismo" (Buarque de Holanda, 1936; 1998; Caldas & Wood, 1997; Freyre, 1963; Motta, Alcadipani, & Bresler, 2001; Bartel-Radic, 2013), muitas vezes caracterizado pragmaticamente por uma espécie de antropofagia das práticas estrangeiras (Davel, Dantas, & Vergara, 2008; Bartel-Radic, 2013).

Em nossos dias, tal situação afigura-se, de acordo com alguns colegas (Bertero et al., 2013), da seguinte maneira:

> . . . A imensa maioria dos estudos em Administração no Brasil, principalmente em áreas como estudos organizacionais e ensino e pesquisa, é constituída por ensaios teóricos focados em autores Europeus . . . . Parece que uma grande parcela dos estudiosos do campo tem horror a ir a campo e, quando o fazem, produzem textos com metodologia fraca e inconsistente. Ser atento ao nacional é ir à "realidade" brasileira, estudar a "realidade" brasileira, conhecer a "realidade" brasileira, com referências que possibilitem à realidade se expressar em sua complexidade e não ser tolhida e escondida atrás de teorias e modelos. Estudamos muito pouco a Administração no Brasil. Um dos motivos de nossa falta de originalidade deve-se ao fato de olharmos muito pouco para a nossa realidade, para o que acontece no Brasil. Porém, o paroquialismo de alguns setores é compensado pelo estrangeirismo de outros . . . . Temos uma tendência de supervalorizar o estrangeiro . . . . Valorizar o ensino e a pesquisa do Norte como de "primeira linha" é fundamental para a construção de nossa inferioridade como pesquisadores, implica deixar para eles o papel de criar modelos e refletir e posicioná-nos como meros reprodutores (p. 186).

A partir dessa dura constatação, eles ressaltam de passagem o papel desempenhado pelo mercado de publicações:

> Mais importante do que isso, é preciso ter em mente que muito do mercado de publicações acadêmicas, tido como "internacional", é controlado por editoras anglo-saxãs e por acadêmicos anglo-saxões. Se pegarmos aqueles que são tidos como os principais periódicos da área, quase que apenas são publicados artigos de temáticas específicas produzidos em universidades específicas. Publicar em um periódico internacional envolve trabalho acadêmico sério, mas também envolve questões de poder. Vejo, hoje, muitos acadêmicos de diferentes partes do mundo procurando um "*broker*" anglo-saxão para que seus artigos possam ser publicados nos tais periódicos de renome. Com isso, privilegia-se o gringo superior e permanece nossa condição de subalternos. Muitos dos gingos acreditam, de fato, que somos inferiores. (Bertero et al., 2013, p. 186)

Consequentemente, para esses mesmos autores:

> Existe um pensamento hegemônico no campo, principalmente de origem norte-americana, que tende a desconsiderar perspectivas qualitativas e abordagens mais reflexivas. Ser norte-americano não significa seguir essa visão restrita e restritiva da pesquisa no campo. Há norte-americanos que defendem uma visão mais plural, assim como temos latinos que defendem uma visão mais restritiva de pesquisa no campo. O que percebo é um choque internacional entre as visões. (Bertero et al., 2013, p. 193)

É justamente nesse contexto histórico que alguns pesquisadores brasileiros empreenderão, a partir dos anos 1960, uma busca pelo desenvolvimento de pensamentos originais. Esse é o caso de Guerreiro Ramos (1981/1989, 1983; Azevedo & Albernaz, 2006; de Paula, 2007; Serva, 1997a, 1997b; Serva & Andion, 2021), de Mauricio Tragtenberg ou de Fernando Prestes Motta (Segnini & Alcadipani, 2014), os quais encontrarão respaldo, no caso do primeiro, sobretudo no humanismo integral de Jacques Maritain e no personalismo de Emmanuel Mounier (Azevedo & Albernaz, 2006), ao passo que, para os dois últimos, em outras tradições intelectuais francesas, notadamente anarquistas (Motta, 1981, 1984, 1990, 2003; Tragtenberg, 2005, 2010, 2012). Esses três autores brasileiros ostentam uma influência muito significativa no Brasil (Harzing, 2016). Outros autores, como Fachin e Cavedon (2003), ao final de seu artigo que versa justamente sobre a influência do pensamento francês nos Estudos Organizacionais brasileiros, não hesitam em sublinhar o interesse de tais leituras:

> Em conseqüência, há que buscar, na francofonia, o influxo daquela produção acadêmica que, com embasamento em certas áreas seletivas do conhecimento, traduz o pensamento crítico francês tão caro aos intelectuais brasileiros de todos os setores. E, sem dúvida, a disponibilidade de tais obras em língua portuguesa representa substancial acréscimo às possibilidades de leitura dos acadêmicos brasileiros, que não tiveram formação pós-graduada na França ou no Quebec (p. 11).

Se o campo brasileiro da Ciências Administrativas recebeu a influência de inúmeros trabalhos de língua francesa, decidi, para fins deste artigo, considerar aqui, sem, no entanto, hierarquizar, as três disciplinas que foram, a meu ver, suas fontes inspiradoras, ou seja: as Ciências das Organizações, as Ciências do Trabalho e as Ciências Econômicas heterodoxas. Esse fenômeno foi encorajado pelo bilinguismo de inúmeros pesquisadores

 CC BY

brasileiros, bem como pela tradução de diversas obras de referência nessas três disciplinas devido ao trabalho de editores brasileiros.

As Ciências das Organizações

A primeira fonte de inspiração vem das Ciências das Organizações, fruto do desenvolvimento de trabalhos associados ao surgimento das organizações como fato social no início dos anos 1960 (Caldas, Fachin, & Fischer,1999; Clegg & Bayley, 2007; Clegg, Hardy & Nord, 1999; 2001, 2004; Chanlat & Séguin, 1987; Etzioni, 1967; Perrow, 1976; Gonzáles-Miranda & Ramirez Martinez, 2020; Séguin & Chanlat, 1983; Saussois, 2016).

No contexto francófono, sobretudo francês, isso se traduzirá por um conjunto de pesquisas que se debruçariam sobre quatro grandes eixos temáticos: a Psicossociologia das organizações e a análise institucional, a Sociologia das organizações e de empresas, a Antropologia das organizações e a gestão das organizações.

Entre os inúmeros trabalhos publicados no âmbito francófono (Chanlat, 1992b, 1994, 2014; Stokes, Davoine & Oiry, 2014; Entreprises et Histoire, 2016), os pesquisadores brasileiros vão ao cerne da corrente psicosociológica, aliás muito rica (Barus-Michel, Enriquez, & Lévy, 2002), de modo a privilegiar os trabalhos de análise institucional (Lapassade, 1989; Lourau, 1975; Rossi & Passos, 2014), de autores como Eugène Enriquez (1990, 1997, 2007, 2014), Max Pagès, Bonetti e de Gaulejac (1987), Nicole Aubert e Vincent de Gaulejac (1993; de Gaulejac, 2005) e Gilles Amado (2013), tal como corroboram Newton Garcia de Araújo e Andrade de Barros em sua recente revisão (2019). Esses últimos autores exercerão uma influência sobre a visão que os pesquisadores brasileiros construiriam a respeito da relação da vida psíquica e da organização, bem como inspirarão, tal como outros tantos pesquisadores de língua francesa (Didier Anzieu, Serge Moscovici, Jean-Claude Rouchy, Guy e Jacqueline Palmade, André Green, Laurent Lapierre etc.), o campo dos Estudos Organizacionais críticos brasileiros a partir dos anos 1990 (Bendassolli & Soboll, 2011/2021; Freitas, 1999b; Freitas & Motta, 2000).

Uma outra corrente de pesquisa em que os investigadores brasileiros concentrarão suas atenções remete justamente à Sociologia das organizações. Essa disciplina, fundada na França por Michel Crozier no início dos anos 1960, será objeto de um notável desenvolvimento nos países francófonos e latinos, impelido pelos trabalhos conduzidos pelo Centro de Sociologia das Organizações (CSO), criado e dirigido por Crozier (1963a e b; 2000; Crozier & Friedberg, 1977; Entreprises et Histoire, 2016), se converterá na meca da maioria dos francófonos pioneiros nessa disciplina (Chanlat, 1992b, 1994; Saussois, 2016) e influenciará alguns trabalhos brasileiros, sobretudo no âmbito da Administração Pública (de Vasconcelos & Pinochet, 2004). Ela igualmente beneficiará os estudos do Laboratório de Sociologia da Mudança das Instituições (LSCI), criado e dirigido por Renaud Sainsaulieu (1977/2014, 1990, 1997, 2002), um dos primeiros colaboradores de Crozier no CSO, e dos estudos do Grupo Lionês da Sociologia Industrial (GLYSI), criado e dirigido por Philippe Bernoux (1985; Amblard, Bernoux, Herreros, & Livian, 1995). É do âmago da Sociologia das Organizações que emergirá, voltando novamente aos anos 1990, a Sociologia da empresa (Bélanger & Lévesque, 1996; Dupuis & Kuzminski, 1998; Sainsaulieu, 1990; Sainsaulieu & Segrestin, 1987; Segrestin, 1992), disciplina responsável por desempenhar um papel muito importante no Brasil no início dos anos 2000 (Kirschner & Gomes, 2014a; Sainsaulieu & Kirschner, 2006).

A partir do início dos anos 1990, uma outra leva de trabalhos terá grande popularidade no âmbito das Ciências Administrativas brasileiras: as obras que serão associadas à minha própria perspectiva antropológica. Elas estão compiladas nos três volumes da edição brasileira *Indivíduo na organização: Dimensões esquecidas* que dirigi (em francês: *L'individu dans l'organisation: les dimensions oubliées*, dois outros livros traduzidos, um tra-

duzido por Ofelia Torres (2000) e um outro publicado por Isabela de Vasconcelos em sua coleção "Debates em Administração" (2010) e em diversas outras publicações (Serva & Andion, 2021). Tal como Ofélia Torres e Marilson Alves Gonçalves (1991) sublinharam na resenha que fizeram para a obra:

> O livro *L'individu dans l'organisation*: *Les dimensions oubliées* transmite de forma magistral a mensagem de renovação dos conhecimentos e das práticas da ciência do comportamento no mundo dos negócios. A partir de uma reflexão geral sobre o desenvolvimento de uma antropologia da condição humana nas organizações, cada autor desenvolve sua contribuição em uma perspectiva particular. Da linguagem ao espaço, passando pelo universo simbólico, o tempo, a vida psíquica, a alteridade e a psicopatologia, a obra em questão atinge, assim, o objetivo a que se propôs, ou seja, o de estabelecer uma visão comum do ser humano, reconhecendo a importância do seu papel em cada dimensão sem, todavia, cercear o choque de ideias e de estilos e a liberdade de discordância quanto a métodos e abordagem em torno do tema comum... Tratando-se de uma publicação que abre novas perspectivas, ela interessa tanto aos professores e pesquisadores quanto a estudantes sobretudo mestrandos e doutorandos, numerosos hoje no Brasil, pois pode servir de referencial ao desenvolvimento de monografias e teses aplicadas a este novo campo de conhecimento. Pelo seu conteúdo reflexivo e prático sobre o ser humano nas organizações, enquanto sujeito, ator ou pessoa viva e concreta, não pode deixar de interessar também aos executivos e gestores de recursos humanos nas empresas. (pp. 107-108)

Em outras palavras, essa perspectiva levará os pesquisadores brasileiros a se interessarem pelas diferentes dimensões formuladas no trabalho de inúmeros colegas francófonos graças à sua edição brasileira (Fachin & Cavedon, 2003; Torres & Gonçalves 1992; Vergara, 2006), e a conferir um viés local a esses estudos (Chanlat, Fachin, & Fischer, 2006). Tal perspectiva não ser etnocêntrico; nosso trabalho também inspirará uma miríade de reflexões no âmbito da epistemologia das Ciências Administrativas em pleno desenvolvimento (Serva & Andion, 2021).

Por fim, alguns trabalhos em Ciências de Gestão também suscitarão um notável interesse em meio à comunidade brasileira. Podemos sublinhar, entre outros, a obra de síntese crítica de Omar Aktouf sobre gestão, na esteira dos estudos conduzidos à época pelo HEC-Montréal (Chanlat, 1990; Chanlat & Dufour, 1985), cuja tradução em português terá grande difusão no Brasil (1996); alguns trabalhos do CRG da Escola Politécnica de Paris (Berry, 1983, 2011), sobretudo aquele de Jacques Girin (2016) sobre a linguagem e as situações de gestão (Bayard, Borzeix, & Dumez, 2010), e de Hervé Dumez (2016) sobre as metodologias qualitativas; os trabalhos de Audet e Malouin (1986), de Audet e Déry (1996) em Quebec, e de Martinet (1990) e de Pesqueux na França sobre a epistemologia das Ciências de Gestão (Martinet & Pesqueux, 2013; Serva, 2013, 2017 a et b) e Pesqueux sobre filosofia e organizaçoes (2008); aqueles de Thévenet (1992) sobre a cultura empresarial; e as obras pioneiras de Philippe d'Iribarne e sua equipe, "Gestão e Sociedade" (“Gestion et Société”), sobre a cultura nacional (d'Iribarne, Chevrier, Henry, Segal, & Tréguer-Felten, 2020; d'Iribarne, Henry, Segal, Chevrier, & Globokar, 1998); aquelas de Jean-Pierre Dupuis, Serge Bouchard e Omar Aktouf sobre a cultura e a simbolismo organizacional (Freitas, 1991; 1999a), bem como os trabalhos de Laurent Lapierre sobre liderança (1989, 2005), estes últimos notavelmente apresentados em Chanlat (1992, 1994, 1996); ou, ainda, aqueles de Romain Laufer (1977) sobre a crise da legitimidade das organizações (Laufer & Paradeise, 1982; Motta, 1988).

CC BY

Mais recentemente, podemos citar as obras da École des Mines, sobretudo de Segrestin e Hatchuel (2012) acerca da redefinição da empresa, responsáveis por despertar um certo entusiasmo entre vários pesquisadores interessados na gestão de organizações solidárias (Eynaud & França, 2019, 2020) e por contribuir com a redefinição jurídica das empresas na França (Hatchuel, 2021), um tópico que também é visto como fundamental por muitos pesquisadores da linguagem inglês (Clarke, O'Brien & O'Kelley, 2019); aquelas da "Chaire Management, diversité et cohésion sociale", da Universidade Paris-Dauphine, conduzidas por Stéphanie Dameron, Mustafa Özbilgin e o autor deste artigo ao longo de 10 anos (2008-2018) (Chanlat et al., 2013; Chanlat & Özbilgin, 2018, 2019), cujos trabalhos e os dois Simpósios Internacionais, organizados em Paris em 2011 e 2015, terão grande repercussão no Brasil, com a participação de Maria Ester de Freitas e de Marcelo Dantas, graças aos contatos estabelecidos naquela ocasião com alguns outros pesquisadores. Desde então, no âmbito das Ciências Administrativas, uma nova esfera de pesquisa emergirá do campo da interculturalidade (Davel, Dupuis, & Chanlat, 2008) e da diversidade, e que buscará uma melhor compreensão, em particular, das experiências de expatriação e redução das desigualdades e discriminações vividas no mundo das organizações brasileiras (Bueno & Freitas, 2016; Freitas, 2018; Freitas & Dantas, 2011; Freitas & Dantas, 2014).

Podemos citar, ainda, os trabalhos fundamentais, embora recentes, sobre Contabilidade, conduzidos por Alexandre Rambaud e Jacques Richard, que questionam os próprios fundamentos da disciplina com vistas a reformular nosso sistema econômico, e deverão angariar o interesse dos pesquisadores brasileiros na busca de um modelo de gestão ecológico em virtude das relações que Jacques Richard estabeleceu com alguns pesquisadores brasileiros (Rambaud & Richard, 2021) o os de David, Hatchuel & Laufer trabalhando para lançar novas bases para as ciências da gestão (2012) e, não menos importante, os inúmeros trabalhos das redes científicas francófonas, tais como a RIODD, sobre a responsabilidade das empresas e desenvolvimento sustentável, a AGRH (Gestão de Recursos Humanos), a AIMS (Gestão Estratégica e Organização), a RHIME (Ética e Interdisciplinaridade) e a Atlas-AFMI (Gestão Internacional), as quais os pesquisadores brasileiros e francófonos podem acessar via internet e participar livremente, como alguns, de fato, fizeram nas últimas décadas. Enfim, os pesquisadores podem consultar diversas revistas que lhes darão acesso a trabalhos amiúde originais, tais como a *Revue Française de Gestion, Gérer et Comprendre, Gestion, Management International, Management et Avenir, Finance, Contrôle, Stratégie, M@n@gement, Rhime, le Libellio d'Aegis, Entreprise et Société, Revue internationale PME, Gestion 2000, La Revue des Sciences de Gestion, Management et Sciences Sociales, Revue de l'organisation responsable, Question(s) de management, Entreprises et histoire*, e consultar o *site* da *Société Française de Management* para ler suas resenhas, seus pareceres e publicações sobre questões da atualidade referentes à nossa área de atuação.

As Ciências do Trabalho

As Ciências do Trabalho constituem a segunda fonte de inspiração. A obra de Christophe Dejours (2007, 2011, 2015, 2017) ocupa, no Brasil, um lugar histórico central (Dejours, Abdoucheli, & Jayet, 1994). Sua perspectiva da Psicodinâmica do Trabalho, de fato, dará grande fôlego às pesquisas brasileiras sobre Psicologia do Trabalho a partir dos anos 1990 (Aerosa, 2019; Bendassolli & Borges-Andrade, 2015; Bendassolli e Soboll, 2010/2021; Betiol & Tonelli, 2002; Cicero, Cardoso, & Klipan, 2019; Lima, 1998; Sznelwar, Uchida, & Lancman, 2011). Tal como sublinhado em 2009 por Álvaro Roberto Crespo Merlo e Ana Magnólia Bezerra Mendes (2009) em um inventário da Psicodinâmica do Trabalho no Brasil:

> O lançamento no Brasil do livro *A loucura do trabalho*, de Christophe Dejours, em 1987, com o novo aporte teórico trazido pela obra, tornou-se referência para quase todos os pesquisadores que atuam na área. A discussão e a abordagem apresetadas nesse livro eram novas, trouxeram muitas respostas e abriram caminhos para que se pudesse pensar as consequências do trabalho – em especial pela forma como ele trabalho está organizado – sobre a saúde psíquica dos trabalhadores. (p. 142)

Em outra passagem, os autores complementam:

> A abordagem adotada por essa disciplina permitiu ultrapassar uma visão reducionista que responsabilizava apenas o indivíduo pelas consequências do trabalho sobre sua saúde e buscar vivências operárias específicas, que se inscrevem em realidades concretas de trabalho, como, por exemplo, o papel da inteligência operária e sua função como mecanismo de defesa e na construção de identidade no trabalho. (Merlo & Mendes, 2009, p. 143)

Em virtude de seu lastro ancorado na prática, essa abordagem exercerá, igualmente, uma notável influência sobre as Ciências Administrativas por parte de pesquisadores e pesquisadoras interessados na relação entre Psicologia e organização (Fachin & Cavedon, 2003; Freitas, 2008a; Freitas & Motta, 2000; Vergara, 2006), também por meio do capítulo que o referido autor redigira em minha principal obra (Dejours, 1996).

Outras publicações no campo das Ciências do Trabalho também despertarão o interesse, e aqui podemos evocar aquelas de Pascale Molinier (2013) sobre o emprego na área de serviços e de assistência (Gaviria & Molinier, 2011), por muito tempo próximo de Dejours, as produções de Yves Clot (2010) e de Dominique Lhuillier, responsáveis por desenvolver uma clínica da atividade laboral inspirada em Vitgovsky e Bakthin (Bendassolli & Soboll, 2011/2021; Clot & Lhuillier, 2006, 2010; Lima, 2013), e os trabalhos pioneiros em Ergonomia conduzidos por Alain Wisner, fundador da Escola Francesa de Ergonomia (Sznelwar, 2006). Por fim, algumas produções de Sociologia do Trabalho, em certa medida, também tiveram repercussão. Podemos citar, particularmente, a teoria da regulação social de Jean-Daniel Reynaud (1989), uma referência central no âmbito francófono (Terssac, 2003) e que gozará de reconhecimento por parte dos colegas que se dedicam às Ciências Administrativas no Brasil, sobretudo por Marlene Catarina Oliveira Lopes Melo (1984), que, tendo feito sua tese sob a orientação de Reynaud, o utilizará para compreender o papel desempenhado pela participação na gestão de conflitos no trabalho, observação que também pode ser feita aos colegas francófonos (Richebé et al., 2020). Finalmente, podemos mencionar os trabalhos de Norbert Alter sobre inovação (2002) e cooperação (2010), que também não passaram despercebidos pela comunidade brasileira (Salvador, 2011).

As Ciências Econômicas heterodoxas

A terceira fonte de inspiração para os pesquisadores brasileiros nas Ciências Administrativas são as Ciências Econômicas heterodoxas (Lévesque, Bourque, & Forgues, 1997). De fato, todos aqueles e todas aquelas que se interessam pelo equilíbrio socioeconômico, desenvolvimento social e organizações de economia social em um país onde existem profundas desigualdades sociais (Ferreira de Souza, 2018), encontraram, no pensamento econômico heterodoxo francês, os elementos capazes de suscitar o enriquecimento de suas próprias reflexões sobre as realidades brasileiras.

 CC BY

Entre essas correntes, podemos citar aquelas que orbitam em torno da Teoria da Regulação: Boyer, Freyssenet, Aglietta, Coriat, Lipietz, Orléan... (Aglietta, 1997; Boyer & Cohen, 2010; Coriat, 1994; Mello, 2019), bem conhecida na América Latina (Castaingts-Teillery, 2014; de Mello Filho, 2019), e da Economia das Convenções (Boltanski & Chiapello, 1999; Boltanski & Thévenot, 1991; Eymard-Duvernay, 2004; Favereau, 1989; Salais & Thévenot, 1986; Orléan, 2004), a análise das convenções constituída como uma teoria da ação coletiva que busca superar as contradições da teoria da escolha racional (Bessy & Favereau, 2003).

Os trabalhos dessa última corrente, sobretudo aqueles de Boltanski e Thévenot (1991) sobre a Economia das Grandezas, conferem uma atenção central referente à situação na qual a ação coletiva se inscreve, sendo ela constituída, segundo os autores, pelos processos de justificações e testes; desse processo surge uma pluralidade de sentidos sobre o que é justo por meio de diversos modelos de "mundos" (mercado, doméstico, industrial, cívico, de opinião e de inspiração), sem que haja uma hierarquia externa ou determinada entre eles; portanto, a existência dessa pluralidade de convenções permite uma crítica à visão meramente mercadológica. Esses trabalhos, ao se juntarem às reflexões de certo número de pesquisadores brasileiros em torno da racionalidade substantiva, na esteira do trabalho pioneiro realizado no Brasil por Guerreiro Ramos, terão alguma repercussão junto a esses últimos (Serva, Caitano, Santos, & Siqueira, 2015).

Uma vez que a Economia Social constitui uma área importante no Brasil, os trabalhos conduzidos no âmbito francófono nessa disciplina também despertarão grande interesse na comunidade de pesquisadores brasileiros, assim como os trabalhos brasileiros suscitarão um grande interesse na França e no Quebec (Laville, 2011). A Teoria das Organizações, até agora, não tem se mostrado deveras interessada nas organizações da economia solidária (Serva, 2002; Serva & Andion, 2006), todavia não surpreende, portanto, que alguns pesquisadores brasileiros se inspirem nessa corrente de Sociologia Econômica aportando-lhe suas originais contribuições (Andion, 2002, 2005; França, Laville, Medeiros & Magnen, 2005; Martes, Loureiro, Abramovay & Serafim, 2007; Sperb & Serva, 2018). Os colóquios internacionais sobre Poder Local, realizados na Bahia pela NEPOL, atual CIAGS, e coordenados por Tânia Fischer, favorecem em muito sua difusão. O recente trabalho de Philippe Eynaud e de Genauto Carvalho de França Filho, membro do CIAGS, *Solidariedade e organizações: pensar uma outra organização*, publicado na França (2019) e no Brasil (2020) (edição francesa original: *Solidarité et organisation: penser une autre gestion*) à sua maneira, é um testemunho exemplar da cooperação franco-brasileira sobre essa temática fundamental tanto para a gestão quanto para o futuro socioeconômico e ambiental. Eles sublinham os potenciais e, ao mesmo tempo, os paradoxos da seguinte maneira:

> . . . Ante esses perigos ameaçadores, tão somente uma única solução . . . pode ser invocada: a solidariedade. A defesa de uma solidariedade entre os homens e a natureza (entendida como a totalidade dos seres vivos: animais e vegetais) é, com efeito, o meio mais direto de fazer frente aos desafios, tais como aqueles das mudanças climáticas e da perda da biodiversidade. O desenvolvimento de uma solidariedade entre os próprios homens é também uma resposta perene às desigualdades que os dividem. Contudo, se o enunciado da resposta é fácil, sua execução é particularmente difícil. Ela é confrontada por inúmeros obstáculos, entre eles – e não menos importante – a carência de reflexão sobre os conceitos mobilizáveis para organizar esta solidariedade o mais próximo possível dos atores e de suas atividades econômicas. Há, portanto, um paradoxo que deve ser desde já destacado: nunca a solidariedade careceu tanto de execução nos âmbitos nacional e internacional, e a reflexão sobre ela nunca foi tão eludida, desconhecida, quando não desacreditada. (p. 5)

ENTRE O LOCALISMO E A ABERTURA: O ÂMBITO BRASILEIRO EM BUSCA DE SUA SINGULARIDADE NO ÂMBITO INTERNACIONAL?

As Ciências Administrativas brasileiras desde sempre conheceram, como acabamos de ver, as influências estrangeiras, o que não é nada surpreendente neste mundo científico tradicionalmente marcado pela circulação de ideias. Embora esse intercâmbio se mostre muito fecundo, persiste o fato de que algumas situações podem ser problemáticas quando uma forte dominação se exerce em determinado campo, impedindo-o de se desenvolver de acordo com seu ritmo e segundo seus próprios questionamentos. Esse atualmente é o caso de diversas áreas nacionais**,** que são cada vez mais, sob pressão das regras e lógicas ditas "internacionais", implantadas na esteira do universo norte-americano, que a ele se conformam. Contudo, tal fenômeno não é somente vivido nos países do Sul, ele afeta igualmente diversos outros países no mundo, inclusive os anglófonos (Clegg & Bayley, 2007; Dameron & Durand, 2017; Willmott, 2011).

O universo do ensino e da pesquisa em gestão caracteriza-se, entre outros aspectos, pelos *rankings* anuais, nacionais e internacionais das mais diversas instituições (Shangai, Times, Financial Times etc.), baseados na obtenção de credenciamentos internacionais (AACSB, EQUIS, AMBA), pelo número de publicações de pesquisadores que aparecem em revistas classificadas, sendo sempre as estadunidenses as mais bem cotadas, bem como pela hegemonia crescente da língua inglesa no campo que ela influencia (Chanlat, 2014 a, b, c; Collectif, 2019; Dameron & Durand, 2017; Lussier & Chanlat, 2017; Nygaard, 2019; Tietze & Dick, 2012; Tsuda, 2013). À medida que tais classificações bibliométricas são cada vez mais criticadas (Berry, 2009; Willmott, 2011; Tourish & Willmott, 2015), algumas instituições não hesitam em abandoná-las, tal como acaba de fazer na França a seção de "Gestão y Economia" do CNRS, (o organismo publico mais importante de pesquisa científica na França) suprimindo definitivamente essas classificações.

Não obstante, para os países não anglófonos essa tensão ainda persiste com bastante força, fazendo com que eles oscilem entre adotar uma estratégia dita "internacional", que quase sempre se confunde com o "tudo em inglês" e que leva, portanto, a uma anglicização crescente de espíritos (Bousseba & Tienari, 2019; Chanlat, 2014 a, b, c; Jackson & Primecz, 2019; Tietze & Dick, 2012), e uma estratégia que visa a conservar a pertinência de sua importância local, regional e nacional, evitando ao máximo o encerramento sobre si próprios.

Nos casos dos países latino-americanos e, particularmente, do Brasil, essas questões são, tal como vimos aqui, um objeto recorrente de inúmeros debates no seio da comunidade científica (Alcadipani & Caldas, 2012; Alcadipani & Faria, 2014; Bertero, Caldas, & Wood, 1999; Guedes & Faria, 2010; Ibarra-Colado, Faria & Guedes, 2010; Ibarra-Colado, 2006; Paula et al., 2010; Serva, 2017). Perante a atual situação, se alguns parecem sucumbir às regras dominantes, outros, no entanto, tentam oferecer alguma resistência. No Brasil, essa resistência passa por uma crítica das lógicas dominantes (Bertero et al., 2013; Fischer, Waiandt, & Fonseca, 2011), dos sistemas de classificação (Fischer, 2018; Serva, 2017), da política anglicizante em matéria de publicação (Alves & Pozzebon, 2013; Gantman, Yousfi, & Alcadipani, 2015; Serva, 2017 b; Fischer, 2018), e pela afirmação de suas singularidades (Motta, 1983, 2002; Motta & Caldas,1997; Fachin, 2006, 2014; Davel, Vergara & Ghadiri, 2007; Waiandt, 2009, 2018) e um questionamento dos trabalhos feitos nos países do Sul a partir de uma reflexão pós-colonial e de uma situação social profundamente desigual (Alcadipani, 2010b; Alcadipani & Faria, 2014; Alcadipani & Rosa, 2011; Gantman et al., 2015; Ferreira de Souza, 2018; IBGE, 2020).

Tais críticas defendem, com efeito, uma revisão do sistema como um todo:

 CC BY

> . . . Portanto, frente ao poderio imperial do reocidentalismo e a obrigação de assumirmos responsabilidades geoepistêmicas mais substantivas, um dos principais desafios para as próximas décadas no Brasil é reconstruir ou reformar as instituições vigentes (Anpad, Capes, CNPq etc.) . . . Dessa forma, a área de Gestão no Brasil estará em condições de liderar transformações de mesma ordem que instituições no exterior (US Academy of Management, Chinese Academy of Management, Banco Mundial, Egos etc.) por meio de um grande projeto que abraça a geopolítica do conhecimento, promove a substituição do universalismo eurocêntrico pela *pluriversalidade* e possibilita a construção de um mundo no qual diversos mundos e conhecimentos coexistem. Talvez seja pedir ou esperar demais da área de Gestão, mas também pode ser uma excelente oportunidade para reinventarmos a área. (Bertero et al., 2013, p. 190)

Elas constituem um sinal de alerta contra uma avaliação tão somente bibliométrica da pesquisa que, em sua ampla maioria, se destina a publicações em língua inglesa e contribui para o embotamento da criatividade:

> Temos que tomar muito cuidado para que os valores e métricas que nos regulam não se tornem a castração que não merecemos e acabem com esforços criativos e inovadores. Então, a principal questão é: qual é o impacto que minha gestão tem sobre pessoas, territórios, organizações? É necessário avaliar pelo impacto, pelo que se agrega, evitando-se o quase autismo que encontramos em pessoas que se isolam ao se orientarem por métricas. Aliás, essas métricas podem não valer mais, daqui há alguns poucos anos. É melhor estarmos mais alertas agora e a área se reposicionar. (Fischer, 2018, p. 26)

> No Brasil, a agência reguladora CAPES instituiu seu próprio ranking de periódicos, o Qualis. Ele é a referência principal para a avaliação dos Programas de Pós-Graduação, a partir das publicações do corpo docente dos Programas nas revistas mais bem posicionadas no ranking. A arquitetura de valoração do Qualis espelha o leque de index e fatores de impacto das empresas acima citadas. Na área de administração, no estrato superior (A1) do Qualis não figura nenhuma revista brasileira; a grande maioria são periódicos americanos, sendo a língua inglesa totalmente predominante. (Serva, 2017b, p. 55)

Por fim, elas reafirmam a importância do diálogo com outros campos do conhecimento, e reforçam as cooperações internacionais de modo a fazer frente aos enormes desafios que se interpõem em nossas sociedades e no mundo (Alcadipani & Faria, 2014; Chanlat, Fachin, & Fischer, 2006, 2007; Eynaud & França, 2019). Para nós, esse é o caminho que o diálogo entre pesquisadores de língua francesa e pesquisadores brasileiros deve trilhar.

É nesse contexto, como acabamos de ver, que as obras em língua francesa encontram algum respaldo na comunidade brasileira já há algumas décadas, sobretudo por meio de algumas obras e correntes de destaque. Esse interesse baseia-se em um valor histórico e em uma proximidade cultural latina que, a despeito das diferenças entre os próprios países latinos, neste caso em específico, os franceses e brasileiros ainda conservam (Pinot de Villechenon, 2003; Villechenon, Chanlat, & Rizzo, 2021; Rouquié, 1987).

Esse diálogo, a meu ver, só poderá perdurar se os pesquisadores de língua francesa, bem como os pesquisadores brasileiros, continuarem a defender suas especificidades, a redigir, em sua língua materna, livros, artigos, monografias, e a organizar colóquios e seminários onde questões próprias às suas sociedades sejam levadas

em consideração (Chanlat, 2014a; 2014b); é um desejo que pesquisadores e pesquisadoras possam continuar a se concentrar em seu ambiente socioeconômico de maneira pertinente (Fischer, 2018). Urge, portanto, evitar emaranhar-se na situação daquele pesquisador norueguês que se confessava incapaz de apresentar o resultado de seus estudos a seus concidadãos na Noruega, em virtude da política do "tudo em inglês" implementada por sua instituição, responsável, em última instância, por lhe tolher essa capacidade comunicativa (Nygaard, 2019).

De minha parte, como acabo de sublinhar, sempre tentei, ao longo de todos estes anos, ser um autor que afirma as singularidades locais, regionais e nacionais, em todos os espaços onde pude intervir (ensino, pesquisa, publicações, associações científicas nacionais e internacionais), desde sempre apegado a um verdadeiro diálogo intercultural (Chanlat, 2014b; Chanlat, Davel, & Dupuis, 2013; Chanlat & Pierre, 2018; Davel, Dupuis & Chanlat, 2008) entre universos linguísticos, e permanecer atento a essa relação com a comunidade brasileira que me é cara pelas razões mencionadas anteriormente e que possui, a meu ver, apesar dos comentários anteriores, todos os elementos de um campo científico que aspira a uma relativa autonomia (o número, as revistas, as editoras, as associações científicas, os congressos etc.) (Chanlat, 2015). Foi justamente por essa razão que incentivei, o mais que pude, inúmeros colegas, sobretudo aqueles de língua francesa, a participarem dos eventos no Brasil, e inúmeros colegas brasileiros a participarem de eventos de língua francesa; e que, além disso, tentei difundir alguns de seus trabalhos em francês, incluídos aqui na coleção que dirijo na editora da Universidade Laval (Cavalcanti, 2011).

Esse espírito de abertura assenta-se, entre outras coisas, em um certo multilinguismo e numa política ativa em matéria de tradução que nos permitam ter acesso a pensamentos estrangeiros (Iniciativa de Helsínquia, 2019). Muitas vezes, esse não é o caso de nossos colegas estadunidenses, cujo monolinguismo e as escassas traduções de nossos trabalhos de referência em inglês levam-nos, muito frequentemente, a um provincianismo acadêmico, tal como afirma Gaylord Georges Candler (2014) acerca da recepção do pensamento de Guerreiro Ramos nos Estados Unidos. Esse provincianismo, que fique claro, não é um atributo exclusivo de nossos colegas estadunidenses. Os pesquisadores brasileiros, que majoritariamente dominam vários idiomas, estão, portanto, em uma boa situação a fim de evitar essa armadilha sempre que o multilinguismo é utilizado para desenvolver seus trabalhos originais sobre sua realidade, dialogando com outros universos linguísticos com o devido conhecimento de causa (Bertero et al., 2013; Chanlat, 2014a, 2015; Clegg & Bayley, 2007), e concretizar, assim, o pensamento de Guerreiro Ramos (1981/1989, p.5): "Somente através da livre experiência da realidade e sua precisa articulação é que a racionalidade substantiva poderá ser compreendida".

À ocasião desta edição especial, gostaria de concluir este artigo com um desejo aspirado no seguinte sentido: que as relações entre pesquisadores brasileiros e francófonos se mantenham e se desenvolvam por intermédio de uma reciprocidade benevolente, tal como desejava Guerreiro Ramos (1984). Isso se concretizará por meio da constante presença de trabalhos publicados nas diferentes revistas e em nossas diversas editoras e, não menos importante, nesta revista de referência multilíngue que a *RAE-Revista de Administração de Empresas* se tornou (Tonelli, 2018), a quem desejo, nesta ocasião, todos os meus mais sinceros votos para que ela prossiga nesta formidável aventura que começou há 60 anos. Sessenta anos é, de fato, um aniversário inesquecível para uma revista científica no campo das Ciências Administrativas.*

* A título de comparação, a revista estadunidense *Administrative Science Quarterly* foi fundada em 1956, apenas cinco anos antes.

 CC BY

NOTA DO AUTOR

Professor emérito, Université Paris-Dauphine P.S.L, Dauphine Recherches en Management, Paris, França.
Professor convidado, Institut Mines-Télécom Business School, Paris, França.
Professor afiliado, HEC-Montréal, Département de Management, Montréal, Canadá.

REFERÊNCIAS

Aerosa, J. (2019). O mundo do trabalho em (re)análise: Um olhar a partir da psicodinâmica do trabalho. *Laboreal*, *15*(2), 1-24. doi: 10.4000/laboreal.15504

Aglietta, M. (1997). *Régulation et crises du capitalisme*. Paris, France: Odile Jacob.

Aktouf, O. (1996). *A administração entre tradição e a renovação*. São Paulo, SP: Casa Editorial Atlas.

Alcadipani, R. (2010a). Critical international management and international critical management: Perspectives from Latin America. *Critical Perspectives on International Business*, *6*, (2/3), 86-96. doi: 10.1108/cpoib.2010.29006baa.001

Alcadipani, R. (2010b). From Latin America to the world: Notes on the (possible) latin american management styles. In A. Guedes, & A. Faria (Eds.), *International management and international relations: A critical perspective from Latin America* (Vol. 1, pp. 136-158). New York, USA: Routledge.

Alcadipani, R., & Bertero, C. (2012). Guerra Fria e ensino do management no Brasil: O caso da FGV/EAESP. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *52*(3), 284-299. doi: 10.1590/S0034-75902012000300002

Alacadipani, R., & Bertero, C. O. (2014l). Uma escola Norte-Americana Ultramar? Uma historiagrafia da EAESP. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *54*(2), 154-169. doi: /10.1590/S0034-759020140204

Alcadipani, R., & Caldas, M. (2012). Americanizing Brazilian management. *Critical Perspectives on International Business*, *8*(1), 37-55. doi: 10.1108/17422041211197558

Alcadipani, R., & Cooke, B. (2013). *The Ford Foundation's mess in Brazil*. Best Paper Proceedings of the Academy of Management Meeting. doi: 10.5465/ambpp.2013.218

Alcadipani, E., & Faria, A. (2014). Fighting Latin American marginality in "International business". *Critical Perspectives on International Business*, *10*(1/2), 107-111. doi: 10.1108/cpoib-11-2013-0047

Alcadipani, R., & Rosa, A. R. (2011). From global management to glocal management: Latin American perspectives as a counter-dominant management epistemology. *Canadian Journal of Administrative Science*, *28*(4), 453-466. doi. org/10.1002/cjas.165

Alter, N. (2002). *L'innovation ordinaire*. Paris, France: PUF.

Alter, N. (2010). *Donner et prendre: La coopération en entreprise*. Paris, France: La Découverte.

Alves, M. A., & Pozzebon, M. (2013). How to resist linguistic domination and promote knowledge diversity. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *53*(6), 629-633. doi: 10.1590/S0034-759020130610

Amado, G. (2013). Les processus psychiques au sein des groupes de travail: au-delà de Bion et de Pichon-Rivière. *Nouvelle Revue de Psychosociologie*, *1*(15), 163-182. Recuperado de https://www.cairn.info/revue-nouvelle-revue-de-psychosociologie-2013-1-page-163.htm

Amblard, H., Bernoux, P., Herreros, G., & Livian, Y.-F. (1995). *Les nouvelles approches en sociologie des organisations*. Paris, France: Seuil.

Andion, M.-C. (1998). Gestão em organizações da economia solidária: Contornos de uma problemática. *Revista de Administração Pública*, *32*(1), 7-25. Recuperado de http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/view/7680

Andion, M.-C. (2005). A gestão no campo da economia solidária: Particularidades e desafios. *Revista de Administração Contemporânea*, *9*, 79-99. doi: 10.1590/S1415-65552005000100005

Andion, C., & Serva, M. A. (2006). Etnografia e os estudos organizacionais. In K, C, Godoi., R, Bandeira-de-Mello, & A., Barbosa da Silva. (Orgs.), *Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: Paradigmas, estratégias e métodos*. São Paulo, SP: Saraiva.

Araújo, N. G. de, & Barros, V. A. de. (2019). A psicologia do trabalho e as clínicas do trabalho no Brasil. *Laboreal*, *15*(2), 1-12. doi: 10.4000/laboreal.15515

Aubert, N., & Gauléjac, V. de. (1993). *Coste de la excelencia¿*. Madrid, España: Paidos.

Audet, M., & Déry, R. (1996). La science réfléchie: Quelques empreintes de l'épistémologie des sciences de l'administration. *Anthropologie et Sociétés*, *20*, 1, 103-123. doi : 10.7202/015397

Audet, M., & Malouin, J.-L. (Orgs.). (1986). *La production des connaissances scientifiques de l'administration*. Québec, Canada: Les Presses de l'Université Laval.

Azevedo, A., & Albernaz, R. (2006). A "antropologia" do guerreiro: A história do conceito de homem parentético. Em memória a Eliana Guerreiro Ramos (1949-2003). *Cadernos EBAPE.BR, 4(3), 1-19*. Recuperado de http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/cadernosebape/article/view/7398

Barreto, O. (1999). Escola de Administração da UFBA: 40 anos de história. *Organizações e Sociedade*, *6*(15), 9-14. doi: 10.1590/S1984-92301999000200001

Barros, A., Alcadipani, R., & Bertero, C. O. (2018). A criação do curso superior em administração na ufrgs em 1963: uma análise histórica [The creation of the higher education course in administration at UFRGS in 1963: A historical analysis]. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, 58(1), 3-15. doi: 10.1590/s0034-759020180102

Bartel-Radic, A. (2013). 'Estrangeirismo' and flexibility: intercultural learning in Brazilian. MNCs. Management International/International Management/ Gestión International, *17*(4), 239-253. doi: 10.7202/1020680

Barus-Michel, J., Enriquez, E., & Lévy, A. (Dir.). (2002). Vocabulaire de Psychosociologie. Ramonville Saint-Agne, France: Éditions Érès

Bayart, D., Borzeix, A., & Dumez, H. (Dir.), (2010). *Langage et organisations: Sur les traces de Jacques Girin*. Palaiseau, France: Presses de l'École Polytechnique.

Bélanger, P., & Lévesque, B. (1996). *La modernisation sociale des entreprises*. Montréal, Canada: Presses de l'Université de Montréal.

Bendassolli, P., & Borges-Andrade, J. (Orgs.). (2015). *Dicionário de psicologia do trabalho e das organizações*. São Paulo, SP: Artesa.

Bendassolli, P., & Soboll, L. A. P. (Orgs.). (2011/2021). *Clínicas do trabalho, novas perspectivas para compreender do trabalho na atualidade*. São Paulo, SP: Atlas.

Bernoux, P (1985). *Sociologie des organisations*. Paris, France: Seuil.

Berry, M. (1983). *La technologie invisible*. Paris, France: Ecole Polytechnique.

Berry, M. (2009). Les mirages de la bibliométrie, ou comment scléroser la recherche en croyant bien faire. *Revue du MAUSS*, *1(33)*, 227-245. Recuperado de https://www.cairn.info/revue-du-mauss-2009-1-page-227.htm

Berry, M. (2011). Savoirs théoriques et gestion. In J.-M. Barbier (Dir.), *Savoirs théoriques et savoirs d'action* (pp. 43-56). Paris, France: Presses Universitaires de France.

Bertero, C. O. (2006). *Ensino e pesquisa em administração*. São Paulo, SP: Thomson Learning.

Bertero, C. O., Alcadipani, R., Cabral, S., Faria, A., & Rossoni, P. (2013). Os desafios da produção de conhecimento em administração no Brasil. *Cadernos EBAPE.BR*, *11*(1), 181-196. doi: 10.1590/S1679-39512013000100012

Bertero, C. O., Caldas, M. P., & Wood, T., Jr. (1999). Produção científica em administração: Provocações, insinuações e contribuições para o debate local. *Revista de Administração Contemporânea*, *3*(1), 147-178. doi: 10.1590/S1415-65551999000100009

Bertero, C. O., Caldas, P. P., & Wood, T. (Coord.). (2005). *Produção científica em administração no Brasil: O estado-da-arte*. São Paulo, SP: Atlas.

Bessy, C., & Favereau, O. (2003). Institutions et économie des conventions. *Cahiers d'Économie Politique*, *1*(44), 119-164. doi: 10.3917/cep.044.0119

Betiol, M. I. S., & Tonelli, M. J. (2002). A Trama drama numa intervenção: Análise sobra oticada psicodinâmica do trabalho. *Organizações & Sociedade, 9*(24), 11-23. doi: 10.1590/S1984-92302002000200001

Boltanski, L., & Chiapello, E. (1999). *Le nouvel esprit du capitalisme*. Paris, France: Gallimard.

Boltanski, L., & Thévenot, L. (1991). *De la justification: Les économies de la grandeur*. Paris, France: Gallimard.

Bonnafous, E. (1953). Les liens intellectuels entre la France et l'Amérique latine. *Revue Des Deux Mondes* (1829-1971), 63-86. Recuperado de http://www.jstor.org/stable/44585861

Boussebaa, M., & Tienari, J. (2019). Englishization and the politics of knowledge production in management studies. *Journal of Management Inquiry, 30*(1), 59–67. doi: 10.1177/1056492619835314

Bouville, G., & Yousfi, H. (Dir.). (2021). *Les dimensions oubliées de la gestion, anthropologie, management, travail et organisation: Mélanges en l'honneur du professeur Jean-François Chanlat*. Ste-Foy, Québec, Canada: Les Presses de l'Université Laval; Paris, France: Hermann.

Boyer, R., & Cohen, P. (2010). *Teoria da regulação: Os fundamentos*. São Paulo: Estação Liberdade

Buarque de Holanda, S. (1936). *Raízes do Brasil*. Rio do Janeiro: Editora José Olympio Editora. Edição francesa, (1998) *Racines du Brésil*, Paris: UNESCO/Gallimard.

Bueno, J. M., & Freitas, M. E. (2016). Les équipes multiculturelles dans les filiales brésiliennes de multinationales. In J.-P. Dupuis, J.-P. Lemaire, & E. Milliot (Coord.), *Ancrages culturels dans un monde en mutation* (pp. 157-172). Paris, France: Vuibert.

Caldas, M., Fachin, R., & Fischer, T. (1999). Prefácio à edição brasileira do *Handbook de Estudos Organizacionais*. Vol.1: M*odelos de Análise e Novas Questões em Estudos Organizacionais*. (Eds), Clegg, S., Hardy, C., & Nord, W. São Paulo, SP: Atlas, 61-98.

Caldas, M. P., & Wood, T., Jr. (1997). For the English to see': The importation of managerial technology in late 20th-century Brazil. *Organization, 4*(4), 517–534. doi: 10.1177/135050849700400410

Calvacanti, B. (2011). *Le leadership dans les organisations publiques au Brésil*. Ste-Foy, Québec, Canada: Les Presses de l'Université Laval.

Candler, G. G. (2014). Linguistic diglossia and parochialism in American public administration: The missing half of Guerreiro Ramos's redução sociológica. *Administrative Theory and Praxis*, *28*(4), 540-561**.** doi: 10.1080/10841806.2006.11029561

Cassundé, F. R., Barbosa, M. A. C., & Mendonça, J. R. C. de. (2016). A influência da tradição anglo-saxônicas estudos organizacionais brasileiros: O que mudou (ou não) nos últimos 15 anos? *Perspectivas em Gestão & Conhecimento, 6*(1), 238-254. Recuperado de https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/pgc/article/view/27064

 CC BY

Castaingts-Teillery, J. (2014). *La crisis financiera. Un análisis de etnoeconomía*. Conferencia, Academia Mexicana de Economía Política, Ciudad de México, México. Recuperado de amepmexico.com.mx.

Chanlat, A., & Dufour, M (dir) (1985). *La rupture entre l'entreprise et les hommes*. Montréal, Québec, Canada: Québec/ Amériques.

Chanlat, J.-F. (Dir.). (1992a). *Indivíduo na organização: Dimensões esquecidas* (Vol. I). São Paulo, SP: Publicação Atlas, Montréal, Québec, Canada: HEC CETAI.

Chanlat J.-F. (1992b). L'analyse des organisations: Un regard sur les productions de langue française contemporaines (1950-1990). *Cahiers De Recherche Sociologique,* (18-19), 93–138. doi: 10.7202/1002305ar

Chanlat, J.-F. (Dir.). (1994a). *O indivíduo na organização: Dimensões esquecidas* (Vol. II). São Paulo, SP: Publicação Atlas, Montréal, Québec, Canada: HEC-CETAI.

Chanlat, J.-F. (1994b). Francophone organizational analysis (1950-1990): An overview. *Organization Studies, 15*(1), 47–79. doi: 10.1177/017084069401500103

Chanlat, J.-F. (Dir.). (1996). *O indivíduo na organização: Dimensões esquecidas* (Vol. III), São Paulo, SP: Publicação Atlas, Montréal, Québec, Canada: HEC CETAI.

Chanlat J.-F. (2000). *Ciências sociais e administração*. São Paulo, SP: Publicação Atlas.

Chanlat, J.-F. (2010a). *Gestão das empresas: Uma perspectiva antropológica*. (Coleção Debates em Administração). São Paulo, SP: Cengage Learning.

Chanlat, J.-F. (2010b). Hommage à José Roberto Gomes da Silva. *Revue Française de Gestion*, *36*(20), 183-184. Recuperado de https://www.cairn.info/revue-francaise-de-gestion-2010-4-page-183.htm

Chanlat, J.-F. (2014a). Langue et pensée dans la recherche en gestion: Constats, enjeux et atouts de la langue française. Gérer et Comprendre, 115(1), 4-17. doi: 10.3917/geco.115.0004

Chanlat, J.-F. (2014b). A língua e o pensar no campo da pesquisa em administração: Constatações e questões para os pesquisadores que não utilizam a língua inglesa. *RAE-Revista de Administração de Empresas, 54*(6), 706-714. doi: 10.1590/S0034-759020140610

Chanlat, J.-F. (2014c). Language and thinking in organization studies: The visibility of French OS production in the Anglo-Saxon OS field. *International Journal of Organizational Analysis*, *22* (4), 504-533. doi: 10.1108/IJOA-09-2013-0708

Chanlat J.-F. (2015). Le champ des études organisationnelles: Le regard critique d'un chercheur plurilingue. *RAE- Revista de Administração de Empresas*, *55*(2), 226-230. doi: 10.1590/S0034-759020150212

Chanlat, J-F. (2020). La catastrophe sanitaire actuelle: un fait social total. *Le Libellio d'AEGIS, 16*(7), p. 3-30. Recuperado de https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-03120567

Chanlat, J.-F, Davel, E., & Dupuis, J.-P. (2013). *Cross-Cultural Management. Culture and management across the world*. Londres, RU: Routledge.

Chanlat, J.-F, Dameron, S., Dupuis, J.-P., Freitas, M,E, & Özbilgin, M. (2013). Management et Diversité : lignes de tension et perspectives. *Management international / International Management / Gestiòn Internacional,* 17, 5–13. doi: 10.7202/1015807ar

Chanlat, J.-F., Özbilgin, M. (2018). *Management et diversité: Comparaisons internationales*. Ste-Foy, Québec, Canada: Les Presses de l'Université Laval, Paris, France: Hermann.

Chanlat, J.-F., Özbilgin, M. (2018). *Management et diversité: approches thématiques et défis sociopolitiques*. Ste-Foy, Québec, Canada: Les Presses de l'Université Laval, Paris, France: Hermann.

Chanlat, J.-F., Pierre, P.(2018). *Management interculturel. Evolution, tendances et critiques*. Caen, France: EMS.

Chanlat, J.-F., Fachin, R., & Fischer, T. (Dir.). (2006). *Analyse das organizações: Perspectivas latinas* (Vol. 1). Porto Alegre, Brasil: UFRGS

Chanlat, J.-F., Fachin, R., & Fischer, T. (Dir.). (2007). *Analyse das organizações: Perspectivas latinas* (Vol. 1). Porto Alegre, RS: UFRGS

Chanlat, J-F.,& Séguin, F. (1987). L'analyse des organisations. Tome II: les composantes de l'organisation, Montréal, Québec, Canada: Gaëtan Morin.

Cicero, A. F. C., Cardoso, J. M. M., & Klipan, M. L. (2019). Panorama da psicodinâmica do trabalho no Brasil entre os anos de 2005 e 2015. *Revista Interinstitucional de Psicologia*, *12*(1), 19-36. doi: 10.36298/gerais2019120103

Clarke, T., O'Brien, J., & O'Kelley, C. (2019). *The Oxford Handbook of The Corporation*. Oxford, UK: Oxford University Press.

Clegg, S R., & Bayley, J.R. (Eds). (2007). *International Encyclopedia of Organization studies*. Thousand. Oaks: Sage.

Clegg, S., Hardy C., & Nord, W. (Ed.). (1999). *Handbook de Estudos Organizacionais: Modelos de Análise e Novas Questões em Estudos Organizacionais* (Vol.1). São Paulo, SP: Atlas.

Clegg, S., Hardy C., & Nord, W. (Ed.). (2001). *Handbook de Estudos Organizacionais: Reflexões e Novas Direções* (Vol.2). São Paulo, SP: Atlas.

Clegg, S., Hardy C., & Nord, W. (Ed.). (2004). *Handbook de Estudos Organizacionais: Ação e Análise Organizacionais.* (Vol. 3), São Paulo, SP: Atlas.

Clot, Y. (2010). *Trabalho e poder de agir*. Belo Horizonte, MG: Fabrefactum.

Clot, Y., & Lhuillier, D. (2006). *Perspectives en cliniques du travail*. Toulouse, France: Erès.

Clot, Y., & Lhuillier, D. (2010). *Agir en clinique du travail*. Toulouse, France: Erès.

Collectif. (2019, Février). La recherche francophone en sciences de gestion n'a aucune raison d'acccepter une soumission à un ordre anglo-saxon. *Le Monde, 20*. Recuperado de https://www.lemonde.fr/idees/article/2019/02/20/la-recherche-francophone-en-sciences-de-gestion-n-a-aucune-raison-d-accepter-une-soumission-a-un-ordre-anglo-saxon_5425600_3232.html

Coriat, B. (1994). *Pensar pelo avesso*. Rio de Janeiro, RJ: UFRJ/Revan.

Crozier, M. (1963a). Subdesenvolvimento, administração e burocracia. *RAE-Revista de Administração de Empresas, 3*(9), 117-134. Recuperado de http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rae/article/view/41005

Crozier, M. (1963b). *Le phénomène bureaucratique*. Paris, France: Seuil.

Crozier, M. (1981). *O fenômeno burocrático: Ensaio sobre as tendências burocráticas dos sistemas de organização modernos e suas relações na França, com o sistema social e cultural* (Vol. 2.). (J. A. Gil Sobrinho, Trad.). Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília.

Crozier, M. (2000). *À quoi sert la sociologie des organisations?* Paris, France: Arslan.

Crozier, M., & Friedberg, E. (1977). L'acteur et le système. Paris, France: Seuil.

Dameron, S., Durand, T. (Eds). (2017). *The Future of Management Education. Volume 1: Challenges facing Business Schools around the World*. London, UK: Palgrave.

Davel, E., Dantas, M., & Vergara, S. C. (2008). Culture et gestion au Brésil. In E. Davel, J.-P. Dupuis, & J.-F. Chanlat (Eds.), *Gestion en contexte interculturel*. Québec, Canada: Presses de l'Université de Laval et Téléuniversité. CD.

Davel, E., & Dupuis, J.-P., & Chanlat, J.-F. (Eds.). (2008). *Gestion en contexte interculturel*. Québec, Canada: Presses de l'Université de Laval et Téléuniversité.

Davel, E., & Vergara, S, C. (Orgs.). (2001). *Gestão com pessoas e subjetividade*. São Paulo, SP: Atlas.

Davel, E., Vergara, S., & Ghadiri, S. (Orgs.). (2007). *Administração com arte: Experiências vividas de ensino-aprendizagem*. São Paulo, SP: Atlas.

Davel, E. P. B., & Melo, M. C. de O. L. (2005). *Gerência em ação: Singularidades e dilemas do trabalho gerencial*. Rio de Janeiro, RJ: Editora FGV.

David, A., Hatchuel, A., & Laufer, R. (2012). *Les nouvelles fondation des sciences de gestion*. Paris, France: Presses des Mines.

Dejours, C. (1996). Uma nova visão do sofrimento humano nas organizações. In J.-F. Chanlat (Dir.), *O indivíduo na organização: Dimensões esquecidas*. (Vol 1). São Paulo, SP: Editora Atlas, 149-174.

Dejours, C. (2007). *Fator humano*. São Paulo, SP: Editora Atlas.

Dejours, C. (2011). *A banalização da injustiça social*. São Paulo, SP: Editora Atlas.

Dejours, C. (2015). *A loucura do trabalho: Estudo de psicopatologia do trabalho*. São Paulo, SP: Cortez Editora-Oboré.

Dejours, C. (2017). *Psicodinâmica do trabalho: Casos clínicos*. São Paulo, SP: Dublinense.

Dejours, C., Abdoucheli, E., & Jayet, C. (1994). *Psicodinâmica do trabalho*. São Paulo, SP: Atlas.

d'Iribarne, P., Chevrier, S., Henry, A., Segal, J.-P., & Tréguer-Felten, G. (2020). *Cross-cultural management revisited: A qualitative approach*. Oxford, UK: Oxford University Press.

d'Iribarne, P., *Henry, A., Segal, J.-P., Chevrier, S.,* & Globokar, T. (1998). *Cultures et mondialisation: Gérer par-delà les frontières*. Paris, France: Seuil.

Dufour, M.,Chanlat,A.(1985). *La rupture entre l'entreprise et les hommes*. Montréal, Québec, Canada: Québec/Amériques.

Dumez, H. (2016). *Méthodologie qualitative: Les questions clés de la démarche compréhensive*. Paris, France: Vuibert.

Dupuis, J.-P., & Kuzminski, A. (1998). *Sociologie de l'économie, du travail et de* l'entreprise. Montréal, Canada: Gaëtan Morin éditeur.

Enriquez, E. (1990). *Da horda ao estado: Psicanálise do vínculo social*. São Paulo, SP: Editora Senac.

Enriquez, E. (1997). *A organização em análise*. Capa comun. Kindle Direct Publishing.

Enriquez, E. (2007). *As figuras do poder*. Capa Comun, Kindle Direct Publishing.

Enriquez, E. (2014). Jogos de poder na empresa: Sobre os processos de poder e estrutura. São Paulo, SP: Zagodoni Editora.

Entreprises et Histoire. (2016). Cinquante ans de sociologie des organisations. [Numéro spécial], 3(84). Paris, FR: ESKA

Etzioni, A. (1967). *Organizações complexas*. São Paulo, SP: Pioneira.

Eymard-Duvernay, F. (2004). *Economie politique de l'entreprise*. Paris, France: La découverte

Eynaud, P., & França, C. de., Filho. (2019). *Solidariedade e organizações: Pensar uma outra gestão*. São Paulo, SP: Ateliê de Humanidades Editorial. [Edition française, Solidarité et organisation: Penser une autre gestion. Toulouse, France: Erès.

Fachin, R. (2006). *Construindo uma associação científica: Trinta anos da ANPAD – Memórias, registros, desafios*. Porto Alegre, RS: ANPAD.

Fachin, R. (2014). Memórias e posicionamentos em estudos organizacionais. *Revista Brasileira de Estudos Organizacionais*, *1*(1), 4-16. doi: 10.21583/2447-4851.rbeo.2014.v1n1.27v

Fachin, R., & Cavedon, N. R. (2003). Em busca da especificidade da influência francesa na análise organizacional no Brasil. *Cadernos EBAPE.BR, 1*(1), 1-13. doi: 10.1590/S1679-39512003000100006

Favereau, O. (1989). Organisation et marché. *Revue française d'économie*, *4*(1), 65-96. doi: 10.3406/rfeco.1989.1203

Ferreira de Souza, P, H, D. (2018). *Uma história de desigualdade: a concentração de renda entre os ricos no Brasil, 1926-2013*. São Paulo, SP: Hucitec.

Fischer, T., & Davel, E. (2018). Administração como aprendizagem: do vir ao porvir com Tânia Fischer. *Farol - Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade, 5*(12), 13-31. Recuperado de https://revistas.face.ufmg.br/index.php/farol/article/view/4794

Fischer, T., Caldas, M., & Fachin, R. (Orgs.). (2004a). *Handbook de estudos organizacionais: Ação e análises organizacionais* (Vol. 2). São Paulo, SP: Editora Atlas.

Fischer, T., Caldas, M., & Fachin, R. (Orgs.). (2004b). *Handbook de estudos organizacionais: Ação e análises organizacionais* (Vol. 3). São Paulo, SP: Editora Atlas.

Fischer, T., Waiandt, C., & Fonseca, R. L. (2011). A história do ensino em administração: Contribuições teórico-metodológicas e uma proposta de agenda de pesquisa. *Revista de Administração Pública, 45*(4), 911-939. doi: 10.1590/S0034-76122011000400002

Fischer, T. M. (1985). O ensino de administração pública no Brasil: Da tutela estrangeira à autonomia necessária. In *Reunião Nacional da ANPAD (*pp165-170*)*. Anais... Florianópolis: Ed. UFSC

França, G, C. dé, Filho, Laville, J.-L., Medeiros, A. J. de S., & Magnen, J.-L. (2005). *Ação pública e economia solidária: Uma perspectiva internacional*. Salvador, Bahia: Editora CIAGS/UFBA.

Freitas, M. E. (1991). Cultura organizacional: Grandes temas em debates. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *31*(3), 73-82. Recuperado de http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rae/article/view/38605

Freitas, M. E. de. (1999a). *Cultura organizacional: Formação, tipologias e impacto*. São Paulo, SP: Editora Atlas.

Freitas, M. E. de. (1999b). *Cultura organizacional: Identidade, sedução e carisma?* Rio de Janeiro, RJ: FGV.

Freitas, M. E. de. (2001). Assédio moral e assédio sexual: faces do poder perverso nas organizações. *RAE-Revista de Administração de Empresas, 41*(2), 8-19. doi: 10.1590/S0034-75902001000200002

Freitas, M. E. de. (2008b). Entrevista com Jean-François Chanlat. *GVexecutivo 7*(11), 62-69. doi: 10.12660/gvexec.v7n1.2008.34087

Freitas, M.-E. de. (2018). Gérer la diversité au Brésil. In J.-F. Chanlat, & Özbilgin, M, (Dir.), *Management et diversité: Comparaisons internationales* (pp.115-162). Ste-Foy, Québec, Canada: Les Presses de l'Université Laval; Paris, France: Hermann.

Freitas, M. E. de, & Dantas, M. (2011). *Diversidade sexual e trabalho*. São Paulo, SP: Cengage.

Freitas, M. E. de, & Dantas, M. (2014). L'étranger dans le groupe: Pont et porte de l´interculturel. In A.-M. Guénette, E. Mutabazi, S. Von O. Ottino, & P. Pierre (Dir.), *Management interculturel, altérité et identités* (pp. 523-531). Paris, France: L'Harmattan.

Freitas, M. E. de, & Motta, F. C. P. (2000). *Vida psíquica e organização*. Rio de Janeiro, RJ: Editora FGV.

Freyre, G. (1963). *Casa grande e senzala*. Brasília, DF: Ed. UnB.

Gantman, E,. Yousfi, H., & Alcadipani, R. (2015). Challenging Anglo-Saxon dominance in management and organizational knowledge. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *55*(2), 126-129. doi: 10.1590/S0034-759020150202v

Gauléjac, V. De. (2005). *Gestão como doença social: Ideologia, poder gerencialista e fragmentação social.* São Paulo, SP: Editora Ideias e Letras.

Gaviria, L. G. A., & Molinier, P. (Éds.). (2011). *El trabajo y la ética del cuidado*. Bogotá, Colombia: La Carreta Social.

Girin, J. (2016). *Langage, organisations, situations et agencements* [avec la collaboration de Jean-François Chanlat, Hervé Dumez et Michèle Breton]. St-Foy, Québec, Canada: Presses de l'Université de Laval, Paris, France: Hermann.

Gonzáles-Miranda, D, R., & Ramirez Martinez, G. (2018). *Introducción: los estudiosorganizacionales en Latinoamérica. Una realidad fragmentada en busca de identidad Tratado de estudios organizacionales.*(Volumen 1). Teorización sobre el campo, Medellin, Colombia: Editorial EAFIT, Mexico: Universidad Autónoma Metropolitana, Red Mexicana de Investigadores en Estudios Organizacionales, Londres: Sage, 21-40.

Gonzáles-Miranda, D, R., & Ramirez Martinez, G. (2020). *Tratado de estudios organizacionales. Volumen 2. Exploración de las temáticas*, Medellin, Columbia: Editorial EAFIT, Mexico: Universidad Autónoma Metropolitana, Red Mexicana de Investigadores en Estudios Organizacionales, London, UK: Sage.

Grange, J. (2000). *Auguste Comte: La politique et la science*. Paris, France: Éditions Odile Jacob.

Guedes, A., & Faria, A. (Eds.). (2010). *International management and international relations: A critical perspective from Latin America*. New York, USA: Routledge.

Harzing, A-W. (2016, June). *Do Google Scholar, Scopus and the Web of Science speak your language?* EURAM Conference, Paris

Hatchuel, A. (2021, Janvier). La France, pionnière de la bonne gouvernance. *Le Monde*, 6 . Recuperado de https://www.lemonde.fr/emploi/article/2021/01/06/la-france-pionniere-de-la-bonne-gouvernance_6065334_1698637.html

Ibarra-Colado, E. (2006). Organization studies and epistemic coloniality in Latin America: Thinking otherness from the margins. *Organization*, *13*(4), 463-488. doi : 10.1177/1350508406065851

Ibarra-Colado, E., Faria, A., & Guedes, A. (2010). Introduction to the special issue on "Critical international management and international critical management: Perspectives from LatinAmerica". *Critical Perspectives on International Business, 6*(2/3), 86-96. doi: 10.1108/17422041011049923

Initiative d'Helsinki. (2019). Initiative d'Helsinki sur le multilinguisme dans la communication savante [Helsinki Initiative on Multilingualism in Scholarly Communication]. Recuperado de https://www.helsinki-initiative.org/fr

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatistica. (2019). *Sintese de Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira*. Rio de Janeiro, RJ: IBGE.

Jackson, T, & Primecz, H. (2019). Cross-cultural management studies and the Englishization of scholarly communication: A paradox. *International Journal of Cross Cultural Management, 19*(2), 115–119. https://doi.org/10.1177/1470595819865095

Joly, A, (2004). *Fiefs et entreprises en Amérique latine*. Ste-Foy, Québec, Canada: Les Presses de l'université Laval.

Kirschner, A.-M., & Gomes, E. R. (2014a). La sociologie brésilienne et l'entreprise à la fin du XXe siècle. *Sociologies Pratiques*, *3*(3), 41-48. doi : 10.3917/sopr.hs01.0041

Kirschner, A.-M., & Gomes, E. R. (2014b). Les sciences sociales brésiliennes aujourd'hui: Des questions structurelles aux nouvelles questions sociales. *Sociologies Pratiques*, 2(2), 123-134. doi: 10.3917/sopr.017.0123

Kury, L. (2003). Nation, races et fétichisme: La religion de l'humanité au Brésil. *Revue d'Histoire des Sciences Humaines*, *1*(1), 125-137. doi: 10.3917/rhsh.008.0125

Lapassade, G. (1989). *Grupos, organizações e instituições*. Rio de Janeiro, RJ: Francisco Alves

Lapierre,L.(1989). Imaginário, Administração e Liderança. *RAE-Revista de Administração de Empresas, 29*(4), 05-16. doi : 10.1590/S0034-75901989000400002

Lapierre, L. (2005). Gérir e Criar. *RAE-Revista de Administração de Empresas, 45*(4), 108-117. doi : 10.1590/S0034-75902005000400008

Laufer, R. (1977). Crise de légitimité dans les grandes organisations. *Revue Française de Gestion, 9* (1), 112-123.

Laufer, R., & Paradeise, C. (1982). *Le prince bureaucrate: Machiavel au pays du marketing*. Paris, France: Flamarion.

Laville, J-L. (dir). (2011). *Economie solidaire*. Paris, France: Editions CNRS.

Lévesque, B., Bourque, G., & Forgues, E. (1997, juil/décembre). La sociologie économique de langue française: Originalité et diversité des approches. *Cahiers Internationaux de Sociologie*, 103, 265-294.

Lima, M.-E. A. (1998). A psicopatologia do trabalho: Origens e desenvolvimentos recentes na França. *Psicologia, Ciências e Profissão*, *18*(2), 10-15. doi: 10.1590/s1414-98931998000200003

Lima, M. E. A. (2013). Saúde mental e trabalho: Limites, desafios, obstáculos e perspectivas. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, *16*(spe1), 91-98. doi: 10.11606/issn.1981-0490.v16ispe1p91-98

Lins, I. (1967). *História do positivismo no Brasil*. São Paulo, SP: Cia. Editora Nacional.

Lourau, R. (1975). *A análise institucional*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Lussier, S., Chanlat, J-F. (2017). Les enseignants en gestion face aux nouvelles injonctions institutionnelles. Une étude France-Québec. *Revue Française de Gestion*, *43*(267), 79-96. doi: 10.3166/rfg.2017.00183

Mandiola, M. (2010). Latin America's critical management? A liberation genealogy. *Critical Perspectives on International Business*, *6*(2/3), 162-176. doi: 10.1108/17422041011049978

Martes, A.-C. B., Loureiro, M., Abramovay, S. M., & Serafim, M. (2007). Apresentação Fórum – Sociologia econômica. *RAE-eletrônica, 6*(1), Art 10. Recuperado de https://www.scielo.br/pdf/raeel/v6n1/a05v6n1.pdf

Martinet, A.-C. (Org.) (1990). *Épistémologies et sciences de gestion*. Paris, France: Economica.

Martinet, A.-C., & Pesqueux, Y. (2013). *Épistémologie des sciences de gestion*. Paris, France: Vuibert.

Melo, M. C. De O. L. (1984). Processos de participação como meios não-instutionalizados dois postulados básicos de regulação de conflitos. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *24*(4), 11-18. doi: 10.1590/S0034-75901984000400004

Mello, M, S. B. de, Filho. (2019). Quarenta anos de Escola Francesa da Regulação: Entre o marxismo e o institucionalismo histórico. *Economia e Sociedade*, *28(1)*, 25-29. doi: 10.1590/1982-3533.2019v28n1art02

Merlo, A. C., & Mendes, A. M. B. (2009). Perspectivas do uso da psicodinâmica do trabalho no Brasil: Teoria, pesquisa e ação. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, *12*(2), 141-156. doi: 10.11606/issn.1981-0490.v12i2p141-156

Molinier, P. (2013). O trabalho e a psique: Uma introdução à psicodinâmica do trabalho (F. Soudant, Trad.). Brasília, DF: Paralelo 15.

Motta, F. C. P. (1981). *Burocracia e autogestão: A proposta de Proudhon*. São Paulo, SP: Brasiliense.

Motta, F. C. P. (1983). A questão da formação do administrador. *RAE-Revista de Administração de Empresas, 23*(4), 53-55. doi: 10.1590/s0034-75901983000400005

Motta, F. C. P. (1984). *Participação e co-gestão: Novas formas de administração*. São Paulo, SP: Brasiliense.

Motta, F. C. P. (1988). As formas organizacionais do estado. *RAE-Revista de Administração de Empresas, 28*(4), 15-31. doi: 10.1590/S0034-75901988000400003

Motta, F. C. P. (1990). *Organização e poder*. São Paulo, SP: Atlas.

Motta, F. C. P. (2002). *Teoria geral da administração: Uma introdução*. São Paulo, SP: Thompson Learning.

Motta, F. C. P. (2003). *Teoria das organizações: Evolução e crítica*. São Paulo, SP: Thompson Learning.

Motta, F. C. P., Alcadipani, R., & Bresler, R. (2001). A valorização do estrangeiro como segregação nas organizações. *Revista de Administração Contemporânea, 5*(Edição Especial), 59-79. doi: 10.1590/s1415-65552001000500004

Motta, F. C. P., & Caldas, M. (1997). *Cultura organizacional e cultura brasileira*. São Paulo, SP: Atlas.

Nugent, P. (1993). Compte rendu de *L'individu dans l'organisation: Les dimensions oubliées* sous la direction de Jean-François Chanlat, Québec, Canada, Les Presses de l'Université Laval et les Éditions Eska, 1990, 842 p, *Revue québécoise de science politique*, (24), 186-191.

Nygaard, L. P. (2019). The institutional context of "linguistic injustice": Norwegian social scientists and situated multilingualis. *Publications*, *7*(10), 1-13. Doi: 10.3390/publications7010010

Orléan, A. (2004). *Analyse économique des conventions*. Paris, France: Quadrige, PUF.

 CC BY

Padioleau, J.-G. (1992, Juillet-septembre). Jean-François Chanlat, *L'individu dans l'organisation, les dimensions oubliées*, 1990. *Sociologie du travail*, 34e année, (3), pp. 384-385.

Pagès, M., Bonetti, M., & Gauléjac, V. de. (1987). *O poder das organizações*. São Paulo, SP: Casa Editorial Atlas.

Paula, A. P. P. de. (2007). Guerreiro Ramos: Resgatando o pensamento de um sociólogo crítico das organizações. *Organização & Sociedade, 14*(40), 169-188. doi: 10.1590/S1984-92302007000100010

Paula, A. P. P. de, Maranhão, C. de A., Barreto, R. de O., & Klechen, C. F. (2010). A tradição e a autonomia dos estudos organizacionais críticos no Brasil. *RAE-Revista de Administração de Empresas, 50*(1), 10-23. doi: 10.1590/S0034-75902010000100002

Perrow, C. (1976), *Análise organizacional: Um enfoque sociológico*. São Paulo, SP: Atlas.

Pesqueux, Y. (2008).*Filosofia e Organizações - Coleção Debates em Administração*. Rio de Janeiro, RJ: Cengage.

Pinot de Villechenon, F. (2003). La latinidad: una cuestión de afinidad cultural en las relaciones euro-latinoamericanas. In Cavallero, P, A., Buzón, R, P., Frenkel, D., & Nocito, A. *Koronis. Homenaje a Carlos A. Ronchi March*. Buenos Aires, Argentina: Universidad de Buenos Aires, p. 395-409

Pinot de Villechenon, F. P., Chanlat, J.-F., & Rizzo, H. L. (2021). Dans quelle mesure la perception de proximité culturelle s'ajuste-t-elle au contact avec le marché cible? Les enseignements d'une recherche menée auprès de dirigeants de PME sud-européennes au Brésil. *Management International*, *25*(6) (sous presse).

Rambaud, A., Richard, J. (2021). *Philosophie d'une écologie anticapitaliste: Pour un nouveau modèle de gestion écologique*. Ste-Foy, Québec, Canada: Les Presses de l'Université Laval, Paris, France: Hermann.

Ramirez Martinez, G., & Gonzáles-Miranda, D, R. (2018). *Tratado de estudios organizacionales. Volumen 1. Teorización sobre el campo*, Medellin, Columbia. Editorial EAFIT, Universidad Autónoma Metropolitana, Red Mexicana de Investigadores en Estudios Organizacionales, Sage

Ramos, A. G. (1981/1989). *A nova ciência das organizações: Uma reconceituação da Riqueza das Nações* (2ª ed.). Rio de Janeiro, RJ: Editora da FGV.

Ramos, G. (1983). *Administração e contexto brasileiro: Esboço de uma teoria geral da administração* (2ª ed.). Rio de Janeiro, RJ: Editora da Fundação Getulio Vargas.

Ramos, G. (1984). Modelos de Homen e teoria administrativa. *Revista de Administração Pública, 18*(2), 3-12. Recuperado de http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/view/10559

Reynaud, J.-D. (1989). *Les règles du jeu: l'Action collective et la régulation sociale*. Paris, France: Armand Colin.

Richebé, N., Favereau, O., Livian, Y., Bréchet, J.-P., Taskin, L., Havard, C., & Croset, N. (2020). La théorie de la régulation sociale: Hommage à Jean-Daniel Reynaud. *Revue française de gestion*, *6*(6), 105-128. doi: 10.3166/rfg.2020.00437

Rossi, A., & Passos, E. (2014). Análise institucional: Revisão conceitual e nuances da pesquisa-intervenção no Brasil. *Revista EPOS*, *5*(1), 156-181.

Rouanet, S. P. (2010). Quelques remarques sur l'influence de la philosophie française au Brésil. *Synergies*, *Brésil numéro spécial* (2), 41-46. Recuperado de https://gerflint.fr/Base/Bresil_special2/Rouanet.pdf

Rouquié A. (1987). *Amérique latine: introduction à l'Extrême Occident*. Paris, France: Seuil,

Sainsaulieu, R. (1977/2014). *L'Identité au travail*. Paris, France: Presses de la Fondation des Sciences Politiques.

Sainsaulieu, R. (Dir.). (1990). *L'entreprise: Une affaire de société*. Paris, France: Presses de la Fondation des Sciences Politiques.

Sainsaulieu, R. (1997). *Sociologie de l'entreprise*. Paris, France: Presses de la Fondation des Sciences Politiques.

Sainsaulieu, R. (2002). *Des sociétés en mouvement*. Paris, France: Desclée de Brouwer.

Sainsaulieu, R., & Kirschner, A-M. (2006). *Sociologia da Empresa Organização Poder, Cultura e Desenvolvimento no Brasil*. Rio, Brasil: DP & A Editora.

Sainsaulieu, R.,& Segrestin, D. (1986, Juillet-septembre). Vers une théorie sociologique de l'entreprise. In: *Sociologie du travail*, 28e année, (3), pp. 335-352, Retour sur l'entreprise.

Salais, R., Thévenot, L.(éd.).(1986). *Le travail : marché, règles et conventions*. Paris, France: Economica.

Saussois, J. M. (2016). Les Organisations: Etat des savoirs, Paris, Editions Sciences Humaines.

Salvador, P. (2011, janeiro). Entrevista com Norbert Alter. Pequenas Empresas & Grandes Negócios, 264. Recuperado de http://revistapegn.globo.com/Revista/Common/0,,EMI199915-17172,00-ENTREVISTA+COM+NORBERT+ALTER+INTEGRA.html

Sciences Humaines, (1998, Mars-Avril). Comprendre les organisations, 20. Recuperado de https://www.scienceshumaines.com/comprendre-les-organisations_fr_95.htm

Segnini, L., & Alcadipani, R. (2014, maio/junho). Poder e resistências nas organizações: A propósito das contribuições de Fernando C. Prestes Motta. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *54*(3), 341-347. doi: 10.1590/s0034-759020140309V

Segrestin, B.(1992). *Sociologie de l'entreprise*. Paris, France: Armand Colin.

Segrestin, B., & Hatchuel, A. (2012). *Refonder l'entreprise*. Paris, France: Seuil.

Séguin, F.,& Chanlat, J-F. (1983). L'analyse des organisations: une anthologie sociologique. Tome I. Montréal, Québec, Canada, Gaëtan Morin.

Serva, M. (1990). Contribuições para uma teoria organizacional brasileira. *Revista de Administração Pública*, *24*(2), 10-21. Recuperado de http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/view/9047

 CC BY

Serva, M. (1992). A importação de metodologias administrativas no Brasil: uma análise semiológica. *Revista de Administração Pública, 26*(4), 128-144. Recuperado de http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/view/8751

Serva, M. (1997a). A racionalidade substantiva demonstrada na prática administrativa. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *37*(2), 18-30. doi: 10.1590/s0034-75901997000200003

Serva, M. (1997b). Abordagem substantiva e ação comunicativa: Uma complementaridade frutuosa para a teoria das organizações. *Revista de Administração Pública*, *31*(2), 108-134. Recuperado de http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/view/7940

Serva, M. (2002). Contribuições da sociologia econômica à teoria das organizações. *Sociedade e Estado*, *17*(1), 106-122. doi: 10.1590/s0102-69922002000100007

Serva, M. (2013). O surgimento e desenvolvimento da epistemologia da administração: Inferências sobre a contribuição ao aperfeiçoamento da teoria administrativa. *RGO Revista Gestão Organizacional*, *6*(Edição especial), 51-64. doi: 10.22277/rgo.v6i3.1529

Serva, M. (2017a). Epistemología de la administración en Brasil: El estado del arte. *Cadernos EBAPE.BR*, *15*(4), 741-750. doi: 10.1590/1679-395173209

Serva, M. (2017b). A nova ideologia econômica da ciência e a (re) politização do campo. *Ciências em Debate*, *2*, 52-58.

Serva, M., & Andion, M.-C. (2006). Teoria das organizações e a nova sociologia econômica: Um diálogo interdisciplinar. *RAE-Revista de Administração de Empresas, 46*(2), 10-20. doi: 10.1590/S0034-75902006000200002

Serva, M., & Andion, M.-C. (2021). La contribution de l'oeuvre de Jean-François Chanlat au champ des études épistémologiques des sciences administratives brésiliennes. In G. Bouville, & H. Yousfi, *Les dimensions oubliées de la gestion. Anthropologie, management et organisation: Mélanges en l'honneur de Jean-François Chanlat*. Ste-Foy, Québec, Canada, Les Presses de l'université Laval, Paris, France: Hermann (à paraître).

Serva, M., Caitano, D., Santos, L., & Siqueira, G. (2015). A análise da racionalidade nas organizações: Um balanço do desenvolvimento de um campo de estudos no Brasil. *Cadernos EBAPE.br*, *13*(3), 414-437. Recuperado de http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/cadernosebape/article/view/16344

Silva, J.-R. G. da. (2010). La dynamique identitaire entre organisations et individus. *Revue Française de Gestion*, *36*(20), 185-204. doi: 10.3166/rfg.203.185-204

Siqueira, G., & Serva, M. (2014, março). Tensão entre racionalidades na abordagem substantiva das organizações. *IV Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração*, Florianópolis, SC.

Sperb, M. P., & Serva, M. (2018). Economia social e solidária, governança e turismo no âmbito do desenvolvimento territorial sustentável. *Revista de Ciências da Administração*, *20*(50), 93-109. doi: 10.5007/2175-8077.2018v20n50p93

Stokes, P., Davoine., E & Oiry, E. (Guest Editors), (2014). Special issue on organizations and organizing in a French context. *International Journal of Organizational Analysis*, *22*(4), 1-3. doi: 10.1108/IJOA-08-2014-0794

Sznelwar, I. L. (2006). Alain Wisner: O desenvolvimento da ergonomia e do pensamento sobre o "trabalhar". *Travailler, 1*(15), 55-70. doi: 10.3917/trav.015.0055

Sznelwar, L. I., Uchida, S., & Lancman, S. (2011). A subjetividade no trabalho em questão. *Tempo Social*, *23*(1), 11-30. doi: 10.1590/S0103-20702011000100002

Terssac, G. de. (Ed.). (2003). *La théorie de la régulation sociale de Jean-Daniel Reynaud*. Paris, France: La Decouverte.

Thévenet, M. (1992). *Auditoría de la cultura empresarial*. Madrid, España: Ediciones Díaz de Santos.

Tietze, S., & Dicks, P. (2012, May). The victorious English language: Hegemonic practices in the management academy. *Journal of Management Inquiry*, *22*(1), 122–134. doi: 10.1177/1056492612444316

Tonelli, M. J. (2018). Revistas científicas em administração: O papel histórico da *Revista de Administração de Empresas (RAE)* na construção do campo acadêmico em administração no Brasil. *Cadernos EBAPE.BR*, 16(Edição Especial), 509-515. doi: 10.1590/1679-395173941

Torres, O., & Gonçalves, M. A. (1991). O indivíduo na organização: dimensões esquecidas. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *31*(4), 107-108. doi: 10.1590/S0034-75901991000400011

Tourish, D., & Willmott, H, C. (2015, February). In Defiance of Folly: Journal Rankings, mindless measures and the ABS Guide. Critical Perspectives of Accounting, *26*, 37-46. doi: 10.1016/j.cpa.2014.02.004

Tragtenberg, M. (2005). *Administração, poder e ideologia*. São Paulo, SP: Unisep.

Tragtenberg, M. (2010). *Burocracia e ideologia*. São Paulo, SP: Unisep.

Tragtenberg, M. (2012). *Teoria e ação libertárias*. São Paulo, SP: Unisep.

Tsuda, Y. (2013). Speaking Against the Hegemony of English Problems, Ideologies and Solutions. In *The Handbook of Critical Intercultural Communication*, Nakayama, T., & Halualani, R, T, London, UK: Basil Blackwell, 248-269.

Tyr, A. (2007). *Le drapeau brésilien et Auguste Comte* [Film documentaire, coproduction Évasion en vidéo, PDR, TVM Est Parisien].

Vasconcelos, I., & Pinochet, L. (2004). Poder, tecnologia e controle burocrático: Uma análise crozieriana em uma empresa de informática do governo do estado do Paraná. *Revista de Administração Pública*, *38*(3), 465-479. Recuperado de http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/view/6546

Vergara, S. C. (2006). Análise organizacional no Brasil: Em busca da independência intelectual. In J.-F. Chanlat, R. Fachin, & T. Fischer, *Análise organizacional: Perspectivas latinas* (Vol. 1: Olhar histórico e constatações atuais, pp. 219-238). Porto Alegre, RS: Editora da UFRGS.

 CC BY

Vergara, S. C., & Pinto, M. (2001). Referências teóricas em análise organizacional: Um estudo da nacionalidade dos artigos referenciados na literatura brasileira. *Revista de Administração Contemporânea*, *5*(Edição Especial), 103-121. doi: 10.1590/S1415-65552001000500006

Waiandt, C. A. (2009). *O ensino dos estudos organizacionais nos cursos de pós-graduação stricto sensu em administração* (Tese de doutorado, Escola de Administração, Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA).

Waiandt, C. A. (2018). Ensino-Aprendizagem na administração: Contribuições e desafios na trajetória de Tânia Fischer. *Farol - Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, *5*(12), 85-125. doi: 10.25113/farol.v5i12.4797

Willmott, H. (2011). Journal List Fetishism and the Perversion of Scholarship: Reactivity and the ABS List. *Organization*, *18*(4), 429-442.

CONTRIBUIÇÃO DO ARTIGO

O autor declara sua honra em, ele próprio, ter realizado este trabalho, da conceituação à abordagem teórica e metodológica até a versão final.

ARTICLES

Article invité
Version originale | DOI: http://dx.doi.org/10.1590/S0034-759020210305

L'INFLUENCE DE LA PENSÉE DE LANGUE FRANÇAISE DANS LE CHAMP DES SCIENCES ADMINISTRATIVES BRÉSILIENNES: UN REGARD FRANCO-QUÉBÉCOIS

Influência do pensamento de língua francesa na academia brasileira de Administração: Um olhar Franco-quebequense

The influence of French language thought on the Brazilian Administrative Sciences: A Quebec French look

Jean-François Chanlat[1,2,3] | jean-francois.chanlat@dauphine.psl.eu | ORCID : 0000-0003-1878-4707

[1] Université Paris-Dauphine PSL, Dauphine Recherches en Management, Paris, France

[2] Institut Mines-Télécom Business School, Paris, France

[3] HEC-Montréal, Département of Management, Montréal, Canada

Texte soumis pour le Soixantième anniversaire de la *RAE-Revista da Administraço de Empresas*, FGV EAESP; il est dédié à tous les collègues brésiliens et de langue française qui ont contribué à ces échanges au cours de ces dernières décennies.

RESUME

L'objet de cet article est de jeter un regard sur l'influence que les travaux de langue française ont exercé sur la communauté académique brésilienne au cours des dernières décennies à partir de la connaissance que l'auteur en a, suite à une longue fréquentation du champ des sciences administratives brésilien. Pour ce faire, l'article se divise en trois parties. La première procède à un rappel de la relation que l'auteur a établie avec la communauté brésilienne pour situer qui parle et d'où il parle. La deuxième aborde brièvement le lien historique que le Brésil entretient avec la pensée française en général. Et la troisième présente les principaux courants qui semblent, selon l'auteur, avoir retenu l'attention des chercheurs brésiliens en sciences administratives. Il conclut cette réflexion par quelques considérations sur l'avenir du champ et quelques souhaits sur la relation future entre chercheurs brésiliens et chercheurs de langue française.

MOTS CLÉS | Sciences administratives, Brésil, langue française, France, Québec.

RESUMO

O objetivo deste artigo é dar uma olhada na influência que as obras de língua francesa têm exercido sobre a comunidade acadêmica brasileira nas últimas décadas, a partir do conhecimento do autor e sua longa associação do campo das ciências administrativas brasileiras. Para isso, o artigo está dividido em três partes. A primeira lembra a relação que o autor estabeleceu com a comunidade brasileira para localizar quem está falando e onde ele está falando. A segunda discute brevemente o vínculo histórico que o Brasil mantém, de um modo geral, com o pensamento francês. A terceira apresentará as principais correntes intelectuais que parecem, segundo o autor, ter chamado a atenção dos pesquisadores brasileiros em ciências administrativas. Esta reflexão se conclui com algumas considerações sobre o futuro da área e alguns desejos sobre as futuras relações entre pesquisadores brasileiros e pesquisadores francófonos.

PALAVRAS-CHAVE */ Ciências administrativas, Brasil, língua francesa, França, Québec.*

ABSTRACT

The object of this article is to take a look at the influence that French-language works have had on the Brazilian academic community over the past decades, based on the author's knowledge of it, and a long attendance of the field of Brazilian administrative sciences. To do this, the article is divided into three parts. The first recalls the relationship that the author has established with the Brazilian community to locate who is speaking and from where he is speaking. The second briefly discusses the historical link that Brazil maintains with French thought in general. And the third presents the French main intellectual currents, which, according to the author, seem to have caught the attention of Brazilian researchers in administrative sciences. This reflection ends with some considerations on the future of the field and some wishes on the future relationship between Brazilian researchers and French-speaking researchers.

KEYWORDS */ Administrative science, Brazil, French language, France, Quebec.*

Ce numéro spécial du soixantième anniversaire de la *RAE*, auquel m'a cordialement invité à contribuer sa rédactrice-en-chef, Maria José Tonelli, est pour moi non seulement un honneur et un témoignage de la longue relation que j'entretiens avec la communauté brésilienne des sciences administratives, depuis plus de trente ans, mais aussi plus généralement, une reconnaissance des liens intellectuels et amicaux qui se sont tissés au cours de toutes ces années avec la communauté des chercheurs francophones à laquelle j'appartiens. C'est donc au nom de cette appartenance intellectuelle et linguistique que je vais porter à la demande des organisateurs de ce numéro, un regard sur l'influence que les travaux de langue française ont exercé sur la communauté académique brésilienne au cours des dernières décennies. Je le fais dans un contexte historique très particulier: celui d'une pandémie mondiale qui interpelle notre mode de développement, et se révèle une véritable crise anthropologique (Chanlat, 2020).

Mon article se divisera en trois parties. La première procédera à un rappel de ma relation avec la communauté brésilienne pour rappeler qui parle et d'où je parle. La deuxième abordera brièvement le lien historique que le Brésil entretient avec la pensée française en général. Et la troisième présentera les principaux courants qui semblent, selon moi, avoir retenu l'attention des chercheurs brésiliens en sciences administratives. Nous conclurons cette réflexion par quelques considérations sur l'avenir du champ et quelques souhaits sur la relation future entre chercheurs brésiliens et chercheurs de langue française.

MA DÉCOUVERTE DU BRÉSIL: UN BREF RAPPEL BIOGRAPHIQUE

Avant de connaître le pays dans sa réalité sensible, j'avais à l'instar de beaucoup d'autres personnes dans le monde, une vision du Brésil qui relevait en partie de l'image souvent stéréotypée qu'on peut en avoir: l'Amazonie, le Carnaval de Rio, la plage de Copacabana, la Samba, le football, enfant j'avais en effet assisté à la retransmission télévisée de la demi-finale de la Coupe du monde de 1958, une première pour l'époque, entre la France et le Brésil, et à l'émergence de Pelé comme un des grands joueurs de l'histoire de ce sport, et avais bien sûr vu en 1964 le célèbre film français, *l'Homme de Rio*, avec Jean-Paul Belmondo. Mais, j'en avais aussi acquise une autre qui venait de certaines connaissance de son histoire et de ses particularités sociologiques recueillies, lors de mes longues années vécues à HEC-Montréal, auprès d'un collègue et ami, Allain Joly (2004), qui faisait ses études doctorales à la Fundação Getulio Vargas, Escola de Administração de Empresas de São Paulo (FGV EAESP), au début des années 80, et qui allait jouer un rôle déterminant dans ma relation avec le Brésil.

Ma première rencontre avec un enseignant brésilien dans le champ des sciences administratives, je la fis à Montréal au cours de l'année universitaire 1984-1985. Alors, jeune professeur à HEC-Montréal, je faisais connaissance de Roberto Fachin, Professeur à la faculté d'administration de l' Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Déjà, une figure dans le champ brésilien, Roberto était venu passer une année sabbatique. Tout au long de cette année universitaire 84-85, nous avons donc longuement échangé à la fois sur la situation brésilienne en général, et sur l'enseignement de la gestion en particulier, notamment lors d'un colloque international important organisé au printemps 1985 par mon frère Alain et Maurice Dufour sur cette thématique.

En septembre 1990, je rencontrais de nouveau à Montréal, grâce à la médiation de Allain Joly, deux professeurs importants de la FGV EAESP, les Professeurs Ofélia Torres et Fernando Prestes Motta, lesquels étaient venus assister au grand colloque international que j'avais organisé autour de l'ouvrage que je venais de coor-

 CC BY

donner (Chanlat, 1990) suite à mon année sabbatique en France, et qui allait devenir rapidement un ouvrage de référence dans les pays de langue française (Nugent, 1993; Padioleau, 1992; Sciences Humaines, 1998).

Suite à leur participation et à l'intérêt que les professeurs Torres et Motta allaient avoir pour la perspective développée dans cet ouvrage considéré aujourd'hui comme pionnier (Bouville & Yousfi, 2021), et au soutien financier apporté par le Centre d'étude en administration internationale (CETAI) des HEC-Montréal pour la traduction, une édition portugaise en trois tomes allait être rapidement organisée au Brésil par Ofélia Torres, ses différents chapitres étant traduits par un ensemble de professeurs brésiliens, notamment de la FGV EAESP (Chanlat, 1992, 1994, 1996). Pour la sortie du premier tome en 1992, je fus donc invité, à l'instigation de Ofélia Torres, de Roberto Fachin et de Taniâ Fischer avec l'appui du CNPq à faire, cette année-là, une tournée de conférences au Brésil.

Ce premier séjour brésilien de trois semaines me conduira successivement à la FGV EAESP, aux facultés d'administration des universités fédérales du Minais Gerais, de Rio Grande do Sul et de Bahia et à la Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio); elle va me permettre de découvrir le Brésil, ce pays-continent, dans toute sa diversité humaine et géographique et ses fractures sociales. C'est à l'occasion de ces voyages, qui se multiplieront par la suite, que je vais rencontrer de nombreux collègues: Valmiria Carolina Piccinini, Ana Maria Kirschner, Maria Elisabeth Antunes Lima, Suzana Braga Rodrigues, Liliana Segnini, Marlene Catarina de Oliveira Lopes Melo, Alfredo Alves de Oliveira Melo, Juvêncio Braga de Lima, Tânia Fischer, José Antônio Gomes de Pinho, Silvia Vergara, Patricia Tomei, Clovis Machado †, Maria José Tonelli, Fernando Prestes Motta †, Sigmar Malvezzi, Maria Irene Betiol, Thomaz Wood Jr, Miguel Caldas, Bianor Calvacanti, Eduardo Marques, Yann Duzert, Maria Ester de Freitas, Maria Teresa Fleury, Roberto Lima Ruas, Luiz Bignetti †, Fábio Bittencourt Meira, Isabella de Vasconcelos, Flávio de Vasconcelos, Angelo Soares, Guilherme Azevedo, Marlei Pozzebon, Eduardo Diniz, Rafael Alcadipani, Sidinei Rocha-de-Oliveira, qui deviendront par la suite des amis; et certains de mes futurs étudiants et étudiantes: Eduardo Davel, Gelson Junquilho, Jair Nascimento Santos, Carolina Andion, le regretté José Roberto Gomes da Silva †, Maria Elisa Brandao, Marina Nakayama, Marcelo Dantas, Mauricio Serva, avec lesquels j'entretiens depuis des relations intellectuelles et amicales.

Au cours de toutes ces années, passées à Montréal, à Strabourg, puis à Paris, à partir de mon installation définitive à Dauphine en septembre 2001, je vais revenir régulièrement au Brésil comme conférencier invité à des congrès de l'Encontro da ANPAD (EnANPAD), d'Encontro de Estudos Organizacionais da ANPAD (EnEO) , de l'IberoAcademy of Management, aux colloques internationaux de Universidade Federal da Bahia (UFBA) sur le pouvoir local, organisés à Salvador par la Professeure Tânia Fischer et le Núcleo de Estudos sobre Poder e Organizações Locais (NEPOL), aujourd'hui le Centro Interdisciplinar de Desenvolvimento e Gestão Social (CIAGS), à un colloque de la Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) de Porto Alegre, et à donner des séminaires et des conférences dans de nombreuses institutions publiques et privées à São Paulo, Belo Horizonte, Campinas, Brasília, São Leopoldo, Florianópolis, Porto Alegre, Salvador, Rio de Janeiro, Vitória... Je vais d'ailleurs en profiter à quelques reprises pour participer à plusieurs jurys de thèse, voire co-superviser certains travaux doctoraux, dont celui du regretté José Roberto Gomes da Silva † (2010), dont la disparition tragique a été très associée, comme beaucoup le savent, à cette relation franco-brésilienne (Chanlat, 2010b). Cette activité d'encadrement de chercheurs brésiliens va se poursuivre ensuite à Paris où j'ai encadré dans un Master recherche, le mémoire de Simone Cota, dirigé la thèse de doctorat de Virginia Drummond, superviser lors de son séjour post-doctoral, Rodrigo Bandeira de Mello, qui allait être associé annuellement par la suite à notre unité d'enseignement et de recherche, et d'où j'ai pu participer aux jurys de thèse de doctorat de Teresa Bicalho de Menezes, une autre doc-

 CC BY

torante brésilienne de Dauphine, dirigée par mon collègue, le professeur Jacques Richard, et à ceux de Bibiana Volker Martins et de Laura Scherer, doctorantes à l'UFRGS de Porto Alegre, que j'avais reçues préalablement à Paris dans le cadre d'une bourse sandwich.

Au cours de toutes ces années, plusieurs autres de mes ouvrages seront traduits (Chanlat, 2000, 2010a), certains de mes articles, publiés dans les revues: *RAE*, *Organização e Sociedade, Gestão e Planejamento*, *Cadernos EBAPE.BR*, *GV Executivo*, et des chapitres, paraîtront dans plusieurs autres ouvrages (Bendassolli & Soboll, 2010/2021; Davel & Melo, 2005; Davel & Vergara, 2001). Enfin, je vais être amené à co-coordonner avec mes collègues et amis, Roberto Fachin et Tânia Fischer, deux importants ouvrages: *Análise das organizações: perspectivas latinas. Vol 1 e 2*, qui reprendront un certain nombre de communications faites sur le même thème au cours d'un colloque historique, tenu en juillet 2000 à Zacatecas au Mexique, organisé par nos collègues et amis mexicains des études organisationnelles de la UAM-Iztapalapa ((Ramirez Martinez & Gonzáles-Miranda, 2018; Gonzáles-Miranda & Ramirez Martinez, 2018, 2020) et moi-même, et qui avait réuni pour l'occasion des collègues reconnus de divers pays francophones (France, Québec, Belgique), hispanophones (Mexique, Colombie, Argentine) et du Brésil (Chanlat, Fachin, & Fischer, 2006, 2007; Fachin, 2014).

Comme on peut le voir, c'est ces nombreux séjours en terre brésilienne qui m'ont permis peu à peu de me familiariser avec le pays et d'acquérir une bonne vision du champ des sciences administratives, une vision franco-québécoise, compte tenu de ma propre trajectoire intellectuelle et professionnelle. A chaque fois, ils m'ont permis de constater combien la pensée française y était prise au sérieux, et, combien les travaux de langue française dans le domaine des organisations, du travail et de l'économie suscitaient de l'intérêt.

L'OUVERTURE BRÉSILIENNE À LA PENSÉE FRANÇAISE: UNE HISTOIRE ANCIENNE

Quand je suis arrivé, pour la première fois, au Brésil, j'ai en effet constaté très vite l'influence que la pensée française avait eue historiquement, et avait encore sur la société brésilienne. J'ai été notamment frappé par le nombre de collègues en sciences administratives qui maitrisaient la langue française ou la comprenaient sans toujours la parler.

Selon certains analystes brésiliens et étrangers, cette influence française remonte au XVIIIe siècle avec celle que va exercer à cette époque la pensée des philosophes français des Lumières, ensuite, elle va se poursuivre au XIXe siècle avec la diffusion de la pensée de Auguste Comte sous l'impulsion de Miguel de Lemos, de Benjamin Constant Botelho de Magalhaes et de Raimundo Teixeira Mendes (Grange, 2000; Lins, 1967), dont j'ai pu voir encore des vestiges architecturaux de la première église positiviste à Rio, érigé en 1881, quelques années avant la proclamation de la République brésilienne; et dont on peut en retrouver une trace éloquente dans la devise officielle du Brésil "Ordre et Progrès" qui reprend la devise comtienne (Tyr, 2007). La philosophie de Comte étant alors vue comme une source d'inspiration politique pour les élites modernistes qui aspiraient à fonder une République et à mettre fin à l'esclavage, comme le souligne Lorelai Kury à ce sujet:

> Le projet politique positiviste, républicain et autoritaire, a été fort influent au Brésil, particulièrement puissant dans le tournant du XIXème siècle au XXème siècle. Les disciples d'Auguste Comte ont même vaincu, en 1889, la bataille symbolique autour du drapeau national républicain: le modèle proposé par Raimundo Teixeira Mendes, ajoutait à l'ancien

> drapeau de l'Empire la devise « Ordem e Progresso » (Ordre et Progrès), censée lier le passé à l'avenir, ce qui suivait de près les instructions du philosophe français. Même si le positivisme a perdu au long du XXème siècle l'influence anciennement active, le courant a pourtant laissé des traces idéologiques profondes dans les classes moyennes urbaines du pays. (Kury, 2003, p. 126)

Au XXe siècle, cette influence française continuera à perdurer. Elle sera liée à la création dans les années trente de l' Universidade de São Paulo (USP) à laquelle seront associées des personnalités françaises marquantes comme les géographes Pierre Monbeig et Pierre Deffontaines, l'historien Fernand Braudel, l'ethnologue Claude Lévi-Strauss, le sociologue et anthropologue Roger Bastide, le philosophe François Châtelet, les historiens Gérard Lebrun et Jean-Pierre Vernant, l'épistémologue Gilles-Gaston Granger, et plus généralement, à la forte influence qu'exercera la philosophie française, discipline phare au Brésil, tout au long de ce siècle.

Comme le rappelait Sergio Paulo Rouanet dans le cadre de l'année du Brésil organisée en France, en 2010:

> L'influence française a été tellement prédominante qu'une histoire de la réception des idées philosophiques françaises se confond dans une large mesure avec l'histoire de la philosophie au Brésil. Pour démontrer cette hégémonie, il suffit de rappeler un livre récent sur l'enseignement de la philosophie à l'Université de São Paulo (USP), l'une des plus respectées au Brésil et fondée sous l'inspiration de professeurs français. L'auteur appelle le Département de Philosophie de cette Université "Département français d'outre-mer": c'est tout dire (2010, p. 41).

C'est ainsi que la pensée de Bergson, l'humanisme intégral de Maritain, le personnalisme de Mounier, le structuralisme de Lévi-Strauss, l'existentialisme de Sartre, et plus tard, les travaux de Castoriadis, de Foucault, de Derrida et de Deleuze vont se succéder au ryhme des tendances propres à chacune des époques concernées, et connaître une grande popularité au sein des élites intellectuelles brésiliennes. A partir des années 70, elle se conjuguera avec l'engouement que la communauté brésilienne va alors accorder aux sciences sociales françaises qui connaissent un grand rayonnement international et aux liens que certains grands intellectuels brésiliens comme Fernando Henrique Cardoso ont tissé avec de grandes figures intellectuelles françaises, notamment avec Alain Touraine (Kirschner & Gomes, 2014b). L'arrière-plan intellectuel brésilien reste donc très marqué par ces traces historiques successives, laissées par la pensée française, même si d'autres pensées, notamment de langue anglaise et de langue allemande, vont prendre une place croissante au Brésil au cours des dernières décennies (Rouanet, 2010).

Due à l'attractivité historique qu'a donc eue la culture française au sein des élites (Fachin & Cavedon, 2003), un phénomène que l'on peut d'ailleurs observer dans d'autres pays d'Amérique latine (Bonnafous, 1953), ce terreau historique va se révéler favorable à partir de la fin du XXe siècle, à une ouverture sur les travaux de langue française, portant sur le travail, les organisations et l'économie. Ce qui sera favorisé par le fait que de nombreux professeurs brésiliens vont venir faire leurs études doctorales en France, et ou par la suite, au Québec, à un moment où la communauté brésilienne des sciences administratives cherche par ailleurs des alternatives à la pensée anglo-saxonne dominante dans son champ (Bertero, Caldas, & Wood, 1999; Cassundé, Barbosa & Mendonça, 2016; Fachin, 2014; Fachin & Cavedon, 2003; Fischer, 1985; Motta, 1990; Paula, Maranhão, Barreto, & Klechen, 2010; Torres & Gonçalves, 1991; Vergara, 2006; Waiandt, 2018).

 CC BY

LES CHERCHEURS EN SCIENCES ADMINISTRATIVES BRÉSILIENS EN QUÊTE D'ALTERNATIVE À L'HÉGÉMONIE ANGLO-SAXONNE

Lorsqu'on consulte les travaux brésiliens, notamment ceux qui essaient de faire des synthèses du champ dans le domaine des sciences sociales (Bendassolli, & Soboll, 2010/2021; Kirschner & Gomes, 2014a, 2014b), et des sciences administratives (Bertero, 2006; Bertero, Alcadipani, Cabral, Faria, & Rossoni, 2013; Bertero, Caldas, & Wood, 2005), on observe que les travaux de langue française, malgré la domination des travaux anglo-saxons (Caldas, Fachin & Fischer, 1999; Clegg, Hardy & Nord, 1999, 2001, 2004), sont bien présents dans ces réflexions, notamment chez les chercheurs brésiliens en quête d'une alternative à cette domination des références anglo-américaines (Fachin, 2014; Vergara, 2006; Vergara & Pinto, 2001; Waiandt, 2018).

Dans le champ des sciences administratives brésilien, cette hégémonie anglo-américaine date des années cinquante au moment où les gouvernements américain et brésilien signent des accords afin d'établir les premiers programmes d'enseignement et de créer les premières institutions supérieures en gestion, dans un contexte de guerre froide, avec l'aide de la Fondation Ford, et qui s'inspire très largement du modèle américain de formation en gestion (Alcadipani & Bertero, 2012, 2014; Alacadipani & Caldas, 2012; Alcadipani & Cooke, 2013; Barros, Alcadipani & Bertero, 2018; Serva & Andion, 2021).

Au Brésil, cela s'inscrit par ailleurs dans un contexte plus large d'une société, historiquement, ouverte aux idées venant de l'extérieur, ce que les Brésiliens appellent: "O estrangeirismo" (Bartel-Radic, 2013; Buarque de Holanda, 1936; 1998; Caldas & Wood, 1997; Freyre, 1963; Motta, Alcadipani, & Bresler, 2001), et qui se caractérise d'ailleurs souvent dans les faits par une forme d'anthropophagie des pratiques étrangères (Davel, Dantas, & Vergara, 2008).

De nos jours, la situation actuelle dans le champs se présente, selon certains collègues (Bertero et al., 2013) de la manière suivante:

> . . . La grande majorité des études en administration au Brésil, notamment dans les domaines des études organisationnelles, de l'enseignement et de la recherche, consistent en des essais théoriques axés sur des auteurs européens . . . . Il semble qu'une grande partie des chercheurs brésiliens aient horreur d'aller sur le terrain et lorsqu'ils le font, ils produisent des textes, dont la méthodologie est souvent défaillante, et incohérente. Être à l'écoute du national, c'est aller au contact de la «réalité» brésilienne, de l'étudier et de la connaître à l'aide de références qui permettent à cette réalité de s'exprimer dans sa complexité et de ne pas être entravée et cachée derrière des théories et des modèles, dont la pertinence est souvent discutable; nous avons donc, jusqu'ici, très peu étudié l'administration au Brésil. L'une des raisons de notre manque d'originalité tient au fait que nous regardons très peu notre réalité, et ce qui se passe dans notre pays. Cependant, l'esprit de clocher de certains . . . . est compensé par l'attirance d'autres envers les travaux étrangers . . . . On a en effet tendance à surévaluer l'étranger . . . . Valoriser l'enseignement et la recherche qui se fait dans le Nord, et ce, à nos dépens, joue un rôle fondamental dans la construction de notre infériorité en tant que chercheurs, cela implique en effet de laisser aux chercheurs du Nord, le rôle de créer les modèles, et de nous penser et de nous positionner comme de simples imitateurs (p.186). (Traduction de l'auteur)

 CC BY

Dans ce constat sévère, ils soulignent en passant le rôle joué par le marché des publications:

> Plus important encore, il faut garder à l'esprit qu'une grande partie du marché de l'édition universitaire, considérée comme «internationale», est contrôlée par des éditeurs et des universitaires anglo-saxons. Si nous prenons celles qui sont considérées comme les principales revues du domaine, nous pouvons observer que seuls des articles portant sur des thèmes particuliers publiés dans des universités spécifiques sont en effet publiés. Aujourd'hui, nous voyons de nombreux universitaires de différentes régions du monde à la recherche d'un «courtier» anglo-saxon pour que leurs articles puissent être publiés dans ces revues renommées. Ainsi, le gringo supérieur est privilégié et notre condition de subalternes demeure. Beaucoup de gringos croient, de ce fait, que nous sommes inférieurs (Bertero et al., 2013, p.186). (Traduction de l'auteur.)

En conséquence, pour ces mêmes auteurs:

> Il existe une pensée hégémonique dans notre domaine, principalement d'origine nord-américaine, qui a tendance à ne pas tenir compte des perspectives qualitatives et des approches plus réflexives. Toutefois, être américain ne signifie pas de suivre toujours cette vision réductrice de la recherche. Dans notre domaine, il y a en effet des Américains qui prônent une vision plus pluraliste, tout comme nous avons des chercheurs latinos qui préconisent une vision plus restrictive de la recherche. Ce que nous percevons, c'est donc un choc international entre différentes visions. (Bertero et al., 2013, p193). (Traduction de l'auteur.).

C'est dans ce contexte historique que certains chercheurs brésiliens vont donc chercher à partir des années soixante à développer des pensées originales. C'est le cas de Guerreiro Ramos (1981/1989, 1983, 1984;Azevedo & Albernaz, 2006; Serva, 1997a, 1997b; de Paula, 2007; Serva & Andion, 2021), de Mauricio Tragtenberg ou de Fernando Prestes Motta (Segnini & Alcadipani, 2014), lesquels vont s'appuyer, pour le premier, notamment sur l'humanisme intégral de Jacques Maritain et le personnalisme de Emmanuel Mounier (Azevedo & Albernaz, 2006), et les deux derniers, sur d'autres traditions intellectuelles françaises, notamment anarchistes (Motta, 1981, 1984, 1990, 2003; Tragtenberg, 2005, 2010, 2012). Ces trois figures brésiliennes connaissant un rayonnement très important au Brésil (Harzing, 2016). D'autres, à l'instar de Fachin et Cavedon à la fin de leur article, qui portait justement sur l'influence de la pensée française au sein des études organisationnelles brésiliennes, n'hésitent pas à souligner l'intérêt de ces lectures:

> En conséquence, il faut rechercher, dans la francophonie, des contributions universitaires qui, en étant basée sur certaines sphères de la connaissance, traduisent la pensée critique française si chère aux intellectuels brésiliens. Il ne fait aucun doute que la disponibilité de ces œuvres en portugais offre un réel apport pour les universitaires brésiliens qui n'ont pas reçu de formation doctorale en France ou au Québec (Fachin & Cavedon, 2003, p.11). (Traduction de l'auteur)

Si le champ brésilien des sciences administratives a donc été influencé par de nombreux travaux de langue française, j'ai décidé, pour les besoins de cet article, d'en retenir ici, sans d'ailleurs les hiérarchiser, les trois dis-

 CC BY

ciplines qui en ont été, selon moi, les sources inspiratrices, à savoir: les sciences des organisations, les sciences du travail, et les sciences économiques hétérodoxes. Ce phénomène ayant été encouragé par le bilinguisme de nombreux chercheurs brésiliens, et ou la traduction d'ouvrages de référence, appartenant à ces disciplines, par des éditeurs brésiliens.

Les sciences des organisations

La première source d'inspiration a été les sciences des organisations, fruit du développement des travaux associés à l'émergence des organisations comme fait social au début des années soixante (Caldas, Fachin, & Fischer, 1999; Chanlat & Séguin, 1987; Clegg & Bayley, 2007; Clegg, Hardy & Nord, 1999; 2001, 2004; Etzioni, 1967; Gonzáles-Miranda & Ramirez Martinez, 2020; Perrow, 1976; Séguin & Chanlat, 1983; Saussois, 2016).

Dans le contexte francophone, notamment français, cela va se traduire par un ensemble de recherches qui vont tourner autour de quatre grands axes: la psychosociologie des organisations et l'analyse institutionnelle, la sociologie des organisations et de l'entreprise, l'anthropologie des organisations et la gestion des organisations.

Parmi le grand nombre de travaux existants dans le champ francophone (Chanlat, 1992b, 1994, 2014; Stokes, Davoine & Oiry, 2014; Entreprises et Histoire, 2016), les chercheurs brésiliens vont au sein du fort riche courant psychosociologique (Barus-Michel, Enriquez, & Lévy, 2002), privilégier les travaux de l'analyse institutionnelle (Lapassade, 1989; Lourau, 1975; Rossi & Passos, 2014), ceux de Eugène Enriquez (1990, 1997, 2007, 2014), de Max Pagès, Bonetti et de Gaulejac (1987), de Nicole Aubert et de Vincent de Gaulejac (1993; de Gaulejac, 2005), et de Gilles Amado (2013) comme l'ont rappelé Newton Garcia de Araújo et Andrade de Barros dans leur revue récente (2019); ces derniers vont exercer une influence sur la vision que les chercheurs brésiliens en sciences administratives vont se faire du rapport vie psychique et organisation et contribuer à inspirer, avec bien d'autres chercheurs de langue française (Didier Anzieu, Serge Moscovici, Jean-Claude Rouchy, Guy et Jacqueline Palmade, André Green, Laurent Lapierre...), le champ des études organisationnelles critiques brésiliennes à partir des années quatre-vingt-dix (Bendassolli & Soboll, 2011/2021; Freitas, 1999b; Freitas & Motta, 2000).

Un autre courant de recherche auxquels les chercheurs brésiliens vont puiser est la sociologie des organisations. Cette discipline, fondée en France par Michel Crozier, au début des années soixante, va connaître par la suite un développement important dans les pays francophones et latins sous l'impulsion des travaux du Centre de Sociologie des Organisations (CSO), crée et dirigé par Crozier (1963a e b, 1981; 2000; Crozier & Friedberg, 1977; Entreprises et Histoire, 2016), qui va devenir vite le foyer de formation de la plupart des pionniers francophones en la matière (Chanlat, 1992b, 1994; Saussois, 2016) et influencer certains travaux brésiliens, notamment dans le domaine de l'administration publique (de Vasconcelos & Pinochet, 2004). Elle va également bénéficier de ceux du Laboratoire de Sociologie du changement des institutions (LSCI), crée et dirigé par Renaud Sainsaulieu (1977/2014, 1990, 1997, 2002), un des premiers collaborateurs de Crozier au CSO, et de ceux du Groupe lyonnais de sociologie industrielle (GLYSI), crée et dirigé par Philippe Bernoux (1985; Amblard, Bernoux, Herreros, & Livian, 1995). C'est au sein de la sociologie des organisations qu'émergera, au tournant des années quatre-vingt dix, la sociologie de l'entreprise (Bélanger & Lévesque, 1996; Dupuis & Kuzminski, 1998; Sainsaulieu, 1990; Sainsaulieu & Segrestin, 1987; Segrestin, 1992), laquelle va jouer un rôle important, au début des années 2000, au Brésil (Kirschner & Gomes, 2014a; Sainsaulieu & Kirschner, 2006).

A partir du début des années quatre-vingt-dix, un autre ensemble de travaux va connaître une grande popularité au sein des sciences administratives brésiliennes: ce sont ceux qui vont être associés à ma propre

perspective anthropologique. On les retrouve exposés dans les trois tomes de la traduction brésilienne de l'ouvrage que j'ai dirigé: *L'individu dans l'organisation: les dimensions oubliées, Les dimensions oubliées*, dans deux autres ouvrages, l'un traduit par Ofelia Torres (Chanlat, 2000), et l'autre publié par Isabela de Vasconcelos dans sa collection "Debates em Administração" (Chanlat, 2010), et dans de nombreuses autres publications (Serva & Andion, 2021). Comme le soulignaient Ofelia Torres e Marilson Alves Gonçalves (1991) dans le compte-rendu qu'elles faisaient de l'ouvrage en 1991:

> L'ouvrage *L'Individu dans l'Organisation: les dimensions oubliées* présente de manière magistrale le projet d'un renouvellement des connaissances et des pratiques des sciences du comportement dans le monde des affaires. À partir d'une réflexion générale sur le développement d'une anthropologie de la condition humaine dans les organisations, chaque auteur participant à cet ouvrage développe sa propre contribution. Du langage à l'espace, en passant par l'univers symbolique, le temps, la vie psychique, l'altérité et la psychopathologie, l'œuvre en question atteint ainsi l'objectif : défendre une vision commune de l'être humain, reconnaissant l'importance de son rôle dans chaque dimension sans toutefois freiner le choc des idées et des styles et la liberté d'avoir quelque désaccord sur les méthodes et sur l'approche du thème commun. Comme il s'agit d'une publication qui ouvre de nouvelles perspectives, elle devrait intéresser autant les professeurs que les chercheurs et les étudiants en gestion, en particulier les étudiants de maîtrise et de doctorat, nombreux aujourd'hui au Brésil, car elle peut servir de référence à l'élaboration de monographies et de thèses appliquées à ce nouveau champ de connaissances. Par son contenu réflexif et pratique sur l'être humain dans les organisations, vu comme une personne vivante, concrète et comme un acteur, il ne peut manquer d'intéresser aussi les cadres d'entreprises et les responsables des ressources humaines (pp. 107-108). (Traduction de l'auteur)

Autrement dit, cette perspective va amener les chercheurs brésiliens à s'intéresser aux différentes dimensions mises de l'avant dans l'ouvrage par de nombreux collègues francophones grâce à son édition brésilienne (Fachin & Cavedon, 2003; Torres & Gonçalves 1992; Vergara, 2006), et à en "brésilianniser" les études (Chanlat et al., 2006); cette perspective n'étant pas ethnocentrique; elle inspirera aussi certaines réflexions brésiliennes dans le domaine de l'épistémologie des sciences administratives, en plein développement (Serva & Andion, 2021).

Enfin, certains travaux en sciences de gestion vont aussi susciter un intérêt notable au sein de la communauté brésilienne. On peut souligner, entre autres, l'ouvrage de synthèse critique de Omar Aktouf sur le management, dans la mouvance des travaux menés à HEC-Montréal à l'époque (Chanlat & Dufour, 1985; Chanlat, 1990), dont la traduction en portugais va connaître une grande diffusion au Brésil (1996); certains travaux du CRG de l'École Polytechnique de Paris (Berry, 1983, 2011), notamment ceux de Jacques Girin (2016) sur le langage et les situations de gestion (Bayard, Borzeix, & Dumez, 2010), et de Hervé Dumez (2016) sur les méthodologies qualitatives; ceux de Audet et Malouin (1986), de Audet et Déry (1996), au Québec et de Martinet (1990) et de Pesqueux en France, sur l'épistémologie des sciences de gestion (Martinet & Pesqueux, 2013; Serva, 2013, 2017 a et b) et de Pesqueux sur la philosophie et les organisations (2008); ceux de Thévenet (1992) sur la culture d'entreprise; ceux, pionniers, de Philippe d'Iribarne et de son équipe "Gestion et société" sur la culture nationale (d'Iribarne, Chevrier, Henry, Segal, & Tréguer-Felten, 2020; d'Iribarne, Henry, Segal, Chevrier, & Globokar, 1998); ceux de Jean-Pierre Dupuis,

 CC BY

Serge Bouchard et Omar Aktouf sur la culture et la symbolique organisationnelle (Freitas, 1991; 1999a), ceux sur le leadership de Laurent Lapierre (1989, 2005), présentés notamment dans Chanlat (1992, 1994, 1996); ou encore ceux de Romain Laufer (1977) sur la crise de légitimité des organisations (Laufer & Paradeise, 1982; Motta, 1988).

Plus récemment, on peut évoquer ceux de l'École des Mines, notamment ceux de Segrestin et Hatchuel (2012) autour de la redéfinition de l'entreprise qui vont susciter un engouement certain auprès de plusieurs chercheurs s'intéressant à la gestion des organisations solidaires (Eynaud & França, 2019), et contribuer, en France, à redéfinir juridiquement l'entreprise (Hatchuel, 2021), un sujet qui est aussi vu comme clé par de nombreux chercheurs de langue anglaise (Clarke, O'Brien & O'Kelley, 2019) ; ceux de la "Chaire Management, diversité et cohésion sociale", de l'Université Paris-Dauphine, animée par Stéphanie Dameron, Mustafa Özbilgin et moi-même pendant dix ans (2008-2018) (Chanlat et al., 2013; Chanlat & Özbilgin, 2018, 2019), et dont les travaux et les deux Symposiums internationaux organisés à Paris en 2011 et 2015 vont avoir d'importantes répercussions brésiliennes avec la participation de Maria Ester de Frettas et de Marcelo Dantas, grâce aux contacts qu'ils auront établis à

ces occasions avec un certain nombre d'autres chercheurs. De là, émergera en effet dans le champ des sciences administratives une nouvelle sphère de recherche autour de l'interculturalité (Davel, Dupuis, & Chanlat, 2008), et de la diversité, qui cherchera à mieux comprendre, notamment les expériences d'expatriation et réduire les inégalités et les discriminations vécues dans l'univers des organisations brésiliennes (Freitas & Dantas, 2011; Bueno & Freitas, 2016; Freitas, 2018; Freitas & Dantas, 2014).

On peut enfin signaler les travaux fondamentaux menés tout récemment en comptabilité par Alexandre Rambaud et Jacques Richard qui, en interrogeant les fondements mêmes de la discipline en vue d'une refonte de notre système économique, devrait à terme intéresser les chercheurs brésiliens en quête d'un modèle de gestion écologique en raison des liens que Jacques Richard a établi avec certains chercheurs brésiliens (Rambaud & Richard, 2021); ou encore ceux de David, Hatchuel & Laufer travaillant à donner de nouvelles fondations aux sciences de gestion (2012). Et bien sûr, les nombreux travaux des réseaux scientifiques francophone, comme le RIODD portant sur la responsabilité des entreprises et le développement durable, l'AGRH (Gestion des ressources humaines), l'AIMS (management stratégique et organisation), RHIME (Ethique et interdisciplinarité) et ATLAS-AFMI (management international) auxquels les chercheurs brésiliens francophones peuvent avoir accès via Internet et peuvent participer; certains l'ayant parfois faits au cours des trois dernières décennies. Enfin, ils et elles peuvent enfin consulter plusieurs revues qui leur donneront accès à des travaux souvent originaux comme la *Revue Française de Gestion, Gérer et Comprendre, Gestion, Management International, Management et Avenir, Finance, Contrôle, Stratégie, M@n@gement, Rhime, le Libellio d'Aegis, Entreprise et Société, Revue internationale PME, Gestion 2000, La Revue des Sciences de Gestion, Management et Sciences Sociales, Revue de l'organisation responsable, Question(s) de management, Entreprises et histoire*...Et consulter le site de la *Société Française de Management* pour lire ses comptes rendus, ses avis et ses publications sur des questions d'actualité concernant notre champ.

Les sciences du travail

Les sciences du travail constituent la deuxième source d'inspiration. L'oeuvre de Christophe Dejours (2007, 2011, 2015, 2017) y occupant au Brésil une place historiquement centrale (Dejours, Abdoucheli, & Jayet, 1994). Sa perspective psychodynamique du travail va en effet à partir du tournant des années quatre-vingt-dix irriguer très largement les recherches brésiliennes en psychologie du travail (Aerosa, 2019; Bendassolli & Borges-Andrade, 2015; Bendassolli, 2010/2021; Betiol & Tonelli, 2002; Cicero, Cardoso, & Klipan, 2019; Lima, 1998; Sznelwar, Uchida,

& Lancman, 2011). Comme le soulignaient en 2009 dans un état des lieux de la psychodynamique du travail au Brésil, Álvaro Roberto Crespo Merlo & Ana Magnólia Bezerra Mendes (2009):

> Le lancement au Brésil du livre "Travail et usure mentale" (A loucura do trabalho), de Christophe Dejours, en 1987, grâce à son nouvel apport théorique, est devenu la référence pour quasiment tous les chercheurs du champ. La discussion et l'approche présentées dans ce livre étaient en effet nouvelles, ont apporté de nombreuses réponses et ouvert de nouvelles voies pour penser le travail, notamment sur son organisation et ses effets sur la santé psychique des travailleurs (p. 142). (Traduction de l'auteur)

Plus loin, ils ajoutaient:

> L'approche adoptée par cette discipline a permis de dépasser une vision réductioniste qui responsabilisait uniquement les individus et de trouver des réponses opérationnelles spécifiques, qui s'inscrivaient dans les réalités concrètes du travail en mettant en évidence, par exemple, le rôle de l'intelligence des travailleurs et la fonction qu'elle jouait en tant que mécanisme de défense et de construction de l'identité au travail (Dejours, 2015, p. 143). (Traduction de l'auteur.)

En raison de son ancrage dans la pratique, cette approche va également exercer une influence notable dans les sciences administratives pour ceux et celles qui s'intéressent au rapport vie psychique-organisation (Fachin & Cavedon, 2003; Freitas, 2008 a; Freitas & Motta, 2000; Vergara, 2006), parfois via le chapitre qu'il avait rédigé dans mon ouvrage princeps (Dejours, 1996).

D'autres travaux dans le domaine des sciences du travail vont aussi susciter de l'intérêt. On peut penser ici à ceux de Pascale Molinier sur les emplois de service et de soins (Gaviria & Molinier, 2011; Molinier, 2013), longtemps proche de Dejours, à ceux de Yves Clot (2010) et de Dominique Lhuillier, qui ont développé une clinique de l'activité du travail inspirée par Vitgovsky et Bakthine (Bendassolli & Soboll, 2011/2021; Clot & Lhuillier, 2006, 2010; Lima, 2013), et aux travaux pionniers menés en ergonomie par Alain Wisner, fondateur de l'Ecole française d'ergonomie (Sznelwar, 2006). Enfin, certains travaux de sociologie du travail ont eu également une certaine résonnance. On peut signaler en particulier la théorie de la régulation sociale de Jean-Daniel Reynaud (1989), une référence centrale dans le champ francophone (Terssac, 2003) et qui va connaitre un certain succès auprès de collègues en sciences administratives brésiliens, notamment auprès de Marlene Catarina Oliveira Lopes Melo (1984) qui, ayant fait sa thèse sous sa direction à Paris, va l'utiliser pour comprendre le rôle jouée par la participation dans la gestion des conflits au travail, un constat que l'on peut faire aussi de nos jours parmi les collègues de langue française (Richebé et al., 2020). Enfin, on peut mentionner les travaux de Norbert Alter sur l'innovation (2002) et la coopération (2010) qui n'ont pas manqué d'être remarqués par la communauté brésilienne (Salvador, 2011).

Les sciences économiques hétérodoxes

La troisième source à laquelle les chercheurs brésiliens en sciences administratives vont puiser, sont les sciences économiques hétérodoxes (Lévesque, Bourque, & Forgues, 1997). En effet, tous ceux et toutes celles qui s'intéressent à l'équilibre socioéconomique, au développement social et aux organisations de l'économie sociale dans un pays où existent de profondes inégalités sociales, (Ferreira de Souza, 2018; IBGE, 2020), ont trouvé dans cer-

 CC BY

tains courants de la pensée économique hétérodoxe française des éléments susceptibles d'enrichir leurs propres réflexions sur les réalités brésiliennes.

Parmi ces courants, on retrouve ceux qui tournent autour de la théorie de la régulation: Boyer, Freyssenet, Aglietta, Coriat, Lipietz, Orléan... (Aglietta, 1997; Boyer & Cohen, 2010; Coriat, 1994; Mello, 2019), bien connue en Amérique latine (Castaingts-Teillery, 2014; de Mello Filho, 2019), et de l'économie des conventions (Boltanski & Chiapello, 1999; Boltanski & Thévenot, 1991; Eymard-Duvernay, 2004; Favereau, 1989; Orléan, 2004; Salais & Thévenot, 1986), l'analyse des conventions étant une théorie de l'action collective, qui cherche à dépasser les contradictions de la théorie du choix rationnel (Bessy & Favereau, 2003).

Les travaux de ce dernier courant, notamment ceux de Boltanski et Thévenot (1991) sur l'économie des grandeurs, portent en effet une attention centrale à la situation dans laquelle s'inscrit l'action collective. Celle-ci étant constituée, selon eux, de processus de justifications et d'épreuves; de ce processus surgit une pluralité de sens de ce qui est juste à travers plusieurs modèles de « mondes » (marchand, domestique, industriel, civique, de l'opinion, et de l'inspiration), sans qu'il existe une hiérarchie externe ou déterminée entre eux. L'existence de cette pluralité de conventions permet ainsi de critiquer une vision uniquement marchande de l'action. Ces travaux, en rejoignant les réflexions d'un certain nombre de chercheurs brésiliens autour de la rationalité substantive, dans la foulée du travail pionnier mené au Brésil par Guerreiro Ramos, vont avoir quelque résonnance auprès de ces derniers (Serva, Caitano, Santos, & Siqueira, 2015).

L'économie sociale étant un important secteur au Brésil, les travaux menés dans l'univers francophone à ce sujet vont également susciter beaucoup d'intérêt chez nombre de chercheurs brésiliens tout comme les travaux brésiliens vont aussi susciter beaucoup d'intérêt en France et au Québec (Laville, 2011). La théorie des organisations ne s'étant pas trop intéressé jusqu'ici aux organisations de l'économie solidaire (Serva, 2002; Serva &Andion, 2006), ce n'est donc pas surprenant, là encore, que certains chercheurs brésiliens vont aller puiser certaines inspirations dans ce courant de la sociologie économique, tout en y apportant une contribution originale (Andion, 1998, 2005; França, Laville, Medeiros, & Magnen, 2005; Martes, Loureiro, Abramovay & Serafim, 2007; Sperb & Serva, 2018). Les colloques internationaux sur le pouvoir local, organisées à Bahia par le NEPOL, aujourd'hui le CIAGS et coordonnés par Tânia Fischer, en ayant favorisé leur diffusion.

L'ouvrage récent de Philippe Eynaud et de Genauto Carvalho de França de Filho (2019), membre du CIAGS, publié à la fois en France, *Solidarité et organisation: penser une autre gestion*, et au Brésil (2020), témoigne à sa façon de cette coopération franco-brésilienne exemplaire sur cette thématique fondamentale à la fois pour la gestion et notre avenir socioéconomique et environnemental. Ils en soulignent eux-mêmes d'ailleurs le potentiel mais aussi les paradoxes ainsi:

> . . . Face à ces périls menaçants, une seule et même solution . . . . peut cependant être convoquée: la solidarité. La défense d'une solidarité entre les hommes et la nature (entendue comme l'ensemble des êtres vivants: animaux et végétaux) est en effet le moyen le plus direct de répondre aux défis du changement climatique et de la perte de la biodiversité. Le développement d'une solidarité entre les hommes eux-mêmes est aussi une réponse pérenne aux inégalités qui les divisent. Mais si l'énoncé de la réponse est facile, sa mise en œuvre est particulièrement ardue. Elle se confronte à de nombreux obstacles, parmi lesquels – et non le moindre – le déficit de réflexion sur les concepts mobilisables pour organiser cette solidarité au plus près des acteurs et de leur activité économique. Il y a en effet un paradoxe à sou-

 CC BY

> ligner d'emblée: la solidarité n'a jamais été aussi nécessaire à mettre en œuvre sur les plans national et international, et la réflexion à son propos n'a jamais été aussi éludée, méconnue, quand ce n'est pas discréditée (Eynaud et França, 2019, p. 5)

ENTRE LOCALISME ET OUVERTURE: LE CHAMP BRÉSILIEN À LA RECHERCHE DE SA SINGULARITÉ DANS LE CHAMP INTERNATIONAL?

Le champ des sciences administratives brésilien a toujours connu, comme nous venons de le voir, des influences étrangères, ce qui n'est pas totalement surprenant dans le monde scientifique marqué traditionnellement par la circulation des idées. Si ces échanges peuvent se montrer très fructueux, il reste que certaines situations peuvent être problématiques quand une forte domination s'exerce sur un champ particulier, l'empêchant de se développer à son rythme et selon ses propres questionnements. C'est le cas aujourd'hui de nombreux champs nationaux, qui de plus en plus sous la pression de règles et de logiques dites "internationales", mises en place dans les faits au sein de l'univers nord-américain, tentent de s'y conformer. Ce phénomène n'est d'ailleurs pas uniquement vécu dans les pays du Sud, il touche également de nombreux autres pays dans le monde y compris anglophones (Clegg & Bayley, 2007; Dameron & Durand, 2017; Willmott, 2011).

Dans l'univers de l'enseignement et de la recherche en gestion, il se caractérise entre autres par ces nombreux classements annuels, internationaux et nationaux, d'institutions (Shanghai, Times, Financial Times...), lesquels se fondent à la fois sur les accréditations internationales obtenues (AACSB, EQUIS, AMBA), le nombre de publications du personnel enseignant qui apparaissent dans des revues classées, les plus cotées étant toujours américaines, et bien sûr par l'hégémonie croissante de la langue anglaise dans le champ que cela implique (Chanlat, 2014 a, b et c; Collectif, 2019; Dameron & Durand, 2017; Lussier & Chanlat, 2017; Nygaard, 2019; Tietze & Dick, 2012; Tsuda, 2013). Ces classements bibliométriques étant de plus en plus critiqués (Berry, 2009; Willmott, 2011; Tourish & Willmott, 2015), certaines institutions n'hésitent pas à s'en détacher, comme vient de le faire dernièrement en France la section Gestion-Economie du CNRS, en supprimant définitivement le sien.

Malgré tout, pour les pays non-anglophones, la tension demeure forte entre adopter une stratégie dite "internationale", qui se confond souvent avec "le tout en anglais", et donc une anglicisation croissante des esprits (Boussebaa & Tienari, 2019; Chanlat, 2014a; Collectif, 2019; Jackson & Primecz, 2019; Lussier & Chanlat, 2017; Nygaard, 2019; Tietze & Dick, 2012; Tsuda, 2013), et une stratégie qui vise à demeurer pertinente pour son environnement local, régional et national, tout en évitant la fermeture sur soi.

Dans le cas des pays latino-américains et du Brésil en particulier, ces questions font, comme nous l'avons vu, régulièrement l'objet de nombreux débats au sein de la communauté scientifique (Alcadipani & Caldas, 2012; Alcadipani & Faria, 2014; Bertero, Caldas, & Wood, 1999; Guedes & Faria, 2010; Ibarra-Colado, Faria & Guedes, 2010; Ibarra-Colado, 2006; Paula et al., 2010; Serva, 2017). Face à cette situation, si certains semblent succomber aux règles dominantes, d'autres tentent toutefois d'y résister. Au Brésil, cette résistance passe par une critique des logiques dominantes (Bertero et al., 2013; Fischer, Waiandt, & Fonseca, 2011), des systèmes de classement (Fischer, 2018; Serva, 2017), de la politique du tout anglais en matière de publication (Alves & Pozzebon, 2013; Gantman, Yousfi, & Alcadipani, 2015) et par l'affirmation de ses singularités (Motta, 1983, 2002; Motta & Caldas,1997; Fachin, 2006, 2014; Davel, Vergara & Ghadiri, 2007; Waiandt, 2009, 2018) et une ré-interrogation des travaux faits dans les

 CC BY

pays du Sud à partir d'une réflexion postcoloniale et d'une situation sociale profondément inégalitaire (Alcadipani, 2010b; Alcadipani & Faria, 2014; Alcadipani & Rosa, 2011; Gantman et al., 2015; Ferreira de Souza, 2018; IBGE, 2020).

Ces critiques prônent en effet une refonte du système dans son ensemble:

> . . . Face au pouvoir impérial d'un "réoccidentalisme" et à l'obligation d'assumer des responsabilités géoépistémiques plus substantielles, un des deux principaux défis au Brésil pour les prochaines décennies sera de reconstruire et réformer les institutions existantes (Anpad, Capes, CNPq etc.) . . . De cette manière, le champ brésilien de la gestion sera en mesure de mener des transformations du même type, que celles entreprises par d'autres institutions extérieures (US Academy of Management, Chinese Academy of Management, Banco Mundial, Egos etc.) à travers un grand projet qui embrasserrait une géopolitique de la connaissance, et promouvrait la substitution d'un universalisme eurocentrique au profit d'une vision pluraliste du monde permettant ainsi de construire un champ scientifique au sein duquel une diversité d'univers et de savoirs pourrait coexister. Si un tel projet peut demander du temps, ou encore trop exiger du champ de la gestion, cela pourrait constituer néanmoins une excellente occasion de le réinventer . . .(Bertero et al., 2013, p. 190). (Traduction de l'auteur.)

Elles mettent en garde contre une évaluation uniquement bibliométrique de la recherche qui laisse la part du lion aux publications de langue anglaise et contribue à réduire la créativité:

> Nous devons faire très attention à ce que les valeurs et les paramètres qui nous régulent n'aboutissent pas à la castration intellectuelle que nous ne méritons pas mais bien à encourager les efforts créatifs et innovants. La question principale est en effet ici: quel est l'impact que ma gestion a sur les personnes, les territoires et les organisations? Par impact, nous entendons l'évaluation de ce qui s'aggrège, en évitant ce quasi-autisme que l'on retrouve chez les chercheurs qui s'isolent et ne se laissent guider que par des mesures métriques. En effet, dans quelques années ces paramètres pourraient se révéler obsolètes. Il vaut mieux être plus attentif dès maintenant à cette question de la pertinence de nos recherches pour les univers qui nous environnent, ce qui permettrait à notre champ de se repositionner en conséquence (Fischer, 2018, p.26). (Traduction de l'auteur.)

> Au Brésil, l'agence de régulation CAPES a mis en place son propre classement des revues: le classement Qualis. C'est la principale échelle de référence pour l'évaluation des programmes d'études supérieures, sur la base des publications des professeurs de ces programmes dans les revues les mieux positionnées dans ce classement. La construction de cette échelle Qualis reflète un éventail d'indices et de facteurs d'impact qui sont considérées par les sociétés scientifiques concernées. Dans le champ de l'administration, dans la strate supérieure (A1) du classement Qualis, il n'y a aucune revue brésilienne; dans la grande majorité des cas, ce ne sont que des revues américaines qui s'y trouvent, la langue anglaise étant totalement prédominante dans ce classement (Serva, 2017b, p. 55). (Traduction de l'auteur.)

 CC BY

Enfin, elles réaffirment l'importance du dialogue avec d'autres champs, et le renforcement des coopérations internationales en vue de faire face aux redoutables défis qui se posent à nos sociétés et à notre planète (Alcadipani & Faria, 2018; Chanlat, Fachin, & Fischer, 2006, 2007; Eynaud & França, 2019). Pour nous, c'est dans ce cadre que le dialogue entre les chercheurs de langue française et les chercheurs brésiliens doit continuer à se faire.

C'est dans ce contexte, comme nous venons de le voir, que les travaux de langue française ont trouvé depuis quelques décennies un écho certain au sein de la communauté brésilienne, notamment à travers quelques oeuvres et courants marquants. Cet intérêt a reposé sur un atout historique, et une proximité culturelle latine, qui, en dépit des différences qu'il peut y avoir entre les Latins eux-mêmes, en l'occurrence ici, les Français et les Brésiliens, existe malgré tout (Pinot de Villechenon, 2003; Rouquié, 1987; Pinot de Villechenon, Chanlat, & Rizzo, 2021).

Ce dialogue ne pourra toutefois perdurer, selon moi, que si les chercheurs de langue française, tout comme les chercheurs brésiliens, continuent à défendre leurs spécificités, à rédiger dans leur langue, livres, articles et monographies, à organiser des colloques et des séminaires où les questions propres à leur société soient toujours prises en compte (Chanlat, 2014a, 2014b); et qu'ils ou elles puissent ainsi continuer à s'adresser à leur environnement socioéconomique de manière pertinente (Fischer, 2018). Il faut en effet éviter de se retrouver dans la situation de ce chercheur norvégien, qui avouait être incapable désormais de présenter le résultat de ses études à ses concitoyens en norvégien, en raison de la politique du tout anglais mis de l'avant par son institution qui lui en avait fait perdre la capacité (Nygaard, 2019).

Pour ma part, comme je viens de le souligner, j'ai essayé, au cours de toutes ces années, d'être un acteur dans l'affirmation de ces singularités locales, régionales et nationales, dans tous les espaces où je suis intervenu (enseignement, recherche, publications, associations scientifiques nationales et internationales), attaché que je suis depuis toujours à un véritable dialogue interculturel (Chanlat, 2014b; Chanlat, Davel, & Dupuis, 2013; Chanlat & Pierre, 2018; Davel, Dupuis & Chanlat, 2008) entre univers linguistiques, et à rester, notamment attentif à ce lien avec la communauté brésilienne qui m'est chère pour les raisons que j'ai soulignées plus haut, et qui possède, selon moi, malgré toutes les critiques émises précédemment, tous les éléments d'un champ scientifique, aspirant à une relative autonomie (le nombre, les revues, les maisons d'édition, les associations scientifiques, les congrès,..) (Chanlat, 2014b, 2015). C'est la raison pour laquelle j'ai encouragé le plus souvent possible de nombreux collègues, notamment de langue française, à participer à des évènements au Brésil et de nombreux collègues brésiliens à participer à des événements de langue française et que j'ai essayé de diffuser certains de leurs travaux en français, y compris dans la collection que je dirige aux Presses de l'Université Laval (Calvacanti, 2011).

Cet esprit d'ouverture repose par ailleurs sur un certain plurilinguisme et une politique active en matière de traduction qui permette d'avoir accès à des pensées étrangères (Initiative d'Helsinki, 2019). Ce qui n'est bien souvent pas le cas de nos collègues américains dont le monolinguisme et le peu de traductions disponibles de nos travaux de référence en anglais, les conduit trop souvent à un provincialisme académique, comme le rappelle Gaylord Georges Candler (2014) à propos de la réception de la pensée de Guerreiro Ramos aux Etats-Unis; le provincialisme n'étant pas bien sûr uniquement l'apanage de nos collègues américains. Les chercheurs brésiliens, en maitrisant souvent plusieurs langues, sont donc bien placés pour éviter cet écueil si ce plurilinguisme est utilisé pour développer des travaux originaux sur leur réalité tout en dialoguant avec d'autres univers linguistiques en connaissance de cause (Clegg, & Bayley, 2007; Bertero et al., 2013; Chanlat, 2014a, 2015) et concrétiser ainsi cette pensée de Guerreiro Ramos (1981/1989, p.5): " Ce n'est qu'à travers l'expérience libre de la réalité et de son articulation précise que l'on peut comprendre la rationalité substantive". (Notre traduction).

 CC BY

A l'occasion de ce numéro spécial de la *RAE*, je tiens à conclure cet article par un souhait qui va dans ce sens: que ces relations entre chercheurs brésiliens et francophones se maintiennent et se développent dans une réciprocité bienveillante, comme le souhaitait Guerreiro Ramos (1984). Cela se fera par la présence régulière de travaux publiés dans nos différentes revues et nos divers éditeurs, et bien sûr, dans cette revue de référence multilingue qu'est devenue la *RAE* (Tonelli, 2018), à qui je souhaite pour l'occasion tous mes meilleurs vœux dans la continuation de cette formidable aventure, commencée il y a maintenant soixante ans. Soixante ans, c'est en effet tout un anniversaire pour une revue scientifique dans le champ des sciences administratives.*

* Pour rappel, la revue américaine *Administrative Science Quarterly* a été fondée en 1956, juste cinq ans avant.

NOTE DE L'AUTEUR

Professeur émérite, Université Paris-Dauphine PSL, Dauphine Recherches en Management, Paris, France.
Professeur invité, Institut Mines-Télécom Business School, Paris, France.
Professeur affilié, HEC-Montréal, Département of Management, Montréal, Canada.

REFERENCES

Aerosa, J. (2019). O mundo do trabalho em (re)análise: Um olhar a partir da psicodinâmica do trabalho. *Laboreal*, *15*(2), 1-24. doi: 10.4000/laboreal.15504

Aglietta, M. (1997). *Régulation et crises du capitalisme*. Paris, France: Odile Jacob.

Aktouf, O. (1996). *A administração entre tradição e a renovação*. São Paulo, SP: Casa Editorial Atlas.

Alcadipani, R. (2010a). Critical international management and international critical management: Perspectives from Latin America. *Critical Perspectives on International Business*, *6*, (2/3), 86-96. doi: 10.1108/cpoib.2010.29006baa.001

Alcadipani, R. (2010b). From Latin America to the world: Notes on the (possible) latin american management styles. In A. Guedes, & A. Faria (Eds.), *International management and international relations: A critical perspective from Latin America* (Vol. 1, pp. 136-158). New York, USA: Routledge.

Alcadipani, R., & Bertero, C. (2012). Guerra Fria e ensino do management no Brasil: O caso da FGV/EAESP. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *52*(3), 284-299. doi: 10.1590/S0034-75902012000300002

Alacadipani, R., & Bertero, C. O. (2014l). Uma escola Norte-Americana Ultramar? Uma historiagrafia da EAESP. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *54*(2), 154-169. doi: /10.1590/S0034-759020140204

Alcadipani, R., & Caldas, M. (2012). Americanizing Brazilian management. *Critical Perspectives on International Business, 8*(1), 37-55. doi: 10.1108/17422041211197558

Alcadipani, R., & Cooke, B. (2013). *The Ford Foundation's mess in Brazil*. Best Paper Proceedings of the Academy of Management Meeting. doi: 10.5465/ambpp.2013.218

Alcadipani, E., & Faria, A. (2014). Fighting Latin American marginality in "International business". *Critical Perspectives on International Business*, *10*(1/2), 107-111. doi: 10.1108/cpoib-11-2013-0047

Alcadipani, R., & Rosa, A. R. (2011). From global management to glocal management: Latin American perspectives as a counter-dominant management epistemology. *Canadian Journal of Administrative Science*, *28*(4), 453-466. doi.org/10.1002/cjas.165

Alter, N. (2002). *L'innovation ordinaire*. Paris, France: PUF.

Alter, N. (2010). *Donner et prendre: La coopération en entreprise*. Paris, France: La Découverte.

Alves, M. A., & Pozzebon, M. (2013). How to resist linguistic domination and promote knowledge diversity. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *53*(6), 629-633. doi: 10.1590/S0034-759020130610

Amado, G. (2013). Les processus psychiques au sein des groupes de travail: au-delà de Bion et de Pichon-Rivière. *Nouvelle Revue de Psychosociologie*, *1*(15), 163-182. Récupéré de https://www.cairn.info/revue-nouvelle-revue-de-psychosociologie-2013-1-page-163.htm

Amblard, H., Bernoux, P., Herreros, G., & Livian, Y.-F. (1995). *Les nouvelles approches en sociologie des organisations*. Paris, France: Seuil.

Andion, M.-C. (1998). Gestão em organizações da economia solidária: Contornos de uma problemática. *Revista de Administração Pública*, *32*(1), 7-25. Récupéré de http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/view/7680

Andion, M.-C. (2005). A gestão no campo da economia solidária: Particularidades e desafios. *Revista de Administração Contemporânea*, *9*, 79-99. doi: 10.1590/S1415-65552005000100005

Andion, C., & Serva, M. A. (2006). Etnografia e os estudos organizacionais. In K, C, Godoi., R, Bandeira-de-Mello, & A., Barbosa da Silva. (Orgs.), *Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: Paradigmas, estratégias e métodos*. São Paulo, SP: Saraiva.

Araújo, N. G. de, & Barros, V. A. de. (2019). A psicologia do trabalho e as clínicas do trabalho no Brasil. *Laboreal*, *15*(2), 1-12. doi: 10.4000/laboreal.15515

Aubert, N., & Gauléjac, V. de. (1993). *Coste de la excelencia¿*. Madrid, España: Paidos.

Audet, M., & Déry, R. (1996). La science réfléchie: Quelques empreintes de l'épistémologie des sciences de l'administration. *Anthropologie et Sociétés*, *20*, 1, 103-123. doi : 10.7202/015397

Audet, M., & Malouin, J.-L. (Orgs.). (1986). *La production des connaissances scientifiques de l'administration*. Québec, Canada: Les Presses de l'Université Laval.

Azevedo, A., & Albernaz, R. (2006). A "antropologia" do guerreiro: A história do conceito de homem parentético. Em memória a Eliana Guerreiro Ramos (1949-2003). *Cadernos EBAPE.BR, 4(3), 1-19*. Récupéré de http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/cadernosebape/article/view/7398

Barreto, O. (1999). Escola de Administração da UFBA: 40 anos de história. *Organizações e Sociedade*, *6*(15), 9-14. doi: 10.1590/S1984-92301999000200001

Barros, A., Alcadipani, R., & Bertero, C. O. (2018). A criação do curso superior em administração na ufrgs em 1963: uma análise histórica [The creation of the higher education course in administration at UFRGS in 1963: A historical analysis]. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, 58(1), 3-15. doi: 10.1590/s0034-759020180102

Bartel-Radic, A. (2013). 'Estrangeirismo' and flexibility: intercultural learning in Brazilian. MNCs. Management International/International Management/ Gestión International, *17*(4), 239-253. doi: 10.7202/1020680

Barus-Michel, J., Enriquez, E., & Lévy, A. (Dir.). (2002). Vocabulaire de Psychosociologie. Ramonville Saint-Agne, France: Éditions Érès

Bayart, D., Borzeix, A., & Dumez, H. (Dir.), (2010). *Langage et organisations: Sur les traces de Jacques Girin*. Palaiseau, France: Presses de l'École Polytechnique.

Bélanger, P., & Lévesque, B. (1996). *La modernisation sociale des entreprises*. Montréal, Canada: Presses de l'Université de Montréal.

Bendassolli, P., & Borges-Andrade, J. (Orgs.). (2015). *Dicionário de psicologia do trabalho e das organizações*. São Paulo, SP: Artesa.

Bendassolli, P., & Soboll, L. A. P. (Orgs.). (2011/2021). *Clínicas do trabalho, novas perspectivas para compreender do trabalho na atualidade*. São Paulo, SP: Atlas.

Bernoux, P (1985). *Sociologie des organisations*. Paris, France: Seuil.

Berry, M. (1983). *La technologie invisible*. Paris, France: Ecole Polytechnique.

Berry, M. (2009). Les mirages de la bibliométrie, ou comment scléroser la recherche en croyant bien faire. *Revue du MAUSS*, *1(33)*, 227-245. Récupéré de https://www.cairn.info/revue-du-mauss-2009-1-page-227.htm

Berry, M. (2011). Savoirs théoriques et gestion. In J.-M. Barbier (Dir.), *Savoirs théoriques et savoirs d'action* (pp. 43-56). Paris, France: Presses Universitaires de France.

Bertero, C. O. (2006). *Ensino e pesquisa em administração*. São Paulo, SP: Thomson Learning.

Bertero, C. O., Alcadipani, R., Cabral, S., Faria, A., & Rossoni, P. (2013). Os desafios da produção de conhecimento em administração no Brasil. *Cadernos EBAPE.BR*, *11*(1), 181-196. doi: 10.1590/S1679-39512013000100012

Bertero, C. O., Caldas, M. P., & Wood, T., Jr. (1999). Produção científica em administração: Provocações, insinuações e contribuições para o debate local. *Revista de Administração Contemporânea*, *3*(1), 147-178. doi: 10.1590/S1415-65551999000100009

Bertero, C. O., Caldas, P. P., & Wood, T. (Coord.). (2005). *Produção científica em administração no Brasil: O estado-da-arte*. São Paulo, SP: Atlas.

Bessy, C., & Favereau, O. (2003). Institutions et économie des conventions. *Cahiers d'Économie Politique*, *1*(44), 119-164. doi: 10.3917/cep.044.0119

Betiol, M. I. S., & Tonelli, M. J. (2002). A Trama drama numa intervenção: Análise sobra oticada psicodinâmica do trabalho. *Organizações & Sociedade, 9*(24), 11-23. doi: 10.1590/S1984-92302002000200001

Boltanski, L., & Chiapello, E. (1999). *Le nouvel esprit du capitalisme*. Paris, France: Gallimard.

Boltanski, L., & Thévenot, L. (1991). *De la justification: Les économies de la grandeur*. Paris, France: Gallimard.

Bonnafous, E. (1953). Les liens intellectuels entre la France et l'Amérique latine. *Revue Des Deux Mondes* (1829-1971), 63-86. Récupéré de http://www.jstor.org/stable/44585861

Boussebaa, M., & Tienari, J. (2019). Englishization and the politics of knowledge production in management studies. *Journal of Management Inquiry, 30*(1), 59–67. doi: 10.1177/1056492619835314

Bouville, G., & Yousfi, H. (Dir.). (2021). *Les dimensions oubliées de la gestion, anthropologie, management, travail et organisation: Mélanges en l'honneur du professeur Jean-François Chanlat*. Ste-Foy, Québec, Canada: Les Presses de l'Université Laval; Paris, France: Hermann.

 CC BY

Boyer, R., & Cohen, P. (2010). *Teoria da regulação: Os fundamentos*. São Paulo: Estação Liberdade

Buarque de Holanda, S. (1936). *Raízes do Brasil*. Rio do Janeiro: Editora José Olympio Editora. Edição francesa, (1998) *Racines du Brésil*, Paris: UNESCO/Gallimard.

Bueno, J. M., & Freitas, M. E. (2016). Les équipes multiculturelles dans les filiales brésiliennes de multinationales. In J.-P. Dupuis, J.-P. Lemaire, & E. Milliot (Coord.), *Ancrages culturels dans un monde en mutation* (pp. 157-172). Paris, France: Vuibert.

Caldas, M., Fachin, R., & Fischer, T. (1999). Prefácio à edição brasileira do *Handbook de Estudos Organizacionais*. Vol.1: *Modelos de Análise e Novas Questões em Estudos Organizacionais*. (Eds), Clegg, S., Hardy, C., & Nord, W. São Paulo, SP: Atlas, 61-98.

Caldas, M. P., & Wood, T., Jr. (1997). For the English to see': The importation of managerial technology in late 20th-century Brazil. *Organization, 4*(4), 517–534. doi: 10.1177/135050849700400410

Calvacanti, B. (2011). *Le leadership dans les organisations publiques au Brésil*. Ste-Foy, Québec, Canada: Les Presses de l'Université Laval.

Candler, G. G. (2014). Linguistic diglossia and parochialism in American public administration: The missing half of Guerreiro Ramos's redução sociológica. *Administrative Theory and Praxis*, *28*(4), 540-561. doi: 10.1080/10841806.2006.11029561

Cassundé, F. R., Barbosa, M. A. C., & Mendonça, J. R. C. de. (2016). A influência da tradição anglo-saxônicas estudos organizacionais brasileiros: O que mudou (ou não) nos últimos 15 anos? *Perspectivas em Gestão & Conhecimento, 6*(1), 238-254. Récupéré de https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/pgc/article/view/27064

Castaingts-Teillery, J. (2014). *La crisis financiera. Un análisis de etnoeconomía*. Conferencia, Academia Mexicana de Economía Política, Ciudad de México, México. Récupéré de amepmexico.com.mx.

Chanlat, A., & Dufour, M (dir) (1985). *La rupture entre l'entreprise et les hommes*. Montréal, Québec, Canada: Québec/Amériques.

Chanlat, J.-F. (Dir.). (1992a). *Indivíduo na organização: Dimensões esquecidas* (Vol. I). São Paulo, SP: Publicação Atlas, Montréal, Québec, Canada: HEC CETAI.

Chanlat J.-F. (1992b). L'analyse des organisations: Un regard sur les productions de langue française contemporaines (1950-1990). *Cahiers De Recherche Sociologique,* (18-19), 93–138. doi: 10.7202/1002305ar

Chanlat, J.-F. (Dir.). (1994a). *O indivíduo na organização: Dimensões esquecidas* (Vol. II). São Paulo, SP: Publicação Atlas, Montréal, Québec, Canada: HEC-CETAI.

Chanlat, J.-F. (1994b). Francophone organizational analysis (1950-1990): An overview. *Organization Studies, 15*(1), 47–79. doi: 10.1177/017084069401500103

Chanlat, J.-F. (Dir.). (1996). *O indivíduo na organização: Dimensões esquecidas* (Vol. III), São Paulo, SP: Publicação Atlas, Montréal, Québec, Canada: HEC CETAI.

Chanlat J.-F. (2000). *Ciências sociais e administração*. São Paulo, SP: Publicação Atlas.

Chanlat, J.-F. (2010a). *Gestão das empresas: Uma perspectiva antropológica*. (Coleção Debates em Administração). São Paulo, SP: Cengage Learning.

Chanlat, J.-F. (2010b). Hommage à José Roberto Gomes da Silva. *Revue Française de Gestion*, *36*(20), 183-184. Récupéré de https://www.cairn.info/revue-francaise-de-gestion-2010-4-page-183.htm

Chanlat, J.-F. (2014a). Langue et pensée dans la recherche en gestion: Constats, enjeux et atouts de la langue française. Gérer et Comprendre, 115(1), 4-17. doi: 10.3917/geco.115.0004

Chanlat, J.-F. (2014b). A língua e o pensar no campo da pesquisa em administração: Constatações e questões para os pesquisadores que não utilizam a língua inglesa. *RAE-Revista de Administração de Empresas, 54*(6), 706-714. doi: 10.1590/S0034-759020140610

Chanlat, J.-F. (2014c). Language and thinking in organization studies: The visibility of French OS production in the Anglo-Saxon OS field. *International Journal of Organizational Analysis*, *22* (4), 504-533. doi: 10.1108/IJOA-09-2013-0708

Chanlat J.-F. (2015). Le champ des études organisationnelles: Le regard critique d'un chercheur plurilingue. *RAE- Revista de Administração de Empresas*, *55*(2), 226-230. doi: 10.1590/S0034-759020150212

Chanlat, J-F. (2020). La catastrophe sanitaire actuelle: un fait social total. *Le Libellio d'AEGIS, 16*(7), p. 3-30. Récupéré de https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-03120567

Chanlat, J.-F, Davel, E., & Dupuis, J.-P. (2013). *Cross-Cultural Management. Culture and management across the world*. Londres, RU: Routledge.

Chanlat, J.-F, Dameron, S., Dupuis, J.-P., Freitas, M,E, & Özbilgin, M. (2013). Management et Diversité : lignes de tension et perspectives. *Management international / International Management / Gestiòn Internacional,* 17, 5–13. doi: 10.7202/1015807ar

Chanlat, J.-F., Özbilgin, M. (2018). *Management et diversité: Comparaisons internationales*. Ste-Foy, Québec, Canada: Les Presses de l'Université Laval, Paris, France: Hermann.

Chanlat, J.-F., Özbilgin, M. (2018). *Management et diversité: approches thématiques et défis sociopolitiques*. Ste-Foy, Québec, Canada: Les Presses de l'Université Laval, Paris, France: Hermann.

Chanlat, J.-F., Pierre, P.(2018). *Management interculturel. Evolution, tendances et critiques*. Caen, France: EMS.

Chanlat, J.-F., Fachin, R., & Fischer, T. (Dir.). (2006). *Analyse das organizações: Perspectivas latinas* (Vol. 1). Porto Alegre, Brasil: UFRGS

Chanlat, J.-F., Fachin, R., & Fischer, T. (Dir.). (2007). *Analyse das organizações: Perspectivas latinas* (Vol. 1). Porto Alegre, RS: UFRGS

Chanlat, J-F.,& Séguin, F. (1987). L'analyse des organisations. Tome II: les composantes de l'organisation, Montréal, Québec, Canada: Gaëtan Morin.

Cicero, A. F. C., Cardoso, J. M. M., & Klipan, M. L. (2019). Panorama da psicodinâmica do trabalho no Brasil entre os anos de 2005 e 2015. *Revista Interinstitucional de Psicologia*, *12*(1), 19-36. doi: 10.36298/gerais2019120103

Clarke, T., O'Brien, J., & O'Kelley, C. (2019). *The Oxford Handbook of The Corporation*. Oxford, UK: Oxford University Press.

Clegg, S R., & Bayley, J.R. (Eds). (2007). *International Encyclopedia of Organization studies*. Thousand. Oaks: Sage.

Clegg, S., Hardy C., & Nord, W. (Ed.). (1999). *Handbook de Estudos Organizacionais: Modelos de Análise e Novas Questões em Estudos Organizacionais* (Vol.1). São Paulo, SP: Atlas.

Clegg, S., Hardy C., & Nord, W. (Ed.). (2001). *Handbook de Estudos Organizacionais: Reflexões e Novas Direções* (Vol.2). São Paulo, SP: Atlas.

Clegg, S., Hardy C., & Nord, W. (Ed.). (2004). *Handbook de Estudos Organizacionais: Ação e Análise Organizacionais. (*Vol. 3), São Paulo, SP: Atlas.

Clot, Y. (2010). *Trabalho e poder de agir*. Belo Horizonte, MG: Fabrefactum.

Clot, Y., & Lhuillier, D. (2006). *Perspectives en cliniques du travail*. Toulouse, France: Erès.

Clot, Y., & Lhuillier, D. (2010). *Agir en clinique du travail*. Toulouse, France: Erès.

Collectif. (2019, Février). La recherche francophone en sciences de gestion n'a aucune raison d'acccepter une soumission à un ordre anglo-saxon. *Le Monde, 20*. Récupéré de https://www.lemonde.fr/idees/article/2019/02/20/la-recherche-francophone-en-sciences-de-gestion-n-a-aucune-raison-d-accepter-une-soumission-a-un-ordre-anglo-saxon_5425600_3232.html

Coriat, B. (1994). *Pensar pelo avesso*. Rio de Janeiro, RJ: UFRJ/Revan.

Crozier, M. (1963a). Subdesenvolvimento, administração e burocracia. *RAE-Revista de Administração de Empresas, 3*(9), 117-134. Récupéré de http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rae/article/view/41005

Crozier, M. (1963b). *Le phénomène bureaucratique*. Paris, France: Seuil.

Crozier, M. (1981). *O fenômeno burocrático: Ensaio sobre as tendências burocráticas dos sistemas de organização modernos e suas relações na França, com o sistema social e cultural* (Vol. 2.). (J. A. Gil Sobrinho, Trad.). Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília.

Crozier, M. (2000). *À quoi sert la sociologie des organisations?* Paris, France: Arslan.

Crozier, M., & Friedberg, E. (1977). L'acteur et le système. Paris, France: Seuil.

Dameron, S., Durand, T. (Eds). (2017). *The Future of Management Education. Volume 1: Challenges facing Business Schools around the World*. London, UK: Palgrave.

Davel, E., Dantas, M., & Vergara, S. C. (2008). Culture et gestion au Brésil. In E. Davel, J.-P. Dupuis, & J.-F. Chanlat (Eds.), *Gestion en contexte interculturel*. Québec, Canada: Presses de l'Université de Laval et Téléuniversité. CD.

Davel, E., & Dupuis, J.-P., & Chanlat, J.-F. (Eds.). (2008). *Gestion en contexte interculturel*. Québec, Canada: Presses de l'Université de Laval et Téléuniversité.

Davel, E., & Vergara, S, C. (Orgs.). (2001). *Gestão com pessoas e subjetividade*. São Paulo, SP: Atlas.

Davel, E., Vergara, S., & Ghadiri, S. (Orgs.). (2007). *Administração com arte: Experiências vividas de ensino-aprendizagem*. São Paulo, SP: Atlas.

Davel, E. P. B., & Melo, M. C. de O. L. (2005). *Gerência em ação: Singularidades e dilemas do trabalho gerencial*. Rio de Janeiro, RJ: Editora FGV.

David, A., Hatchuel, A., & Laufer, R. (2012). *Les nouvelles fondation des sciences de gestion*. Paris, France: Presses des Mines.

Dejours, C. (1996). Uma nova visão do sofrimento humano nas organizações. In J.-F. Chanlat (Dir.), *O indivíduo na organização: Dimensões esquecidas*. (Vol 1). São Paulo, SP: Editora Atlas, 149-174.

Dejours, C. (2007). *Fator humano*. São Paulo, SP: Editora Atlas.

Dejours, C. (2011). *A banalização da injustiça social*. São Paulo, SP: Editora Atlas.

Dejours, C. (2015). *A loucura do trabalho: Estudo de psicopatologia do trabalho*. São Paulo, SP: Cortez Editora-Oboré.

Dejours, C. (2017). *Psicodinâmica do trabalho: Casos clínicos*. São Paulo, SP: Dublinense.

Dejours, C., Abdoucheli, E., & Jayet, C. (1994). *Psicodinâmica do trabalho*. São Paulo, SP: Atlas.

d'Iribarne, P., Chevrier, S., Henry, A., Segal, J.-P., & Tréguer-Felten, G. (2020). *Cross-cultural management revisited: A qualitative approach*. Oxford, UK: Oxford University Press.

d'Iribarne, P., *Henry, A., Segal, J.-P., Chevrier, S.,* & Globokar, T. (1998). *Cultures et mondialisation: Gérer par-delà les frontières*. Paris, France: Seuil.

Dufour, M.,Chanlat,A.(1985). *La rupture entre l'entreprise et les hommes*. Montréal, Québec, Canada: Québec/Amériques.

Dumez, H. (2016). *Méthodologie qualitative: Les questions clés de la démarche compréhensive*. Paris, France: Vuibert.

Dupuis, J.-P., & Kuzminski, A. (1998). *Sociologie de l'économie, du travail et de* l'entreprise. Montréal, Canada: Gaëtan Morin éditeur.

Enriquez, E. (1990). *Da horda ao estado: Psicanálise do vínculo social*. São Paulo, SP: Editora Senac.

Enriquez, E. (1997). *A organização em análise*. Capa comun. Kindle Direct Publishing.

Enriquez, E. (2007). *As figuras do poder*. Capa Comun, Kindle Direct Publishing.

Enriquez, E. (2014). Jogos de poder na empresa: Sobre os processos de poder e estrutura. São Paulo, SP: Zagodoni Editora.

 CC BY

Entreprises et Histoire. (2016). Cinquante ans de sociologie des organisations. [Numéro spécial], 3(84). Paris, FR: ESKA

Etzioni, A. (1967). *Organizações complexas*. São Paulo, SP: Pioneira.

Eymard-Duvernay, F. (2004). *Economie politique de l'entreprise*. Paris, France: La découverte

Eynaud, P., & França, C. de., Filho. (2019). *Solidariedade e organizações: Pensar uma outra gestão*. São Paulo, SP: Ateliê de Humanidades Editorial. [Edition française, Solidarité et organisation: Penser une autre gestion. Toulouse, France: Erès.

Fachin, R. (2006). *Construindo uma associação científica: Trinta anos da ANPAD – Memórias, registros, desafios*. Porto Alegre, RS: ANPAD.

Fachin, R. (2014). Memórias e posicionamentos em estudos organizacionais. *Revista Brasileira de Estudos Organizacionais*, *1*(1), 4-16. doi: 10.21583/2447-4851.rbeo.2014.v1n1.27v

Fachin, R., & Cavedon, N. R. (2003). Em busca da especificidade da influência francesa na análise organizacional no Brasil. *Cadernos EBAPE.BR, 1*(1), 1-13. doi: 10.1590/S1679-39512003000100006

Favereau, O. (1989). Organisation et marché. *Revue française d'économie*, *4*(1), 65-96. doi: 10.3406/rfeco.1989.1203

Ferreira de Souza, P, H, D. (2018). *Uma história de desigualdade: a concentração de renda entre os ricos no Brasil, 1926-2013*. São Paulo, SP: Hucitec.

Fischer, T., & Davel, E. (2018). Administração como aprendizagem: do vir ao porvir com Tânia Fischer. *Farol - Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade, 5*(12), 13-31. Récupéré de https://revistas.face.ufmg.br/index.php/farol/article/view/4794

Fischer, T., Caldas, M., & Fachin, R. (Orgs.). (2004a). *Handbook de estudos organizacionais: Ação e análises organizacionais* (Vol. 2). São Paulo, SP: Editora Atlas.

Fischer, T., Caldas, M., & Fachin, R. (Orgs.). (2004b). *Handbook de estudos organizacionais: Ação e análises organizacionais* (Vol. 3). São Paulo, SP: Editora Atlas.

Fischer, T., Waiandt, C., & Fonseca, R. L. (2011). A história do ensino em administração: Contribuições teórico-metodológicas e uma proposta de agenda de pesquisa. *Revista de Administração Pública, 45*(4), 911-939. doi: 10.1590/S0034-76122011000400002

Fischer, T. M. (1985). O ensino de administração pública no Brasil: Da tutela estrangeira à autonomia necessária. In *Reunião Nacional da ANPAD (*pp165-170*)*. Anais... Florianópolis: Ed. UFSC

França, G, C. dé, Filho, Laville, J.-L., Medeiros, A. J. de S., & Magnen, J.-L. (2005). *Ação pública e economia solidária: Uma perspectiva internacional*. Salvador, Bahia: Editora CIAGS/UFBA.

Freitas, M. E. (1991). Cultura organizacional: Grandes temas em debates. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *31*(3), 73-82. Récupéré de http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rae/article/view/38605

Freitas, M. E. de. (1999a). *Cultura organizacional: Formação, tipologias e impacto*. São Paulo, SP: Editora Atlas.

Freitas, M. E. de. (1999b). *Cultura organizacional: Identidade, sedução e carisma?* Rio de Janeiro, RJ: FGV.

Freitas, M. E. de. (2001). Assédio moral e assédio sexual: faces do poder perverso nas organizações. *RAE-Revista de Administração de Empresas, 41*(2), 8-19. doi: 10.1590/S0034-75902001000200002

Freitas, M. E. de. (2008b). Entrevista com Jean-François Chanlat. *GVexecutivo 7*(11), 62-69. doi: 10.12660/gvexec.v7n1.2008.34087

Freitas, M.-E. de. (2018). Gérer la diversité au Brésil. In J.-F. Chanlat, & Özbilgin, M, (Dir.), *Management et diversité: Comparaisons internationales* (pp.115-162). Ste-Foy, Québec, Canada: Les Presses de l'Université Laval; Paris, France: Hermann.

Freitas, M. E. de, & Dantas, M. (2011). *Diversidade sexual e trabalho*. São Paulo, SP: Cengage.

Freitas, M. E. de, & Dantas, M. (2014). L'étranger dans le groupe: Pont et porte de l´interculturel. In A.-M. Guénette, E. Mutabazi, S. Von O. Ottino, & P. Pierre (Dir.), *Management interculturel, altérité et identités* (pp. 523-531). Paris, France: L'Harmattan.

Freitas, M. E. de, & Motta, F. C. P. (2000). *Vida psíquica e organização*. Rio de Janeiro, RJ: Editora FGV.

Freyre, G. (1963). *Casa grande e senzala*. Brasília, DF: Ed. UnB.

Gantman, E,. Yousfi, H., & Alcadipani, R. (2015). Challenging Anglo-Saxon dominance in management and organizational knowledge. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *55*(2), 126-129. doi: 10.1590/S0034-759020150202v

Gauléjac, V. De. (2005). *Gestão como doença social: Ideologia, poder gerencialista e fragmentação social*. São Paulo, SP: Editora Ideias e Letras.

Gaviria, L. G. A., & Molinier, P. (Éds.). (2011). *El trabajo y la ética del cuidado*. Bogotá, Colombia: La Carreta Social.

Girin, J. (2016). *Langage, organisations, situations et agencements* [avec la collaboration de Jean-François Chanlat, Hervé Dumez et Michèle Breton]. St-Foy, Québec, Canada: Presses de l'Université de Laval, Paris, France: Hermann.

Gonzáles-Miranda, D, R., & Ramirez Martinez, G. (2018). *Introducción: los estudiosorganizacionales en Latinoamérica. Una realidad fragmentada en busca de identidad Tratado de estudios organizacionales.*(Volumen 1). Teorización sobre el campo, Medellin, Colombia: Editorial EAFIT, Mexico: Universidad Autónoma Metropolitana, Red Mexicana de Investigadores en Estudios Organizacionales, Londres: Sage, 21-40.

Gonzáles-Miranda, D, R., & Ramirez Martinez, G. (2020). *Tratado de estudios organizacionales. Volumen 2. Exploración de las temáticas*, Medellin, Columbia: Editorial EAFIT, Mexico: Universidad Autónoma Metropolitana, Red Mexicana de Investigadores en Estudios Organizacionales, London, UK: Sage.

Grange, J. (2000). *Auguste Comte: La politique et la science*. Paris, France: Éditions Odile Jacob.

Guedes, A., & Faria, A. (Eds.). (2010). *International management and international relations: A critical perspective from Latin America*. New York, USA: Routledge.

Harzing, A-W. (2016, June). *Do Google Scholar, Scopus and the Web of Science speak your language?* EURAM Conference, Paris

Hatchuel, A. (2021, Janvier). La France, pionnière de la bonne gouvernance. *Le Monde*, 6 . Récupéré de https://www.lemonde.fr/emploi/article/2021/01/06/la-france-pionniere-de-la-bonne-gouvernance_6065334_1698637.html

Ibarra-Colado, E. (2006). Organization studies and epistemic coloniality in Latin America: Thinking otherness from the margins. *Organization*, *13*(4), 463-488. doi : 10.1177/1350508406065851

Ibarra-Colado, E., Faria, A., & Guedes, A. (2010). Introduction to the special issue on "Critical international management and international critical management: Perspectives from LatinAmerica". *Critical Perspectives on International Business, 6*(2/3), 86-96. doi: 10.1108/17422041011049923

Initiative d'Helsinki. (2019). Initiative d'Helsinki sur le multilinguisme dans la communication savante [Helsinki Initiative on Multilingualism in Scholarly Communication]. Récupéré de https://www.helsinki-initiative.org/fr

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatistica. (2019). *Sintese de Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira*. Rio de Janeiro, RJ: IBGE.

Jackson, T, & Primecz, H. (2019). Cross-cultural management studies and the Englishization of scholarly communication: A paradox. *International Journal of Cross Cultural Management, 19*(2), 115–119. https://doi.org/10.1177/1470595819865095

Joly, A, (2004). *Fiefs et entreprises en Amérique latine*. Ste-Foy, Québec, Canada: Les Presses de l'université Laval.

Kirschner, A.-M., & Gomes, E. R. (2014a). La sociologie brésilienne et l'entreprise à la fin du XXe siècle. *Sociologies Pratiques*, *3*(3), 41-48. doi : 10.3917/sopr.hs01.0041

Kirschner, A.-M., & Gomes, E. R. (2014b). Les sciences sociales brésiliennes aujourd'hui: Des questions structurelles aux nouvelles questions sociales. *Sociologies Pratiques*, 2(2), 123-134. doi: 10.3917/sopr.017.0123

Kury, L. (2003). Nation, races et fétichisme: La religion de l'humanité au Brésil. *Revue d'Histoire des Sciences Humaines*, *1*(1), 125-137. doi: 10.3917/rhsh.008.0125

Lapassade, G. (1989). *Grupos, organizações e instituições*. Rio de Janeiro, RJ: Francisco Alves

Lapierre,L.(1989). Imaginário, Administração e Liderança. *RAE-Revista de Administração de Empresas, 29*(4), 05-16. doi : 10.1590/S0034-75901989000400002

Lapierre, L. (2005). Gérir e Criar. *RAE-Revista de Administração de Empresas, 45*(4), 108-117. doi : 10.1590/S0034-75902005000400008

Laufer, R. (1977). Crise de légitimité dans les grandes organisations. *Revue Française de Gestion, 9* (1), 112-123.

Laufer, R., & Paradeise, C. (1982). *Le prince bureaucrate: Machiavel au pays du marketing*. Paris, France: Flamarion.

Laville, J-L. (dir). (2011). *Economie solidaire*. Paris, France: Editions CNRS.

Lévesque, B., Bourque, G., & Forgues, E. (1997, juil/décembre). La sociologie économique de langue française: Originalité et diversité des approches. *Cahiers Internationaux de Sociologie*, 103, 265-294.

Lima, M.-E. A. (1998). A psicopatologia do trabalho: Origens e desenvolvimentos recentes na França. *Psicologia, Ciências e Profissão*, *18*(2), 10-15. doi: 10.1590/s1414-98931998000200003

Lima, M. E. A. (2013). Saúde mental e trabalho: Limites, desafios, obstáculos e perspectivas. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, *16*(spe1), 91-98. doi: 10.11606/issn.1981-0490.v16ispe1p91-98

Lins, I. (1967). *História do positivismo no Brasil*. São Paulo, SP: Cia. Editora Nacional.

Lourau, R. (1975). *A análise institucional*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Lussier, S., Chanlat, J-F. (2017). Les enseignants en gestion face aux nouvelles injonctions institutionnelles. Une étude France-Québec. *Revue Française de Gestion*, *43*(267), 79-96. doi: 10.3166/rfg.2017.00183

Mandiola, M. (2010). Latin America's critical management? A liberation genealogy. *Critical Perspectives on International Business*, *6*(2/3), 162-176. doi: 10.1108/17422041011049978

Martes, A.-C. B., Loureiro, M., Abramovay, S. M., & Serafim, M. (2007). Apresentação Fórum – Sociologia econômica. *RAE-eletrônica, 6*(1), Art 10. Récupéré de https://www.scielo.br/pdf/raeel/v6n1/a05v6n1.pdf

Martinet, A.-C. (Org.) (1990). *Épistémologies et sciences de gestion*. Paris, France: Economica.

Martinet, A.-C., & Pesqueux, Y. (2013). *Épistémologie des sciences de gestion*. Paris, France: Vuibert.

Melo, M. C. De O. L. (1984). Processos de participação como meios não-instutionalizados dois postulados básicos de regulação de conflitos. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *24*(4), 11-18. doi: 10.1590/S0034-75901984000400004

Mello, M, S. B. de, Filho. (2019). Quarenta anos de Escola Francesa da Regulação: Entre o marxismo e o institucionalismo histórico. *Economia e Sociedade*, *28(1)*, 25-29. doi: 10.1590/1982-3533.2019v28n1art02

Merlo, A. C., & Mendes, A. M. B. (2009). Perspectivas do uso da psicodinâmica do trabalho no Brasil: Teoria, pesquisa e ação. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, *12*(2), 141-156. doi: 10.11606/issn.1981-0490.v12i2p141-156

Molinier, P. (2013). O trabalho e a psique: Uma introdução à psicodinâmica do trabalho (F. Soudant, Trad.). Brasília, DF: Paralelo 15.

 CC BY

Motta, F. C. P. (1981). *Burocracia e autogestão: A proposta de Proudhon*. São Paulo, SP: Brasiliense.

Motta, F. C. P. (1983). A questão da formação do administrador. *RAE-Revista de Administração de Empresas, 23*(4), 53-55. doi: 10.1590/s0034-75901983000400005

Motta, F. C. P. (1984). *Participação e co-gestão: Novas formas de administração*. São Paulo, SP: Brasiliense.

Motta, F. C. P. (1988). As formas organizacionais do estado. *RAE-Revista de Administração de Empresas, 28*(4), 15-31. doi: 10.1590/S0034-75901988000400003

Motta, F. C. P. (1990). *Organização e poder*. São Paulo, SP: Atlas.

Motta, F. C. P. (2002). *Teoria geral da administração: Uma introdução*. São Paulo, SP: Thompson Learning.

Motta, F. C. P. (2003). *Teoria das organizações: Evolução e crítica*. São Paulo, SP: Thompson Learning.

Motta, F. C. P., Alcadipani, R., & Bresler, R. (2001). A valorização do estrangeiro como segregação nas organizações. *Revista de Administração Contemporânea, 5*(Edição Especial), 59-79. doi: 10.1590/s1415-65552001000500004

Motta, F. C. P., & Caldas, M. (1997). *Cultura organizacional e cultura brasileira*. São Paulo, SP: Atlas.

Nugent, P. (1993). Compte rendu de *L'individu dans l'organisation: Les dimensions oubliées* sous la direction de Jean-François Chanlat, Québec, Canada, Les Presses de l'Université Laval et les Éditions Eska, 1990, 842 p, *Revue québécoise de science politique*, (24), 186-191.

Nygaard, L. P. (2019). The institutional context of "linguistic injustice": Norwegian social scientists and situated multilingualis. *Publications*, *7*(10), 1-13. Doi: 10.3390/publications7010010

Orléan, A. (2004). *Analyse économique des conventions*. Paris, France: Quadrige, PUF.

Padioleau, J.-G. (1992, Juillet-septembre). Jean-François Clianlat, *L'individu dans l'organisation, les dimensions oubliées*, 1990. *Sociologie du travail*, 34e année, (3), pp. 384-385.

Pagès, M., Bonetti, M., & Gauléjac, V. de. (1987). *O poder das organizações*. São Paulo, SP: Casa Editorial Atlas.

Paula, A. P. P. de. (2007). Guerreiro Ramos: Resgatando o pensamento de um sociólogo crítico das organizações. *Organização & Sociedade, 14*(40), 169-188. doi: 10.1590/S1984-92302007000100010

Paula, A. P. P. de, Maranhão, C. de A., Barreto, R. de O., & Klechen, C. F. (2010). A tradição e a autonomia dos estudos organizacionais críticos no Brasil. *RAE-Revista de Administração de Empresas, 50*(1), 10-23. doi: 10.1590/S0034-75902010000100002

Perrow, C. (1976), *Análise organizacional: Um enfoque sociológico*. São Paulo, SP: Atlas.

Pesqueux, Y. (2008).*Filosofia e Organizações - Coleção Debates em Administração*. Rio de Janeiro, RJ: Cengage.

Pinot de Villechenon, F. (2003). La latinidad: una cuestión de afinidad cultural en las relaciones euro-latinoamericanas. In Cavallero, P, A., Buzón, R, P., Frenkel, D., & Nocito, A. *Koronis. Homenaje a Carlos A. Ronchi March*. Buenos Aires, Argentina: Universidad de Buenos Aires, p. 395-409

Pinot de Villechenon, F. P., Chanlat, J.-F., & Rizzo, H. L. (2021). Dans quelle mesure la perception de proximité culturelle s'ajuste-t-elle au contact avec le marché cible? Les enseignements d'une recherche menée auprès de dirigeants de PME sud-européennes au Brésil. *Management International*, *25*(6) (sous presse).

Rambaud, A., Richard, J. (2021). *Philosophie d'une écologie anticapitaliste: Pour un nouveau modèle de gestion écologique*. Ste-Foy, Québec, Canada: Les Presses de l'Université Laval, Paris, France: Hermann.

Ramirez Martinez, G., & Gonzáles-Miranda, D, R. (2018). *Tratado de estudios organizacionales. Volumen 1. Teorización sobre el campo*, Medellin, Columbia. Editorial EAFIT, Universidad Autónoma Metropolitana, Red Mexicana de Investigadores en Estudios Organizacionales, Sage

Ramos, A. G. (1981/1989). *A nova ciência das organizações: Uma reconceituação da Riqueza das Nações* (2ª ed.). Rio de Janeiro, RJ: Editora da FGV.

Ramos, G. (1983). *Administração e contexto brasileiro: Esboço de uma teoria geral da administração* (2ª ed.). Rio de Janeiro, RJ: Editora da Fundação Getulio Vargas.

Ramos, G. (1984). Modelos de Homen e teoria administrativa. *Revista de Administração Pública, 18*(2), 3-12. Récupéré de http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/view/10559

Reynaud, J.-D. (1989). *Les règles du jeu: l'Action collective et la régulation sociale*. Paris, France: Armand Colin.

Richebé, N., Favereau, O., Livian, Y., Bréchet, J.-P., Taskin, L., Havard, C., & Croset, N. (2020). La théorie de la régulation sociale: Hommage à Jean-Daniel Reynaud. *Revue française de gestion*, *6*(6), 105-128. doi: 10.3166/rfg.2020.00437

Rossi, A., & Passos, E. (2014). Análise institucional: Revisão conceitual e nuances da pesquisa-intervenção no Brasil. *Revista EPOS*, *5*(1), 156-181.

Rouanet, S. P. (2010). Quelques remarques sur l'influence de la philosophie française au Brésil. *Synergies*, *Brésil numéro spécial* (2), 41-46. Récupéré de https://gerflint.fr/Base/Bresil_special2/Rouanet.pdf

Rouquié A. (1987). *Amérique latine: introduction à l'Extrême Occident*. Paris, France: Seuil,

Sainsaulieu, R. (1977/2014). *L'Identité au travail*. Paris, France: Presses de la Fondation des Sciences Politiques.

Sainsaulieu, R. (Dir.). (1990). *L'entreprise: Une affaire de société*. Paris, France: Presses de la Fondation des Sciences Politiques.

Sainsaulieu, R. (1997). *Sociologie de l'entreprise*. Paris, France: Presses de la Fondation des Sciences Politiques.

Sainsaulieu, R. (2002). *Des sociétés en mouvement*. Paris, France: Desclée de Brouwer.

Sainsaulieu, R., & Kirschner, A-M. (2006). *Sociologia da Empresa Organização Poder, Cultura e Desenvolvimento no Brasil*. Rio, Brasil: DP & A Editora.

Sainsaulieu, R.,& Segrestin, D. (1986, Juillet-septembre). Vers une théorie sociologique de l'entreprise. In: *Sociologie du travail*, 28e année, (3), pp. 335-352, Retour sur l'entreprise.

Salais, R., Thévenot, L.(éd.).(1986). *Le travail : marché, règles et conventions*. Paris, France: Economica.

Saussois, J. M. (2016). Les Organisations: Etat des savoirs, Paris, Editions Sciences Humaines.

Salvador, P. (2011, janeiro). Entrevista com Norbert Alter. Pequenas Empresas & Grandes Negócios, 264. Récupéré de http://revistapegn.globo.com/Revista/Common/0,,EMI199915-17172,00-ENTREVISTA+COM+NORBERT+ALTER+INTEGRA.html

Sciences Humaines, (1998, Mars-Avril). Comprendre les organisations, 20. Récupéré de https://www.scienceshumaines.com/comprendre-les-organisations_fr_95.htm

Segnini, L., & Alcadipani, R. (2014, maio/junho). Poder e resistências nas organizações: A propósito das contribuições de Fernando C. Prestes Motta. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *54*(3), 341-347. doi: 10.1590/s0034-759020140309V

Segrestin, B.(1992). *Sociologie de l'entreprise*. Paris, France: Armand Colin.

Segrestin, B., & Hatchuel, A. (2012). *Refonder l'entreprise*. Paris, France: Seuil.

Séguin, F.,& Chanlat, J-F. (1983). L'analyse des organisations: une anthologie sociologique. Tome I. Montréal, Québec, Canada, Gaëtan Morin.

Serva, M. (1990). Contribuições para uma teoria organizacional brasileira. *Revista de Administração Pública*, *24*(2), 10-21. Récupéré de http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/view/9047

Serva, M. (1992). A importação de metodologias administrativas no Brasil: uma análise semiológica. *Revista de Administração Pública, 26*(4), 128-144. Récupéré de http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/view/8751

Serva, M. (1997a). A racionalidade substantiva demonstrada na prática administrativa. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *37*(2), 18-30. doi: 10.1590/s0034-75901997000200003

Serva, M. (1997b). Abordagem substantiva e ação comunicativa: Uma complementaridade frutuosa para a teoria das organizações. *Revista de Administração Pública*, *31*(2), 108-134. Récupéré de http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/view/7940

Serva, M. (2002). Contribuições da sociologia econômica à teoria das organizações. *Sociedade e Estado*, *17*(1), 106-122. doi: 10.1590/s0102-69922002000100007

Serva, M. (2013). O surgimento e desenvolvimento da epistemologia da administração: Inferências sobre a contribuição ao aperfeiçoamento da teoria administrativa. *RGO Revista Gestão Organizacional*, *6*(Edição especial), 51-64. doi: 10.22277/rgo.v6i3.1529

Serva, M. (2017a). Epistemología de la administración en Brasil: El estado del arte. *Cadernos EBAPE.BR*, *15*(4), 741-750. doi: 10.1590/1679-395173209

Serva, M. (2017b). A nova ideologia econômica da ciência e a (re) politização do campo. *Ciências em Debate*, *2*, 52-58.

Serva, M., & Andion, M.-C. (2006). Teoria das organizações e a nova sociologia econômica: Um diálogo interdisciplinar. *RAE-Revista de Administração de Empresas, 46*(2), 10-20. doi: 10.1590/S0034-75902006000200002

Serva, M., & Andion, M.-C. (2021). La contribution de l'oeuvre de Jean-François Chanlat au champ des études épistémologiques des sciences administratives brésiliennes. In G. Bouville, & H. Yousfi, *Les dimensions oubliées de la gestion. Anthropologie, management et organisation: Mélanges en l'honneur de Jean-François Chanlat*. Ste-Foy, Québec, Canada, Les Presses de l'université Laval, Paris, France: Hermann (à paraître).

Serva, M., Caitano, D., Santos, L., & Siqueira, G. (2015). A análise da racionalidade nas organizações: Um balanço do desenvolvimento de um campo de estudos no Brasil. *Cadernos EBAPE.br*, *13*(3), 414-437. Récupéré de http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/cadernosebape/article/view/16344

Silva, J.-R. G. da. (2010). La dynamique identitaire entre organisations et individus. *Revue Française de Gestion*, *36*(20), 185-204. doi: 10.3166/rfg.203.185-204

Siqueira, G., & Serva, M. (2014, março). Tensão entre racionalidades na abordagem substantiva das organizações. *IV Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração*, Florianópolis, SC.

Sperb, M. P., & Serva, M. (2018). Economia social e solidária, governança e turismo no âmbito do desenvolvimento territorial sustentável. *Revista de Ciências da Administração*, *20*(50), 93-109. doi: 10.5007/2175-8077.2018v20n50p93

Stokes, P., Davoine., E & Oiry, E. (Guest Editors), (2014). Special issue on organizations and organizing in a French context. *International Journal of Organizational Analysis*, *22*(4), 1-3. doi: 10.1108/IJOA-08-2014-0794

Sznelwar, I. L. (2006). Alain Wisner: O desenvolvimento da ergonomia e do pensamento sobre o "trabalhar". *Travailler, 1*(15), 55-70. doi: 10.3917/trav.015.0055

Sznelwar, L. I., Uchida, S., & Lancman, S. (2011). A subjetividade no trabalho em questão. *Tempo Social*, *23*(1), 11-30. doi: 10.1590/S0103-20702011000100002

Terssac, G. de. (Ed.). (2003). *La théorie de la régulation sociale de Jean-Daniel Reynaud*. Paris, France: La Decouverte.

Thévenet, M. (1992). *Auditoría de la cultura empresarial*. Madrid, España: Ediciones Díaz de Santos.

Tietze, S., & Dicks, P. (2012, May). The victorious English language: Hegemonic practices in the management academy. *Journal of Management Inquiry*, *22*(1), 122–134. doi: 10.1177/1056492612444316

Tonelli, M. J. (2018). Revistas científicas em administração: O papel histórico da *Revista de Administração de Empresas (RAE)* na construção do campo acadêmico em administração no Brasil. *Cadernos EBAPE.BR*, 16(Edição Especial), 509-515. doi: 10.1590/1679-395173941

Torres, O., & Gonçalves, M. A. (1991). O indivíduo na organização: dimensões esquecidas. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *31*(4), 107-108. doi: 10.1590/S0034-75901991000400011

Tourish, D., & Willmott, H, C. (2015, February). In Defiance of Folly: Journal Rankings, mindless measures and the ABS Guide. Critical Perspectives of Accounting, *26*, 37-46. doi: 10.1016/j.cpa.2014.02.004

Tragtenberg, M. (2005). *Administração, poder e ideologia*. São Paulo, SP: Unisep.

Tragtenberg, M. (2010). *Burocracia e ideologia*. São Paulo, SP: Unisep.

Tragtenberg, M. (2012). *Teoria e ação libertárias*. São Paulo, SP: Unisep.

Tsuda, Y. (2013). Speaking Against the Hegemony of English Problems, Ideologies and Solutions. In *The Handbook of Critical Intercultural Communication*, Nakayama, T., & Halualani, R, T, London, UK: Basil Blackwell, 248-269.

Tyr, A. (2007). *Le drapeau brésilien et Auguste Comte* [Film documentaire, coproduction Évasion en vidéo, PDR, TVM Est Parisien].

Vasconcelos, I., & Pinochet, L. (2004). Poder, tecnologia e controle burocrático: Uma análise crozieriana em uma empresa de informática do governo do estado do Paraná. *Revista de Administração Pública*, *38*(3), 465-479. Récupéré de http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/view/6546

Vergara, S. C. (2006). Análise organizacional no Brasil: Em busca da independência intelectual. In J.-F. Chanlat, R. Fachin, & T. Fischer, *Análise organizacional: Perspectivas latinas* (Vol. 1: Olhar histórico e constatações atuais, pp. 219-238). Porto Alegre, RS: Editora da UFRGS.

Vergara, S. C., & Pinto, M. (2001). Referências teóricas em análise organizacional: Um estudo da nacionalidade dos artigos referenciados na literatura brasileira. *Revista de Administração Contemporânea*, *5*(Edição Especial), 103-121. doi: 10.1590/S1415-65552001000500006

Waiandt, C. A. (2009). *O ensino dos estudos organizacionais nos cursos de pós-graduação stricto sensu em administração* (Tese de doutorado, Escola de Administração, Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA).

Waiandt, C. A. (2018). Ensino-Aprendizagem na administração: Contribuições e desafios na trajetória de Tânia Fischer. *Farol - Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade, 5*(12), 85-125. doi: 10.25113/farol.v5i12.4797

Willmott, H. (2011). Journal List Fetishism and the Perversion of Scholarship: Reactivity and the ABS List. *Organization*, *18*(4), 429-442.

CONTRIBUTIONS DE L'AUTEUR

L'auteur déclare sur l'honneur qu'il a réalisé lui-même ce travail; de la conceptualisation à l'approche théorique et méthodologique jusqu'à la rédaction finale.

ARTIGOS

Artigo convidado

Versão original | DOI: http://dx.doi.org/10.1590/S0034-759020210306

REVISTAS ACADÊMICAS COMO AGENTES DO CAMPO CIENTÍFICO DE ADMINISTRAÇÃO

Academic journals as agents of the scientific field of Administration

Revistas académicas como agentes del campo científico de la Administración

Alketa Peci[1] | alketa.peci@fgv.br | ORCID: 0000-0002-0488-1744

Lilian Alfaia Monteiro[2] | lilian.alfaia@ufjf.edu.br | ORCID: 0000-0001-5891-1788

[1] Fundação Getulio Vargas, Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

[2] Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, Juiz de Fora, MG, Brasil

RESUMO

Revistas acadêmicas são importantes atores do campo científico de Administração, entendido como um espaço caracterizado por uma lógica própria de jogo, onde diversos agentes competem, recorrendo a vários tipos de capitais, para determinar o monopólio da autoridade científica. Como as revistas acadêmicas acompanham e refletem a dinâmica do campo de Administração no Brasil? Como esses atores se posicionam nesse espaço? O trabalho evidencia como as revistas acadêmicas evoluem acompanhando a dinâmica do campo e reforçando estratégias de legitimação da contribuição científica. Por fim, discutimos os atuais desafios de internacionalização para as revistas da área.

PALAVRAS-CHAVE | Revistas acadêmicas, campo científico de Administração, legitimação, retórica, internacionalização.

ABSTRACT

Academic journals are important actors in the scientific field of Administration, understood as a space characterized by a logic of its own, where several agents compete and resort to various types of capital in order to determine the monopoly over scientific authority. How do academic journals follow and reflect the dynamic of the Administration field in Brazil? How do these actors take their positions in this space? This article shows how academic journals evolve as they follow the field's dynamic and reinforce strategies for legitimizing scientific contribution. Finally, we discuss the current internationalization challenges for journals in the area.

KEYWORDS */ Academic journals, scientific field of Administration, legitimation, rhetoric, internationalization.*

RESUMEN

Las revistas académicas son actores importantes del campo científico de la Administración, entendido como un espacio caracterizado por su propia lógica de juego, donde diferentes agentes compiten, recurriendo a diversos tipos de capital, para determinar el monopolio de la autoridad científica. ¿Cómo siguen y reflejan las revistas académicas la dinámica del campo de la Administración en Brasil? ¿Cómo se posicionan esos actores en este espacio? El trabajo muestra cómo las revistas académicas evolucionan siguiendo la dinámica del campo y reforzando estrategias para legitimar la contribución científica. Finalmente, discutimos los desafíos actuales de internacionalización para las revistas del área.

PALABRAS CLAVE */ Revistas académicas, campo científico de la Administración , legitimación, retórica, internacionalización.*

 CC BY

INTRODUÇÃO

O surgimento do campo de Administração como campo distinto de conhecimento respondeu à consolidação da reforma administrativa da Era Vargas e ao projeto industrial-desenvolvimentista em curso no País desde os anos 1930, e materializou-se pelo estabelecimento dos primeiros cursos de Administração a partir dos anos 1940 e 1950 (Barros & Carrieri, 2013). Vários trabalhos analisaram aspectos importantes do novo campo, como a formação dos administradores (Motta, 1983), os saberes administrativos (Barros, Cruz, Xavier, & Carrieri, 2011; Curado, 2001), o ensino e o estabelecimento dos cursos de graduação em Administração (Barros, 2011; Barros & Carrieri, 2013; Fischer, 1984a, 1984b, 1993, 2010; Fischer et al., 2011; Nicolini, 2007) ou em Administração Pública (Coelho, 2006; Coelho, Olenscki, & Celso, 2010; Nicolini, 2003).

Em poucas décadas, esse campo prolifera numericamente em várias dimensões: milhares de cursos de graduação e dezenas de programas de pós-graduação (Bertero, 2003), fortalecimento de associações como a Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Administração (ANPAD), que passa de oito programas de pós-graduação fundadores em 1976 para mais de 190 programas hoje, milhares de participantes em encontros científicos da área (EnANPAD), multiplicação de eventos acadêmicos e consolidação de critérios de avaliação institucional e individual que premiam ou punem a qualidade e a produtividade, ao exemplo do processo de credenciamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), ou das bolsas de produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) (Peci & Alcadipani, 2006).

A dinâmica das revistas acadêmicas de Administração acompanha e reflete esse crescimento quantitativo do campo. As primeiras revistas surgem nos anos 1960 – *Rausp Management Journal (RAUSP), Revista de Administração Pública (RAP) e Revista de Administração de Empresas (RAE)* – e dominam a produção científica do campo por várias décadas. Essa produção começa a crescer gradualmente nas décadas de 1980-1990, mas o salto quantitativo dá-se a partir de 2000. Hoje existem mais de 300 revistas acadêmicas no campo de Administração (Rosa & Romani-Dias, 2019a). Pouco conhecemos, ainda, sobre como esses atores se posicionam no campo científico de Administração e como, ainda, se diferenciam entre eles.

Este artigo parte da premissa de que os periódicos são atores-chave que marcam a dinâmica do campo científico de Administração. De fato, as revistas acadêmicas cumprem uma dupla função: são os principais meios de comunicação da produção científica de um campo para seus membros internos (pesquisadores) e externos (mídia, sociedade); são, simultaneamente, agentes importantes do campo científico de Administração, ao lado dos pesquisadores, programas, associações e outros atores relevantes que marcam sua dinâmica.

A partir de uma visão construtivista do campo científico, concebido como um espaço marcado por uma lógica própria de jogo, permeado por relações de poder, onde agentes disputam o monopólio da autoridade científica recorrendo a diversos tipos de capitais (Bourdieu, 1983; Flingstein & McAdam, 2012), neste trabalho, refletimos sobre a evolução histórica do campo da Administração e sobre o posicionamento das revistas acadêmicas nessa trajetória. Tendo como recorte a área de Estudos Organizacionais, analisamos retoricamente 500 artigos científicos nacionais e internacionais, publicados nas revistas da área ao longo de seis décadas, e identificamos: a) como evoluem as revistas científicas do campo; b) quais são as principais estratégias de legitimação que sustentam o que é uma contribuição científica; c) como essas estratégias refletem o crescimento qualitativo e quantitativo do campo de Administração. Finalmente, analisamos os desafios impostos pelas métricas de internacionalização e defendemos que a contribuição das revistas acadêmicas no Brasil para o desenvolvimento do conhecimento em Administração precisa ser vista à luz do jogo de poder do campo, atualmente ameaçado pelo recorte de recursos públicos que sustentou sua expansão quantitativa ao longo das últimas décadas.

 CC BY

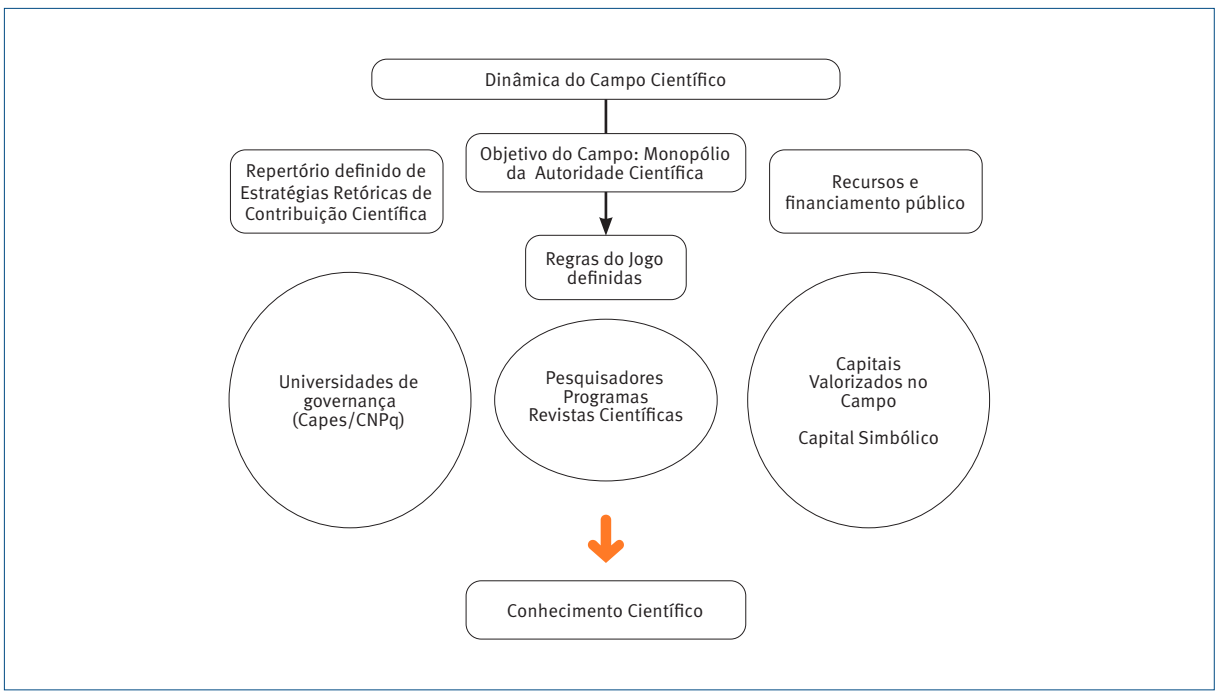
ADMINISTRAÇÃO COMO UM CAMPO CIENTÍFICO

Um campo é uma arena social de nível meso, marcado por uma lógica distinta de jogo, permeado por relações de poder e caracterizado por jogadores e regras de jogo próprios (Bourdieu, 1983, 1991; Davis & Marquis, 2005; Flingstein & McAdam, 2012). O campo científico pode ser entendido como um espaço caracterizado por uma luta concorrencial pelo monopólio da autoridade científica, um espaço de competição no qual agentes individuais e coletivos trabalham para valorizar o seu próprio capital, por meio de estratégias de acumulação impostas pela concorrência e apropriadas para determinar a preservação ou transformação da estrutura (Bourdieu, 1983, 1991; Davis & Marquis, 2005; Martin, 2003).

Na disputa em torno do jogo, o monopólio pela superioridade da autoridade científica torna-se objeto de rivalidade entre os jogadores-atores, entendidos aqui como acadêmicos, instituições de ensino/pesquisa, revistas científicas ou até mesmo redes de pesquisadores, orientando suas estratégias de ação e relacionamentos. Esses atores individuais e coletivos recorrem a vários recursos como uma forma de legitimação no âmbito do campo científico, conforme demonstram análises da dinâmica das relações de poder em diversos campos científicos (Burri, 2008; Hong, 2008; Klenk, Hickey, & Maclellan, 2010).

A Figura 1 resume a dinâmica do campo científico de Administração, destacando os pesquisadores, os programas acadêmicos e as revistas científicas como os principais agentes desse campo que competem na busca do monopólio da autoridade científica. A evolução do campo é marcada por vários fatores, entre os quais destacamos a disponibilidade de recursos e financiamento (públicos ou privados) e o papel de unidades de governança como CAPES e CNPq, as quais, com as suas regras, estimulam uma dinâmica de competição no campo (*rankings*). Adicionalmente, a figura destaca que, para o campo científico, alguns tipos de capitais (linguístico, social) se revelam mais importantes que outros, assumindo o *status* de capital simbólico.

Figura 1. **O jogo do campo científico: Lógica, atores e capitais**



O conhecimento científico é produto desse campo de poder e suas dinâmicas. Em outras palavras, artigos veiculados nas principais revistas da área também refletirão essa dinâmica e serão objeto deste trabalho.

METODOLOGIA

Para identificar, a partir de uma ótica longitudinal, a evolução da produção científica resultante da evolução do campo, com um recorte em Estudos Organizacionais, apresentamos aqui os resultados de uma pesquisa que analisou um conjunto de artigos científicos publicados entre os anos 1960 e o ano de 2014.

Tomamos como referência o estudo de Locke e Golden-Biddle (1997), e apresentamos a análise relativa às estratégias retóricas que definem e diferenciam uma contribuição científica. Foi construída uma base de dados no Excel que centralizou as informações em torno dos artigos publicados no período de 1960 a 2014. A partir dos artigos, foram coletadas informações relativas às regras de jogo de um campo científico: publicação em revistas (atualmente ranqueadas); programas de vinculação institucional (atualmente ranqueados) e bolsas de produtividade em pesquisa CNPq (atualmente ranqueados). Também foram consideradas informações relativas ao ano de publicação, categorias de estratégias de legitimidade de contribuição científica, autor(es) e país de formação acadêmica. A ideia de reunir esses dados distribuídos em torno das regras de jogo do campo justificou-se em função de muitos serem considerados uma possibilidade para indicar as tomadas de posição e posições dos agentes, tais como estrato Qualis do periódico, nota do programa de vinculação e categorias de estratégias de legitimidade de contribuição científica. O estrato Qualis CAPES dos periódicos também pode ser um indicativo do capital científico dos agentes. Já os autores e instituições de vínculo são considerados fundamentais para relacionar as estratégias de legitimidade de contribuição científica, por serem os agentes individuais e coletivos presentes no campo. Os dados sobre bolsistas de produtividade em pesquisa CNPq, além de poderem ser interpretados como indicadores do posicionamento no campo, também se colocam como um dado referente ao capital econômico. Desses 500 artigos, 430 foram publicados em periódicos nacionais e 70, em periódicos estrangeiros, tendo estes sido escritos por pesquisadores brasileiros bolsistas de produtividade do CNPq. A inclusão desses artigos na pesquisa deu-se em função de uma possível comparação entre as estratégias de legitimidades de contribuição científica utilizadas nesses dois tipos de periódicos.

Essa coleta foi feita a partir de cortes temporais que permitiram analisar as décadas de 1960, 1970, 1980, 1990 e 2000 e o período 2010-2014. A quantidade de artigos analisados por década pode ser encontrada na Tabela 1 a seguir:

Tabela 1. **Quantidade de artigos analisados por década**

Período Analisado	Quantidade
Anos 1960	9
Anos 1970	18
Anos 1980	23
Anos 1990	54
Anos 2000	190
Anos 2010	206

 CC BY

Conforme será mais detalhado a seguir, a pesquisa ajuda a compreender a produção científica veiculada nas revistas do nosso campo à luz das estratégias discursivas a que os atores recorrem e como estas são manejadas empiricamente, ajustando-se às posições sociais e aos recursos dos agentes que disputam a autoridade no campo. Por fim, a análise permite compreender como os principais agentes, incluindo as revistas, se posicionam no campo científico de Administração a partir dos anos 2000.

ANÁLISE LONGITUDINAL DO CAMPO

A produção científica nacional em Estudos Organizacionais teve seu início a partir dos anos 1960, com o surgimento das primeiras revistas em Administração, *RAUSP*, *RAP* e *RAE*. A essa época, a produção era bem escassa e, dos poucos artigos publicados, muitos eram de autores estrangeiros e se tratavam ou de traduções de artigos publicados em periódicos internacionais ou de produções realizadas por professores estrangeiros convidados para ministrar cursos no âmbito de programas de cooperação entre universidades internacionais americanas e brasileiras, tal como ocorreu na FGV EAESP (Alcadipani & Bertero, 2012). Além de poucas revistas nessa época, o número de edições também era pequeno, assim como se mostrou nos anos 1970. A partir dos anos 1980 e 1990, a produção cresceu pouco a pouco, mas foi a partir dos anos 2000 que ocorreu um salto quantitativo, reunindo 78% do total dos 500 trabalhos analisados.

O crescimento observado reflete a criação de novos programas e, principalmente, de novas revistas a partir dos anos 1900. O campo muda pela inserção de novos agentes, individuais e coletivos, iniciando sua consolidação. É nessa década que o CNPq cria a Plataforma Lattes e o Diretório dos Grupos de Pesquisa, instrumentos fundamentais para as atividades de fomento, avaliação, acompanhamento e direcionamento para políticas e diretrizes de incentivo à pesquisa. Em 1998, a CAPES muda a escala de conceituação para avaliação da pós-graduação para o sistema numérico de 1 a 7, assumindo o papel de unidades de governança, supervisionando o cumprimento das regras do campo e o bom funcionamento geral, e facilitando a reprodução do sistema (Fligstein & McAdam, 2011, 2012).

A partir dos anos 2000, o campo consolida-se significativamente, passando a receber maior número de programas de pós-graduação, pesquisadores, alunos, triplicando sua produção em relação à década anterior. Começam a predominar as relações de coautoria, justificadas pela pressão por publicações e também como uma consequência do próprio crescimento do campo, que apresenta maior número de grupos de pesquisa e colaborações interinstitucionais. As produções de autoria única passam a ser a categoria de menor ocorrência (Tabela 2), revelando a importância do capital social no campo (Bourdieu, 1998).

Tabela 2. **Tipos de autoria – Artigos nacionais – de 1960 a 2014**

Tipo de autoria	1960	1970	1980	1990	2000	2010-2014	Qde.	(%)
Única	9	15	17	39	51	18	149	34,65
Coautoria 2	0	2	5	11	69	78	**165**	**38,37**
Coautoria 3	0	0	1	3	34	42	**80**	**18,60**
Coautoria 4+	0	0	0	0	10	26	**36**	**8,37**
Total	9	17	23	53	164	164	430	100

Fonte: Dados da pesquisa.

CC BY

A partir de 2005, após um crescimento quantitativo na pós-graduação, a CAPES induz uma mudança qualitativa na avaliação da produção científica, incluindo novas diretrizes que marcam novamente as revistas, como fatores de impacto e de citação no processo de avaliação e indicadores relativos à expressão científica no contexto nacional e internacional, aperfeiçoando uma vez mais suas estratégias como unidade de governança no campo (Fligstein & McAdam, 2011, 2012).

O crescimento quantitativo entre os anos 2010 a 2014 se mantém, e se equipara à produção da década anterior, refletindo o alto número de programas, consequência da crescente disponibilidade de recursos e financiamento público. Conforme exemplificado na Tabela 3, os investimentos do CNPq na área de Administração tiveram crescimentos consideráveis nos anos de 2012 e 2013, dobrando de volume em relação ao ano anterior, ocupando a 10ª posição no *ranking* de investimentos realizados no ano de 2014.

Tabela 3. **CNPq – Investimentos realizados em bolsas e no fomento à pesquisa em Administração – 2001-2014 (*ranking* com base no total de investimentos em 2014)**

Rk	Área do conhecimento	Investimentos (Reais mil correntes)													
		2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	**2014**
10	Administração	9.425	8.399	7.551	8.151	7.336	8.226	9.988	9.607	10.740	15.574	15.561	34.764	72.944	77.041

Fonte: CNPq - Investimentos realizados em bolsas e no fomento à pesquisa segundo áreas do conhecimento - 2001-2014.
Disponível em: http://memoria.cnpq.br/documents/10157/77140d9e-5698-4242-8e53-2a72cd7ff1d7 Acesso em: março/2021

Sobre a distribuição dos artigos em Estudos Organizacionais nos periódicos brasileiros, percebemos a permanência de revistas pioneiras, como *RAE* e *RAP*, que lideram o volume de artigos. Novos atores surgem, como a revista *Cadernos EBAPE.BR*, em 2003, com uma produção bastante significativa para um período de 11 anos. A *revista Organizações & Sociedade (O&S)*, criada em 1993, aparece em seguida, reforçando sua relação com o tema de Estudos Organizacionais (Tabela 4).

Tabela 4. **Distribuição dos artigos nos periódicos brasileiros**

Periódico	Artigos	(%)
RAE	73	16,98
RAP	67	15,58
Cadernos EBAPE.BR	46	10,70
O&S	31	7,21
Revista de Administração Mackenzie	30	6,98
RCA-Revista de Ciências da Administração	28	6,51
RAC-Revista de Administração Contemporânea	24	5,58
REGE-Revista de Gestão	23	5,35
Gestão e Planejamento	17	3,95
REAd - Revista Eletrônica de Administração	14	3,26
Economia & Gestão	11	2,56
Rausp	11	2,56
RAU-Revista de Administração	7	1,63
RECADM-Revista Eletrônica de Ciência Administrativa	7	1,63

Continua

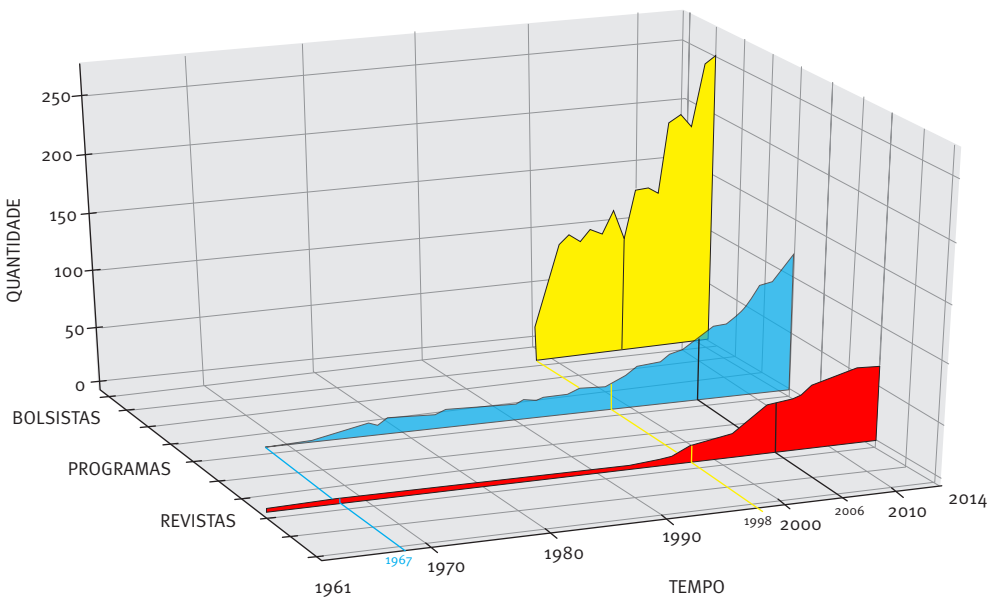
Tabela 4. **Distribuição dos artigos nos periódicos brasileiros** Conclui

Periódico	Artigos	(%)
Desenvolvimento em Questão	6	1,40
FACES	6	1,40
Gestão e Tecnologia	6	1,40
Pretexto	5	1,16
RGO - Revista Gestão Organizacional	5	1,16
Alcance	3	0,70
Revista de Administração da UFSM	3	0,70
Contextus	2	0,47
RBGN - Revista Brasileira de Gestão de Negócios	2	0,47
BAR - Brazilian Administration Review	1	0,23
BASE - Revista de Administração e Contabilidade da Unisinos	1	0,23
Gestão e Regionalidade	1	0,23
Total	430	100

Fonte: Dados da pesquisa.

O Gráfico 1 representa a evolução longitudinal do campo em torno dos seus agentes-chave. O levantamento de bolsistas de produtividade em pesquisa CNPq começa a partir de 1998 devido ao fato de esses dados estarem sistematizados somente a partir dessa data na instituição.

Gráfico 1. **Evolução longitudinal de bolsistas, programas e revistas – de 1961 a 2014**



Fonte: Dados da pesquisa.

CC BY

A partir dos anos 2000, as publicações em revistas internacionais tornam-se mais substanciais, correspondendo a 33% da produção. Antes disso, a internacionalização consistia apenas em publicações pontuais. De 2010 a 2014, a produção já dobra de volume se comparada à década anterior. Esse período coincide com aumentos em relação aos investimentos em bolsas e fomentos em pesquisa pelo CNPq (*vide* Tabela 3), com reflexos dos ajustes de avaliação da CAPES em relação aos conceitos dos programas, periódicos e indicadores de produção científica e também com o maior número de programas e pesquisadores no campo.

Estratégias de legitimação da contribuição científica

De que forma os artigos constroem suas contribuições científicas na tentativa de se legitimarem em um campo científico? Para responder a essa questão, recorremos à análise retórica de textos científicos (Gusfield, 1976), que nos permitiu identificar as principais estratégias de legitimação (Locke & Golden-Biddle, 1997) presentes nas publicações.

A proposta dessa análise retórica é incorporar não somente o conteúdo das argumentações ou afirmações, mas também como elas dão suporte e rendem créditos ao texto, tendo como foco central a identificação de características textuais e práticas retóricas que ajudarão a suportar a validade dos argumentos (Locke & Golden-Biddle, 1997). Assim, as estratégias de legitimidade identificadas nos textos analisados foram categorizadas a partir de uma análise de conteúdo (Bardin, 2006), A unidade de análise tomada como referência para a análise categorial foi o tema. Para a definição das categorias, optamos por uma grade de análise mista.

Para essa categorização, analisamos a introdução dos artigos, tendo em vista que, em geral, é nesse tópico que os autores apresentam e defendem as contribuições de seus trabalhos. Foram considerados os trechos em que os autores argumentavam sobre a importância ou o diferencial de seu trabalho perante o estado do campo, sobre o porquê da escolha do objeto de estudo e sobre as contribuições oferecidas pelo estudo. Esse processo produziu 1.062 segmentos de textos. Ao final, os dados relativos à categorização foram inseridos na base de dados. A fim de conferir maior confiabilidade à categorização, procedemos a uma dupla e independente checagem nessa etapa, feita com base em uma amostra de 50 artigos, isto é, 10% da amostra trabalhada no estudo (Gaskell & Bauer, 2005; Kirk & Miller, 1986).

Desse modo, chegamos às quatro grandes categorias sobre as estratégias de legitimação das contribuições científicas presentes neste trabalho: discurso científico interno, discurso científico externo, discurso da prática e discurso da diferenciação. Além disso, também identificamos a categoria sem discurso específico e mais 11 diferentes combinações das quatro principais categorias que eventualmente apareceram nos textos dos artigos. As categorias e suas definições se resumem no Quadro 1.

A análise revelou que o DCI e o DP, assim como uma combinação dos dois (DCIP), são as principais estratégias de legitimação historicamente utilizadas no campo. É possível notar a distribuição e evolução das estratégias de legitimidade mais predominantes e perceber como, até os anos 1990, apesar de haver diferenças, esses discursos estavam mais próximos e como, a partir dos anos 2000, o DCI dá um salto quantitativo em relação ao DP e ao DCIP (Gráfico 2).

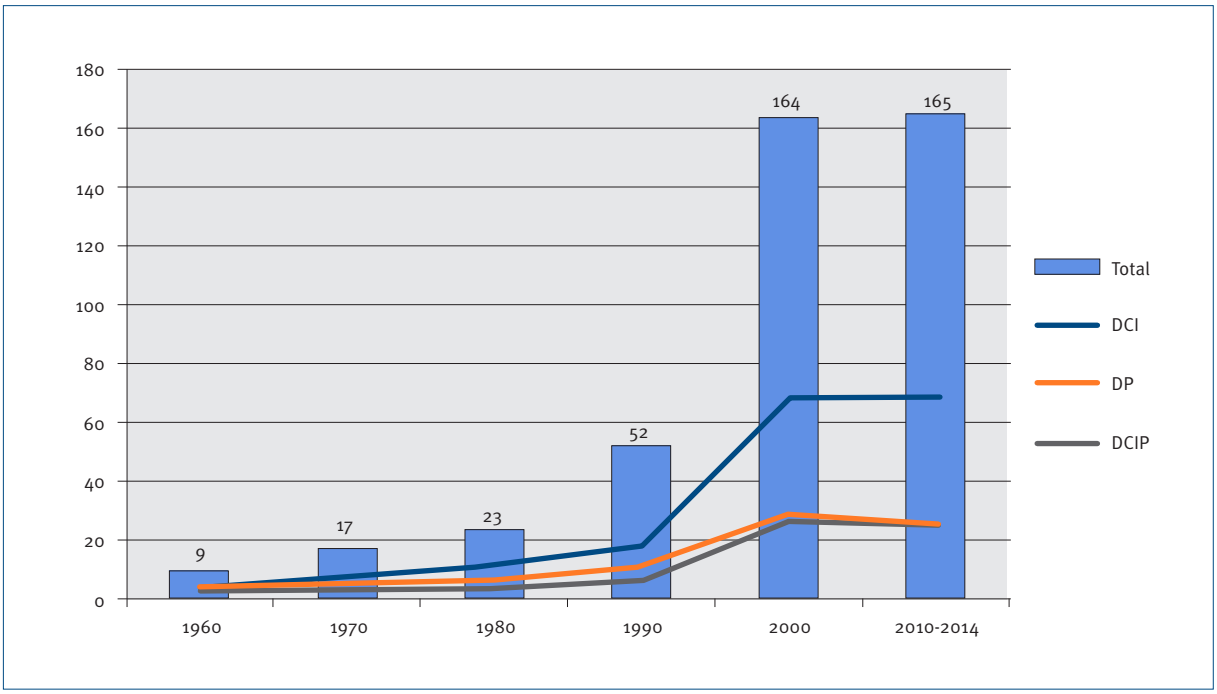
Nos periódicos internacionais, observamos um predomínio do DCI em relação às demais estratégias de legitimidade. O DCIP também aparece, em menor grau (21,42%), como a segunda estratégia mais utilizada pelos autores. Percebemos, assim, que o DCI aparece em 72,84% das publicações, mostrando ser a estratégia preferida pelos autores que publicam internacionalmente. O uso massivo dessa estratégia em artigos internacionais deve-se, provavelmente, às exigências dos periódicos estrangeiros em explicitar as contribuições científicas dos trabalhos. Diferente dos artigos nacionais, aqui o DP não aparece como uma das estratégias de legitimidade mais utilizadas e, assim como outras categorias, apresenta baixa ocorrência no conjunto de artigos analisados, particularmente presente nas décadas iniciais.

 CC BY

Quadro 1. Estratégias de legitimidade de contribuição científica

Categorias e Definições	Código
Discurso científico interno	DCI
Conjunto de estratégias de legitimidade de contribuição científica que têm como ponto de referência o próprio campo científico, isto é, são estratégias utilizadas por pesquisadores que se referem a outros pesquisadores do próprio campo.	
Discurso científico externo	DCE
Estratégias de legitimidade de contribuição científica que têm como ponto de referência outros campos científicos, isto é, são estratégias utilizadas por pesquisadores de Estudos Organizacionais que dialogam com outros trabalhos científicos exteriores à Administração, justificando o estudo a partir de temas comuns e explorados por outras disciplinas.	
Discurso da prática	DP
Conjunto de estratégias de legitimidade de contribuição científica que consistem na contribuição que privilegia problemas práticos, soluções para as organizações ou para a sociedade de modo geral e focam a relevância prática da pesquisa acadêmica. Apresenta uma fala não só para o meio científico-acadêmico, mas também para outros atores da sociedade	
Discurso da diferenciação	DD
Estratégia de legitimidade de contribuição científica que defende suas contribuições por meio da assimilação crítica ou adaptação de teorias estrangeiras à realidade local, e não somente uma simples repetição ou aplicação direta e acrítica de um modelo estrangeiro.	
Sem discurso específico	SDE

Gráfico 2. Evolução das estratégias de legitimidade predominantes em artigos nacionais – de 1960 a 2014

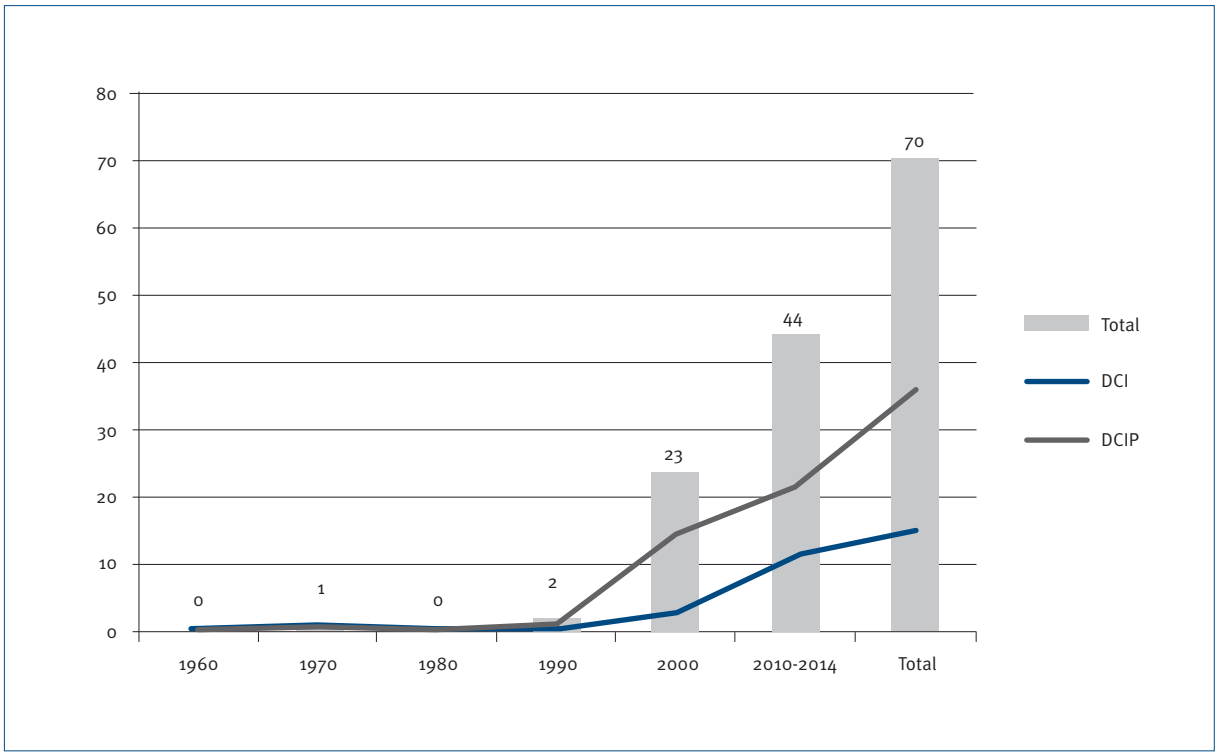


Fonte: Dados da pesquisa.

CC BY

Conforme podemos ver no Gráfico 3, as estratégias de legitimidade DCI e DCIP acompanham o surgimento efetivo da produção internacional a partir dos anos 2000. Em termos absolutos, a estratégia de legitimidade DCI aumenta, apesar de, em termos relativos, seu percentual ter diminuído no período de 2010 a 2014, se comparado aos anos 2000. Apesar dessas diferenças, nos dois modos de comparação, o DCI ainda aparece como a estratégia mais utilizada.

Gráfico 3. **Evolução das estratégias de legitimidade predominantes em artigos internacionais – de 1960 a 2014**



Fonte: Dados da pesquisa.

Discurso da prática (DP) – Anos 1960 e 1970

Considerando a porcentagem de ocorrência em relação ao total da produção em cada período, o DP foi uma estratégia de legitimidade mais marcante no início do campo, entre os anos 1960 e 1970, mas foi diminuindo aos poucos, à medida que os anos passavam e o campo ia se estruturando, não tendo, porém, desaparecido. Como a maturação do campo de Estudos Organizacionais requeria o desenvolvimento e a consolidação de instâncias mais acadêmicas, a fim de se firmar como campo científico, é de se compreender o porquê de essa estratégia de legitimidade ter aparecido de modo mais predominante nos períodos iniciais do campo. A própria fala nesse tipo de estratégia de legitimidade, dirigida a outros atores da sociedade, sobretudo do meio organizacional, faz mais sentido em uma época em que o campo acadêmico não era tão fortalecido (ver Curado, 2001).

É importante ressaltar que o DP, mesmo tendo aparecido em menor proporção ao considerar o total da produção, foi aumentando em termos de quantidade, acompanhando o aumento da produção no campo. Isso mostra que ele não desapareceu e, por ser a segunda estratégia de legitimação de contribuição científica mais

utilizada pelos autores, deve ser considerado ainda como uma importante forma de legitimidade do conhecimento científico no campo.

Discurso científico interno e da prática (DCIP) – anos 1970 e 2000 em diante

A estratégia de legitimidade do DCIP teve predominância nos anos 1970, início do campo, e foi retomada mais tarde, a partir dos anos 2000, momento de consolidação do campo, até 2014, final do período analisado. Importante frisar que sua predominância nos anos 1970 se deu somente na produção nacional, já que quase não havia produção internacional de autores brasileiros a essa época. Já a retomada a partir dos anos 2000 aconteceu nas publicações nacionais e também foi predominante na produção internacional.

Essa retomada deu-se combinando e associando o DCI, que já estava bastante fortalecido nesse período, ao DP, que estava se enfraquecendo como estratégia, compondo a nova categoria DCIP. Desse modo, o DP pôde ganhar novo impulso, uma vez que estivesse associado ao DCI.

A predominância da estratégia de legitimidade DCIP deve ser compreendida de modo contextualizado com a evolução do conhecimento em Administração, que, apesar de ter se estruturado como um campo científico, não perdeu sua relação com a aplicabilidade de suas contribuições, afinal a Administração se situa como ciência social aplicada, e por isso não perde seu caráter prático. Em virtude disso, apesar de não ser a estratégia mais recorrente na análise, o DCIP mostra-se relevante na área devido à junção que realiza entre o enfoque prático, que ainda se mostra presente, e o viés acadêmico-científico desenvolvido na trajetória do campo.

Discurso científico interno (DCI) – Anos 1980 em diante

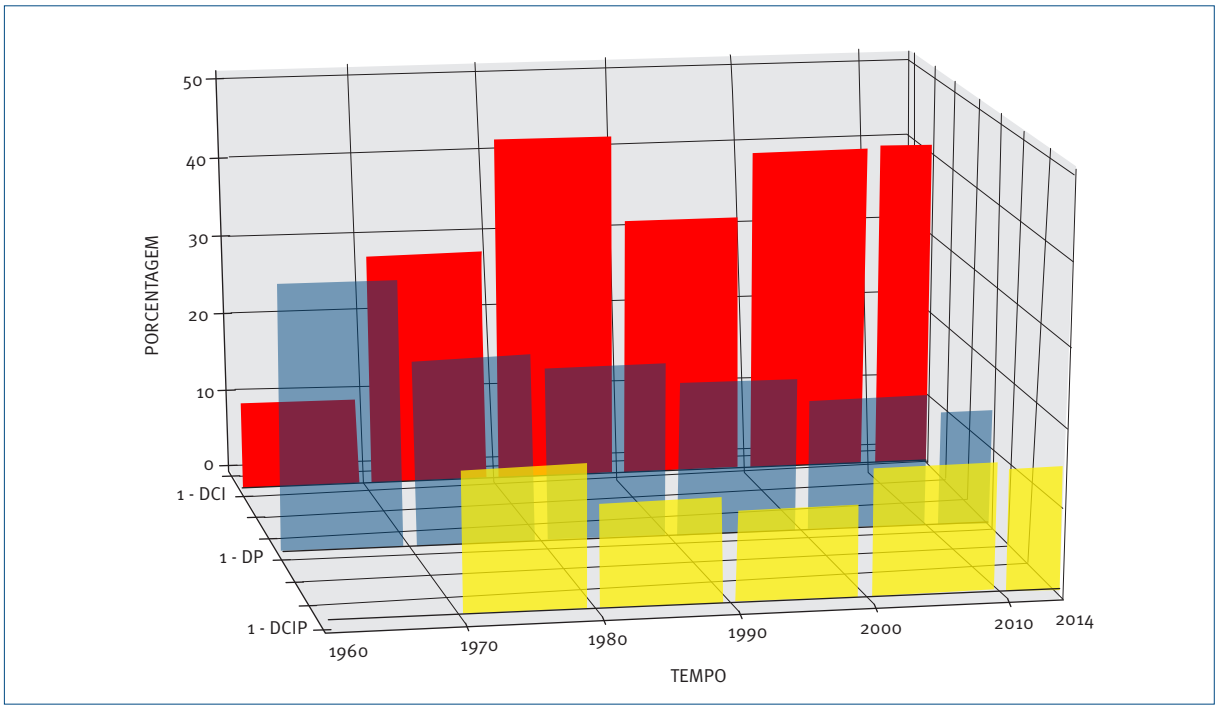
O DCI esteve presente em todas as décadas na produção nacional e destaca-se a partir dos anos 1980, período ainda de estruturação do campo. Mas se torna ainda mais marcante a partir dos anos 2000, período em que o campo se consolida e atinge um grau elevado de elementos como programas, recursos, revistas e pesquisadores, aumentando a disputa entre os agentes e o papel das unidades de governança. Na produção internacional, o DCI aparece a partir dos anos 2000, juntamente com o aparecimento dessas publicações, quando começou a haver maiores incentivos e pressões por parte dos programas e agências de fomento à pesquisa para que os pesquisadores brasileiros publicassem em periódicos estrangeiros, preferencialmente nos bem-avaliados pela CAPES.

O aumento considerável do DCI nas últimas décadas, associado ao aumento e fortalecimento dos elementos destacados acima, é um indicativo do amadurecimento científico do campo, principalmente se levarmos em consideração que a ocorrência do DP isoladamente diminui, enquanto a combinação DCIP se fortalece. Em outras palavras, o DCI, além de se fortalecer isoladamente, também se fortalece pela combinação DCIP, demonstrando que, no período de consolidação do campo, o DP perde sua força quando usado isoladamente, devendo ser respaldado pelo DCI. O Gráfico 4 resume essa trajetória.

Os discursos ganham ou perdem força em certas épocas, e os pesquisadores e as próprias revistas vão se utilizando deles por meio das estratégias de legitimidade de contribuição científica, visando construir trabalhos que lhes permitam obter autoridade e legitimidade de modo a acumular capital simbólico, posicionando-se melhor no jogo de forças do campo. No fundo, todas as estratégias de legitimidade buscam alguma forma de obter o monopólio da verdade, isto é, da autoridade científica, argumentando essa verdade de diferentes formas, recorrendo a diferentes estratégias.

 CC BY

Gráfico 4. **Evolução das principais estratégias de legitimidade de contribuição científica em porcentagem sobre o total da produção – de 1960 a 2014**



Fonte: Dados da pesquisa.

REFLEXÕES FINAIS: O JOGO NO CAMPO CIENTÍFICO E O PAPEL DAS REVISTAS

A análise empírica até então realizada demonstrou que o campo de Estudos Organizacionais anterior aos anos 2000 não tinha características que pudessem aproximá-lo de um campo científico do ponto de vista conceitual, uma vez que era caracterizado por um número reduzido de atores/jogadores institucionais e individuais e pela ausência de um jogo ou disputa entre eles.

Demonstramos que, com o crescimento dos atores do campo, pesquisadores, programas e revistas acadêmicas, possibilitado por recursos públicos crescentes, ocorreu a estruturação de um campo dinâmico que, por sua vez, demanda posicionamentos diferenciados dos diversos atores, definindo sua dinâmica de competição em torno de um objetivo comum – o monopólio da autoridade científica (Bourdieu, 1983, 2004; Fligstein & McAdam, 2011, 2012).

Os posicionamentos refletem-se em diferentes combinações de programas, pesquisadores e revistas científicas, considerando os conceitos dos programas de pós-graduação, o estrato Qualis CAPES do periódico, o recebimento ou não de bolsa de produtividade CNPq, e as estratégias de legitimidade mais frequentemente utilizadas.

Destacamos três tipologias combinatórias de atores observados na disputa do campo científico no país. Os denominados "científicos" são os grupos de atores mais bem posicionados no campo, que recorrem frequentemente à estratégia de legitimidade DCI, publicam internacionalmente ou nos periódicos mais bem-avaliados

 CC BY

nacionalmente (alto extrato Qualis), estão vinculados a instituições estrangeiras ou com programas de pós-graduação de conceito 7 a 4, e parte deles é de bolsistas de produtividade CNPq. As "pontes" são grupos de atores que transitam entre duas estratégias de legitimidade, utilizando a combinação DCIP. Dividem-se entre publicações internacionais, mas também em periódicos nacionais de boa e média avaliação (A2 e B1), estão vinculados a instituições de programas de conceito 7 a 4, sendo alguns bolsistas de produtividade CNPq. Já os "locais" são os grupos de atores com posicionamento mais desfavorável no campo. Utilizam a estratégia de legitimidade DP, não publicam internacionalmente, mas sim nacionalmente, em alguns casos, em periódicos bem-avaliados (A2), mas, em outros casos, em periódicos de estratos mais baixos (B3), e estão vinculados a programas de conceito 6, 4, 3 ou mesmo não possuem vínculo a programas de pós-graduação.

Estas tipologias devem ser interpretadas como tipos ideais de atores-jogadores (individuais, redes, instituições e revistas) que tendem, dialeticamente, a mudar o posicionamento de acordo com a dinâmica do campo, ao passo que buscam influenciar essa dinâmica.

As revistas, como principal meio de veiculação da contribuição científica, desempenham um papel-chave na dinâmica competitiva do campo científico, uma vez que são ranqueadas e ajudam a "ranquear" pesquisadores e programas, promovendo a lógica de competição inerente ao jogo. Esse papel, no caso brasileiro, é estimulado pela lógica competitiva de CAPES/CNPq, que impõe a lógica de *rankings* a programas, pesquisadores individuais e revistas acadêmicas.

O processo de crescimento quantitativo do campo acima relatado refletiu-se na multiplicação de todos os atores: programas, pesquisadores e revistas acadêmicas. Hoje, o campo de Administração no Brasil conta com mais de 300 revistas nacionais. O crescimento seguiu apenas a lógica de multiplicação de programas e pesquisadores, num movimento produtivista há tempos criticado por vários autores do campo, refletindo-se em periódicos que são irrelevantes do ponto de vista científico (Bertero et al., 2013; Rosa & Romani-Dias, 2019).

Em busca de diferenciação, as revistas nacionais buscam responder à pressão atual para "internacionalização". O movimento é materializado de várias formas, conforme analisado por Rosa e Romani-Dias (2019a; 2019b): enquanto quase 60% das revistas dos estratos maiores Qualis (A2) adotam publicações bilíngue ou em inglês, 73,33% dos periódicos do estrato B1 e 100% para periódicos do estrato B5 publicam exclusivamente em português. Os autores notam que boa parte das revistas nacionais não atinge presença significativa nos principais indexadores nacionais (SciELO) e internacionais (Scopus, Web of Sciente, entre outros) e ainda apresenta métricas de baixo impacto em comparação com pares internacionais.

Ainda, as revistas mais bem classificadas nos indexadores internacionais tentem a coincidir e representam, em boa parte, revistas pioneiras do campo, ao exemplo da *RAE* e *RAP*, indicando um papel importante para a reputação histórica e o investimento institucional no periódico. Por fim, a internacionalização está longe de se concretizar numa contribuição genuína do campo brasileiro no palco internacional, uma vez que ainda predomina um mimetismo temático e metodológico do contexto norte-americano (Peci & Fornazin, 2017).

Tudo indica, entretanto, que a internacionalização, na medida em que se incorpora como um dos principais critérios de avaliação e *ranking* dos programas, pesquisadores e revistas, tornou-se o novo capital simbólico do campo de Administração, um novo recurso estratégico que diferencia os jogadores, na disputa pelo monopólio da autoridade científica. A dinâmica do campo muda, e os recursos são habilmente modificados para manter e responder à lógica competitiva do jogo do campo científico em ação.

 CC BY

REFERÊNCIAS

Alcadipani, R., & Bertero, C. O. (2012). Guerra Fría y enseñanza del management en Brasil: el caso FGV-EAESP. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *52*(3), 284-299. doi: 10.1590/S0034-75902012000300002

Bardin, L. (2006). *Análise de Conteúdo*. 4. ed. Lisboa: Edições 70.

Barros, A. (2011). *O desenvolvimento das escolas superiores de administração: Os saberes administrativos brasileiros no contexto de hegemonia estadunidense*. Artigo apresentado no XXXV EnANPAD, Rio de Janeiro, RJ.

Barros, A., & Carrieri, A. (2013). Ensino superior em administração entre os anos 1940 e 1950: Uma discussão a partir dos acordos de cooperação Brasil-Estados Unidos. *Cadernos EBAPE.BR*, *11*(2), 256-273. doi: /10.1590/S1679-39512013000200005

Barros, A., Cruz, R., Xavier, W., & Carrieri, A. (2011). Apropriação dos saberes administrativos: Um olhar alternativo sobre o desenvolvimento da área. *RAM-Revista de Administração Mackenzie*, *12*(5), 43-67. doi: 10.1590/S1678-69712011000500003

Bertero, C. O. (2003). A problemática educação de administradores. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, 43(2), 10-10. doi: 10.1590/S0034-75902003000200002V

Bourdieu, P. (1983). A economia das trocas linguísticas. In R. Ortiz (Org.), *Bourdieu: Sociologia* (Coleção Grandes Cientistas Sociais). São Paulo, SP: Ática.

Bourdieu, P. (1991) The Peculiar History of Scientific Reason. *Sociological Forum*, 6(1), 3-26.

Bourdieu, P. (1998). Escritos de Educação. 6. ed. Petrópolis: Vozes.

Bourdieu, P. (2004). Os Usos Sociais da Ciência. São Paulo: Unesp.

Burri, R. (2008). Doing Distinctions: boundary work and symbolic capital in Radiology. *Social Studies of Science*, *38*(1), 35-62. doi: 10.1177/0306312707082021

Coelho, F., Olenscki, A. R., & Celso, R. (2010). *Da letargia ao realento: Notas sobre o ensino de graduação em administração pública no Brasil no entremeio da crise do Estado e da redemocratização no país (1983-1994)*. Artigo apresentado no IV EnAPG, Vitória, ES.

Coelho, F. S. (2006). *Educação superior, formação de administradores e setor público: Um estudo sobre o ensino de administração pública – em nível de graduação – no Brasil* (Tese de doutorado, Escola de Administração de São Paulo da Fundação Getulio Vargas, São Paulo, SP).

Curado, I. B. (2001). *O desenvolvimento dos saberes administrativos em São Paulo* (Tese de doutorado, Fundação Getulio Vargas, São Paulo, SP).

Davis, G., & Marquis, C. (2005). Prospects for organizations theory in the early twenty-first century: Institutional fields and mechanisms. *Organization Science*, *16*(4), 332-343. doi: /10.1287/orsc.1050.0137

Fischer. T. (1984a). *O ensino de administração pública no Brasil: Os ideais de desenvolvimento e as dimensões de racionalidade (1948-1984)* (Tese de doutorado, Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP).

Fischer. T. (1984b). Administração pública como área de conhecimento e ensino. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *24*(4), 278-288. doi: 10.1590/S0034-75901984000400038

Fischer. T. (1993). A formação do administrador brasileiro na década de 90: Crise, oportunidade e inovações nas propostas de ensino. *Revista de Administração Pública*, *27*(4), 11-20. doi: 10.1590/S0034-75902003000200003v

Fischer. T. (2010). A perduração de um mestre e uma agenda de pesquisa na educação de administradores: Artesanato de si, memória dos outros e legados do ensino. *Organização & Sociedade*, *17*(52), 209-219. Recuperado de https://ciencias-medicasbiologicas.ufba.br/index.php/revistaoes/article/view/11102

Fischer, T., Waiandt, C., & Fonseca, R. L. (2011). A história do ensino em administração: contribuições teórico-metodológicas e uma proposta de agenda de pesquisa. *Revista de Administração Pública*, *45*(4), 911-939. doi: 10.1590/S0034-76122011000400002

Fligstein, N., & McAdam, D. (2011). Toward a general theory of strategic action fields. *Sociological Theory*, *29*(1), 1-26. doi: 10.1111/j.1467-9558.2010.01385.x

Fligstein, N., & McAdam, D. (2012). *A theory of fields*. New York, USA: Oxford University Press.

Gaskell, G., & Bauer, M. W. (2005). Para uma prestação de contas pública: além da amostra, da fidedignidade e da validade. In M. W. Bauer, & G. Gaskell (Eds.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático* (4ª ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.

Gusfield, J. (1976). The literary rhetoric of science: Comedy and pathos in drinking driver research. *American sociological review*, 16-34. doi: 10.2307/2094370

Hong, W. (2008). Domination in a Scientific Field: capital struggle in a Chinese isotope lab. *Social Studies of Science*, *38*(4), 543-570. doi: 10.1177/0306312706092456

Kirk, J., & Miller, M. L. (1986). *Reliability and validity in qualitative research*. Londres, Inglaterra: Sage Publications.

Klenk, N. L., Hickey, G. M., & MacLellan, J. I. (2010). Evaluating the social capital accrued in large research networks: The case of the Sustainable Forest Management Network (1995-2009). *Social Studies of Science*, *40*(6), 931-960. doi: 10.1177/0306312710374130

Locke, K., & Golden-Biddle, K. (1997). Constructing opportunities for contribution: Structuring intertextual coherence and "problematizing" in organizational studies. *Academy of Management Journal*, *40*(5), 1023-1062. doi: 10.5465/256926

Martin, J. L. (2003). What Is Field Theory? *America Journal Sociology*, 109, jul, 1-49. doi: 10.1086/375201

Motta, F. P. (1983). A questão da formação do administrador. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *23*(4), 53-55. doi: 10.1590/S0034-75901983000400005

Nicolini, A. (2003). Qual será o futuro das fábricas de administradores? *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *43*(2), 44-54. doi: 10.1590/S0034-75902003000200003

Nicolini, A (2007). *Aprender a Governar*: a aprendizagem de funcionários públicos para as carreiras de Estado. Tese (Doutorado em Administração, Universidade Federal da Bahia. Salvador)

Peci, A., & Alcadipani, R. (2006). Demarcação científica: Uma reflexão crítica. *Organização & Sociedade*, *13*(36), 145-161. doi: 10.1590/S1984-92302006000100008

Peci, A., & Fornazin, M. (2017). The knowledge-building process of public administration research: A comparative perspective between Brazil and North American contexts. *International Review of Administrative Sciences*, *83*(1_suppl), 99-119. doi: 10.1177/0020852316637660

Rosa, R. A., & Romani-Dias, M (2019a). Indexação de periódicos e a política de avaliação científica: Uma análise do campo de administração, contabilidade e turismo no Brasil. *International Journal of Professional Business Review*, *4*, 1-17. doi: 10.26668/businessreview/2019.v4i2.168

Rosa, R. A., & Romani-Dias, M. (2019b). A presença e o impacto de periódicos brasileiros da área de administração, contabilidade e turismo em bases internacionais e nacionais. *Revista Eletrônica de Ciência Administrativa (RECADM)*, *18*, 327-348. doi: 10.21529/RECADM.2019014

CONTRIBUIÇÃO DAS AUTORAS

Alketa Peci e Lilian Alfaia Monteiro trabalharam na conceitualização e abordagem teórica-metodológica. A revisão teórica foi conduzida por Alketa Peci e Lilian Alfaia Monteiro. Lilian Alfaia Monteiro coletou os dados da pesquisa e a análise foi realizada em conjunto pelas autoras. Todas as autoras participaram da redação e revisão final do manuscrito.

 CC BY

ARTIGOS

Artigo convidado
Versão original | DOI: http://dx.doi.org/10.1590/S0034-759020210307

TRINTENA: UMA TRAJETÓRIA DE VIDA, LEITURA E ESCRITA COM A *RAE*

Thirty years: Life, reading and the written word with RAE

Trintena: Una trayectoria de vida, lectura y escritura con la RAE

Ana Paula Paes de Paula[1] | appp.ufmg@gmail.com | ORCID: 0000-0001-8035-472X

[1] Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Ciências Econômicas, Belo Horizonte, MG, Brasil

RESUMO

O artigo relata a trajetória da pesquisadora e sua atuação a partir da RAE nos últimos 30 anos, apresentando os principais trabalhos publicados, sua interação com colegas e a importância desse percurso, compondo uma memória que tem como objetivo informar e, quem sabe, inspirar, jovens pesquisadores (as).

PALAVRAS-CHAVE | Estudos organizacionais, trajetória profissional, trabalho editorial, escrita acadêmica, memória.

ABSTRACT

The article is a report on the researcher's career path and her activities in relation to RAE over the last 30 years. It presents the main works she has published, her interaction with colleagues and the importance of this path. This is a recollection whose aim is to inform and, who knows, to inspire young researchers.

KEYWORDS *| Organization studies, career path, editorial work, academic writing, recollection.*

RESUMEN

El artículo relata la trayectoria de la investigadora y su actuación a partir de la RAE, en los últimos 30 años. Al presentar los principales trabajos publicados, su interacción con colegas y la importancia de este camino, compone una memoria que tiene como objetivo informar y, quién sabe, inspirar a los jóvenes investigadores.

PALABRAS CLAVE *| Estudios organizacionales, trayectoria profesional, labor editorial, escritura académica, memoria.*

 CC BY

Meu primeiro contato com a *Revista de Administração de Empresas* (*RAE*) ocorreu ainda na graduação, por volta de 1991. Na época, eu era aluna da disciplina Comportamento Organizacional, ministrada pela Professora Cecília Bergamini no curso de Administração da FEA-USP, que nos indicou seu texto "Motivação: mitos, crenças e mal-entendidos" (Bergamini, 1990). Essa leitura inaugurou meu encantamento com a questão da subjetividade nas organizações, que permearia toda minha carreira, atingindo seu auge em 2016, quando completei minha formação teórica em Psicanálise no Círculo Psicanalítico de Minas Gerais (CPMG). A *RAE* passaria a fazer parte da minha vida profissional pelos 30 anos seguintes, que é metade de sua existência, considerando que a revista está completando 60 anos em 2021: a história da *RAE* nesse período se entrelaça com a minha própria trajetória, pois fui leitora, resenhista, autora, avaliadora, editora associada, tradutora, organizadora e participante de fóruns, sempre presente nas inovações editorais promovidas pela revista.

Em 1993, como monitora do curso de Administração, passava horas na biblioteca xerocando índices de periódicos e lendo *abstracts*, que era nossa forma de fazer pesquisa na época, entre eles a *RAE*: a coleção da FEA-USP era completa, e eu mergulhava com prazer naqueles volumes recheados de conhecimento e novos desafios. Em 1995, recém-formada e mestranda em Administração Pública na FGV EAESP, estudava os textos de Luiz Carlos Bresser-Pereira (1983, 1992) e acompanhava o trabalho do meu orientador, Professor Peter Kevin Spink, no Programa Gestão Pública e Cidadania (1995-2005) – leituras e experiências que fundamentaram minha dissertação de mestrado (Paula, 1998a).

Nesse mesmo ano, começava minha carreira como professora de Teoria Geral de Administração, na Fatec, que era associada à Unesp. Para compor a bibliografia das minhas disciplinas, explorava exaustivamente as páginas da *RAE*, selecionando textos clássicos como:

- "A teoria da administração é uma ideologia?", de Maurício Tragtenberg (1971);
- "Fordismo, toyotismo e volvismo: os caminhos da indústria em busca do tempo perdido", e "Mudança organizacional: uma abordagem preliminar", de Thomaz Wood Jr. (1992a, 1992b);
- "Controle social nas organizações", "O poder disciplinar nas organizações formais" e "As empresas e a transmissão de ideologias", de Fernando Prestes Motta (1979, 1981, 1992).

Além disso, um dos livros-texto que eu utilizava nas minhas disciplinas era Introdução à Organização Burocrática (Motta & Bresser-Pereira, 1986), de modo que posso dizer que Maurício Tragtenberg, Fernando Prestes Motta, Peter Kevin Spink e Luiz Carlos Bresser-Pereira tiveram grande influência no início da minha carreira como pesquisadora e docente.

Em meio a tantas leituras, em 1996, encontrei a oportunidade de escrever: um pequeno anúncio nas páginas da *RAE* recrutava resenhistas, e me voluntariei para realizar esse trabalho. Recebi da editoria o livro *Third age carrers: meeting the corporate challenge*, de Burnow e Fox (1994), e elaborei o texto: isso resultou no prazer de, pela primeira vez, ver um trabalho meu publicado nas páginas de um periódico acadêmico, estreando na cobiçada *RAE* (Paula, 1996). Do que eu não desconfiava naquele momento é que isso seria o começo uma série de resenhas que elaborei para a revista:

- *O fim dos empregos*, de Jeremy Rifkin (1996) (Paula, 1998b);
- *A corrosão do caráter*, de Richard Sennett (1999) (Paula, 2000);
- *Mundo em descontrole*, de Antony Giddens (2000), e *Por uma outra globalização*, de Milton Santos (2000) (Paula, 2001a);

- *Vida psíquica e organização*, de Fernando Prestes Motta e Maria Ester de Freitas (2000), e *Gestão com pessoas e subjetividade*, de Eduardo Davel e Sylvia Constant Vergara (2001) (Paula, 2001b).

Essas duas últimas são resenhas críticas duplas, que nasceram de desafios colocados pela editoria da *RAE*. Um pouco mais tarde, resenharia livros de colegas da área, como José Henrique de Faria (2004) (Paula, 2004a), Martin Parker (2002) (Paula, 2004b) e Keinert, Rosa, Meneguzzo (2006) (Paula, 2007).

Terminei o mestrado na FGV EAESP em 1998 e iniciei o doutorado em Ciências Sociais no IFCH-Unicamp nesse mesmo ano, continuando minhas explorações nas áreas de Teoria das Organizações e Administração Pública. Um pouco antes, em 1997, retornei de uma viagem à Califórnia com um exemplar do *Handbook of organization studies* (Clegg, Hardy, & Nord, 1996), arrematado na livraria de Stanford, e me deparei, na minha primeira participação no Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação em Administração (EnANPAD), nesse mesmo ano, com o Professor Miguel Caldas, da FGV EAESP, e outros colegas se organizando para a tradução desse livro, incluindo textos nacionais com comentários, que seria lançado em três volumes (Caldas, Fachin, & Fischer, 1998, 2001, 2004). Meu interesse pelo campo dos Estudos Organizacionais e pelos estudos críticos aumentou muito no período, e alguns textos publicados pela *RAE* me ajudaram nesse percurso:

- "Antropofagia organizacional" (Wood & Caldas, 1998), que significou meu primeiro contato com o pensamento de Alberto Guerreiro Ramos;

"Organizações de simbolismo intensivo" (Wood, 2000), que me trouxe referências de Guy Debord e de autores que marcariam *o critical management studies* (Mats Alvesson, Gibson Burrel e John Hassard);

- "Fads and fashions in management" (Wood & Caldas, 2000), que me introduziu a noção de modismos gerenciais, explorada por Eric Abrahamson.

No ano 2000, eu morava no Rio de Janeiro e frequentava a FGV EBAPE, cursando a disciplina do Professor Fernando Tenório sobre teoria crítica na pós-graduação *stricto sensu*, quando tive a oportunidade de ler sistematicamente a obra de Maurício Tragtenberg e Alberto Guerreiro Ramos, bem como textos clássicos da Escola de Frankfurt. Como trabalho final dessa disciplina, elaborei o texto "Tragtenberg revisitado: as inexoráveis harmonias administrativas", que foi apresentado no EnANPAD nesse mesmo ano e publicado um pouco mais tarde na *Revista de Administração Pública* (*RAP*) (Paula, 2002a).

Nesse ano, conheci o Professor Thomaz Wood Jr., da FGV EAESP: indo para o EnANPAD, fiz uma escala em São Paulo e embarquei no voo que estava a caminho de Florianópolis e, totalmente por acaso, sentei-me ao lado dele, que eu já conhecia por meio dos artigos da *RAE*. Para minha surpresa, ele havia lido meu texto e seria debatedor da sessão da qual eu participaria. Esse encontro deu início a uma parceria que se estendeu por alguns anos em torno de pesquisas que fizemos sobre os modismos gerenciais, denominados *pop-management*. Também nesse EnANPAD, tive meu primeiro contato com o Professor José Henrique de Faria, que assistiu a minha apresentação, e com o Professor Rafael Alcadipani, que iniciava sua formação acadêmica com atuação no campo dos estudos críticos em Administração, em uma intensa interlocução com Professor Fernando Prestes Motta.

O artigo sobre Tragtenberg foi muito bem recebido pela comunidade nesse EnANPAD, e o Professor Thomaz Wood Jr., na época, estava começando como Editor-Chefe na *RAE*. A recuperação que fiz do pensamento de Tragtenberg foi oportuna, pois estavam organizando algumas homenagens póstumas a ele, bem como um fórum na *RAE* para discutir sua contribuição acadêmica. Recebi, então, o convite para escrever uma pensata para *RAE*

 CC BY

Documento, que foi publicada no volume 41, número 3, "Tragtenberg e a resistência da crítica: pesquisa e ensino na Administração hoje" (Paula, 2001c), ao lado dos textos de Antonio José Romera Valverde, Fernando Prestes Motta e José Henrique de Faria. Creio que, em 2001, também tivemos a oportunidade de receber o Professor Fernando Prestes Motta na FGV EBAPE para uma palestra sobre Maurício Tragtenberg, o que foi motivo de grande honra para mim, uma vez que ele fez várias referências ao artigo que eu havia apresentado no EnANPAD em 2000.

Se me recordo bem, foi também a partir de 2001 ou 2002 que me tornei avaliadora e editora associada da *RAE*. Nessa posição, organizei, em parceria com Peter Pelzer, o *Fórum Teatro, Cinema e Organizações* (Pelzer & Paula, 2002), com artigos convidados, realizando, inclusive, a tradução para língua portuguesa de dois textos que compunham essa coletânea (Hölpl, 2002; Pelzer, 2002), tarefa que realizaria em outras oportunidades (Ford et al., 2003; Mckinley, Mone, & Moon, 2003). Como avaliadora, ajudei muitos autores e autoras a encontrarem caminhos de aprimoramento para seus textos e, inclusive, recebi a premiação Avaliadora do Ano da *Revista RAE* em 2003.

O ano de 2002 também marcou o surgimento da *RAE-Eletrônica*, uma edição independente que publicou números por nove anos, sendo encerrada em 2010, quando a tendência de edições digitais se tornou predominante e boa parte das revistas finalizou a produção de números impressos. Para incentivar a iniciativa das edições eletrônicas, submeti um artigo que versava sobre o assédio moral e a visão de Herbert Marcuse, "Eros e narcisismo nas organizações" (Paula, 2003a), que foi aprovado e publicado no segundo volume da revista. Em 2004, o Professor Rafael Alcadipani e eu (Paula & Alcadipani, 2004), fomos convidados a organizar, para a *RAE-Eletrônica*, a chamada de artigos para o *Fórum Estudos Críticos em Administração*, que complementou um debate efervescente no campo dos Estudos Organizacionais na época.

Em 2002, nascia também a *GV-Executivo*, que é publicada até hoje. Da mesma forma, como editora associada da *RAE*, fui incentivada a colaborar com a publicação, utilizando uma linguagem mais apropriada para o público empresarial. Participei como autora no primeiro número da revista, com o texto "Globalização questionada", uma nova resenha do livro de Milton Santos *Por uma outra globalização* (Paula, 2002b). Colaborei, ainda, com o texto "Entre o desencanto e a rebeldia", abordando os dilemas da formação do administrador (Paula, 2003b), e depois com a resenha do livro de Richard Sennett (2003) Respect (Paula, 2003c).

Em 2003, conclui meu doutorado em Ciências Sociais no IFCH-Unicamp, orientado pelo Professor Reginaldo Moraes e iniciei um pós-doutorado na FGV EAESPsob a orientação do Professor Fernando Prestes Motta. Nessa época, preparava os originais da tese para um livro que seria publicado pela editora da FGV: *Por uma nova gestão pública* (Paula, 2005a). Além disso, encerrava um ciclo de pesquisas sobre *pop-management* com o Professor Thomaz Wood Jr., que gerou várias publicações, inclusive um texto sobre os mestrados profissionais em Administração brasileiros, que foi aceito pela *RAE* (Wood & Paula, 2004), e iniciava a pesquisa do pós-doutorado sobre a produção em Estudos Organizacionais críticos nacionais e internacionais, bem como sobre os pensadores brasileiros críticos, enfatizando Maurício Tragtenberg e Alberto Guerreiro Ramos.

Infelizmente, o Professor Fernando Prestes Motta nos deixou em 2003, alguns meses depois de iniciada nossa parceria, e terminei o pós-doutorado sob a orientação do Professor Peter Kevin Spink. Em 2005, tive a oportunidade de fazer uma homenagem póstuma para ele na revista *Organizações & Sociedade* (*O&S*), com um breve texto discutindo sua tentativa de uma abordagem psicanalítica das organizações (Paula, 2005b) e a publicação de um trabalho em coautoria sobre a meia-idade, individuação e organizações, baseado no pensamento de Jung (Motta & Paula, 2005).

 CC BY

No ano de 2005, com a publicação prevista do livro *Por uma nova gestão pública* (Paula, 2005a), submeti à *RAE* um texto síntese do trabalho, "Administração Pública brasileira entre o gerencialismo e a gestão social" (Paula, 2005c), que, ao ser aprovado, veio acompanhado de uma proposta para realizar um debate: réplica do Professor Luiz Carlos Bresser-Pereira (2005) e tréplica minha (Paula, 2005d). Esse, talvez, seja um dos artigos mais citados da minha carreira acadêmica, e foi uma distinção realizar essa interlocução com Bresser-Pereira, que, ao longo dos anos, passou a sustentar uma posição muito semelhante à que eu defendia na época: a fundamental importância da participação social na gestão pública.

Foi também em 2005 que ingressei por concurso público como Professora Adjunta na Faculdade de Ciências Econômicas (FACE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), onde permaneço até hoje, e passaria a atuar também no Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração (Cepead), depois de passar 10 anos lecionando na Fatec e em outras universidades privadas, como a Universidade Paulista (UNIP) e a Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PucCamp). No ano de 2006, estava sendo organizada a 3ª edição especial da *RAE – Minas Gerais*, e tive oportunidade de contribuir com o texto "Pedagogia crítica no ensino em Administração: desafios e possibilidades" (Paula & Rodrigues, 2006), fruto de uma parceria com o Professor Marco Aurélio Rodrigues, em uma pesquisa que realizamos junto ao Curso de Especialização em Gestão Estratégica (CEGE), que havia sido contemplado, no mesmo ano, com o prêmio de Melhor Trabalho da Divisão Ensino em Pesquisa em Administração da ANPAD.

Entre 2003 e 2006, dediquei-me à pesquisa do pós-doutorado, que deu origem a diversos artigos publicados em periódicos nacionais e também ao livro *Teoria crítica nas organizações* (Paula, 2008). Outro fruto dessa pesquisa foi minha última publicação na *RAE*, realizada em conjunto com a equipe que me acompanhava na época, "A tradição e a autonomia dos Estudos Organizacionais críticos no Brasil" (Paula, Maranhão, Barreto, & Klechen, 2010), que dialogava com o trabalho dos Professores Eduardo Davel e Rafael Alcadipani, "Os estudos críticos em Administração nos anos 90" (Davel & Alcadipani, 2003), ao incluir o levantamento dos artigos publicados também na década de 1980, demarcando a influência de autores como Maurício Tragtenberg e Alberto Guerreiro Ramos na produção nacional.

Entre 2003 e 2012, prossegui marcando posição sobre a necessidade da heterodoxia epistemológica nos Estudos Organizacionais críticos e da valorização dos pensadores nacionais (Paula, 2009). Também publiquei, a partir de uma pesquisa produtividade para o CNPQ sobre os cursos em Administração no Brasil, um dos meus livros favoritos, baseado no pensamento de Walter Benjamin: *Estilhaços do real: o ensino da Administração na perspectiva benjaminiana* (Paula, 2012). A *RAE* continuou orbitando a minha carreira, pois foi graças às provocações realizada pela série *RAE Clássicos*, organizada pelo Professor Miguel Caldas, que abordou a questão dos paradigmas no campo das organizações, que pude analisar a influência do livro *Sociological paradigms and organisational analysis* (Burrel & Morgan, 1979) no Brasil, enquanto a área se consolidava como divisão na ANPAD, com o Encontro Nacional de Estudos Organizacionais (ENEO), criado em 2000, e a Sociedade Brasileira de Estudos Organizacionais (SBEO), que nasceu em 2011.

Essa série, *RAE Clássicos*, foi composta por textos de apresentação, que introduziam artigos clássicos sobre o "paradigma" em questão:

- "Paradigmas nos Estudos Organizacionais: uma introdução à série" (Caldas, 2005);
- "Paradigma funcionalista: desenvolvimento de teorias e institucionalismo nos anos 1980 e 1990" (Caldas & Fachin, 2005);

 CC BY

- "Paradigma interpretativista: a busca da superação do objetivismo funcionalista nos anos 1980 e 1990" (Vergara & Caldas, 2005);
- "Teoria crítica e pós-modernismo: principais alternativas à hegemonia funcionalista" (Vieira & Caldas, 2006).

Esse material ofereceu-me o roteiro necessário para as reflexões que dariam origem ao livro *Repensando os Estudos Organizacionais: por uma nova teoria do conhecimento* (Paula, 2015), publicado pela editora da FGV, que resultou da tese feita para o concurso que me elevou à categoria de Professora Titular na FACE-UFMG em 2012, no qual faço a crítica do diagrama de paradigmas de Burrel e Morgan (1979) e apresento o círculo das matrizes epistêmicas como alternativa. Influências da formação psicanalítica realizada no CPMG, abordagem que influenciou a minha carreira desde 1991, também se fizeram muito presentes, gerando a abordagem freudo-frankfurtiana que discuto nesse mesmo livro.

Paralelamente, uma busca pela ressignificação da gestão e um resgate de sua centralidade no campo dos Estudos Organizacionais foram decorrência do seminário apresentado também nesse concurso, que resultou no livro *Gestão dialógica e tecnologias colaborativas*, elaborado em parceria com a Professora Mariana Mayumi (Paula & Mayumi, 2018). Nessa mesma moldura das recomendações que faço com o círculo das matrizes epistêmicas, de interlocuções entre diferentes epistemologias, realizo uma retificação de minha interlocução com o pós-estruturalismo em meu artigo mais recente: "Aproximações entre Michael Foucault e a Escola de Frankfurt: por uma abordagem pós-crítica radical para os Estudos Organizacionais" (Paula, 2020).

Com a licença do leitor e da leitora, esse percurso na minha própria trajetória fazia-se necessário para compreensão do que a *RAE* representou na minha carreira como jovem pesquisadora. Leitora, resenhista, autora, avaliadora, tradutora e editora associada, como eu já havia mencionado – múltiplos foram os meus papéis, e minha presença foi constante em momentos de inovação da revista. Nessa trintena, os últimos 10 anos representam um hiato na colaboração com a *RAE*, pois permaneci apenas como avaliadora. As transformações estruturais nos periódicos nacionais, em função do processo de internacionalização e da aceleração do fluxo de submissões, criaram mais barreiras para publicações e aumentaram significativamente o número de recusas via *desk review*, de modo que, apesar das pressões do ambiente produtivista, me senti mais estimulada a me dedicar à elaboração dos livros mencionados. Esse retorno às páginas da *RAE* em 2021 foi marcado por um convite da Editora-Chefe, Professora Maria José Tonelli, para contribuir com essa edição comemorativa de 60 anos, a fim de inspirar jovens pesquisadores (as), em um reconhecimento da minha constante colaboração com a *RAE* – convite que aceitei com alegria e prazer.

Na minha trajetória, sem dúvida, a *RAE* fez toda a diferença, pois foi uma escola onde aprendi a ler, escrever e editar criticamente. Sou imensamente grata pelas oportunidades que tive e pelo reconhecimento dos meus méritos, o que me possibilitou ver meu nome ao lado de pesquisadores pelos quais tenho grande respeito e admiração, deslocando-me da posição de leitora para a de coautora, debatedora e parceira. Realmente espero que não somente a *RAE*, mas todos os periódicos nacionais encontrem espaço de resistência diante do novo cenário que se configura no Brasil para a produção de artigos científicos, pois será uma vitória continuar vendo a perpetuação de inovações e da ousadia editorial, bem como textos de jovens talentosos (as) pesquisadores (as) se tornarem clássicos, desenvolvendo-se ao longo do tempo e dando notícias de seu aprimoramento intelectual e acadêmico.

REFERÊNCIAS

Bergamini, C. W. (1990). Motivação: Mitos, crenças e mal-entendidos. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *30*(2), 23-34. doi: 10.1590/S0034-75901990000200003

Bresser-Pereira, L. C. (1983). Os limites da 'abertura' da sociedade civil. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *23*(4), 5-14.

Bresser-Pereira, L. C. (1992). Desenvolvimento econômico e empresário. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *32*(3), 6-12. doi: 10.1590/S0034-75901992000300002

Bresser-Pereira, L. C. (2005). Réplica: comparação impossível. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *45*(1), 50-51. doi: 10.1590/S0034-75902005000100006

Burnow, B., & Fox, J. M. (1994). *Third age carrers: Meeting the corporate challenge*. England: Glower.

Burrel, G., & Morgan, G. (1979). *Sociological paradigms and organisational analysis: Elements of the sociology of corporate life*. Vermont: Ashgate.

Caldas, M. (2005). Paradigmas nos estudos organizacionais: Uma introdução à série. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *45*(1), 53-57. doi: 10.1590/S0034-75902005000100008

Caldas, M., & Fachin, R. (2005). Paradigma funcionalista: Desenvolvimento de teorias e institucionalismo nos anos 1980 e 1990. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *45*(2), 46-51. doi: 10.1590/S0034-75902005000200005

Caldas, M., Fachin, R., & Fischer, T. (Orgs.). (1998). *Handbook de estudos organizacionais* (Vols. 1-3). São Paulo, SP: Atlas.

Clegg, S., Hardy, C., & Nord, W. (Eds.). (1996). *Handbook of organization studies*. London, UK; Thousand Oaks, New Delhi, India: Sage.

Davel, E., & Alcadipani, R. (2003). Estudos críticos em administração: A produção científica brasileira nos anos 1990. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *43*(4), 72-85. doi: 10.1590/S0034-75902003000400006

Davel, E., & Vergara, S. C. (2001). *Gestão com pessoas e subjetividade*. São Paulo, SP: Atlas.

Faria, J. H. (2004). *Economia política do poder* (Vols. 1-3). Curitiba, PR: Juruá.

Ford, E. W., Ducan, J. W., Bedeian, A. G., Ginter, P. M., Rousculp, M. D., & Adams, A. (2003). A pesquisa que faz a diferença. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *43*(4), 86-101.

Giddens, A. (2000). *Mundo em descontrole: O que a globalização está fazendo por nós*. Rio de Janeiro, RJ: Record.

Hölpl, H. (2002). Vertigo e o sublime trágico. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *42*(4), 47-56. doi: 10.1590/S0034-75902002000400006

Keinert, T., Rosa, T. E. C., & Meneguzzo, M. (2006). *Inovação e cooperação intergovernamental: Microrregionalização, consórcios, parcerias e terceirização no setor da saúde*. São Paulo, SP: Annablume.

Mckinley, W., Mone, M. A., & Moon, G. (2003). Determinantes e desenvolvimento de escolas na teoria organizacional. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *43*(3), 85-99.

Motta, F. C. P. (1979). Controle social nas organizações. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *19*(3), 11-25. doi: 10.1590/S0034-75901993000500005

Motta, F. C. P. (1981). O poder disciplinar nas organizações formais. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *21*(4), 33-41.

Motta, F. C. P. (1992). As empresas e a transmissão da ideologia. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *32*(5), 38-47.

Motta, F. C. P. (2005). Réplica: Comparação impossível. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *45*(1), 50-51. doi: 10.1590/S0034-75902005000100006

Motta, F. C. P., & Freitas, M. E. (2000). *Vida psíquica e organização*. Rio de Janeiro, RJ: Editora FGV.

Motta, F. C. P., & Paula, A. P. P. de. (2005). Meia-idade, individuação e organizações. *Organizações & Sociedade*, *12*(34), 17-30. doi: 10.1590/S1984-92302005000300002

Motta, F. C. P., & Bresser-Pereira, L. C. (1986). *Introdução à organização burocrática*. São Paulo, SP: Brasiliense.

Parker, M. (2002). *Against management: Organization in the age of managerialism*. Cambrigde: Polity.

Paula, A. P. P. de. (1996). Third age careers: meeting the corporate challenge. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *36*(2), 70-73. doi: 10.1590/S0034-75901996000300009

Paula, A. P. P. de. (1998a). *Reinventando a democracia: ONGs e movimentos sociais na construção de uma nova gestão pública,* Dissertação de Mestrado. FGV EAESP, São Paulo, SP.

Paula, A. P. P. de. (1998b). O fim dos empregos: O declínio inevitável dos níveis dos empregos e a redução da força global de trabalho. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *38*(2), 75-76. doi: 10.1590/S0034-75901998000200009

Paula, A. P. P. de. (2000). A corrosão do caráter: Conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *40*(3), 101-103. doi: 10.1590/S0034-75902000000300011

Paula, A. P. P. de. (2001a). Mundo em descontrole/Por uma outra globalização [Resenha]. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *41*(3), 96-97. doi: 10.1590/S0034-75902001000300014

Paula, A. P. P. de. (2001b). Vida psíquica e organização/Gestão com pessoas e subjetividade [Resenha]. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *41*(4), 103-104. doi: 10.1590/S0034-75902001000400012

Paula, A. P. P. de. (2001c). Tragtenberg e a resistência da crítica: Pesquisa e ensino da administração hoje. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *41*(3), 77-81. doi: 10.1590/S0034-75902001000300010

 CC BY

Paula, A. P. P. de. (2002a). Tragtenberg revisitado: As inexoráveis harmonias administrativas e a burocracia flexível. *RAE-Revista de Administração Pública*, *36*(1), 127-144. Retrieved from http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/view/6431

Paula, A. P. P. de. (2002b). Globalização questionada. *GV-Executivo*, *1*(1), 90-91. Retrieved from https://rae.fgv.br/sites/rae.fgv.br/files/artigos/1538.pdf

Paula, A. P. P. de. (2003a). Eros e narcisismo nas organizações. *RAE-Eletrônica*, *2*(2), 1-12. Retrieved from https://rae.fgv.br/rae-eletronica/vol2-num2-2003/eros-narcisismo-nas-organizacoes

Paula, A. P. P. de. (2003b). Entre o desencanto e a rebeldia. *GV-Executivo*, *2*(1), 84-88. Retrievied from: https://rae.fgv.br/sites/rae.fgv.br/files/artigos/1775.pdf

Paula, A. P. P. de. (2003c). Respeito em evidência. *GV-Executivo*, *2*(3), 94-95. Retrievied from https://rae.fgv.br/gv-executivo/vol2-num3-2003/respeito-em-evidencia

Paula, A. P. P. de. (2004a). Repensando os estudos críticos em administração [Resenha]. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *44*(2), 114-115. doi: 10.1590/S0034-75902004000200011

Paula, A. P. P. de. (2004b). Novas formas de poder e controle nas organizações. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *45*(3), 122-123. Recuperado de https://www.fgv.br/rae/artigos/revista-rae-vol-45-num-3-ano-2005-nid-46361

Paula, A. P. P. de. (2005a). *Por uma nova gestão pública: Limites e potencialidades da experiência contemporânea*. Rio de Janeiro, RJ: Editora FGV.

Paula, A. P. P. de. (2005b). Fernando Prestes Motta: Em busca de uma abordagem psicanalítica das organizações. *Organizações & Sociedade*, *12*(34), 13-15. doi: 10.1590/S1984-92302005000300001

Paula, A. P. P. de. (2005c). Administração Pública brasileira entre o gerencialismo e a gestão social. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *45*(1), 36-49. doi: 10.1590/S0034-75902005000100005

Paula, A. P. P. de. (2005d). Tréplica: Comparação possível. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *45*(1), 51-52. doi: 10.1590/S0034-75902005000100007

Paula, A. P. P. de. (2007). Cooperação e inovação na gestão pública: O caso da saúde. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *47*(2), 124-125. doi: 10.1590/S0034-75902007000200009

Paula, A. P. P. de. (2008). *Teoria crítica nas organizações*. São Paulo, SP: Thomson Learning.

Paula, A. P. P. de. (2009). Ser ou não ser, eis a questão: A crítica aprisionada na Caverna de Platão. *Cadernos EBAPE.BR*, *7*(3), 492-503. Recuperado de http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/cadernosebape/article/view/5394/4128

Paula, A. P. P. de. (2012). *Estilhaços do real: O ensino da administração na perspectiva benjaminiana*. Curitiba, PR: Juruá.

Paula, A. P. P. de. (2015). *Repensando os estudos organizacionais: Por uma nova teoria do conhecimento*. Rio de Janeiro, RJ: Fapemig, Editora FGV.

Paula, A. P. P. de. (2020). Aproximações entre Michel Foucault e a Escola de Frankfurt: Por uma abordagem pós-crítica radical para os estudos organizacionais. *Organizações & Sociedade*, *27*(95), 705-725. doi: 10.1590/1984-9270954

Paula, A. P. P. de, & Alcadipani, R. (2004). Fórum Estudos Críticos em Administração [Apresentação]. *RAE-Eletrônica*, *3*(2), 1-5. Recuperado de https://rae.fgv.br/rae-eletronica/vol3-num2-2004/apresentacao-forum-estudos-criticos-em-administracao

Paula, A. P. P. de, Maranhão, C. S., Barreto, R., & Klechen, C. (2010). A tradição e a autonomia dos estudos organizacionais críticos no Brasil. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *50*(1), 10-23. Recuperado de https://www.scielo.br/pdf/rae/v50n1/ao2v50n1.pdf

Paula, A. P. P. de, & Mayumi, M. (2018). *Gestão dialógica e tecnologias colaborativas*. Curitiba, PR: Appris.

Paula, A. P. P. de, & Rodrigues, M. A. (2006). Pedagogia crítica no ensino da administração: Desafio e possibilidades. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *46*(Edição Especial Minas Gerais), 10-22. doi: 10.1590/S0034-75902006000500001

Pelzer, P. (2002). Dead man: Um encontro com um passado desconhecido. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *42*(4), 36-46. doi: 10.1590/S0034-75902002000400005

Pelzer, P., & Paula, A. P. P. de. (2002). Fórum Teatro, Cinema e Organizações [Apresentação]. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *42*(4), 10. Recuperado de https://rae.fgv.br/sites/rae.fgv.br/files/10.1590_s0034-75902002000400005a.pdf

Rifkin, J. (1996). *O fim dos empregos: O declínio inevitável dos níveis dos empregos e a redução da força global de trabalho*. São Paulo, SP: Makron Books.

Santos, M. (2000). *Por uma outra globalização: Do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro, RJ: Record.

Sennett, R. (1999). *A corrosão do caráter: Consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro, RJ: Record.

Sennett, R. (2003). *Respect. In a world of inequality*. New York, London: W. W. Norton.

Tragtenberg, M. (1971). A teoria da administração é uma ideologia? *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *11*(4), 7-21. Recuperado de https://rae.fgv.br/rae/vol11-num4-1971/teoria-geral-administracao-ideologia

Vergara, S. C., & Caldas, M. (2005). Paradigma interpretativista: A busca da superação do objetivismo funcionalista nos anos 1980 e 1990. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *45*(4), 66-72. doi: 10.1590/S0034-75902005000400006

Vieira, M., & Caldas, M. (2006). Teoria crítica e pós-modernismo: Principais alternativas à hegemonia funcionalista. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *46*(1), 59-70. doi: 10.1590/S0034-75902006000100006

Wood, T., Jr. (1992a). Fordismo, toyotismo e volvismo: Os caminhos da indústria em busca do tempo perdido. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *32*(4), 6-18. doi: 10.1590/S0034-75901992000400002

Wood, T., Jr. (1992b). Mudança organizacional: Uma abordagem preliminar. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *32*(4), 74-87. doi: 10.1590/S0034-75901992000300009

Wood, T., Jr. (2000). Organizações de simbolismo intensivo. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *40*(1), 20-28. doi: 10.1590/S0034-75902000000100003

Wood, T., Jr., & Caldas, M. (1998). Antropofagia organizacional. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *38*(4), 6-7. doi: 10.1590/S0034-75901998000400002

Wood, T., Jr., & Caldas, M. (2000). Fads and fashion in management: The case of ERP. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *40*(3), 8-17. doi: 10.1590/S0034-75902001000400012

Wood, T., Jr., & Paula, A. P. P. de. (2004). O fenômeno dos MPAs brasileiros: Hibridismo, diversidade e tensões. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *44*(1), 116-129. doi: 10.1590/S0034-75902004000100007

CONTRIBUIÇÃO DA AUTORA

A autora declara que realizou todas as etapas de desenvolvimento do estudo. Desde a conceitualização e abordagem teórica-metodológica, a revisão teórica (levantamento de literatura) e, por fim, redação e revisão final do artigo.

CC BY

ARTIGOS

Artigo convidado

Versão original | DOI: http://dx.doi.org/10.1590/S0034-759020210308

INCLUSÃO E DIVERSIDADE NA ADMINISTRAÇÃO: MANIFESTA PARA O FUTURO-PRESENTE

Inclusion and diversity in Management: A manifesta for the future-now

Inclusión y diversidad en la Administración: Manifiesta para el futuro-presente

Juliana Cristina Teixeira[1] | julianacteixeira@yahoo.com.br | ORCID: 0000-0001-5186-3234
Josiane Silva de Oliveira[2,3] | oliveira.josianesilva@gmail.com | ORCID: 0000-0002-7085-8921
Ana Diniz[4] | anaprd@insper.edu.br | ORCID: 0000-0002-9187-3696
Mariana Mazzini Marcondes[5] | mariana.mazzini.m@gmail.com | ORCID: 0000-0003-0701-6630

[1] Universidade Federal do Espírito Santo, Departamento e Programa de Pós-Graduação em Administração, Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros, Vitória, ES, Brasil
[2] Universidade Estadual de Maringá. Departamento e Programa de Pós-graduação em Administração, Núcleo de Estudos Interdisciplinares Afro-brasileiros, Maringá, PR, Brasil
[3] Universidade Federal de Goiás. Programa de Pós-graduação em Administração, Goiânia, GO, Brasil.
[4] Insper Instituto de Ensino e Pesquisa, São Paulo, SP, Brasil
[5] Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Departamento de Administração Pública e Gestão Social do Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Natal, Rio Grande do Norte, Brasil

RESUMO

No marco temporal de aniversário da *RAE-Revista de Administração de Empresas*, o objetivo deste artigo, que pode ser interpretado como uma manifesta, é discutir o papel das revistas acadêmicas em Administração para a inclusão e a diversidade. Entendemos que nos manifestarmos sobre o papel das revistas em processos de reparação histórica de desigualdades é também sobre nos reconectar com a crítica ao conceito e à prática da diversidade presentes no campo da Administração, e é justamente por esse debate que iniciamos a construção do nosso argumento, logo após a introdução. Ancorando-nos em referenciais teóricos sistematizados a partir das práticas e dos conhecimentos dos movimentos sociais (interseccionalidade, transversalidade e decolonialidade), apresentamos nossa manifesta por uma agenda de transformações para as práticas sobre diversidade no campo.

PALAVRAS-CHAVE | Diversidade, desigualdades, interseccionalidade, transversalidade, decolonialidade.

ABSTRACT

In marking the anniversary of RAE-Revista de Administração de Empresas, the purpose of this article, which can be interpreted as a manifesta, is to discuss the role of academic journals in Administration with regard to inclusion and diversity. We understand that when we talk about the role of journals in processes for repairing historical inequalities we are also talking about reconnecting with criticisms of the concept and practice of diversity that are found in the field of Administration, and it is precisely with this debate that we begin to build our argument right after the introduction. Based on theoretical references that are systematized by the practices and knowledge of social movements (intersectionality, mainstreaming and "decoloniality"), we present our manifesta for an agenda of transformations for practices relating to diversity in the field.

KEYWORDS *| Diversity, inequality, intersectionality, mainstreaming, decoloniality.*

RESUMEN

En el marco temporal del aniversario de la RAE-Revista de Administração de Empresas, el objetivo de este artículo, que puede interpretarse como un manifiesta, es discutir el papel de las revistas académicas de Administración para la inclusión y la diversidad. Entendemos que manifestarnos sobre el papel de las revistas en procesos de reparación histórica de desigualdades es también reconectarnos con la crítica al concepto y a la práctica de la diversidad presente en el campo de la Administración, y es precisamente a través de ese debate que comenzamos la construcción de nuestro argumento, inmediatamente después de la introducción. Respaldándonos en marcos referenciales teóricos sistematizados a partir de las prácticas y de los conocimientos de los movimientos sociales (interseccionalidad, transversalidad y decolonialidad), presentamos nuestro manifiesta por una agenda de transformaciones para las prácticas sobre diversidad en el campo.

PALABRAS CLAVE *| Diversidad, desigualdades, interseccionalidad, transversalidad, decolonialidad.*

 CC BY

INTRODUÇÃO

Recorrendo ao pretuguês[1] (Gonzalez, 1984), "que tal cês começarem esse texto fazendo um exercício reflexivo?". Vamos a uma situação hipotética de consideração das barreiras para se promover inclusão e diversidade na Administração. Uma das etapas desse processo envolve a escrita e divulgação de trabalhos sobre a temática, a fim de construir uma agenda de debates no campo. Imagine que você é um/a pesquisador/a da área de Estudos Organizacionais e proporá uma chamada especial sobre inclusão e diversidade em uma revista acadêmica no nível máximo de classificação do Qualis Capes:

1. Quem você chamaria para compor o grupo proponente?
2. Imagine que esse grupo precisa ser composto por 50% de homens e 50% de mulheres. A composição inicial atenderia? Como você adequaria? Como comunicaria a quem precisasse se retirar? Como faria novos convites para atender a essa distribuição?
3. Agora, o grupo também precisa ser composto por 50% de pessoas não brancas e 50% brancas. O grupo era assim? Se não, seria fácil adequá-lo?
4. Além dos requisitos acima, o grupo precisa contemplar uma distribuição igualitária entre pessoas heterossexuais e não heterossexuais. O que você faria?
5. E se, além do que foi dito, o grupo precisasse ser composto também por pessoas cis e por travestis, transgêneros ou transexuais? Você conseguiria montar esse grupo na sua área de pesquisa?
6. E se precisasse, também, contar com pelo menos uma representante de grupos indígenas ou comunidades quilombolas? E aí?
7. E se, por fim, fosse necessário incluir pessoas de regiões diversas, não sendo centrado no eixo Sudeste e Sul do Brasil? O grupo era assim?
8. Ainda não acabou o exercício, só mais um pouco: percorra novamente todo esse itinerário e imagine que esse grupo deve ser composto por pesquisadoras e pesquisadores de outras áreas da Administração, como Finanças, Logística ou outras. Como seria?

"Conta pra gente, cê conseguiu compor mentalmente os grupos?" Nós imaginamos que não. Porque, mesmo nós, propositoras deste artigo, que temos trajetórias políticas e acadêmicas nas temáticas mencionadas, temos dificuldade de diversificar nosso rolê. Somos quatro mulheres cis heterossexuais, duas mulheres negras e duas brancas, todas nascidas no Sudeste e Sul, embora duas atuem em instituições fora desse eixo.

Nossa trajetória contempla a coordenação conjunta de tema de interesse sobre desigualdades e diferenças na divisão de Estudos Organizacionais da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Administração (ANPAD), e atuação acadêmica e profissional nessa área e/ou no campo de Públicas. Nossas áreas são marcadas

[1] Pretuguês é o título proposto por Lélia Gonzalez (1984) ao português falado no Brasil, marcadamente influenciado pela fala das pessoas negras que vieram em diáspora forçada do continente africano para o País, para serem escravizadas. Essa influência explica modos de fala que transformam você em cê, que cortam o som dos erres dos verbos na forma infinitiva (escrevê, fazê), e que trocam sons de L por R (Creusa). Lélia destaca que essas marcas foram ignoradas pelo racismo, ao integrarem uma ideia de que as pessoas negras seriam intelectualmente inferiores e, por esse motivo, mais desconectadas com a norma culta da língua portuguesa.

 CC BY

por pluralidade epistemológica, teórica e metodológica. No entanto, essa pluralidade é perdida quando o assunto é a adequada representatividade da diversidade que compõe nosso país no corpo docente e discente do campo.

Neste aniversário da *RAE-Revista de Administração de Empresas*, o objetivo inicial deste texto, que pode também ser recebido como uma manifesta, seria discutir o papel das revistas acadêmicas em Administração na inclusão e diversidade. Seria algo como pensarmos uma agenda para o futuro. A estrutura do nosso argumento ultrapassa, contudo, a esfera das revistas acadêmicas, embora a elas também se refira.

Propomos, assim, a ampliação da discussão para o campo da Administração. Essa proposta encontra base: (1) nas nossas experiências na articulação de debates sobre as temáticas no campo, que compreende um fazer político-acadêmico também de bastidores de suas práticas institucionalizadas; (2) no aporte teórico conectado com as experiências educativas dos movimentos sociais: interseccionalidade, decolonialidade e transversalidade; e (3) no caráter intrínseco do debate acadêmico com a transformação social de caráter mais estrutural.

Nesse sentido, entendemos que nos manifestar sobre o papel das revistas em processos de reparação histórica de desigualdades é também sobre nos reconectar com a crítica ao conceito e à prática da diversidade preponderante no campo, e é justamente por esse debate que iniciamos a construção do nosso argumento, logo após esta introdução. Em seguida, trazemos a discussão sobre a fundamentação teórica da nossa agenda para, na quarta parte, apresentarmos nossa manifesta por uma agenda de transformação na Administração.

Adiantamos que, em termos práticos, entendemos que chamar uma pessoa negra e uma mulher para um painel sobre diversidade, por exemplo, não configura uma prática de diversidade. Atuamos em contextos em que ações superficiais têm colaborado para uma cooptação despolitizada da pauta. Quando nos deslocamos dessa visão acrítica para outra, crítica e transformativa sobre as desigualdades, reconhecemos que é urgente agir de maneira aprofundada nas raízes do campo. Assim, defendemos que ações mais superficiais são apenas passos, pois as insurgências em nossa área dependem de uma quebra com o padrão de momentos episódicos para transformações estruturais rumo à diversidade. Dessa maneira, nosso argumento desenvolve entendimentos sobre as implicações desse debate para as diferentes áreas, conectando com o campo da Administração como um todo.

DIVERSIDADE NA ADMINISTRAÇÃO

O debate sobre diversidade na Administração ganhou força a partir dos anos 1990 nos Estados Unidos (Cox & Blake, 1991; Fleury, 2000). No entanto, iniciativas mais estruturadas para lidar com o tema remontam aos anos 1960, quando foram desenvolvidas as primeiras políticas públicas afirmativas no país, em resposta a demandas do Movimento pelos Direitos Civis (Moehlecke, 2002; Pate, 2000). Os fundamentos legais dessas iniciativas remetem, por sua vez, ao contexto internacional mais amplo, sendo recomendadas em tratados e convenções das Nações Unidas, além de legislações nacionais (Hodges-Aeberhard, 1999), como é o caso brasileiro (Bandeira, 2005; Jaccoud & Beghin, 2002).

Desde 1960, as ações afirmativas vêm se difundindo pelo mundo, mas não sem contestações (Moehlecke, 2002; Pate, 2000). Questionamentos enfatizam que esse tipo de política seria uma forma de "discriminação reversa", um meio de desvalorizar os feitos dos grupos beneficiários ou, até mesmo, de reforçar uma espécie de "tribalismo" entre grupos (Piovesan, 2008; Scott, 2005). Tais críticas embasaram uma onda de processos judiciais contra as políticas afirmativas estadunidenses nos anos 1990, movidos principalmente por trabalhadores/as e estudantes que se sentiam injustiçados/as em processos seletivos e de ascensão profissional (Hodges-Aeberhard, 1999).

CC BY

É nesse contexto que surge uma alternativa gerencial para lidar com a diversidade no trabalho (Alves & Galeão-Silva, 2004). A gestão da diversidade constitui um conjunto de práticas que visam tanto aumentar a participação de grupos excluídos nas organizações quanto adicionar valor às empresas (Fleury, 2000). Nesse processo, diversidade é frequentemente entendida como um *mix* de pessoas com diferentes atributos individuais e grupais (Alves & Galeão-Silva, 2004). Isso incluiria não só diferenças historicamente lidas como fontes de desigualdades, como gênero, sexualidade, raça, etnia e classe, mas as múltiplas diferenças entre as pessoas (Hanashiro & Carvalho, 2005). De acordo com essa perspectiva, as identidades e habilidades resultantes dessa pluralidade devem ser manejadas como recursos estratégicos para aumentar o desempenho organizacional (Thomas, 1990).

A defesa da gestão da diversidade baseia-se em dois pontos principais (Alves & Galeão-Silva, 2004). Primeiramente, essa proposta permitiria a construção de programas mais justos, baseados na "meritocracia". O alinhamento com a lógica empresarial tornaria essas iniciativas também mais "orgânicas" e efetivas na criação de um ambiente organizacional favorável à diferença (Hanashiro & Carvalho, 2005). Em segundo lugar, a gestão da diversidade permitiria atenuar as desvantagens e ampliar as vantagens de equipes diversas (Conceição & Spink, 2013; Prügl, 2011), tornando-se ainda mais crucial em um contexto globalizado e competitivo no qual a homogeneidade entre trabalhadores/as não seria mais uma opção para as empresas. Assiste-se, assim, a uma virada nos discursos sobre diversidade e gestão: não se tratava mais de uma questão de justiça social, mas de sobrevivência empresarial (Thomas, 1990).

A gestão da diversidade foi incorporada no Brasil nos anos 1990, trazida principalmente por subsidiárias de multinacionais norte-americanas (Fleury, 2000; Hanashiro & Carvalho, 2005). No entanto, a proposta nunca decolou em solo nacional (Conceição & Spink, 2013; Santos, Rodrigues, Dutra, & Costa, 2008). Levantamento desenvolvido pelo Instituto Ethos (2016) mostra que, entre as 500 maiores empresas no País, apenas 28% desenvolvem iniciativas para incentivar a participação de mulheres, 12% para pessoas negras e 9% para aquelas com acima de 45 anos, sendo a maior parte dessas ações pontual. Mesmo os programas para pessoas com deficiência não são amplamente difundidos, a despeito dos dispositivos legais existentes para estimular a inserção do grupo. Estudos (e.g. Diniz, Carrieri, Gandra, & Bicalho, 2013; Saraiva & Irigaray, 2009) apontam, ainda, para a inefetividade dos programas implementados, dados a não incorporação de uma reflexão ético-moral que dê sustentação às práticas desenvolvidas, o baixo comprometimento gerencial e o preconceito arraigado nas dinâmicas organizacionais.

Barreiras também são observadas no avanço da pesquisa no tema. O artigo de Maria Tereza Leme Fleury (2000) na *RAE*, que inaugurou o debate sobre diversidade no campo, foi seguido por um aumento substantivo de publicações, muitas delas debatendo os limites da prática e as possibilidades de melhoria. Esses trabalhos têm sido amplificados por estudos nem sempre amparados na chave teórica da diversidade, mas que trazem reflexões sobre as desigualdades de gênero, sexualidade, raça, etnia, geracionais, regionais e as enfrentadas por pessoas com deficiência, entre outras. Movimento semelhante pode ser visto em congressos da área, com abertura de temas dedicados à diversidade e às diferenças, como são os casos do EnANPAD e de encontros de área, como o EnEO, EnAPG e EnGPR. Esse debate fundamental para a Administração segue, contudo, uma frente de resistência, marginalizada pela hegemonia do campo e "guetizada" em áreas específicas, como os Estudos Organizacionais e a Administração Pública.

Limites podem ser observados, ainda, na promoção de reflexão-ação mais contundente para transformar as escolas e o ambiente acadêmico da Administração. Corpos docentes e discentes seguem, em sua maioria, masculinos, brancos e privilegiados. Análise da base de dados de 2019-2020 da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES, 2021) mostra que apenas 33% dos professores em programas de pós-graduação

 CC BY

na área são mulheres. A participação feminina é ainda menor entre programas com conceito 5 e 6. A disparidade regional também é evidente, com concentração de 45% dos programas na região Sudeste e 25% no Sul. Dados que nos permitam refletir sobre as disparidades raciais, étnicas, econômicas e relacionadas às identidades sexuais e de gênero não são sequer coletados, revelando a distância a que estamos de uma política articulada que favoreça a inclusão de pessoas negras, pobres, trans e não heterossexuais no corpo docente da pós no Brasil.

Um olhar para o corpo discente indica, contudo, possibilidades de mudança. Mulheres compõem 46% dos/as estudantes em programas de pós avaliados nas áreas de Administração Pública e de Empresas, Ciências Contábeis e Turismo. Mais participação feminina é observada nos cursos acadêmicos, somando 48% perante 43% de alunas nos mestrados e doutorados profissionais. Como no caso das docentes, mulheres estão menos presentes entre estudantes de programas com conceito 5 e 6 e em programas de universidades privadas. A maior participação feminina é encabeçada por mulheres jovens, que já ultrapassam os 50% entre os/as estudantes com até 29 anos (CAPES, 2021). Mulheres somam também 54,9% de estudantes nos cursos de graduação da área de Negócios, Administração e Direito. As pessoas negras seguem, contudo, sub-representadas na graduação de maneira geral, a despeito dos relevantes avanços promovidos pelas políticas de cotas (Semesp, 2020).

Os limites para avanço da diversidade remetem à forma como o debate das diferenças e desigualdades tem sido hegemonicamente incorporado na Administração. Em trabalho sobre executivos negros, Jaime (2016) discute como a gestão da diversidade foi adotada como uma linguagem para mediar o conflito entre organizações, agentes governamentais e sociedade civil. Essa tradução levou, contudo, a uma despolitização de pautas históricas de movimentos sociais. Como evidenciam Alves e Galeão-Silva (2004), as propostas gerenciais deslocam a questão das diferenças de um conflito político, incontrolável e societário para uma variável apolítica e funcional, submetendo a demanda de inclusão à lógica de mercado, lógica essa não só masculina, mas branca e colonial (Gonzalez, 1984).

Na seção seguinte, articulamos uma abordagem alternativa que busca repolitizar e potencializar a reflexão-ação rumo à diversidade e inclusão no campo.

SOBRE INTERSECCIONALIDADE, DECOLONIALIDADE E TRANSVERSALIDADE

Para repolitizarmos as teorias e práticas da Administração em relação à inclusão e diversidade, é necessário ultrapassar saídas individuais para alcançar as raízes dessa problemática. Isso requer compreender as dimensões institucionais e estruturais que conformam o campo como atravessadas pelas relações históricas e políticas que dão materialidade à realidade social como um todo (Ramos, 1981). Por isso, é possível construir um paralelo com as discussões teórico-políticas acerca do racismo.

O racismo não é um conjunto de fenômenos episódicos, usando expressão de Joel Rufino dos Santos (1999) para se contrapor ao seu entendimento como uma "problemática de 'minoria'" (p. 120). Trata-se um sistema de opressão baseado na noção de raça, entendida como uma ideologia (Munanga, 2015), que atua como organizadora psíquica dos sujeitos e grupos (Santos, 1983). Baseado em uma ideologia entrecortada pelos efeitos do capitalismo e sexismo (Gonzalez, 1984), o racismo promove meios de estruturação da sociedade em seus diversos níveis, inclusive nos institucionais.

No entanto, mimetismos na formação das organizações modernas promoveram, por exemplo, uma aparência de que "negro é raça", lembrando a crítica de Santos (1999) a como se leem as pessoas negras no Brasil. O autor destaca que "negro" é um lugar social mantido a partir de uma estrutura desigual e excludente (Santos,

 CC BY

1999), e que deve também ser entendido como relacional ao lugar da branquitude que se reverbera como padrão de poder nessas organizações (Gouvêa & Oliveira, 2020).

Fazendo um paralelo com a teoria das organizações, Peci (2006) chama a atenção para a superestimação do mimetismo organizacional como fenômeno de entendimento da formação e regulação das instituições nas teorias institucionais, que são clássicas no campo da Administração. Voltando à discussão racial, o racismo também tende a ser tratado como mero mimetismo individual ou grupal, e não como algo estrutural sustentado por relações históricas de poder em nossa sociedade (Almeida, 2018).

Partindo dessas reflexões, entendemos que a construção de um campo comprometido com o enfrentamento às desigualdades e a promoção da inclusão e diversidade passa por forjarmos instrumentos que nos permitam operar nessa complexidade estrutural. Nesta manifesta, dialogamos com conhecimentos e práticas transformativas desenvolvidas pelos movimentos sociais, especialmente os feministas (e) negros, para propormos uma agenda transformadora para a Administração. Para tanto, nos amparamos em três conceitos (que são também três práticas) para delinear um caminho de reflexão-ação sobre propostas concretas para o campo. São eles: a interseccionalidade, a decolonialidade e a transversalidade.

A interseccionalidade foi sistematizada por Kimberlé Crenshaw em 1989 (Teixeira, 2020). A história da interseccionalidade, contudo, atravessa a ação das mulheres negras para politizar as relações de raça, gênero e classe de maneira articulada. Durante as convenções pelos direitos das mulheres nos Estados Unidos em 1851, Sojourner Truth, uma mulher negra escravizada, questionou: "Ninguém nunca me ajudou a subir nas carruagens… e nem pular poças de lama… E eu não sou uma mulher?" (Truth, 1851). Por meio desse questionamento, ela apontava que a construção de um feminino universal era, na verdade, a generalização das experiências de mulheres brancas de classes médias e altas.

As contribuições de intelectuais negras estadunidenses, como Angela Davis (2016), Audre Lorde (1984) e bell hooks (2000), foram fundamentais para o desenvolvimento das teorias e práticas interseccionais ao longo do tempo. No entanto, é fundamental destacar também as contribuições do Sul Global, a exemplo dos aportes desenvolvidos pelas brasileiras Lélia Gonzalez (1984), Beatriz Nascimento (1990) e Sueli Carneiro (2003), e, inclusive, refletir acerca da não incorporação dessas autoras quando o conceito é sistematizado.

Com base em Crenshaw (2002), compreendemos a interseccionalidade como a articulação de eixos de poder e de discriminação que, de modo estrutural, produzem opressões. É o caso das relações sociais de raça, etnia, gênero, sexualidade e classe. Assim, é necessário pensar e agir de maneira articulada e integrada se quisermos produzir igualdades e inclusão, com respeito às diversidades.

A decolonialidade, por sua vez, pode ser compreendida como um projeto que, por um lado, sistematiza uma crítica à colonialidade (Quijano, 2005) e, de outro, apresenta uma alternativa a ela (Abdalla & Faria, 2017; Alcadipani & Rosa, 2010; Amaral & Naves, 2020; Rezende, Mafra, & Pereira, 2018; Silva, André, Wanderley, & Bauer, 2020).

A colonialidade remete ao projeto de modernidade colonial que separa e hierarquiza raças, povos, gêneros e sexualidades, culturas, línguas e saberes, como forma de estabelecer e legitimar a hegemonia eurocêntrica. Ela vai além do processo histórico de colonização da América, da África e da Ásia por países europeus, integrando-se (e estruturando) o modo de produção capitalista contemporâneo. Seus efeitos não se limitam à organização geopolítica da economia, por meio da divisão internacional do trabalho (centro/periferia), mas abrangem a construção de formas hegemônicas de racionalidades e epistemes, incluindo a linguagem (a exemplo do uso do inglês como idioma universal). Trata-se de uma monocultura do saber (Santos, Araújo, & Baumgarten, 2016). Já a decolonidade é uma proposta teórica e prática de reposicionar politicamente os sujeitos e povos marginalizados como origem e fonte de saberes e práticas (Lugones, 2014).

CC BY

A construção de mediações entre decolonialidade e interseccionalidade oferece-nos bases robustas para a reflexão. Decolonizar é, em grande medida, reconhecer a intersecção sobre formas de desigualdades e construir caminhos para que os sujeitos e comunidades que vivem à margem estejam no centro de um projeto emancipatório. A interseccionalidade, por sua vez, torna-se mais potente à medida que se descoloniza.

Finalmente, situamos a transversalidade de gênero. Entendida como uma tradução-ressignificação do *gender mainstreaming* (Farah, 2004; Papa, 2012; Reinach, 2013), a transversalidade remete aos esforços de movimentos feministas em forjar estratégias para comprometer a ação pública com a igualdade de gênero. Essa estratégia difundiu-se a partir da IV Conferência Mundial da Mulher, ocorrida em Beijing, em 1995, dando suporte ao desenvolvimento de políticas públicas em diversos países (Guzmán, 2001; Walby, 2005). No Brasil, fundamentou tanto as iniciativas de institucionalização de políticas para as mulheres (Bandeira, 2005; Marcondes, 2019; Papa, 2012) quanto para a igualdade racial, juventude e direitos humanos (Marcondes, Sandim, & Diniz, 2018; Reinach, 2013), especialmente durante os governos federais petistas.

Partindo de literaturas feministas sobre o tema (Bandeira, 2005; Farah, 2004; Marcondes, 2019), entendemos a transversalidade como um processo que busca reorientar a reflexão-ação por meio da introdução de perspectivas (de gênero, raça, etnia etc.) que a comprometa com a promoção da igualdade e da inclusão de sujeitos historicamente discriminados. Trata-se de uma dinâmica essencialmente conflitiva, contraditória, e seus resultados são permeados por nuances e até mesmo descontinuidades.

A transversalidade envolve uma disputa em torno das ideologias e discursos que estruturam os problemas e as alternativas de ação para responder a eles. A reorientação pela perspectiva de igualdade de gênero, por exemplo, pressupõe reconhecer que, historicamente, pensamento e ação estiveram comprometidos com a produção e legitimação da desigualdade de gênero. Além disso, a transversalidade deve abranger a viabilização de condições materiais e institucionais para que sua gestão se efetive. É o caso da criação de organismos de coordenação e da elaboração de planos e indicadores, entre outros instrumentos.

Assim, a transversalidade busca reorientar a reflexão-ação em um sentido diverso do que vem sendo historicamente percorrido, trazendo perspectivas marginalizadas para o centro. Nesse processo, ela pode ancorar-se na interseccionalidade e decolonialidade para potencializar seus efeitos. E, ainda que venha sendo utilizada principalmente em âmbito estatal, ela nos oferece instrumentos para disputar e transformar outros espaços, como o próprio campo da Administração.

Com base nesses referenciais, introduzimos as propostas a seguir.

POR UMA AGENDA DE TRANSFORMAÇÃO

Para ampliarmos temáticas e participação de grupos historicamente colocados à margem do campo, é necessário alterarmos a própria lógica do campo que opera para colocar esses grupos na condição de objetos, e não de sujeitas e sujeitos no mundo. Essa agenda de transformação deve contemplar diversas frentes.

Em um primeiro momento, é preciso considerar que quem cria a ideia do que sabemos sobre diversidade é quem ocupa o local de norma. Então, em uma perspectiva interseccional, é preciso desnaturalizar os elementos que nos foram colocados como norma e que decorrem da forma de produção socioeconômica e organização da vida, em termos de gênero, sexualidade, raça, etnia, classe, deficiência, entre outros. Isso deve ser colocado em debate na medida em que as próprias lógicas de constituição das instituições possam ser colocadas em ques-

 CC BY

tionamento e evidenciadas como pontos de vista singulares, e não universais. Se, como nos diz Fanon (2020), o branco criou o negro a partir de suas fantasias, Said (2007) nos alerta nesse mesmo entendimento na relação do Ocidente com o Oriente, e Lugones (2014) o faz em relação aos debates de gênero e colonialismo. Portanto, é preciso que o que foi denominado como diversidade deixe a condição de reafirmação da norma e passe a se constituir a partir de seus próprios processos.

Isso implica uma segunda frente dessa agenda, que diz respeito às normas de composição das instituições que articulam esses debates, que podem ser pensadas, de maneira crítica e propositiva, em uma perspectiva interseccional. Isso é importante, pois, sem as condições materiais necessárias para que essa agenda sobre diversidade se efetive, ela ocupará, novamente, o lugar de uma proposta de futuro que nunca chegará, que permanece à margem. Aqui, apontamos para o questionamento sobre distribuição de recursos, inclusive financeiros, ocupação de espaços em corpos editoriais de revistas, de associações de classe, de reconhecimento de tecnologias e processos de gestão que rompam com a lógica de preservação de processos que são, de maneira explícita ou não, excludentes.

Uma das formas como essas tecnologias se manifestam é por meio da linguagem (Gonzalez, 1984). A integração internacional de nossos processos de trabalho é importante, mas isso não significa, necessariamente, a hegemonia da língua inglesa. O espanhol, por exemplo, permanece subjugado no contexto de gestão editorial. E essa crítica vale inclusive em relação à adoção do inglês como língua oficial para se ministrarem aulas na área de Administração. O uso do inglês na Administração no Brasil, um país integrante da América Latina e do Sul Global, aponta para quem esses espaços são destinados, e como eles se reproduzem impedindo a diversidade. Outro exemplo desse impedimento, dentro mesmo do contexto de nacionalização da pesquisa, é o silenciamento de revistas brasileiras quanto à promoção de acessibilidade de seus conteúdos à língua brasileira de sinais, que é outra língua oficial nossa. Adotar uma agenda de pesquisa que fale sobre diversidade, enquanto, no cotidiano, essa diversidade se torna suprimida, é colocar essas discussões como objeto, e não como projeto a ser efetivado em uma área científica.

É preciso considerar que não é somente a presença de pessoas trans, negras, mulheres, pessoas com deficiência ou de países em desenvolvimento, por exemplo, que tornará uma instituição efetivamente engajada nessa pauta. A questão é a efetividade de uma outra lógica de operação para a superação das desigualdades, o que perpassa a ocupação efetiva desses espaços (ou a supressão deles) por esses grupos sociais. Ainda, essa ocupação não pode ser superficialmente tratada como cooptação da diferença, o que se observa tanto nas dinâmicas de sobrevivência interna do campo científico quanto nas agendas de internacionalização nesse campo. Nesse sentido, é preciso discutir em que medida a visão de internacionalização pode se configurar mais como cooptação da diferença e hegemonização pelo Norte Global. Podemos (e devemos) nos questionar: Por que a internacionalização não é pelo Sul Global ou por outros idiomas, como o espanhol?

A terceira frente proposta para uma agenda sobre diversidade refere-se aos temas de pesquisas. É preciso considerar que a temática sobre desigualdades e diversidades é transversal e constituinte no campo da Administração. Existem implicações financeiras, mas também de formação de cadeias de suprimentos e de logística, de nossos modos de produção e de consumo, de tecnologias de informação, que estruturam e organizam todos esses debates e que podem apresentar outras reflexões e propostas de intervenção para além das políticas públicas, de gestão de pessoas ou de organização. Nesses termos, para constituir um processo de transversalidade, entendido como uma reorientação do curso das teorias e práticas da Administração em prol da igualdade e inclusão, é necessário criar condições materiais e institucionais para que essa disputa possa ser reposicionada, deslocando-se da margem para o centro.

 CC BY

Nesse mesmo sentido, é importante a criação de mecanismos para a gestão dessa transversalidade, como planos de ação, com metas e indicadores, assim como organismos que permitam gerir esse processo, que possam ser adotados nas mais diversas organizações acadêmicas (universidades, associações de pesquisas, conselhos editoriais), com participação social.

Indo além, é necessário avançar em uma agenda de temáticas que contemple um debate de desconstrução de silenciamentos, abarcando também "quem inventou" o que se denomina diversidade. Nas discussões sobre gênero, é preciso compreender diferentes masculinidades e suas interseções com raça, classe, sexualidade, nacionalidades ou regionalidades, em uma perspectiva interseccional. Nem todas as masculinidades são hegemônicas (e.g.). Da mesma forma, nem todas as heterossexualidades são hegemônicas, uma vez que há pessoas travestis, transgêneras e transexuais que são heterossexuais. Assim, é possível compreender que o que se nomeou diversidade também está relacionado a um entendimento específico sobre a hegemonia masculina na área: representada por homens cis brancos heterossexuais, de classe média e residentes nas regiões Sudeste e Sul do País.

Por outro lado, apesar de o Brasil ser um dos líderes mundiais em assassinato de pessoas travestis, transgêneras e transexuais, pouco se discute como as práticas de gestão reproduzem essa lógica no País, ou mesmo a possibilidade de essas práticas produzirem outras realidades para esse grupo social em nosso cotidiano. Paniza (2020) argumenta que uma possibilidade para a área seja a de questionar também "a adoção de siglas (como a LGBT) como conceitos universalmente representativos e unificados" (p. 13). A própria ideia de construção conjunta de pautas com os movimentos sociais abarcaria uma agenda comprometida com a reversão de um quadro em que *gays* são encontrados como sujeitos de pesquisa na área, mas os que representam as demais letras da sigla são silenciados.

Em termos de relações raciais, apesar de os debates sobre branquitudes terem avançado teoricamente nos campos da Sociologia, História, Antropologia ou Psicologia, na área de Administração ainda há muito que se avançar. Se as temáticas vinculadas às populações negras, muito em decorrência das provocações do campo do feminismo negro, têm possibilitado avançar nesses debates, discussões sobre indígenas e outras racializações, a exemplo dos conflitos em territórios árabes e asiáticos, ainda são pouco apresentadas em nosso campo. Esse cenário sugere um campo de oportunidades, inclusive, para se repensarem os limites do que têm se tornado os movimentos de propostas decoloniais do campo.

Pouco se discute, por exemplo, sobre os efeitos do envelhecimento na Administração (Cepellos, Silva, & Tonelli, 2019). E, mais ainda, o que é envelhecer em um contexto em que o tempo é considerado uma variável que deve ser controlada. Por fim, é preciso considerar que parte significativa dos estudos sobre diversidade ocorre no contexto urbano. Trabalhadoras e trabalhadores rurais, processos organizativos no/do campo e as diversas ruralidades ainda são pouco estudados para a compreensão de suas diversidades, assim como as nossas relações com a natureza, como nos colocam os debates sobre o Antropoceno, contribuem e devem ser discutidas em toda a sua amplitude na área de Administração.

NOTA DAS AUTORAS

Mantivemos os prenomes das autoras e autores por extenso para dar visibilidade à produção feminina.

CC BY

REFERÊNCIAS

Abdalla, Marcio M., & Faria, Alex. (2017). Em defesa da opção decolonial em administração/gestão. *Cadernos EBAPE.BR*, *15*(4), 914-929. doi: 10.1590/1679-395155249

Alcadipani, Rafael, & Rosa, Alexandre R. (2010). O pesquisador como o outro: Uma leitura pós-colonial do "Borat" brasileiro. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *50*(4), 371-382. doi: 10.1590/S0034-75902010000400003

Almeida, Silvio. (2018). *Racismo estrutural*. Belo Horizonte, MG: Letramento.

Alves, Mário A., & Galeão-Silva, Luiz Guilherme. (2004). A crítica da gestão da diversidade nas organizações. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *44*(3), 20-29. doi: 10.1590/S0034-75902004000300003

Amaral, Isabela G., & Naves, Flávia. (2020). O enfrentamento das opressões de gênero numa universidade pública: O papel dos coletivos na ótica do feminismo decolonial. *Revista Brasileira de Estudos Organizacionais*, *7*(1), 151-184. doi: 10.21583/2447-4851.rbeo.2020.v7n1.305

Bandeira, Lourdes M. (2005). *Fortalecimento da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres: Avançar na transversalidade da perspectiva de gênero nas políticas públicas*. Brasília, DF: Cepal; SPM.

Carneiro, Sueli. (2003). Mulheres em movimento. *Estudos Avançados, 17*(49), 117-133. doi: 10.1590/S0103-40142003000300008

Cepellos, Vanessa M., Silva, Gabriela T., & Tonelli, Maria José. (2019). Envelhecimento: Múltiplas idades na construção da idade profissional. *Organizações & Sociedade*, *26*(89), 269-290. doi: 10.1590/1984-9260894

Conceição, Eliane B. da, & Spink, Peter K. (2013). Which foot first: Diversity management and affirmative action in Brazilian business. *Management International*, *17*, 25-36. doi: 10.7202/1015809ar

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. (2021). *Conjunto de dados abertos da CAPES*. Planilhas em Excel. Recuperado de https://dadosabertos.capes.gov.br/dataset

Cox, Taylor H., & Blake, Stacy. (1991). Managing cultural diversity: Implications for competitiveness organizational. *The Executive (Academy of Management)*, *5*(3), 45-56. doi: 10.5465/ame.1991.4274465

Crenshaw, Kimberlé. (2002). Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*, *10*(1), 171-188. doi: 10.1590/s0104-026×2002000100011

Davis, Angela. (2016). *Mulheres, raça e classe*. São Paulo, SP: Boitempo.

Diniz, Ana Paula R., Carrieri, Alexandre de P., Gandra, Gislaine, & Bicalho, Renata de A. (2013). Políticas de diversidade nas organizações: As relações de trabalho comentadas por trabalhadores homossexuais. *Revista Economia & Gestão*, *13*(31), 93-114. doi: 10.5752/P.1984-6606.2013v13n31p93

Fanon, Frantz. (2020). *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo, SP: UBU.

Farah, Marta F. S. (2004). Gênero e políticas públicas. *Revista Estudos Feministas*, *12*(1), 47-71. doi: 10.1590/S0104-026X2004000100004

Fleury, Maria Teresa L. (2000). Gerenciando a diversidade cultural: Experiências de empresas brasileiras. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *40*(3), 18-25. doi: 10.1590/S0034-75902000000300003

Gonzalez, Lélia. (1984) Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, 223-244.

Gouvêa, Josiane B., & Oliveira, Josiane S. de. (2020). Por que branquitudes, por que (somente) agora? *Caderno de Administração*, *28*(2), 5-14. doi: 10.4025/cadm.v28i2.57245

Guzmán, Virginia. (2001). *La institucionalidad de género en el estado: Nuevas perspectivas de análisis* (Serie Mujer y Desarrollo, n. 32).. Santiago, Chile: Cepal.

Hanashiro, Darcy M. M., & Carvalho, Sueli G. de. (2005). Diversidade cultural: Panorama atual e reflexões para a realidade brasileira. *REAd*, *11*(5), 1-21.

Hodges-Aeberhard, Jane. (1999). Affirmative action in employment: Recent court approaches to a difficult concept. *International Labour Review*, *138*(3), 247-272. doi: 10.1111/j.1564-913X.1999.tb00387.x

Hooks, Bell. (2000). *Feminism is for everybody.* Cambridge, UK: South End Press.

Instituto Ethos. (2016). *Perfil social, racial e de gênero das 500 maiores empresas do Brasil e suas ações afirmativas*. Ethos.

Jaccoud, Luciana, & Beghin, Nathalie. (2002). *Desigualdades raciais no Brasil: Um balanço da intervenção governamental.* IPEA. Brasília.

Jaime, Pedro. (2016). *Executivos negros: Racismo e diversidade no mundo empresarial*. São Paulo, SP: Edusp.

Lorde, Audre. (1984). *Sister outsider: Essays and speeches*. Berkeley, CA Crossing Press.

Lugones, María. (2014). Rumo a um feminismo descolonial. *Revista Estudos Feministas*, *22*(3), 935-952. doi: 10.1590/S0104-026X2014000300013

Marcondes, Mariana M. (2019). *Transversalidade de gênero em políticas de cuidado: Uma análise comparada das políticas de cuidado infantil no Brasil, Argentina e Uruguai durante o giro à esquerda* (Tese de doutorado, Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getulio Vargas, São Paulo, SP).

Marcondes, Mariana M., Sandim, Tatiana L., & Diniz, Ana Paula R. (2018). Transversalidade e intersetorialidade: Mapeamento do debate conceitual no cenário brasileiro. *Administração Pública e Gestão Social*, 10(1), 22-33. doi: 10.21118/apgs.v10i1.1527

Moehlecke, Sabrina. (2002). Ação afirmativa: História e debates no Brasil. *Cadernos de Pesquisa*, *117*, 197-217. doi: 10.1590/S0100-15742002000300011

Munanga, Kabengele. (2015). Porque o racismo e suas práticas e qual é a responsabilidade social que se espera dos profissionais que lidam com as questões da sociedade. *Revista Brasileira de Psicologia*, 2 (núm. Esp.), 7-15.

Nascimento, Beatriz. (1990). A mulher negra e o amor. *Jornal Maioria Falante*, (17).

Paniza, Maurício D. R. (2020). Entre a emergência, a submersão e o silêncio: LGBT como categoria de pesquisa em administração. *Cadernos EBAPE.BR*, *18*(1), 13-27. doi: 10.1590/1679-395173482

Papa, Fernanda de C. (2012). *Transversalidade e políticas públicas para mulheres no Brasil: Percursos de uma pré-política* (Dissertação de mestrado, Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getulio Vargas, São Paulo, SP).

Pate, Kimberley. (2000). Ação afirmativa nos Estados Unidos. In D. G. Delgado, P. Cappelin, & V. Soares (Eds.), *Mulher e trabalho: Experiências de ação afirmativa* (pp. 85-110). São Paulo, SP: Boitempo Editorial.

Peci, Alketa. (2006). A nova teoria institucional em estudos organizacionais: Uma abordagem crítica. *Cadernos EBAPE.BR*, *4*(1), 1-12. doi: 10.1590/S1679-39512006000100006

Piovesan, Flavia. (2008). Ações afirmativas no Brasil: Desafios e perspectivas. *Revista de Estudos Feministas*, *16*(3), 887-896. doi: 10.1590/S0104-026X2008000300010

Prügl, Elisabeth. (2011). Diversity management and gender mainstreaming as technologies of government. *Politics and Gender*, *7*(1), 71-89. doi: 10.1017/S1743923X10000565

Quijano, Anibal. (2005). *Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina*. Buenos Aires, Argentina: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO).

Ramos, Alberto G. (1981). *A nova ciência das organizações: Uma reconceituação da riqueza das nações*. Rio de Janeiro, RJ: FGV.

Reinach, Sophia. (2013). *Gestão transversal de políticas públicas no âmbito federal brasileiro: Uma leitura inicial* (Dissertação de mestrado, Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getulio Vargas, São Paulo, SP).

Rezende, Ana F., Mafra, Flávia L. N., & Pereira, Jussara J. (2018). Black entrepreneurship and ethnic beauty salons: Possibilities for resistance in the social (re)construction of black identity. *Organizações & Sociedade*, *25*(87), 589-609. doi: 10.1590/1984-9250873

Said, Edward. (2007). *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.

Santos, Boaventura de S., Araújo, Sara, & Baumgarten, Maíra. (2016). As epistemologias do Sul num mundo fora do mapa. *Sociologias*, *18*(43), 14-23. doi: 10.1590/15174522-018004301

Santos, Georgina de C. M., Rodrigues, Ivete, Dutra, Shirley E., & Costa, Bruna de V. L. da. (2008). Gestão da diversidade: Um estudo sobre as "melhores empresas para você trabalhar". *Seminários de Administração*, *11*, 1-16.

Santos, Joel. R. D. dos. (1999). A inserção do negro e seus dilemas. *Parcerias Estratégicas*, *4*(6), 110-154.

Santos, Neusa de S. (1983). *Tornar-se negro: As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro, RJ: Edições Graal.

Saraiva, Luiz Alex S., & Irigaray, Hélio Arthur dos R. (2009). Políticas de diversidade nas organizações: Uma questão de discurso? *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *49*(3), 337-348. doi: 10.1590/S0034-75902009000300008

Scott, Joan W. (2005). O enigma da igualdade. *Revista de Estudos Feministas*, *13*(1), 11-30. doi: 10.1590/S0104-026X2005000100002

Semesp. (2020). *Mapa do ensino superior no Brasil* (10ª ed.). São Paulo, SP: Semesp.

Silva, Rosana O., André, Robson G., Wanderley, Sérgio. E. P. V., & Bauer, Ana P. M. (2020). Josué de Castro e a colonialidade do poder, do ser e do saber: Uma contribuição para a opção decolonial em estudos organizacionais. *Sociedade, Contabilidade e Gestão*, *15*(1), 41-60. doi: 10.21446/scg_ufrj.voio.21599

Teixeira, Juliana. (2020). Interseccionalidade. Observatórios das Desigualdades da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). *Glossário das desigualdades*. Recuperado de https://ccsa.ufrn.br/portal/?author=101050

Thomas, Roosevelt R. Jr. (1990). From affirmative action to affirmative diversity. *Harvard Business Review, 68*(2), 107-117. Recuperado de https://hbr.org/1990/03/from-affirmative-action-to-affirming-diversity

Truth, Sojourner. (1851). *E não sou mulher?* Recuperado de https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/

Walby, Sylvia. (2005). Gender mainstreaming: Productive tensions in theory and practice. *Social Politics: International Studies in Gender, State & Society*, *12*(3), 321-343. doi: 10.1093/sp/jxio18

CONTRIBUIÇÃO DAS AUTORAS

Ana Diniz, Josiane Silva de Oliveira, Juliana Cristina Teixeira e Mariana Mazzini Marcondes trabalharam na conceitualização e abordagem teórica-metodológica. A revisão teórica foi conduzida por Ana Diniz, Josiane Silva de Oliveira, Juliana Cristina Teixeira e Mariana Mazzini Marcondes. A coleta de dados foi coordenada por Ana Diniz, Josiane Silva de Oliveira, Juliana Cristina Teixeira e Mariana Mazzini Marcondes. Participaram da análise de dados Ana Diniz, Josiane Silva de Oliveira, Juliana Cristina Teixeira e Mariana Mazzini Marcondes. Todas as autoras participaram da redação e revisão final do manuscrito.

 CC BY